



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

**VARIAÇÃO E MUDANÇA LEXICAL EM LIBRAS: EXAME A PARTIR DE
SINALÁRIOS DOS SÉCULOS XIX, XX E XXI**

Salvador
2024

BRUNO PIERIN ERNSEN

**VARIAÇÃO E MUDANÇA LEXICAL EM LIBRAS: EXAME A PARTIR DE
SINALÁRIOS DOS SÉCULOS XIX, XX E XXI**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Língua e Cultura do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, do Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, para a sessão de Defesa, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor em Língua e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Gredson dos Santos

Salvador
2024

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Ernsen, Bruno Pierin
VARIAÇÃO E MUDANÇA LEXICAL EM LIBRAS: EXAME A
PARTIR DE SINALÁRIOS DOS SÉCULOS XIX, XX E XXI / Bruno
Pierin Ernsen. -- Salvador, 2024.
273 f. : il

Orientador: Gredson dos Santos.
Tese (Doutorado - Doutorado em Língua e Cultura) --
Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras,
2023.

1. Variação e Mudança Lexical. 2. Libras. 3.
Dicionários. I. dos Santos, Gredson. II. Título.

BRUNO PIERIN ERNSEN

**VARIAÇÃO E MUDANÇA LEXICAL EM LIBRAS: EXAME A PARTIR DE SINALÁRIOS
DOS SÉCULOS XIX, XX E XXI**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Língua e Cultura, da Universidade Federal da Bahia,
como requisito parcial e obrigatório para a obtenção
do título de Doutor em Língua e Cultura.

Data da aprovação: 07 de novembro de 2024.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Gredson do Santos – Orientador
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Ass.: _____

Profa. Dra. Risonete Batista Souza - Titular
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Ass.: _____

Profa. Dr. Charley Soares – Titular
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Ass.: _____

Profa. Dr. Wagner Teobaldo Lopes de Andrade – Titular
- Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Ass.: _____

Profa. Dra. Sílvia Andreis Witkoski – Titular
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UFTPR

Ass.: _____

Profa. Dra. Aurelina Ariadne D. Almeida – Suplente -
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Ass.: _____

Profa. Dra. Emmanuelle Félix dos Santos – Suplente
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB

Ass.: _____

Prof. Dr. Roberto César Reis da Costa – Suplente
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Ass.: _____

*How your language is beautiful. Don't let anyone tell you your language
is wrong. Your languaging is the story of your life.
(Jon Henner)*

*Como sua língua é linda. Não deixe ninguém lhe dizer que sua língua
está errada. Sua língua é a história da sua vida.
(Tradução nossa)*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, meus sinceros agradecimentos serão direcionados a Deus, figura sublime que criou o universo e a humanidade, dando-nos o dom da sabedoria e a habilidade na compreensão deste mundo por meio do desenvolvimento de pesquisas científicas, distintas novidades e descobertas. Por todo esse planejamento e criação, agradeço-lhe, Deus!

Na minha individualidade, agradeço também aos membros da minha família, por todo o incentivo e apoio ao longo das minhas trajetórias pessoais e acadêmica. Em especial, agradeço à minha mãe Terezinha, que, desde as minhas primeiras lembranças, cuidou de mim e sempre me auxiliou na superação dos múltiplos desafios pessoais. Ao meu pai Edemar, apesar de não estar fisicamente presente entre nós, pude perceber e sentir sua presença espiritual em todos os passos e momentos da minha vida, cuidando-me, distanciando-me da maldade; enfim, cuidando-me em toda plenitude. Na produção desta tese, ao lembrar-me dos momentos anteriores ao processo seletivo, acreditava não ser capaz. Contudo, um ser de luz me incentivava e me motivava a seguir estudando e não desistir. Por isso, pai, agradeço pelo incentivo e por me mostrar que tudo é possível. Ainda de modo especial, agradeço à minha irmã Karina, por ter se desdobrado em aprender a Libras e abrir meu mundo de descobertas a partir dessa língua. Lembro-me, quando criança, dos vários programas da Xuxa que você assistia para aprender a Libras e posteriormente me ensinar. Por esse processo, você me possibilitou compreender os diferentes significados do mundo, a exemplo de coisas tão simples como o significado e o sinal da cor vermelha. À minha tia Isabel, por ter cuidado de mim, me levado a experienciar e descobrir o mundo e, principalmente, pela paciência em conversar e me explicar várias coisas de forma detalhada. Minha eterna gratidão a todos!

Aos meus amigos Surdos e ouvintes que cresceram junto comigo e que acompanham de perto minha minha trajetória. Sou grato pela amizade, pelas trocas, pelo auxílio, pela orientação e pela cumplicidade. Agradeço aos meus amigos Rafael Greca, Noemi Ansay, Vinícius Rizzon, Deivison Oliveira, Clara Miranda e Douglas Walter.

No processo de produção desta tese, agradeço ao meu primeiro orientador, Prof. Dr. Américo Venâncio, pelo aceite em orientar o projeto de pesquisa e construir comigo os primeiros passos do estudo. Ainda, agradeço ao Prof. Dr. Gredson Santos pelo aceite em prosseguir com a orientação desta tese. Agradeço pelas leituras recomendadas, pelas reuniões, orientações, pela paciência e, principalmente, por ter se proposto a aprender Libras e me auxiliar no desenvolvimento e conclusão deste estudo.

Sou grato aos membros das bancas de qualificação e de defesa, pela leitura atenta do trabalho e pelas sugestões e recomendações de melhoria, especificamente: Dr. Charley Pereira Soares, Dra. Sílvia Andreis Witkosk, Dr. Wagner Teobaldo e Dra. Risonete Batista Souza.

Agradeço também à Profa. Dra. Emmanuelle Félix dos Santos, que, gentilmente se disponibilizou a mediar para a Libras algumas reuniões de orientação. De igual modo, sou grato ao Prof. Dr. Roberto César Reis da Costa pelo auxílio ao longo da pesquisa e pela tradução do resumo desta tese para o sistema *SignWriting*.

Agradeço aos meus colegas de profissão do Departamento de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA), pela indicação de leituras, compartilhamento de informações e pelo auxílio no empréstimo de materiais como dicionários e livros.

Agradeço aos docentes e às docentes do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da UFBA; as disciplinas cursadas com vocês contribuíram significativamente com esta tese e com a minha atuação docente. Nesse sentido, agradeço especialmente à colegas de trabalho Letícia Damasceno e João Ricardo, pelo auxílio no desenrolar da pesquisa e, em específico, por ter feito a versão voz (tradução para a Língua Portuguesa oral) na minha banca de defesa.

In memoriam, agradeço à tradutora e intérprete de Libras da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Jaqueline Scotá Stein. Hoje você se encontra no céu, mas, enquanto esteve atuando na UFPR, desenvolveu um trabalho de excelência, muito mais que a mediação linguística, você nos auxiliou em dicas de leitura, na tradução de vários materiais didáticos em Libras e também para a Língua Portuguesa escrita. Você foi um exemplo de profissional de excelência. Agradeço ao também tradutor e intérprete de Libras, Igor Santos, da cidade de Salvador. Apesar de ter nos deixado ainda em sua plena juventude, teve participação ativa na Comunidade de Surda de Salvador e se mostrou como um modelo profissional. Na minha opinião, afirmo com toda certeza que você foi o melhor tradutor e intérprete de Libras do Estado da Bahia.

Sou grato também aos amigos e colegas de profissão Sirlara Donato Assunção Wandenkolk Alves e Carlos Antonio Jacinto que, desde o início da produção desta tese, me auxiliaram com a tradução para a Língua Portuguesa escrita. Ainda, agradeço pela parceria na publicação de artigos, escrita de resumos e também nas atividades teóricas do meu doutorado.

Finalmente, um agradecimento especial e emotivo aos grupos de Triathlon @caranguejoman e @triathlonbahia, por terem oportunizado a acessibilidade linguísticas às pessoas Surdas em diferentes eventos, a exemplo da Copa Nordeste de Triathlon e também por terem criado categorias específicas de competição para Surdos. As diferentes ações que vocês

desenvolvem mostram que o espaço é para todos e todas, independentemente de suas condições físicas, econômicas e sociais.

MEUS SINCEROS AGRADECIMENTOS A TODOS E A TODAS!

RESUMO



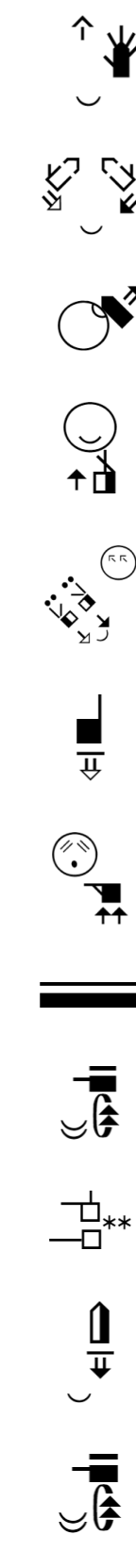
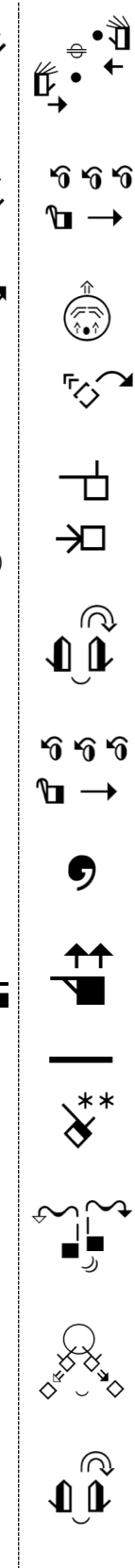
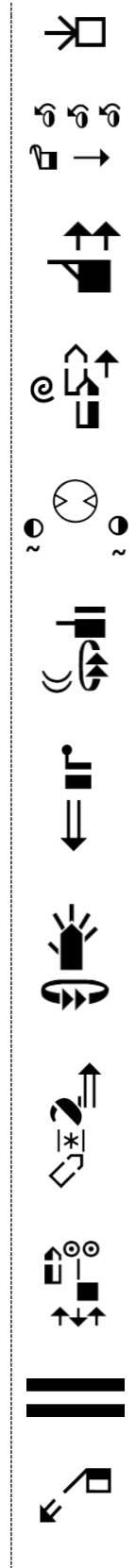
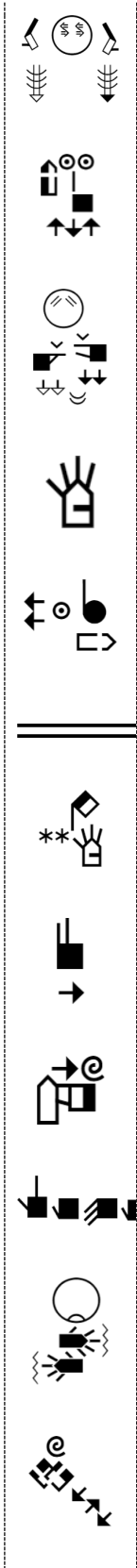
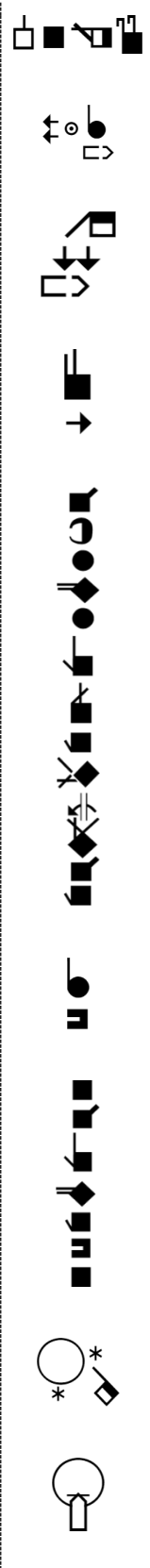
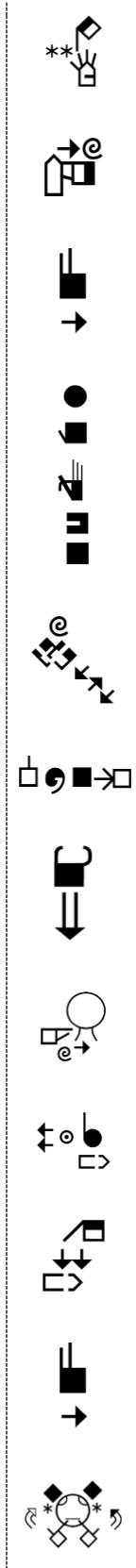
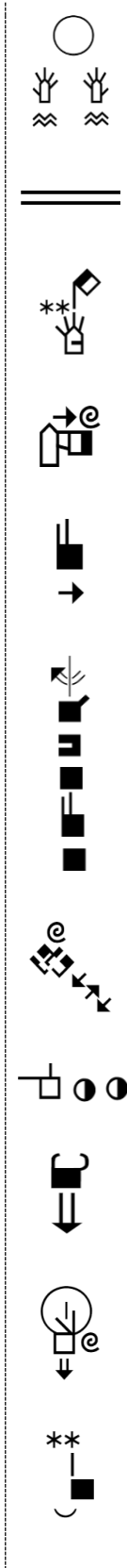
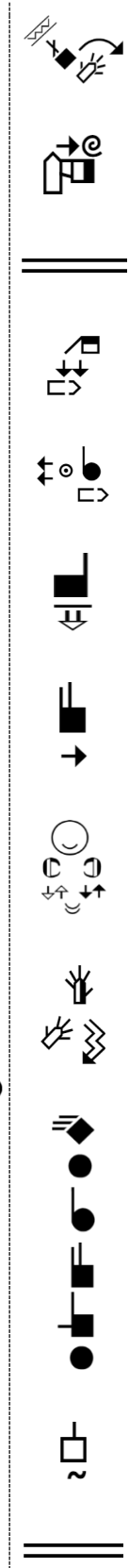
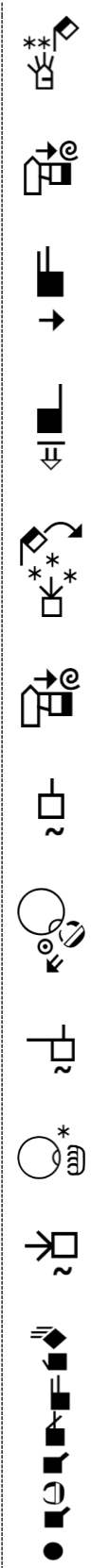
O desenvolvimento de pesquisas que se voltam para a História Linguística é crucial, especialmente de línguas minorizadas e relativamente recentes, como a Libras. Dessa forma, nos propusemos, neste estudo, a investigar parte da História Linguística da Libras considerando os fenômenos linguísticos de mudança lexical e variação linguística. Neste processo, buscamos responder às seguintes perguntas de pesquisa: i) é possível resgatar a história linguística da Libras pela análise da mudança lexical em tempo real de curta duração entre os séculos XIX e XXI? ii) Que padrões assumem a variação e a mudança de sinais registrados em quatro obras lexicográficas dos séculos XIX, XX e XXI? A partir dessas questões, traçamos como objetivo geral investigar os processos de mudança e variação no léxico da Libras em termos diacrônicos, baseando-se na proposta laboviana da análise em tempo real (Labov, 2008 [1972]) numa perspectiva comparativa (Faraco, 2005) a partir de quartos dicionários dos séculos XIX, XX e XXI. Para essa análise, selecionamos como fonte de dados quatro dicionários publicados nesses períodos, sendo: *Iconographia dos signaes dos Surdos-mudos* (Gama, 1875), *Linguagem das mãos* (Oates, 1983), *Comunicando em Libras – Módulo 1* (Jesus et al., 2006) e *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira – Vol. 1 e Vol. 2* (Capovilla; Raphael; Mauricio, 2013). Após a constituição do corpus da pesquisa, formado por 35 sinais identificados nos dicionários, fizemos o estudo da variação lexical nas quatro obras lexicográficas mencionadas; descrevemos e classificamos os processos de alteração dos sinais estudados ao longo desse período; levantamos os padrões de variação e mudança lexical na história da Libras considerando o corpus analisado. Finalmente, descrevemos e tentamos interpretar as mudanças ocasionadas em termos de mudança lexicais e variação linguística. Como principal resultado, constatamos que incidiu sobre o corpus analisado um maior número de sinais de mudança lexical (22 sinais), ao passo que 10 sinais sofreram variação linguística, além de 03 sinais que permaneceram inalterados ao longo do período analisado. Verificamos que, quantitativamente, a maior parte das alterações de sinais que resultaram na substituição de uma lexia por outra deu-se do século XIX para o XX, com 18 sinais sendo substituídos por outro sinal. Nos casos de variação linguística, verificamos sinais que apresentaram variação fonológica em um parâmetro linguístico isolado e outros em dois ou três parâmetros associados.

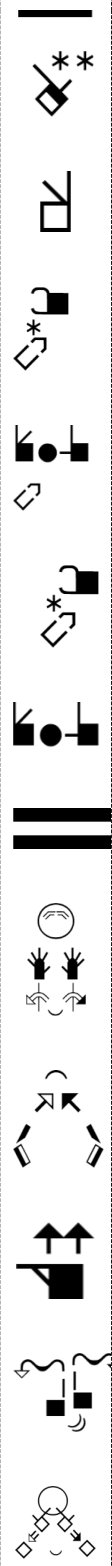
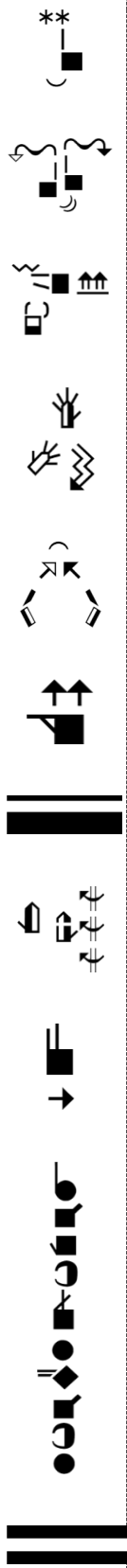
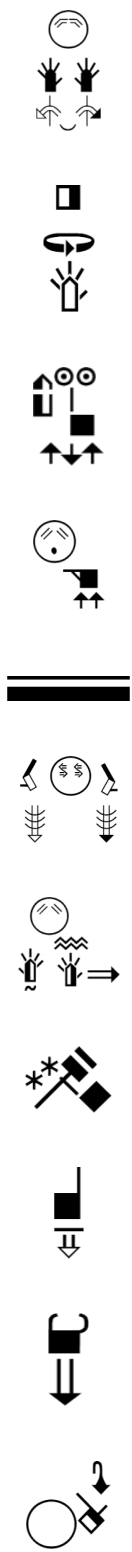
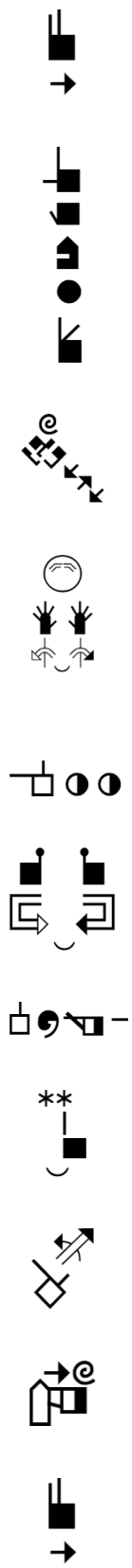
Palavras-chave: Mudança Lexical; Libras; Dicionários.

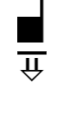
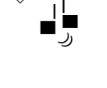
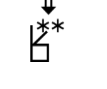
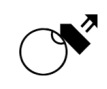
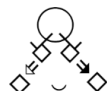
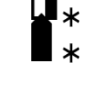
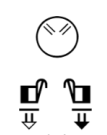
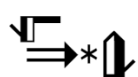
ABSTRACT

The development of research that focuses on linguistic history is crucial, especially for minoritized and relatively recent languages such as Libras. In this study, we investigated part of the linguistic history of Libras, considering the linguistic phenomena of lexical change and linguistic variation. In this process, we sought to answer the following research questions: i) Is it possible to recover the linguistic history of Libras by analyzing lexical change in real time of short duration between the 19th and 21st centuries? ii) What patterns are there in the variation and change of signs recorded in four lexicographic works from the 19th, 20th and 21st centuries? Based on these questions, our general objective was to investigate the changes and variations in the lexicon of Libras in diachronic terms, based on the Labovian proposal of real-time analysis (Labov, 2008 [1972]) and also comparative analysis (Faraco, 2005) based on four dictionaries from the 19th, 20th and 21st centuries. For this analysis, we selected four dictionaries published during these periods as our data source: *Iconographia dos signaes dos Surdos-mudos* (Gama, 1875), *Linguagem das mãos* (Oates, 1983), *Comunicando em Libras - Módulo 1* (Jesus et al., 2006) and *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira - Vol. 1 e Vol. 2* (Capovilla; Raphael; Mauricio, 2013). After setting up the research corpus, made up of 35 signs identified in the dictionaries, we studied lexical variation in the four lexicographical works mentioned; we described and classified the processes of change in the signs studied over this period; we mapped the patterns of lexical variation and change in the history of Libras considering the corpus analyzed. Finally, we described and tried to interpret the changes in terms of lexical change and linguistic variation. As a main result, we found that the corpus analyzed had a greater number of signs of lexical change - 22 signs - compared to linguistic variation - 10 signs, in addition to 03 signs that remained unchanged throughout the period analyzed. We found that, quantitatively, most of the sign changes that resulted in one lexicon being replaced by another took place from the 19th to the 20th century, when there were 1 sign changes. In cases of linguistic variation, we found signs that showed phonological variation in an isolated linguistic parameter and others in two or three associated parameters.

Keywords: Lexical Change; Libras; Dictionaries.







LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O Sinal-Termo de <i>Bullying</i> Em Libras (Variante Vernáculo).....	27
Figura 2 – O Sinal do <i>Bullying</i> (Empréstimo Linguístico Da Asl)	28
Figura 3 – Alfabeto Manual de Bonet	40
Figura 4 – Sinal em Língua Francesa de Sinais (LSF) para “Charles Michel de l’Epée”	41
Figura 5 – Publicação de L’Epée.....	42
Figura 6 – Sinal em Libras de “árvore”	46
Figura 7: Sinal em Libras de “casa”	47
Figura 8 – Sinal em Libras de “carro”	47
Figura 9 – Sinal em Libras para “amar”	48
Figura 10 – Sinal em Libras para “vida”	48
Figura 11 – Sinal em Libras para “coragem”	49
Figura 12 – O significante e o significado em português	50
Figura 13 – Signo: significante e significado	51
Figura 14 – Escrita de sinais é significante	52
Figura 15 – Configuração da mão em Libras	56
Figura 16 – Sinal em Libras para “brincar”.....	56
Figura 17 – Sinal em Libras para “bicicleta”	57
Figura 18 – Configuração da mão Y e S	57
Figura 19 – Sinal em Libras para a palavra “aprender”	58
Figura 20 – Sinal em Libras para a palavra “sábado/laranja”	58
Figura 21 – Frase em Libras “Eu folgo aos sábados”.....	59
Figura 22 –: Frase em Libras “Eu tomo suco de laranja”.....	59
Figura 23 – Frase em Libras “Eu comprei uma camisa laranja”	59
Figura 24 – Sinal em Libras para “História”	60
Figura 25 – Sinal em Libras para “segunda-feira”	60
Figura 26 – O primeiro dicionário de Libras do Brasil “ <i>Iconographia</i> ”	63
Figura 27 – Capa do Dicionário da língua de Sinais da França	64
Figura 28 – Sinal “novo” na Língua de Sinais Francesa (LSF).....	66
Figura 29 – Sinal “novo” em Língua de Sinais Americana (ASL)	66
Figura 30 – Sinal “novo” em Libras	67
Figura 31 – Sinal “Novo” no dicionário <i>Iconographia</i> dos Signaes dos Surdos-Mudos.....	67
Figura 32 – Influência da LSF na ASL (Estados Unidos da América) e na Libras (Brasil)	71

Figura 33 – Sinais em Libras para o mês de “março” em Salvador	73
Figura 34 – Sinal de Paraná registrado em 1983	77
Figura 35 – Sinal de Pará registrado em 1983	78
Figura 36 – Libras em contexto – livro do curso básico de Libras	82
Figura 37 – Sinal padrão em Libras para “gostar”	83
Figura 38 – Sinal variante no Rio de Grande do Sul para “gostar”	84
Figura 39 – Sinal em Libras para “cachorro”	91
Figura 40 – Sinal em Libras para “igreja”	91
Figura 41 – Banco de Sinais <i>SignBank</i> - UFSC	95
Figura 42 – Dicionário de Libras - INES	96
Figura 43 – Dicionário em Libras - Capovilla, Raphael e Maurício (2013)	96
Figura 44 – Sinal “abrir” em Libras a partir de Oates (1983)	97
Figura 45 – Sinal “abrir” em Libras a partir de Capovilla, Raphael e Maurício (2013)	97
Figura 46 – Verbetes especializados da área de “animação” (IFSC - Campus Palhoças).....	99
Figura 47 – Capa do Dicionário <i>Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos</i> , de Flausino Gama, publicado em 1875	103
Figura 48 – Descrições presentes no Dicionário Flausino Gama, publicado em 1875	104
Figura 49 – Capa do dicionário <i>Linguagem das mãos</i> , de Eugênio Oates, publicado em 1983	105
Figura 50 – Descrição e ilustração dos sinais de “amargo” em Libras	106
Figura 51 – Descrição e ilustração dos sinais de “magro” em Libras	106
Figura 52 – Verbetes no dicionário de Oates (1983).....	107
Figura 53 – Capa do dicionário <i>Comunicando em Libras: Módulo 1</i> , de JESUS <i>et al.</i> , publicado em 2006	109
Figura 54 – Sinais em Libras para “saudações”, “tempo” e “frutas”	109
Figura 55 – Variante para o sinal de “março” adotada na Bahia.....	110
Figura 56 – Variante para o sinal de “inverno” adotada na Bahia	110
Figura 57 – Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue: língua de sinais brasileira - Novo Deit- Libras (volumes I e II), 3ª edição, de Capovilla, Raphael e Mauricio publicado em 2013	111
Figura 58 – Sinal “mudar” no Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue	112
Figura 59 – Aspecto visual das entradas no dicionário <i>Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos</i>	115
Figura 60 – Aspecto visual das entradas no dicionário <i>Linguagem das mãos</i>	115

Figura 61 – Aspecto visual das entradas no dicionário <i>Comunicando em Libras – Módulo 1</i>	116
Figura 62 – Aspecto visual das entradas no dicionário <i>Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue: língua de sinais brasileira - Novo Deit- Libras - volumes I e II</i>	117
Figura 63 – Campos semânticos que abrangem itens lexicais analisados	119
Figura 64 – Lexias em estudo - Campo semântico 1: Alimentos	119
Figura 65 – Lexias em estudo - Campo semântico 2: Bebidas	120
Figura 66 – Lexias em estudo - Campo semântico 3: Gênero e Família	120
Figura 67 – Lexias em estudo - Campo semântico 4: Qualidades	120
Figura 68 – Lexias em estudo - Campo semântico 5: Cores	121
Figura 69 – Lexias em estudo - Campo semântico 6: Animais	121
Figura 70 – Lexias em estudo - Campo semântico 7: Tempo e períodos do dia	121
Figura 71 – Esquema de análise das lexias	123
Figura 72 – Variação fonológica em CMs	133
Figura 73 – Sinal de “refrigerante” no estado da Bahia	141
Figura 74 – Sinal de “café” em LSF e ASL, respectivamente	146
Figura 75 – Sinal em Libras para “criar” ou “surgir”	177
Figura 76 – Sinal em Libras para “pessoa velha”	183
Figura 77 – Sinal de “branco” na Língua Francesa de Sinais	188
Figura 78 – Sinal de “branco” na Língua Americana de Sinais	188
Figura 79 – Sinal em Libras para “presunto”	208
Figura 80 – Sinal de “ontem” na Língua Francesa de Sinais	212
Figura 81 – Variante para o sinal de “dia” em Libras	217
Figura 82 – Sinais do campo semântico da religião católica em Gama (1875)	229
Figura 83 – Sinal de Filologia em Libras	250

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Girolamo Cardano	38
Quadro 2 – Pedro Ponce de León	39
Quadro 3 – Juan Pablo Bonet	40
Quadro 4 – Charles Michel de L’Epée	41
Quadro 5 – Samuel Heinicke	43
Quadro 6 – Sinal "carta" em diferentes línguas de sinais	68
Quadro 7 – Sinal “duro” em diferentes línguas de sinais	69
Quadro 8 – Sinal “carne” em diferentes línguas de sinais	70
Quadro 9 – Variantes em Libras para o sinal “março” em diferentes estados	74
Quadro 10 – Mudança do sinal “Paraná”	77
Quadro 11 – Sinais em Libras para “mudar”	113
Quadro 12 – Datação dos dicionários analisados na pesquisa	114
Quadro 13 – Perguntas de análise do <i>corpus</i>	122
Quadro 14 – Sinal para “OVO” em quatro sincronias	125
Quadro 15 – Sinal para “PÃO” em quatro sincronias	128
Quadro 16 – Sinal para “CARNE” em quatro sincronias	131
Quadro 17 – Sinal para “SAL” em quatro sincronias	134
Quadro 18 – Sinal para “MANTEIGA” em quatro sincronias	137
Quadro 19 – Sinal para “CERVEJA” em quatro sincronias	140
Quadro 20 – Sinal para “CAFÉ” em quatro sincronias	143
Quadro 21 – Sinal para “ÁGUA” em quatro sincronias	148
Quadro 22 – sinal para “LEITE” em quatro sincronias	151
Quadro 23 – Sinal para “VINHO” em quatro sincronias	153
Quadro 24 – Sinal para “HOMEM” em quatro sincronias	155
Quadro 25 – Sinal para “MULHER” em quatro sincronias	157
Quadro 26 – Sinal para “PAI” em quatro sincronias	159
Quadro 27 – Sinal para “MÃE” em quatro sincronias	163
Quadro 28 – Sinal para “IRMÃ(O)” em quatro sincronias	166
Quadro 29 – Sinal para “GORDO” em quatro sincronias	169
Quadro 30 – Sinal para “FORTE” em quatro sincronias	172
Quadro 31 – Sinal para “NOVO” em quatro sincronias	176
Quadro 32 – Sinal para “MAU” em quatro sincronias	179

Quadro 33 – Sinal para “VELHO” em quatro sincronias.....	182
Quadro 34 – Sinal para “BRANCO” em quatro sincronias.....	185
Quadro 35 – Sinal para “PRETO” em quatro sincronias.....	190
Quadro 36 – Sinal para “AZUL” em quatro sincronias.....	192
Quadro 37 – Sinal para “VERMELHO” em quatro sincronias	194
Quadro 38 – Sinal para “VERDE” em quatro sincronias	196
Quadro 39 – Sinal para “BURRO” em quatro sincronias	198
Quadro 40 – Sinal para “CAVALO” em quatro sincronias.....	201
Quadro 41 – Sinal para “LEÃO” em quatro sincronias.....	203
Quadro 42 – Sinal para “PORCO” em quatro sincronias	207
Quadro 43 – Sinal para “RATO” em quatro sincronias	209
Quadro 44 – Sinal para “ONTEM” em quatro sincronias	211
Quadro 45 – Sinal para “HOJE” em quatro sincronias	214
Quadro 46 – Sinal para “AMANHÃ” em quatro sincronias	218
Quadro 47 – Sinal para “MANHÃ” em quatro sincronias	220
Quadro 48 – Sinal para “NOITE” em quatro sincronias	223
Quadro 49 – Pressões sociolinguísticas que influenciaram a produção dos dicionários.....	227
Quadro 50 – Síntese da mudança lexical e variação no <i>corpus</i> analisado	229
Quadro 51 – Percentual de sinais icônicos e não-icônicos no <i>corpus</i>	240

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Análise das variantes que caíram em desuso.....	234
Gráfico 02 – Mudança lexical e variação fonológica no <i>corpus</i> examinado.....	238
Gráfico 03 – Tendência de mudança lexical em Libras quanto à dicotomia iconicidade (azul) x não-iconicidade (vermelho).....	242

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL	Língua de Sinais Americana
BA	Bahia
CESBA	Centro de Surdos da Bahia
CM	Configuração das mãos
EaD	Educação a Distância
ELAN	Eudico Language Annotator
ELiS	Escrita das Línguas de Sinais
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
IFSC	Instituto Federal de Santa Catarina
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
L	Locação
L1	Primeira Língua
L2	Segunda Língua
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LP	Língua Portuguesa
LSF	Língua de Sinais Francesa
M	Movimento
MEC	Ministério da Educação e Cultura
OR	Orientação
PA	Ponto de Articulação
PDF	<i>Portable Document Format</i>
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
SEL	Sistema de escrita para Língua de sinal
SW	<i>Sign Writing</i>

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	22
1.1 Justificativa.....	24
1.2 O pesquisador surdo: processos proximais e de internalização de propriedades linguísticas da Libras.....	25
2 AS LÍNGUAS DE SINAIS NA HISTÓRIA DO PENSAMENTO CIENTÍFICO SOBRE A LINGUAGEM.....	32
2.1 A Linguística antiga e as línguas de sinais.....	35
2.2 AS línguas de sinais e a reflexão estruturalista	43
2.2.1 A ausência das línguas de sinais no pensamento Saussuriano e no Estruturalismo...	45
2.2.2 O princípio da arbitrariedade e as línguas de sinais	46
2.2.3 O signo linguístico: significado e significante	50
2.3 As línguas de sinais na Linguística contemporânea: enfim, o reconhecimento	52
2.4 A estrutura das línguas de sinais: níveis de análise linguística da Libras	55
3 A HISTÓRIA DA LIBRAS E A LINGÜÍSTICA BRASILEIRA	62
3.1 A variação linguística na Libras.....	72
3.1.1 Os conceitos de “variante” e de “mudança linguística” nos estudos do léxico da Libras.....	75
3.1.2 A Libras e a constituição da norma-padrão.....	78
3.1.3 Preconceito linguístico e Libras: importância das abordagens em política linguística	87
4 NOÇÕES DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA APLICADAS À LIBRAS	90
4.1 Definindo a lexicologia, lexicografia e terminologia	90
4.2 A importância da área para a Libras.....	92
4.3 Algumas características dos dicionários em Libras.....	94
5 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	100
5.1 Apresentando os dicionários: <i>corpus</i> da pesquisa e amostra estudada.....	102
5.1.1 Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos.....	102
5.1.2 Linguagem das Mãos	105
5.1.3 Comunicando em Libras - Módulo 1	108
5.1.4 Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue: Língua de Sinais Brasileira (volumes I e II).....	111

5.2 Problemas de análise do corpus.....	113
5.3 A amostra analisada	118
6 ANÁLISE DE DADOS.....	124
6.1 Sinais do campo semântico “alimentos”	124
6.2 Sinais do campo semântico “bebidas”.....	139
6.3 Sinais do campo semântico gênero e família	154
6.4 Sinais do campo semântico “qualidades”	168
6.5 Sinais do campo semântico “cores”	184
6.6 Sinais do campo semântico “animais”	197
6.7 Sinais do campo semântico “tempo e período do dia”	210
6.8 Discussão dos resultados	225
6.8.1 Detalhamento das alterações sofridas pelas lexias analisadas	232
6.8.2 Sinais inalterados.....	239
6.8.3 Iconicidade, não-iconicidade e mudança lexical.....	239
6.9 Resumo da seção	244
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	246
REFERÊNCIAS.....	252

1 INTRODUÇÃO

Este é um trabalho construído a muitas mãos e busca contribuir com os registros da história linguística da Libras. Um pesquisador Surdo¹, intérpretes e professores que se unem para sinalizar como a produção do conhecimento pode se efetivar em temas por vezes negligenciados na área da Linguística. O estudo surgiu da preocupação do autor com a valorização da Linguística da Libras, que é uma língua de modalidade espaço-visual que precisa de reconhecimento, de pesquisa e estudo quanto às variedades linguísticas e aos registros linguísticos pelos brasileiros.

Os Surdos têm seus direitos previstos através da Lei nº 10.436/2002 (Brasil, 2002), que regulamenta o uso e a difusão da Libras pelas comunidades surdas brasileiras. A lei é regulamentada através do Decreto nº 5626/2005 (Brasil, 2005), que trata de temas, como: insere a Libras como uma disciplina curricular obrigatória na formação de futuros professores, orienta a formação e a certificação de professores e tradutores/intérpretes de Libras e indica o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua para Surdos, entre outros.

Esses mesmos instrumentos reconhecem a Libras como primeira língua (L1) dos Surdos sinalizantes e a Língua Portuguesa (LP), preferencialmente na sua modalidade escrita, a segunda língua (L2). A partir desse entendimento, esta tese foi elaborada inicialmente em Libras, demandando um trabalho de tradução para a Língua Portuguesa escrita, tendo em vista que esta foi a língua escolhida para a construção deste estudo, uma vez que reconhecemos que essa língua possui um alcance nas Comunidades Surda e ouvinte. Dessa forma, foi requisitada a mediação de um profissional tradutor de Libras/Língua Portuguesa de modo a transpor para a língua escrita as provocações e discussões anteriormente projetadas em mãos sinalizantes. A partir de sessões semanais remotas, a partir da plataforma de comunicação *Google Meet*, o pesquisador construía o texto fonte em Libras e o tradutor, a partir do sinalizado, transpunha para a modalidade escrita da Língua Portuguesa. Nesse sentido, coube ao pesquisador Surdo construir a tese e buscar pelas referências que seriam adotadas e, ao intérprete, a mediação linguística e sugestões com relação ao registro na Língua Portuguesa. Ainda, após o processo de escrita, o pesquisador revisava e discutia possíveis pontos de melhoria.

Dessa forma, no caso das políticas linguística anteriores e suas implicações nas vidas dos sujeitos Surdos, constata-se que se trata de ações de extrema importância a favor da Libras, reconhecendo-a e assegurando meios para que haja sua difusão. No entanto, em termos de usos,

¹ A escrita da palavra Surdo está grafada com letra maiúscula, pois dessa forma denota a identidade do grupo de pessoas que esta representa. Em alguns trechos desta tese será utilizada a palavra “surdo/a” com a inicial minúscula, quando referir-se ao grupo em geral.

precisamos de estudos que evidenciem como essa língua se constitui e é empregada pelos seus usuários, demandando, para isso, pesquisas que mapeiem, descrevam e analisem as diferentes variações existentes em Libras. Esta pesquisa se relaciona com a lei comentada, já que é importante discutir a política linguística que aborda as questões de registros históricos, variacionais e de mudanças lexicais da Libras. Entende-se também que a lei fomenta e impulsiona novas pesquisas em temas que toquem a língua em questão.

Ao estabelecermos um paralelo com as distintas sociedades antigas – a exemplo do Egito Antigo, Roma e Grécia –, observa-se a existência de diferentes registros escritos que nos ajudam, na contemporaneidade e historicamente, compreender e analisar como as línguas daqueles povos se organizavam, uma vez que temos registros históricos de todo esse processo de desenvolvimento, ou seja, muitos dados linguísticos foram sistematizados em termos geográficos, sociais, etários, dentre outros. Esse mesmo processo, ao concebermos a Libras, mostra-se, ainda, de forma ínfima ou pouco aprofundada, em razão da dificuldade de se encontrar registros que possibilitem esse tipo de análise, dado que a língua não possuía, à época, uma tecnologia ou um tipo de escrita que assegurasse seu registro. Nesse sentido, são necessários estudos que busquem identificar essas fontes históricas e linguísticas e proponham uma análise em termos de variação. De modo a possibilitar esse tipo de registro e análise, observa-se, na contemporaneidade, que as novas ferramentas tecnológicas e digitais têm possibilitado o registro da Libras em vídeo ou escrita – principalmente por meio do sistema *SignWriting* (SW) – assegurando, assim, a posterior análise desses dados.

A partir dessa lacuna, a presente tese busca responder às seguintes questões de pesquisa: i) é possível resgatar a história linguística da Libras pela análise da mudança lexical em tempo real de curta duração entre os séculos XIX e XXI? ii) Que padrões assumem a variação e a mudança de sinais registrados em quatro obras lexicográficas dos séculos XIX, XX e XXI?

A pesquisa teve como objetivo geral investigar as mudanças e as variações no léxico da Libras em termos diacrônicos, baseando-se na proposta laboviana da análise em tempo real (Labov, 2008 [1972]) e também numa perspectiva comparativa (Faraco, 2005) a partir de quartos dicionários dos séculos XIX, XX e XXI.

Como objetivos específicos, buscou-se: 1) fazer estudo da variação lexical em quatro obras lexicográficas referentes aos séculos XIX, XX e XXI; 2) descrever e classificar os processos de alteração dos sinais estudados ao longo desse período; 3) levantar padrões de variação e mudança lexical na história da Libras a partir do *corpus* analisado, isto é, 35 sinais distribuídos em sete grupos semânticos; 4) descrever e interpretar as mudanças ocasionadas em termos de mudança lexicais e variação linguística.

Do ponto de vista teórico-metodológico, o trabalho se baseia em princípios da Sociolinguística Laboviana (Labov, 2008 [1972]), para analisar os processos de mudança lexical em Libras em tempo real de curta duração. Nesta tese, apresentamos a análise de trinta e cinco sinais através de estudo descritivo na perspectiva diacrônica, que tem por base teórica, para a análise dos dados, o modelo discutido em Faraco (2005), e também no estudo de Diniz (2011), que, de modo introdutório, apresentou a história da Libras a partir da mudança lexical. Nesse sentido, a presente pesquisa buscou complementar os estudos anteriores ao ampliar os dados e discussões acerca da história linguística da Libras, da mudança lexical e dos processos de variação linguística, fenômenos esses observados na Libras.

1.1 Justificativa

Os estudos da linguística histórica na Língua Portuguesa (LP) têm sido desenvolvidos há muitos anos e, portanto, já se apresentam como uma área de grande aprofundamento, com pesquisas ricas em detalhes que tratam das questões históricas e da evolução linguística, apresentando diversas linhas e temas de investigação. Da mesma forma, o campo de pesquisa acerca da variação linguística, com seus estudos sobre as comunidades de fala (oral), atravessados por temas como raça, gênero, sexualidade, níveis sociais, localização geográfica (interior e capital), níveis de escolaridade, entre outras.

Porém, a Libras ainda não conta com o mesmo volume de registros, embora esta língua tenha tanto valor quanto as demais línguas. Assim como qualquer área do saber, o campo dos estudos da linguística histórica também é extenso e, tendo em vista essa realidade, esta tese lida diretamente com apenas uma das temáticas possíveis: a mudança lexical e variação linguística na Libras.

Nesse sentido, sempre que participo de eventos científicos, ou mesmo cursando as disciplinas durante o doutorado, percebia o nível de detalhamento e aprofundamento das pesquisas linguísticas que abordam tanto a LP como outras línguas orais, inglês e espanhol p. ex., e imediatamente me remeto as ausências existentes nas pesquisas acerca da Libras. Foi pensando nessas questões que escolhi o tema da presente tese, com a pretensão de inaugurar as pesquisas na área e permanecer investigando a fim de contribuir para ampliar as investigações linguísticas em Libras e, em decorrência disso, contribuir e estimular o desenvolvimento de novas investigações na área.

A pesquisa a respeito da Libras ainda conta com poucas publicações no campo da Linguística Histórica, e mesmo da variação linguística e das mudanças linguísticas; sendo assim,

é importante ampliar as pesquisas e aprofundá-las, detalhando cada uma dessas áreas e não deixando apenas no nível superficial. Nesse sentido, esta pesquisa volta-se para a investigação da mudança lexical e da variação linguística em Libras em tempo real, perspectiva que ainda não foi implementada em nenhum outro estudo.

1.2 O pesquisador surdo: processos proximais e de internalização de propriedades linguísticas da Libras

Como pesquisador Surdo, descrevo agora partes da minha história de vida para situar o leitor desta tese. Por volta dos sete anos de idade, embora eu já tivesse algum contato com a Libras, eu ainda não conseguia entender o significado das palavras na língua portuguesa escrita. A título de exemplo, eu não conseguia associar o meu nome a mim, ou seja, não sabia que o termo “Bruno” fazia referência a mim e nem conseguia associar as palavras aos seus significados. Interessante que, ao acessar a autobiografia intitulada *O Voo da Gaivota* de uma surda de nascença, chamada Emmanuelle Laborit (1994), li que foi só quando Emmanuelle teve acesso à língua de sinais que ela adquiriu a capacidade de nomear e significar os objetos que a cercava, assim como aconteceu comigo. Segundo a escritora:

Foi a primeira vez que aprendia que podemos dar um nome às pessoas. Era formidável. Não sabia que havia nomes em minha família, a não ser o de papai e de mamãe. Encontrava-me com as pessoas, [...] mas elas não tinham nenhum nome para mim. Nenhuma definição. [...] E acima de tudo que eu me chamava Emmanuelle. Compreendia, por fim, que tinha uma identidade. Eu: Emmanuelle. [...] Foi um renascimento, a vida começou mais uma vez. [...] Pouco a pouco, arrumei as coisas em minha cabeça e comecei a ter um pensamento, uma reflexão organizada. A comunicar-me [...] (Laborit, 1994, p. 51-52).

Na verdade, eu era pequeno e não entendia o significado das coisas pela escrita, pela oralidade e até também em sinais, porque a escola e meus pais eram resistentes e não aceitavam que eu aprendesse a Libras. Desse modo, não tinha acesso pleno à língua oral por ser Surdo profundo e não acessava a língua de sinais por resistência externa, e isso comprometia a minha compreensão e interação social.

Um dia, aconteceu algo que abriu o meu mundo: uma pessoa da minha família, que havia feito um curso de língua de sinais, veio me buscar na escola e me levar para a casa. No trajeto, no momento em que passávamos pelo campo do Athletico Paranaense, essa pessoa apontou para a parede do estádio, de cor vermelha e preta, olhou para mim e fez o sinal de “vermelho”, depois apontou para a cor preta e fez o sinal correspondente em Libras. Foi então que, pela primeira vez,

entendi o significado de algo; entendi que vermelho e preto eram cores e que aquelas cores tinham um sinal, uma forma verbal designada para representar aquilo que eu via, ou seja, sinais e palavras. O mundo dos significados se descortinou ante meus olhos, minha mente, meus sentimentos. Até aquele momento minha comunicação e compreensão do mundo era muito limitada, resumia-se a gestos, mímicas e algumas palavras oralizadas sem significado.

Quando entrei na 8ª série, mudei de escola e fiz amizade com outro aluno Surdo da minha idade, o que me ajudou a compreender os conteúdos ministrados em sala de aula, uma vez que já tínhamos as políticas linguísticas que reconhecem os direitos linguísticos dos Surdos (Brasil, 2002; 2005). Ao terminar o Ensino Médio, passei nos vestibulares para Engenharia Civil e Psicologia; optei por Psicologia. Comecei o curso em 2007 e me formei em 2011. Em 2008, comecei a cursar a licenciatura em Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e me formei em 2012. O meu ingresso nesse curso foi um marco em minha vida, pois foi nesse espaço que conheci realmente os aspectos históricos, culturais, identitários e linguísticos associados à Libras.

Em 2013 me especializei em Educação bilíngue para surdos pelo Instituto Paranaense de Educação, quando então me interessei em construir um projeto de pesquisa a respeito de *bullying* para o mestrado na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Fui aprovado e defendi a dissertação em 2016, abordando a temática anteriormente indicada.

No mês de maio de 2018, fui aprovado em concurso de professor na Universidade Federal da Bahia (UFBA), quando me mudei para a cidade de Salvador - BA, o que significou um grande desafio. No entanto, acreditava ser de extrema importância estar representando as comunidades surdas em vários espaços na cidade de Salvador.

Nesse processo de mudança, primeiro visitei várias cidades baianas e fui me apropriando dessas novas formas de sinalizar, desse novo jeito corporal e novas expressões faciais usadas nessas regiões. Contudo, ao retornar ao sul, quatro anos depois, percebi o estranhamento por parte dos Surdos que, de certa forma, apresentavam dificuldades em compreender a minha sinalização e me questionavam o porquê dessa alteração. Percebi que se trata de um processo de apropriação, parecia uma nova alma que ocupava meu ser, esse jeito baiano de sinalizar. Portanto, nesse contato com Surdos do sul e nos ruídos comunicacionais observados, percebi a variação linguística. A partir disso, compreendi a importância de pesquisas que buscassem analisar e difundir outras normas linguísticas da Libras que não somente das regiões sul e sudeste, já tão abordadas em pesquisas.

Tendo em vista essa necessidade, minha pesquisa de doutorado também tem como proposta aumentar o registro da história linguística da Libras do estado da Bahia e de outras regiões do

nordeste, pois é um tema de extrema importância e também valoriza a língua das Comunidades Surdas dessa região.

Ainda, se um pesquisador investiga e propõe sinais em Libras para se referir ao conceito de *bullying*, é possível que algumas Comunidades Surdas aceitem usar esse sinal-termo criado, visto que, para alguns termos, ainda não existe o registro de sinais. Após o reconhecimento dos sinais pela Comunidade Surda, eles são validados e disponibilizados em repositórios voltados para a divulgação desses léxicos, a exemplo de glossários.

A partir disso, é necessário que haja essa articulação entre os pesquisadores das áreas da Linguística e as Comunidades Surdas, uma vez que serão essas últimas que irão validar esses sinais e colocá-los em uso. Veja, a seguir, o sinal-termo de *bullying* proposto em Ernsen (2018):

Figura 1 – O Sinal-Termo de *Bullying* Em Libras (Variante Vernácula)

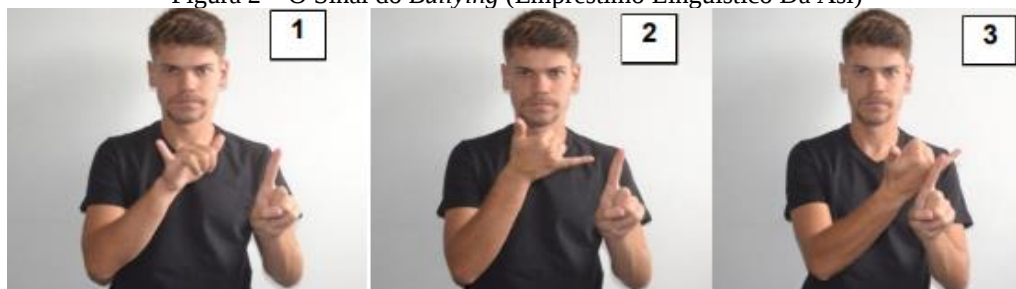


Fonte: Ernsen (2016; 2018).

Nestas fotos, assim como discutido em Ernsen (2016; 2018), evidencia-se a ação dos pares (mão direita) contra o sujeito que sofre o *bullying*. Os cinco dedos da mão direita também significam as cinco características do comportamento entre pares que devem necessariamente estar presentes para que se possa nomear o fato de *bullying*. Vale dizer, o comportamento deve ser agressivo, negativo (físico ou verbal), repetitivo, humilhante e deve haver um desequilíbrio de poder. Nesse sentido, torna-se um sinal que se relaciona diretamente com aspectos vivenciados pelas Comunidades Surdas brasileiras.

Contudo, além da terminologia criada para a Libras, é possível identificarmos a circulação e o uso de uma variante proveniente de empréstimo da Língua Americana de Sinais (ASL), como mostra a figura:

Figura 2 – O Sinal do *Bullying* (Empréstimo Linguístico Da Asl)



Fonte: Ernsen (2016; 2018).

Dessa forma, as Comunidades Surdas do Brasil podem usar sinal *bullying* da Libras ou empréstimo da ASL. De modo paralelo ao que acontece entre as Línguas Portuguesa e Inglesa, observamos também que a palavra *bullying* trata-se de um empréstimo linguístico, fenômeno esse que também ocorre entre línguas de sinais do mundo, a exemplo do sinal analisado anteriormente.

Na Libras existem empréstimos de outras línguas e também de línguas de diferentes modalidades, a exemplo da modalidade espaço-visual (ASL, LSF etc) e da modalidade oral-auditivo (Português). No caso de um empréstimo entre línguas de modalidades distintas, podemos indicar o empréstimo do alfabeto manual na realização de alguns sinais em Libras, como em N-U-N-C-A ou S-O-L. No que se refere ao empréstimo entre línguas da mesma modalidade, podemos indicar o sinal de “carne” que, ao compararmos Libras e Língua Francesa de Sinais (LSF), temos sinais próximos.

De acordo com Ferreira (2010, p. 21),

Vários são os tipos de empréstimos a que recorrem os usuários da Libras: lexical, inicialização, sinais de outras dos sinais, domínios semânticos e, até mesmo, empréstimos de ordem fonética.

As comunidades surdas utilizam vários empréstimos lexicais, o alfabeto manual para apresentar cada nome da pessoa, por exemplo, e também empréstimo por inicialização nos sinais de “bar”, “lanchonete” e “restaurante”.

Como sabemos, a Linguística é uma ciência que estuda as línguas naturais como forma de comunicação, um estudo científico da linguagem verbal humana, inclusive as línguas de sinais, que são de modalidade espaço-visual. As línguas orais possuem vários estudos da história linguística porque temos à disposição vários registros delas (escrita, livro, pedra, etc); mas, para estudar a história da Libras é difícil, pois só há pouco tempo existem tecnologias apropriadas

para esse registro. Apesar disso, acreditamos que é importante apoiar e começar o estudo de registros da história linguística em língua de sinais.

Defendemos a necessidade de se descrever a língua tal como é utilizada pelos falantes, o que reafirma a relevância deste tema, a fim de evitar o preconceito linguístico vindo de sinalizantes de outros estados. Diferentemente da gramática normativa, a Linguística não prescreve modo “certo” de falar, existe sim um modo mais ou menos eficaz ou apropriado de se comunicar através do uso de alguma língua.

Historicamente, os estudos da Linguística, especialmente até os anos de 1960, voltavam-se para o estudo da língua enquanto sistema, como realidade abstrata, desvinculada de fatores e das influências de cunhos histórico e social. Nesse ínterim, ancoravam-se nesse paradigma tanto a abordagem Estruturalista, a partir dos estudos desenvolvidos por Saussure, e o Gerativismo, especialmente por meio das discussões teóricas trazidas por Noam Chomsky. Dessa maneira, como forma de questionar e contrapor-se a essa proposta, temos a partir dos estudos de William Labov, dentre outros teóricos, a defesa da necessidade da vinculação dos estudos da linguagem aos seus aspectos históricos, culturais e sociais, despontando nos Estados Unidos, na década de 1960, as primeiras discussões que se dedicaram ao que hoje conhecemos como Sociolinguística.

Em seu desenvolvimento, a Sociolinguística como área de produção do conhecimento articulou-se e estabeleceu uma estreita relação, em uma perspectiva multidisciplinar, com áreas como a sociologia, a antropologia, a geografia linguística, dentre outras (Coelho *et. al.*, 2010). A partir disso, podemos definir a Sociolinguística como um ramo da Linguística que estuda a linguagem como fator social, contemplando as inúmeras variáveis e variantes, e pode descrever a língua com o mesmo valor de verdade, levando em conta a realização de tais fenômenos no ato da fala, com um falante real dentro de um contexto social concreto (cf. Labov, 2008 [1972]). Além desses pontos, a Sociolinguística busca contemplar aspectos sociais das línguas em várias frentes, a exemplo de estudos do bilinguismo, do contato linguístico, da política e planejamento linguístico, o status e funções sociais atribuídas às línguas, as ideologias linguísticas e a inclusão de aspectos relacionados à mudança e à variação linguística, tais como discussões que consideram os atravessamentos de gênero, raça, etnia, classe social, idade, distribuição geográfica, dentre outros (Coelho *et. al.*, 2010).

No Brasil, existem muitas variantes dos sinais-termos da língua de sinais brasileira, tanto pela extensão territorial quanto pela diversidade social. Optou-se por trabalhar com essa área de pesquisa para fazer um estudo de comparação em tempo real a partir de dicionários, pois eles podem apontar mudanças lexicais, indicando a mudança lexical e variantes em desuso.

São fontes de dados da pesquisa quatro dicionários para análise de trinta e cinco sinais da Libras, para fazermos comparação em tempo real de curta duração (cf. Labov, 2008 [1972]), considerando período entre os séculos XIX a XXI. O primeiro dicionário é *Iconographia dos signaes dos Surdos-mudos*, de Flausino José da Gama, publicado em 1875 (século XIX). Gama, à época, era aluno do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), do Rio de Janeiro. Quanto a isso, tenho orgulho pelo fato de que o INES começou a educação de Surdos no Brasil e foi também principal responsável pela confecção do dicionário de Flausino da Gama, o primeiro dicionário da língua. É uma obra referência para professores de Libras, profissionais tradutores e intérpretes de Libras e para outros membros da Comunidade Surda.

O segundo dicionário é *Linguagem das mãos*, de Eugenio Oates, publicado em 1969, com segunda edição em 1983 (século XX). O terceiro trata-se de um documento considerado pioneiro na Bahia: *Comunicando em Libras – Módulo 1*, construído pela primeira turma do CESBA, em 2006 (século XXI). O quarto: *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira – Vol. 1 e Vol. 2*, de Fernando Cesar Capovilla, Walkiria Duarte Raphael e Aline Cristina Maurício, publicado em 2013 e com novas edições em anos posteriores (século XXI).

Desenvolver esta pesquisa foi algo muito desafiador, pela dificuldade de estudo e de análise, tendo em vista a presença ínfima de fontes e registros históricos acerca da Libras. De acordo com Souza e Segala (2009), a Linguística da Libras começou aproximadamente há 50 anos e, por isso, há uma grande diferença com os estudos das línguas orais, que contam com mais de 5 mil anos de registro.

É importante que mais reflexões sejam feitas para ser possível inferir que os diversos povos e grupos que criaram, de modo natural, alguma forma de escrita, a utilizavam para perpetuar essa língua em tempos e espaços distintos. Indo um pouco mais no passado, chegaram à posteridade poucas provas destas reflexões, tais como dos povos gregos, romanos, entre outros. Os egípcios, por exemplo, possuíam sistema de escrita. Contudo, nos questionamos: e as línguas de sinais variadas presentes e que circularam no período da colonização? Como acessá-las? Voltando para a discussão, sobre as línguas de sinais, fica a reflexão: como se registrariam as línguas de sinais, sendo que antigamente não se tinha a tecnologia audiovisual que temos atualmente? Portanto, podemos entender que, de fato, tivemos um prejuízo quanto aos registros das línguas de sinais. No caso desta pesquisa, sabemos que o INES foi o responsável pelo registro e divulgação da primeira obra dicionarística em Libras, o dicionário *Iconografia*. Assim, entendemos que as obras lexicográficas são registros que podem ser tomados como suportes para entendermos a história das línguas de sinais.

A partir dessas reflexões, o presente trabalho está estruturado em oito seções, sendo que, na primeira, nesta Introdução, narramos brevemente a história de vida do pesquisador e sua relação com o tema investigado, a justificativa para a proposta, o problema de pesquisa e os objetivos gerais e específicos visados.

Na segunda seção, apresentamos aspectos da história da Linguística Geral, considerando línguas orais e de sinais, e a principal e mais importante reflexão sobre a ausência das línguas de sinais no pensamento Saussuriano e no Estruturalismo.

Na seção 3, discutimos a história linguística da Libras no Brasil; refletimos sobre a possível constituição da norma-padrão da Libras e, por último, abordamos o preconceito linguístico para com as línguas de sinais e a Libras.

Na quarta seção, trazemos discussões no âmbito da Lexicologia, Lexicografia e Terminologia em Libras, problematizando, ainda, o modo como os dicionários podem ser entendidos como instrumentos que atuam na padronização da sinalização em Libras.

Na seção 5, descrevemos sobre os aspectos metodológicos da pesquisa, refletindo sobre a abordagem e tipo de pesquisa, assim como discussões e questões de base metodológicas acerca da análise inicial de cada um dos quatro dicionários que constituíram o *corpus* deste estudo.

Na sexta seção, analisamos os trinta e cinco sinais de cada um dos quatro dicionários para comparação, observando se houve mudança lexical ou variação linguística, seguido de suas análises.

Na seção 7, seguindo os objetivos e os procedimentos metodológicos, apontamos os principais resultados observados, a partir de nossas análises, e os relacionamos com achados provenientes de outras pesquisas. Finalmente, apresentamos nas Considerações Finais as contribuições da pesquisa, os resultados gerais observados, as limitações identificadas e fazemos sugestões de possíveis temas de pesquisa que podem ser abordados em momentos futuros.

2 AS LÍNGUAS DE SINAIS NA HISTÓRIA DO PENSAMENTO CIENTÍFICO SOBRE A LINGUAGEM

A Linguística estuda as línguas naturais como forma de comunicação. Dessa maneira, ela é um estudo científico da linguagem verbal humana. Portanto, estudar a Libras, enquanto uma língua de sinais natural, faz parte dos interesses investigativos da Linguística, em seus diferentes ramos, inclusive o da História da Linguística (o que inclui a história das línguas de sinais em geral e da Libras em particular).

Nesta seção, daremos destaque a três pontos: a) a História da Linguística envolve um passado de negligência para com as línguas de sinais; b) apesar disso, as línguas de sinais têm sua própria história, que é muito antiga; c) os princípios da Linguística moderna encontram aplicação nas línguas de sinais em geral, e na Libras em particular.

Quanto ao primeiro ponto, podemos dizer que a Linguística, em suas várias publicações, muito negligenciou (e ainda negligencia) as línguas de sinais. Em épocas passadas, podemos atribuir essa negligência à vigência do método oralista, que contribuía para a exclusão das línguas de sinais nos estudos linguísticos. Além disso, também havia a crença de que as línguas de sinais eram apenas uma linguagem gestual, uma mímica.

Saussure é considerado “pai” da linguística; porém, em suas discussões, não contemplou as línguas de sinais. Apesar disso, as línguas de sinais possuem vários dos mesmos preceitos postulados por Saussure (2021 [1916]), uma vez que elas também são línguas naturais; porém elas possuem vários outros fenômenos que precisam ser investigados. No passado não acreditavam que surdo fosse capaz e agora os surdos vivem na sociedade e se comunicam por meio da língua de sinais.

As línguas de sinais são como as línguas naturais da ótica de Saussure; também podem ser analisadas sob a perspectiva do signo linguístico. De acordo com Silva (2017, p. 72): “a busca de aspectos de sua caracterização como componente de língua de naturais sob a ótica de Saussure. Assim, analisaremos a natureza desse elemento como signo linguístico”.

É verdade que o suíço Saussure (2021 [1916]) não tinha mostrado a proposta do signo linguístico em língua de sinais; ele não tratou das línguas de sinais. Mas as línguas de sinais também, pela visualidade, podem ser analisadas assim e os sinais como imagem possuem a mesma função da imagem acústica de Saussure.

Segundo Silva (2017, p. 73), a imagem visual estabeleceria uma mesma relação e teria a mesma função que a imagem acústica. Logo,

Da mesma forma que o falante ouvinte faz uma correspondência entre som e sentido ao ouvir palavras transmitidas acusticamente, o surdo ou usuário da Libras também faz essa correspondência quando vê o sinal, pois, segundo o próprio Saussure, os termos implicados no signo linguístico são psíquicos e estão unidos, em nosso cérebro, por um vínculo de associação (Silva, 2017, p. 73).

Para pensarmos na luta pelo reconhecimento do seu *status* linguístico que as línguas de sinais sofrem, particularmente a Libras, objeto de investigação desta pesquisa, importante dizer que as Línguas de Sinais não são somente gestos ou mímicas, mas constituem-se em um sistema linguístico estruturado gramaticalmente que permite a produção de um número ilimitado de frases, possibilitando a comunicação entre seus usuários.

Apesar de esses princípios gerais indicados como propriedade das línguas (orais) serem igualmente aplicáveis às línguas de sinais, várias comunidades não (re)conhecem, por questões de desconhecimento, as línguas de sinais, geralmente considerando as línguas de sinais como a linguagem dos macacos, ou gestos, ou mímica, ou outra coisa qualquer. Mas isso pode ser definido como preconceito linguístico, porque não se respeita a língua própria da Comunidade Surda. Como aponta Bagno (2015, p. 27), esse tipo de atitude “[...] nega a existência da língua de sinais, a Libras, que é a língua empregada por milhares de surdos país afora”.

Como se sabe, existe uma história linguística da língua portuguesa. A Linguística Histórico-comparativa do século XIX propôs uma teoria da árvore genealógica das várias línguas que são consideradas irmãs e que se associam a uma língua-mãe. Por exemplo: português, francês, italiano, espanhol *etc* têm como língua-mãe o Latim (Weedwood, 2002). Da mesma forma, pensamos ser possível aplicar esse modelo às línguas de sinais exatamente porque elas também se constituem como línguas, apesar de possuírem poucos registros. Isso mostra que é necessário mais pesquisas e mais análises dos vários aspectos das línguas de sinais.

A pergunta sobre se as línguas de sinais têm sua própria história (que é muito antiga) está ligada à diferença entre as pesquisas sobre as línguas orais e as pesquisas sobre as línguas de sinais, que é enorme porque as línguas de sinais são estudadas há quase cem anos e as línguas orais são estudadas há mais de cinco mil anos.

De acordo Supalla (2006), é importante partir de registros históricos, revistas e filmes na comunidade sinalizante, para a análise científica da linguística para língua de sinais, uma vez que, segundo o autor, apesar de complexa, a pesquisa linguística pode contribuir com os estudos do processo histórico das línguas de sinais. Para o autor, é possível identificar em escolas arquivos e diferentes registros históricos que nos possibilitariam traçar a história linguística das comunidades sinalizantes, bem como das línguas por elas empregadas. Para esse processo de

análise, a integração entre “ferramentas linguísticas, recursos impressos, narrativos e visuais e documentação podem resultar em uma análise cientificamente informada da história de uma língua” (Supalla, 2006, p. 27).

Nesse sentido, outra pergunta sobre se os princípios da Linguística moderna encontram aplicação nas línguas de sinais em geral e na Libras em particular pode também ser associado ao fato de que cada país (ou diferentes comunidades) tem sua própria língua de sinais; portanto, não existe *uma* língua de sinais universal – embora existam princípios universais comuns a elas. Vamos explicar: quando dizemos que não há uma língua de sinais universal, dizemos que não há *uma mesma* língua de sinais usada por todas as comunidades surdas existentes.

As línguas de sinais se apresentam tão complexas e dinâmicas quanto as línguas orais, apesar de serem estruturalmente independentes delas. Assim, de modo geral, nos Estados Unidos, os Surdos falam a Língua Americana de Sinais (ASL); na França, a Língua Francesa de Sinais (LSF); e no Brasil, evidentemente, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) etc. Essas diferentes línguas de sinais apresentam suas próprias gramáticas assim como suas próprias regras variáveis (nos diferentes níveis de análise linguística), assim como variações de lugar, gênero, idade, perfil sócio-cultural de quem fala a língua de sinais etc. Segundo Gesser (2009), as línguas de sinais são línguas adquiridas no contexto de interação natural dentro das Comunidades Surdas.

Para entendermos um pouco mais sobre a modalidade na qual as línguas de sinais se desenvolvem, trazemos Felipe e Monteiro (2007, p. 21). Para elas:

Os sinais são formados a partir da combinação do movimento das mãos com um determinado formato, em um determinado lugar, podendo este lugar ser uma parte do corpo ou um espaço em frente ao corpo. Estas articulações das mãos, que podem ser comparadas aos fonemas e às vezes aos morfemas, são chamadas de parâmetros.

Em termos comparativos, enquanto a língua portuguesa é descrita como sendo de modalidade oral-auditiva, haja vista que é produzida por meio do canal fonador e recebida pelo canal auditivo, a Libras e as demais línguas de sinais são de modalidade visual-espacial, sendo línguas que são produzidas e articuladas no espaço e recebidas através do sentido da visão (Quadros; Karnopp, 2004). Nesse sentido, a Libras é uma língua natural e própria da comunidade surda brasileira. Ela é configurada com a comunicação visual por meio de sinais realizados pelas mãos e expressões corporais e faciais, isto é, é uma língua de modalidade espaço-visual.

2.1 A Linguística antiga e as línguas de sinais

Para a Linguística é comprovado o desenvolvimento das línguas através do tempo. Ainda no começo do século XIX, a Filologia se preocupou com o desenvolvimento histórico das línguas a partir do exame de textos escritos, no contexto da literatura e da cultura associadas a esses textos. Ao lado da Linguística Histórica estudavam-se as fases passadas das línguas (cf. Weedwood, 2002).

Um outro aspecto que devemos levar em consideração, quando se fala sobre a história das línguas de sinais é que os povos antigos acreditavam que as línguas de sinais não eram como uma língua; devido a isto, muitos são os prejuízos em relação ao registro das línguas de sinais em fases antigas. Isso praticamente inviabilizou uma filologia das línguas de sinais. Acredito que estudar e conhecer a linguagem humana inclui também refletirmos sobre a capacidade de falar² de uma língua.

Típico do método histórico-comparativo são as reconstituições da língua no contexto de uma comunidade antiga, as várias línguas como ligadas a uma árvore genealógica. Schleicher (1863 *apud* Iordan, 1982 [1962]) desenhou a separação entre as áreas que se debruçavam sobre a investigação da língua, foram elas: Linguística e Filologia. Neste sentido, a Filologia se concentra em um estudo científico do desenvolvimento de uma língua ou de famílias de línguas, baseado em documentos escritos nessas línguas. Dessa forma, os estudiosos visavam desempenhar o papel de ligação entre Linguística e a Ciência Literária, a qual pode influenciar teorias orientadas pelas ciências naturais (Iordan, 1982 [1962]).

A história do surgimento dos estudos linguísticos da Libras é caracterizada por poucos registros e, também, por pouco tempo de discussão no âmbito acadêmico, pois as línguas de sinais, em geral, apesar de existirem desde tempos remotos, já que são línguas naturais, não eram reconhecidas legalmente como tal. Dessa forma, apesar de parecerem recentes, as línguas de sinais, em seu processo natural de mudança, são marcadas por muitos fenômenos linguísticos.

Uma divisão geral dos campos da Linguística engloba três dicotomias: Linguística sincrônica e diacrônica; teórica e aplicada; microlinguística e macrolinguística. Segundo Weedwood (2002, p. 10), a Linguística sincrônica tem como objetivo descrever como uma determinada língua se constituiu em uma época do tempo. A Linguística diacrônica preocupa-se com o desenvolvimento histórico da língua e das mudanças estruturais que acontecem numa língua. A linguística teórica visa a construção de uma teoria geral da estrutura da língua, e a

² Vale frisar que neste estudo, apesar de o termo “falar” ser associado a línguas de modalidade oral-auditiva, estamos compreendendo-o como o ato de expressar-se a partir de uma língua, independente da modalidade.

linguística aplicada, como diz o próprio nome, procura a aplicação das descobertas e técnicas do estudo científico da língua no campo prático. A microlinguística faz análises da língua em si (fonética/fonologia, sintaxe, morfologia, semântica e lexicologia) e sem referência à sua função social, à maneira como são como são adquiridas pelas crianças, aos mecanismos psicológicos, a produção e recepção da fala, literária ou estética ou comunicativa. A macrolinguística está preocupada com o uso da linguagem, com sua função social, reconhecimento a forma de nomes próprios: psicolinguística, sociolinguística, linguística antropológica, dialetologia, linguística matemática e computacional, estilística etc (Weedwood, 2002).

A partir dessas considerações, este estudo visa fomentar as discussões sobre a necessidade de mais pesquisas e a busca de documentos sobre o desenvolvimento histórico das línguas de sinais, com o enfoque na Libras. Ainda temos que perceber que os registros das línguas de sinais também são bem recentes. Apenas por volta de 1960 é que se iniciam os estudos que passam a empregar algum sistema de registro escrito com finalidade científica. Outra forma de registrar as línguas de sinais seria mediante o uso de alguma tecnologia digital que possibilitasse o registro em vídeo. Todavia, as ferramentas para esse tipo de registro também podem ser consideradas recentes, já que só atualmente passou a ser acessível a grande parte da população e disponibilizou múltiplos recursos de captura e edição de vídeo, além de uma grande circulação e acesso a esse tipo de mídia nas redes sociais.

Em função disso, é importante acessarmos documentos e estudos em outras áreas, como, por exemplo, na Educação, em que há registros sobre o processo histórico da educação de surdos em contexto escolar, assim como pontuado por Supalla (2006). Desse modo, neste estudo, nos apropriarmos de arquivos que inicialmente foram produzidos ou analisados no contexto da Educação, para pensarmos como esses materiais podem nos apoiar traçar uma linha da história linguística da Libras.

Analisar esses registros é importante para os estudos linguísticos surdos, além do diálogo com as diferentes áreas do conhecimento. O autor William Stokoe (1960) é o primeiro a realizar um estudo linguístico sistemático da língua de sinais (ASL). Schmitt (2013) descreve que Stokoe foi quem publicou o primeiro estudo linguístico sobre a gramática da Língua de Sinais Americana, e também um estudo em que comparava a Língua de Sinais Americana com a Língua Inglesa. Stokoe desenvolveu também um estudo sobre três parâmetros que estruturam os sinais em uma gramática de língua de sinais. O autor assim os nomeou: configuração de mãos (CM); ponto de articulação (PA) ou locação (L) e movimento (M). Além disso, Stokoe auxiliou na concepção sobre a educação de surdos em línguas de sinais, o que contribuiu com a evolução do pensamento linguístico sobre as línguas de sinais. De modo adicional, estudos posteriores

identificaram a presença de mais dois parâmetros, sendo as expressões não-manuais e a orientação da palma (Battison, 1974; 1978).

Bouquet (2004) começa discutindo os textos sobre o tema da *evolução do pensamento linguístico*. A língua/linguagem está registrada nas sociedades ocidentais desde a Antiguidade. Além disso, ela pode ser de naturezas variadas, tais como a natureza religiosa, a natureza filosófica e/ou a natureza pragmática. Então é importante que mais reflexões sejam feitas para ser possível inferir que os diversos povos que criaram (de modo natural) alguma forma de escrita, refletirem sobre a língua que apropriaram possa se perpetuar. Indo ainda um pouco mais no passado, chegaram à posteridade poucas provas destas reflexões, tais como dos povos gregos, romanos, entre outros. Os egípcios, por exemplo, representavam seu sistema de escrita na parede e outros suportes que utilizavam para registrar seus textos. Voltando para a discussão atual, das línguas de sinais, fica a reflexão: como registraríamos as línguas de sinais, sendo que antigamente não se tinha à disposição uma tecnologia que possibilitasse o registro audiovisual, tal qual dispomos hoje? Assim, podemos entender que, de fato, tivemos um prejuízo quanto ao registro das línguas de sinais.

Por outro lado, por mais que não haja muitos registros em línguas de sinais, não podemos pensar que não exista essa história. Por vezes, há o errôneo pensamento de que, por não termos muitos registros em línguas de sinais, assim como temos das línguas orais, que têm a escrita, que os povos surdos não têm história ou cultura. Isso não é verdadeiro. Há muitos povos de línguas orais que não possuem escrita e a história de seu povo é passada de geração a geração por meio da cultura oral, que é como se fosse uma herança que é mantida em vida pelos usuários. No Brasil, por exemplo, diversas etnias indígenas transmitem sua história e sua cultura de geração em geração sem o uso da escrita. Nesse sentido, podemos refletir que sim, a história do povo surdo e das línguas de sinais se perpetua por meio de seus próprios usuários.

Indo em caminho oposto, temos relatos, segundo Carvalho (2007), de que na Idade Média, no Egito (3.000 a. C.), entre os povos egípcios acreditava-se que os surdos eram muito importantes, pois podiam se comunicar de maneira secreta com os deuses, sendo também mediadores entre os deuses e os faraós. Entretanto, posteriormente, já na Grécia (1100 a. C.) os povos gregos acreditavam que surdos não tinham muita importância e os tratavam como animais. Por não ouvir, acreditavam que os surdos eram imperfeitos por não expressarem seus pensamentos por meio da fala oral, os gregos acreditavam que os surdos não pensavam. Sem a audição, os surdos na época ficavam fora dos ensinamentos e não adquiriam o conhecimento. Segundo Carvalho (2007, p. 10), “o pensamento e a filosofia tiveram muita importância e

desenvolveram-se dois conceitos fundamentais, presentes em toda a produção intelectual e artística grega: Racionalismo e o Antropocentrismo”.

Por isso os gregos acreditam que os surdos não tinham pensamento, pois só poderiam desenvolvê-lo por meio da língua oral majoritária. Eles relacionavam a ausência da língua oral na surdez com a incapacidade de desenvolver a linguagem; sendo assim, imperfeitos e/ou algum comprometimento no desenvolvimento intelectual/cognitivo (Carvalho, 2007).

O filósofo Sócrates (360 a. C.) reconheceu como legítima a comunicação dos surdos pelas mãos, sendo esta comunicação natural. Já em Roma (Itália), Aristóteles acreditava que os surdos não eram seres humanos competentes e, de acordo com o pensamento aristotélico, os romanos e a igreja católica negaram aos surdos todos os direitos sociais, tais como educação, casamento, ter filhos, receber heranças. Os romanos acreditavam que os surdos eram incapazes e, até mesmo, que eles não iriam para o reino de Deus (Silva, 2006).

Da Idade Moderna à Idade Contemporânea, por meio da Reforma Protestante e também das mudanças sobre o cristianismo, surgiram vários questionamentos sobre os ensinamentos religiosos, criando inúmeras dúvidas e crises religiosas, filosóficas e políticas. Esses questionamentos levaram, novamente, a repensarem sobre a forma de olhar para as pessoas surdas. Assim, temos alguns registros sobre o crescimento da compreensão das línguas de sinais do mundo. Assim, para o conhecimento, o primeiro surdo a aprender Língua Gestual ou da língua oral foi escritor é Bartolo della Marca d'Ancona 1314-1357, italiano (Carvalho, 2007).

Outra pessoa de grande importância para pensarmos sobre a discussão a respeito da educação de surdos, foi Girolamo Cardano (1501-1576, Pádua), que era médico e filósofo e reconhecia a habilidade dos surdos para a razão. Assim, por meio de estudos biológicos, desenvolveu pesquisas sobre o ouvido, nariz e cérebro, motivado pelo fato de ter um filho surdo. Girolano ensinou seu filho a ler e escrever sem ajuda da fala (Carvalho, 2007).

Quadro 1 – Girolamo Cardano

Periodo/Cidade/País	Imagem
Idade Moderna (1501-1576) Pádua, na Itália 	 Fonte: Citações e frases famosa. Disponível em https://citacoes.in/autores/girolamo-cardano/ Acesso em: 08 jun. 2022

Fonte: Autoria própria.

Em termos de métodos de ensino, temos que Girolamo Cardano, por estudar e se interessar pela aprendizagem e desenvolvimento dos surdos, valeu-se da língua de sinais e também da escrita para esse processo de ensino com os surdos (Strobel, 2009).

Pedro Ponce de León (1520-1584, Oña), na Espanha, desenvolveu um método de educação de surdos que envolvia o alfabeto manual, relacionando-o com a escrita e a oralização. Ponce de León foi o primeiro professor de Surdos. Ensinava, principalmente, os surdos nobres, podendo ter como principal motivação a preocupação sobre os seus bens e heranças.

Quadro 2 – Pedro Ponce de León

Século/Cidade/País	Imagem
Idade Moderna (1520-1584) Oña, Espanha. 	 Fonte: Wikipédia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro_Ponce_de_León Acesso em: 08 jun. 2022.

Fonte: Autoria própria.

Ainda, é importante trazermos Juan Pablo Bonet (1579-1629, Saragoça, Espanha), que teve um importante trabalho com o professor Ponce de León, contribuindo com os Surdos com a formulação do alfabeto manual que era baseado nos gestos utilizados pelos monges que faziam o voto de silêncio (Carvalho, 2007).

Também Bonet (1579-1629, Saragoça, Espanha), de acordo com Carvalho (2007), publicou um livro sobre estratégias de ensino para o surdo aprender a falar/oralizar. O livro é *Redução das Letras e Arte para Ensinar a falar os Mudos*. Hoje sabemos que o alfabeto não é a língua de sinais. Ele é uma representação de empréstimo de outra língua (oral) aplicado aos sinais. Por exemplo: na Libras utilizamos o alfabeto manual para apresentação do nome da pessoa, como um empréstimo do Português – de maneira similar a quando escrevemos em um texto escrito na língua portuguesa um nome como *O’Conor*. Em muitos casos, na Libras, temos um sinal próprio equivalente ao nome, mas que não utiliza a datilologia contida no “alfabeto” dos surdos.

Quadro 3 – Juan Pablo Bonet

Século/ Cidade / País	Imagem
Idade moderna Saragoça, Espanha 	 Foi o primeiro livro que trata da criação do alfabeto manual de Ponce de Leon. Fonte: Linha do tempo - história da educação de surdos. Disponível em: https://www.timetoast.com/timelines/linha-do-tempo-historia-da-educacao-de-surdos Acesso em: 08 jun. 2022.

Fonte: Autoria própria.

Figura 3 – Alfabeto Manual de Bonet



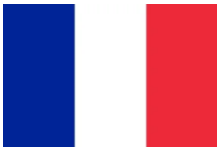
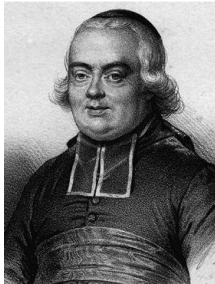
Fonte: Site História de Aragón. Disponível em <https://historiaragon.com/2017/01/05/juan-de-pablo-bonet/>. Acesso: 08/06/2022.

Charles Michel de l'Epée (1712-1789, Versalhes, França), é conhecido mundialmente como pai da educação dos surdos³, por ser o primeiro a explicar sobre o processo da história linguística dos surdos e passou a também refletir com os monges e desenvolver trabalhos voltados para o contexto religioso. Ainda assim faltam pesquisas sobre a comunidade surda e o uso das línguas de sinais na sociedade, como nos conta Carvalho (2007, p. 24):

³ Apesar de não ser reconhecido como o primeiro professor de surdos, o título de pai da educação de surdo é dado ao Abade Michel L'Epée por ele ter percebido, de modo visionário, a importância do uso da língua de sinais como língua de comunicação, interação e significação do processo educacional de surdos.

[l'Epée] nasceu em Versalhes, França, em 1712, começou a ensinar surdos por razões religiosas. Para muitos foi o “criador” da Língua Gestual, contudo, sabemos que já existia Língua Gestual antes dele. O seu grande mérito foi ter reconhecido que esta língua existia, se desenvolvia e servia de base comunicativa essencial entre os surdos. Desta forma, permitia que surdos tivessem acesso à palavra de Deus (Carvalho, 2007, p. 24).

Quadro 4 – Charles Michel de L’Epée

Século/Cidade/País	Imagem/Nome
1712-1789 Versalhes, França, em 1712 	 Fonte: <i>Institut national de jeunes sourds de Paris.</i> Disponível em: https://www.injs-paris.fr/page/charles-michel-lespee-dit-labbe-lepee-1712-1789 Acesso em: 09 jun. 2022

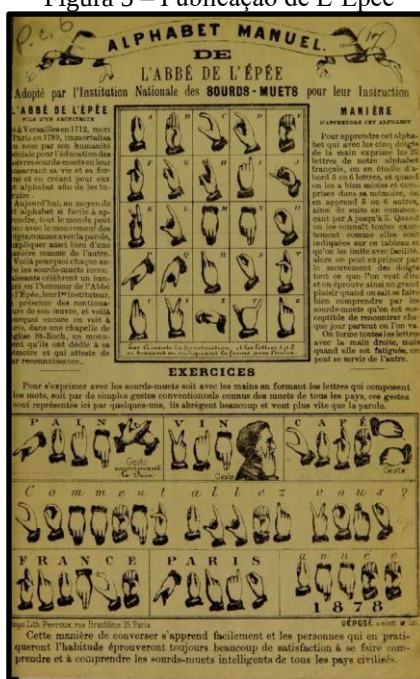
Fonte: Autoria própria.

Figura 4 – Sinal em Língua Francesa de Sinais (LSF) para “Charles Michel de l’Epée”



Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JJ88EEemT08s> Acesso em: 22 fev. 2022.

Figura 5 – Publicação de L'Épée



Fonte: Wellcome collection. Disponível em:

<https://wellcomecollection.org/works/uecdq67u/items?canvas=1>. Acesso em: 08 jun. 2022.

É interessante observarmos que, conforme lemos nesse trecho, a preocupação era somente ensinar para surdos a religião. Se compararmos igualmente a outras línguas como português, espanhol, entre outros, o maior objetivo dos colonizadores em relação às populações indígenas era a religião. Como vimos, os povos antigos acreditavam que os surdos não tinham capacidade e por não conseguirem se comunicar da maneira esperada.

L'Épée ainda teve grande influência, pois foi ele quem criou, a primeira escola para surdos no mundo, o Instituto Nacional de Surdo-Mudos, em Paris. Antes, como havia o estigma de a surdez ser relacionada com ser mudo, o nome da escola fazia menção a essa expressão; todavia, hoje é apenas Instituto Nacional dos Surdos. Ainda, Carvalho (2007) escreveu que a educação de surdos surge da nobreza e somente se ensinavam surdos nobres. Dessa forma, percebemos que nessas épocas a preocupação era com a nobreza e a educação religiosa, e não havia reflexão sobre a comunidade surda na sociedade; não se usava a língua gestual/língua de sinais.

Apesar das mudanças na forma de ver o sujeito surdo, desde a Antiguidade até a Idade Moderna, ainda não tínhamos a concepção das línguas de sinais serem vistas como um objeto de estudos. Eram vistas apenas como meio para se ensinar a oralizar e ensinar os conteúdos escolares e religiosos. Assim, pensando em estratégias de como ensinar a oralização para os surdos, temos, principalmente, Samuel Heinicke (1727-1790, Nautchutz, Alemanha). Ele foi professor de

surdos, tendo como foco ensinar a esses como oralizar. Ele é considerado o pai do método oralista. Na Idade Contemporânea, por volta de 1880, a história da educação de surdos inicia-se, metodologicamente, na perspectiva do oralismo. Nesta vertente era proibido utilizar a língua de sinais, em todo o mundo, para se comunicar. Essa perspectiva durou 100 anos e, durante esse período, era proibido utilizar as línguas de sinais no mundo (Carvalho, 2007).

Quadro 5 – Samuel Heinicke

Século/Cidade/ País	Imagem/Nome
1727-1790, Nautchutzh, Alemanha 	 Fonte: Deaf history Disponível em: https://deafhistory.eu/index.php/component/zoo/item/samuel-heinicke-de . Acesso em: 27 out. 2023

Fonte: Autoria própria.

Outro marco importante para esta discussão é o Congresso de Milão, que aprovou, em 1880, o método do oralismo e que proibiu o uso das línguas de sinais. O oralismo é um método de ensino para pessoas Surdas aprenderem a oralizar ou a falar. No Congresso do Milão, em 1880, foi proposto e aprovado que os surdos não poderiam usar a língua de sinais (Gesser, 2009).

2.2 As línguas de sinais e a reflexão estruturalista

Ferdinand de Saussure é considerado o “fundador” da Linguística Moderna. Foi um linguista suíço muito importante e estudou as línguas indo-europeias. De acordo com os registros feitos por dois de seus alunos, foi com base em suas ideias que foi fundada a linguística como ciência moderna. Em um dos seus cursos, ministrado em Genebra, em 1891, publicado em 1916 (após a sua morte), intitulado Curso de Linguística Geral, Saussure propôs algumas bases para os estudos científicos sobre a língua, que ficou conhecido como Estruturalismo. De acordo com Weedwood (2002, p. 128),

Estruturalismo, no sentido europeu, então, é um termo que se refere à visão de que existe uma estrutura relacional abstrata que é subjacente e deve ser distinguida dos enunciados reais - um sistema que subjaz ao comportamento real - e de que ela é o objeto primordial de estudo do linguista.

O trabalho de Saussure é muito pertinente, porque ele propõe uma outra preocupação no campo da língua(gem) e sua relação com o tempo, contrapondo-se ao que a tradição do século anterior realizou ao descrever e explicar os fenômenos da linguagem, considerando o binômio gênese-evolução como elemento central.

Ainda, Saussure traz a discussão da língua enquanto um fenômeno psíquico/cognitivo, mas reflito que, de alguma forma, também seja social, no sentido de um "cérebro coletivo", língua como a capacidade que temos e a língua como idioma, isto é, uma construção social.

Dessa forma, trago em pauta a necessidade de pensarmos que os surdos vivem em sociedade, e tendo suas funções psíquicas e cognitivas não comprometidas, precisam usar uma língua para comunicar com outros e, também, praticar “o pensar”, que, no caso, acontece através de uma língua de sinais.

De acordo com Saussure (2021 [1916], p. 14):

[...] a sua importância [da língua] para a cultura geral: na vida dos indivíduos e das sociedades, a linguagem constitui fator mais importante que qualquer outro. Seria inadmissível que seu estudo se tomasse exclusivo de alguns especialistas; de fato, toda a gente dela se ocupa pouco ou muito; mas – consequência paradoxal do interesse que suscita – não há domínio onde tenha germinado idéias tão absurdas, preconceitos, miragens, ficções.

Sobre o signo linguístico, o significado e o significante para a teoria de Saussure, tem-se que o signo linguístico é uma imagem acústica, então não somente uma coisa e um nome, mas uma representação que dele nos dá testemunho de nossos sentidos e psíquicas som. O signo linguístico da teoria de Saussure é uma entidade psíquica com duas faces e pode representar o conceito e a imagem acústica, ou seja, é uma importante definição levantada sobre terminologia e chamamos de signo a combinação do conceito e da imagem acústica (significado e significante, respectivamente) (Saussure, 2021 [1916]).

Para Saussure (2021 [1916]), a língua é um processo fisiológico: do cérebro para a boca (ondas sonoras). Sobre esses aspectos, podemos destacar que, sendo a língua um fato psíquico, mas a expressão do que é elaborado mentalmente é realizada no plano físico, é perfeitamente possível transpor para a língua de sinais os mesmos princípios do aspecto sonoro da língua.

Os sons da língua são equivalentes aos sinais da língua dos surdos. Não se pensou isto antes porque não se dava importância às minorias, o que era diferente era simplesmente descartado da sociedade, posto à margem. Por isso, é importante trabalhar a favor da diversidade. Espero que nossa sociedade não retroceda novamente e passe a englobar múltiplas perspectivas e discussões.

2.2.1 A ausência das línguas de sinais no pensamento Saussuriano e no Estruturalismo

Saussure é valorizado por causa de seus estudos na área da Linguística. Apesar de ser reconhecido como o pai da Linguística Moderna, seu olhar não esteve voltado para as línguas de sinais e tampouco para outras línguas, a exemplo das indígenas (Tree - Fox, 2009), uma vez que, nesse momento histórico, a discussão acerca dessas línguas não eram realizadas. No passado, não se acreditava que os Surdos fossem capazes e que possuíam uma língua. Agora os Surdos vivem na sociedade e se comunicam por meio da língua de sinais, fenômeno esse investigado por outros pesquisadores.

De acordo com Silva (2017, p. 73),

Quando Saussure propôs esse estudo, o mestre de Genebra não tinha em mente as línguas de sinais e nem podia, já que tais línguas não eram consideradas línguas e tampouco alvos de estudos. Saussure até mencionou o “alfabeto dos surdos-mudos”, não tratando de línguas de sinais, mas referindo-se a outros sistemas. Porém, hoje podemos afirmar com base nos próprios estudos de Saussure que, na Libras, bem como nas línguas de sinais de modo geral, essa cadeia de sons chamada de significante é representada por uma imagem visual.

Historicamente e atualmente, temos um mito, largamente equivocado, de que esta não seria uma língua. Acerca dos mitos sobre a Libras (ou qualquer outra língua de sinais), Saussure não mostrou que as línguas de sinais também se valiam desse “cérebro coletivo” como construção no social, além disso, sobre a pessoa surda, temos o mito de que este grupo não necessitaria a uma linguagem.

De acordo com Saussure (2021 [1916]), o cérebro processa uma língua pelos sons da fala. Mas, precisamos considerar que as línguas de sinais não existem como sons, mas também são processadas pelo cérebro. Ambas as línguas, Libras e Português, por exemplo, são línguas, mas têm diferenças entre modalidades comunicativas, porque uma língua é de modalidade espaço-visual, com uma estrutura linguística distinta da língua portuguesa que é oral-auditiva.

2.2.2 O princípio da arbitrariedade e as línguas de sinais

Para Saussure (2021 [1916]), a relação entre o significado e o significante é sempre arbitrária – seja a partir da análise de uma palavra ou um sinal, como entendemos. Como abordado, o signo linguístico seria a combinação do significante com o significado. Apesar disso, existem alguns signos linguísticos que guardam uma relação motivada com o significado e, por isso, teremos a existência de sinais icônicos e outros não-icônicos.

A língua de sinais também possui a propriedade de arbitrariedade do signo linguístico. Também é possível o mesmo reconhecimento de iconicidade entre os sinais na base teórica saussuriana. De acordo com Saussure (2021 [1916], p. 117):

O vínculo que une o significante ao significado é arbitrário ou, também, já que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante a um significado, podemos dizer de modo mais simples: o signo linguístico é arbitrário.

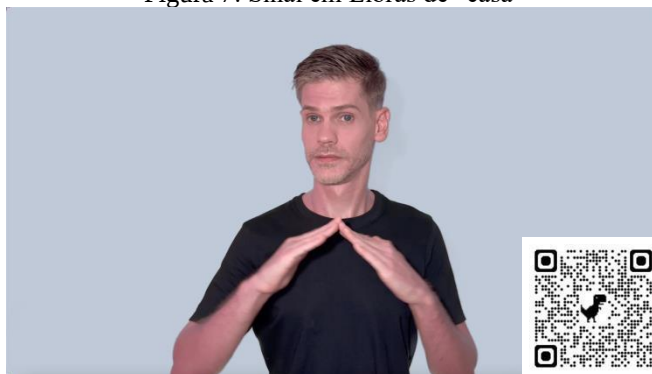
Uma das características da Libras, enquanto língua natural, é que ela também é constituída por sinais com características semelhantes entre sinais icônicos e sinais arbitrários. A saber, o conceito de icônico se refere ao sinal que contém elementos que reproduzem as propriedades reais do objeto, por exemplo: carro, árvore, casa (*vide Figuras 6, 7 e 8, a seguir*). De todo modo, é importante que não percamos a de vista que, mesmo por ter essa iconicidade, os sinais icônicos não são gestos (Brito, 1993). Nesse sentido, para compreendermos o papel da iconicidade na Libras, disponibilizamos as figuras:

Figura 6 – Sinal em Libras de “árvore”



Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3L9Z_UDguJo Acesso em: 20 jun. 2021.

Figura 7: Sinal em Libras de “casa”



Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CwJ7qnBWGfs> Acesso em: 20 jun. 2021.

Figura 8 – Sinal em Libras de “carro”



Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8rKb4SdKXyI> Acesso em: 20 jun. 2021.

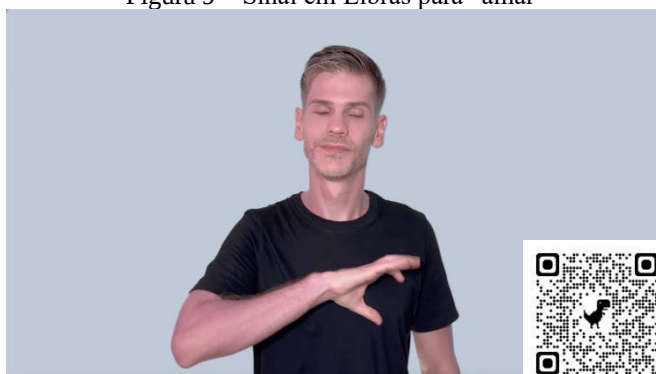
Como podemos observar, as figuras 6, 7 e 8 apresentam sinais icônicos, pois representam visualmente ao que se remetem na cultura brasileira; uma pessoa que não domina a Libras poderia facilmente inferir seu significado. No caso das línguas orais, o princípio da iconicidade também se aplica. De acordo com Saussure (2021 [1916]), as onomatopéias das línguas orais, a exemplo de *ping pong*, *tic tac* e *miau*, são classificadas como icônicas, haja vista que possuem uma motivação em sua realização.

A arbitrariedade do signo é um princípio da teoria linguística saussuriana, do estruturalismo. Segundo Saussure (2021 [1916]), o signo linguístico é arbitrário porque é reconhecido pelos falantes de uma língua sem que haja uma semelhança entre o significante e o significado.

[...] signo não é contestado por ninguém, mas frequentemente é mais fácil descobrir uma verdade do que atribuir a ela o lugar que lhe cabe... O termo arbitrariedade também exige uma observação. Ele não deve dar a ideia de que significante depende da livre escolha do falante [...] arbitrário com relação ao significado, com o qual não tem nenhum vínculo natural na realidade (Saussure, 2021 [1916] p. 117-118).

Assim, o conceito de arbitrariedade do signo linguístico remete à questão da iconicidade dos sinais. Os sinais não icônicos são aqueles que não possuem nenhuma semelhança com o dado da realidade que representam, ou seja, não existe necessariamente uma motivação física entre o significante e seu referente (Strobel; Fernandes, 1998). Em Libras, podemos também observar a existência desses sinais, conforme observamos nas Figuras 09, 10 e 11.

Figura 9 – Sinal em Libras para “amar”



Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=o0C_U8gm-m4 Acesso em: 21 jun. 2021.

Figura 10 – Sinal em Libras para “vida”



Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bUpf0g6OXcM> Acesso em: 21 jun. 2021.

Figura 11 – Sinal em Libras para “coragem”



Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MIAX1YwJdLM> Acesso em: 21 jun. 2021.

Como é possível observar nas figuras 09, 10 e 11, elas apresentam sinais não icônicos em Libras, pois não representam iconicamente ou não remetem de modo direto ao significado real, ao referente; logo, uma pessoa desconhecedora da Libras não seria capaz de fazer inferências sobre os respectivos significados.

Apesar do estabelecimento dessa dicotomia ser recorrente nos estudos linguísticos, há a necessidade de se considerar a existência de um *continuum* entre a se e a arbitrariedade total. Desse modo, assim como argumentado por Naves *et al.* (2019) a iconicidade é lida como uma característica do contínuo da motivação, onde, de um lado, teríamos os sinais mais motivados, aqueles considerados icônicos e no outro extremo teríamos os menos motivados, aqueles considerados mais arbitrários. Há de se considerar, portanto, a existência de uma linha tênue entre esses dois agrupamentos e outras possibilidades analíticas, a exemplo das classificações entre translúcido e obscuro (Constâncio, 2022).

Ainda nesse sentido, ao analisar a constituição da iconicidade, Klima e Bellugi (1979), a partir da leitura encontrada em Constâncio (2022), apresentam que: 1) apesar da iconicidade ser motivada pelo referente, cada língua obedece às suas próprias convenções, ou seja, alguns sinais icônicos se diferenciam a partir das particularidades de cada língua; 2) a natureza da iconicidade é gradual, isto é, envolve compreender a existência de sinais transparentes, translúcidos, obscuros e opacos, sendo que os dois primeiros, de forma contínua, se aproximam da iconicidade e os dois últimos distanciam-se desta e aproximam-se da arbitrariedade. Nesse sentido, os autores pontuam que as representações da iconicidade classificam-se em: 1) transparente – quando o sinal passa a ser compreendido e adivinhado por um grande número de usuários; 2) translúcida – quando há uma proximidade, de forma transparente, entre a forma e significado do sinal; 3) obscuro – quando ocorre, de modo obscuro, o estabelecimento do significado de um sinal à sua forma, não

havendo similaridade; 4) opaco – quando um número reduzido ou nenhum usuário conseguem reconhecer ou perceber corretamente o significado de um sinal a partir da sua forma.

Em síntese, podemos considerar que os sinais icônicos são transparentes por apresentarem de forma evidente e relação entre a forma e o referente; os translúcidos, aqueles que apresentam um aspecto representacional; os obscuros mantêm uma relação com o referente, ainda que não evidente; e os arbitrários são os que não é possível estabelecer nenhum laço com o referente (Constâncio, 2022).

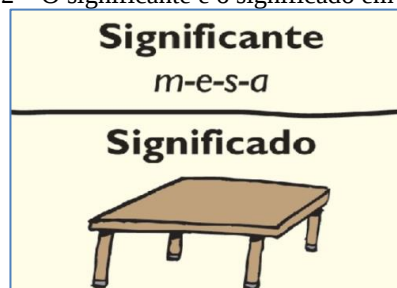
Apesar de hoje haver essa proposta de análise da iconicidade e não-iconicidade como um *continuum*, reforçamos que nesta tese adotaremos as discussões a partir de Saussure (2021 [1916]), uma vez que, na perspectiva do autor, alguns signos linguísticos estabelecem relação de motivação com o seu significado. Portanto, como essa tese tem um foco maior na variação e mudança lexical, acreditamos que apenas o agrupamento dos sinais entre icônicos e não-icônicos seja suficiente, não havendo a necessidade de um aprofundamento sobre o tema. Nesse sentido, ao seguirmos essas reflexões, nosso foco é o de identificar qual foi o movimento de mudança ocasionadas em uma perspectiva histórica, ou seja, se houve uma redução ou aumento no caso de sinais icônicos ou não-icônicos.

2.2.3 O signo linguístico: significado e significante

O ponto mais importante da teoria de Saussure (2021 [1916]) foi sobre o signo linguístico que, como vimos, constitui-se pela união entre significado e significante. Na Libras, ela também se aplica. O significante é formado por três aspectos: configuração das mãos, movimento e locação.

Por exemplo, em português:

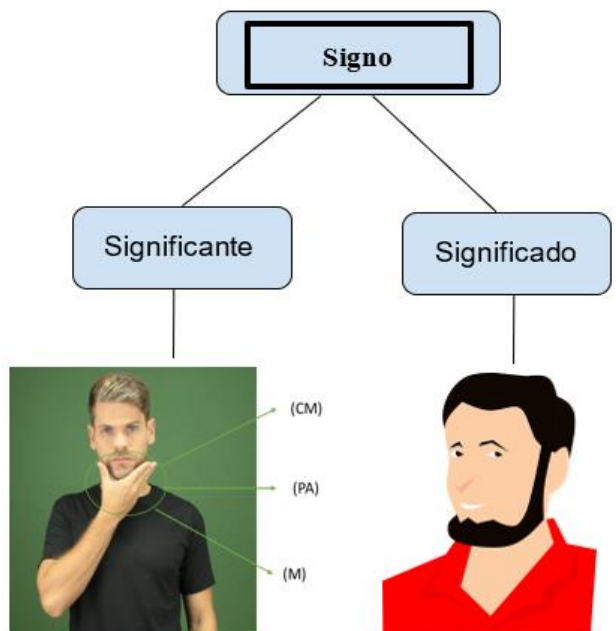
Figura 12 – O significante e o significado em português



Fonte: Chegg. Disponível em: <https://www.chegg.com/flashcards/01-lingua-linguagem-e-variacao-linguistica-d1af8495-966b-4785-9927-23fb0783f1ba/deck> Acesso em: 29 jul. 2022.

A figura 12 mostra a diferença entre significante e significado em português. Significante são os fonemas e as letras, ou seja, a forma. E o significado é o conceito mental que se convencionou para aquela determinada forma. Em Libras, o significante inclui a configuração da mão, o movimento e a locação na qual o sinal é realizado, assim como pode ser analisado no exemplo a seguir.

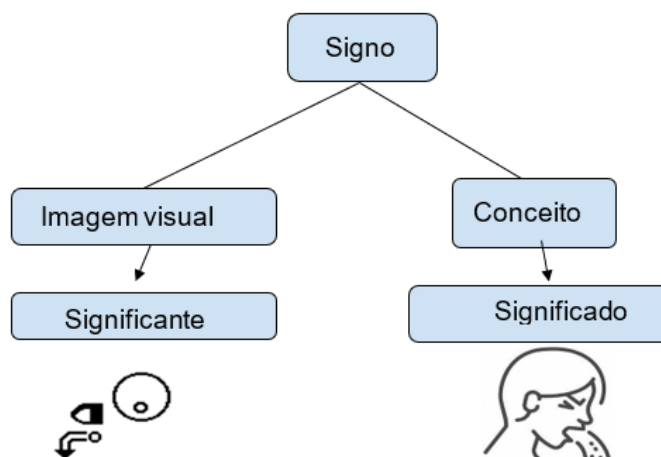
Figura 13 – Signo: significante e significado



Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor.

Conforme dissemos, a configuração da mão, associada ao movimento e a locação representam o significante em Libras, e a imagem mental, o conceito que possuímos de homem, o significado. Em Libras, sua forma escrita também pode ser compreendida dessa forma. Nesse caso, a escrita em Libras pode ser comparada à escrita em português, assim como observado na figura a seguir.

Figura 14 – Escrita de sinais é significativa



Fonte: Signbank. Disponível:

<https://www.signbank.org/signpuddle2.0/searchword.php?ui=12&sgn=46&sid=19855,42043,42336&sTrm=vomitar&type=any&sTxt=&sSrc=&>. Acesso em: 06 out. 2022.

Para Vygotsky (1989), o significado das palavras está sempre em mutação no decorrer do desenvolvimento infantil, ou seja, o significante não tem um significado estável para todas as pessoas de uma comunidade linguística, nem para o próprio indivíduo ao longo do seu desenvolvimento. Para Vygotsky, a significação está relacionada à compreensão de cada significante dentro de um contexto. Só o contexto pode esclarecer às pessoas o sentido dos significantes. Este pressuposto também pode ser aplicado à Libras. Por exemplo, em Libras, o sinal de “bife” (carne) e “intérprete” são iguais, mas dependendo do contexto assumirá um sentido diferente. Este fenômeno é chamado de homonímia.

A linguagem não é só forma de comunicação, mas também com o pensamento e configurando-se em tudo que envolve significação, tendo um valor semiótico e não se restringindo a uma forma de comunicação. A linguagem possui, além da função comunicativa, a função de constituir o pensamento. O processo pelo qual a criança adquire a linguagem, segundo Vygotsky (1989), segue o sentido exterior para o interior, do meio social para o indivíduo.

Com a Libras não é diferente, o domínio da língua de sinais passa – necessariamente – pelas experiências que surdo vivência em suas relações sociais, que irão permitir a ele uma compreensão e um desenvolvimento qualitativo de seu pensamento.

2.3 As línguas de sinais na Linguística contemporânea: enfim, o reconhecimento

Durante os anos de 1960, o autor William Stokoe ocupou um espaço de muita importância, pois ele passa a estudar as línguas de sinais, com enfoque na Língua Americana de Sinais (ASL). Assim, como já se afirmou anteriormente, Stokoe (1960) estudou os parâmetros

fonológicos dessa língua, identificando a existência de configuração das mãos, pontos de articulação e movimentos.

Stokoe é reconhecido como o criador e fundador da Linguística moderna das línguas de sinais, sendo um marco para a comunidade surda (Carvalho, 2007), assim como reconhecemos a importância de Saussure para a Linguística Geral. Neste sentido, Stokoe (1960) observou que as línguas de sinais são línguas naturais, contrariando o senso comum da época, em que se pensava, erroneamente, que as línguas de sinais eram apenas gestos e que não eram capazes de possibilitar a abstração.

Stokoe (1960) se debruçou em pesquisar os aspectos gramaticais da língua de sinais, despertando, assim, o interesse de outros estudiosos de outras línguas de sinais pelo mundo (Quadros; Karnopp, 2004). A importância desse autor se dá em virtude de ter desenvolvido no campo linguístico na língua de sinais a análise das unidades mínimas visuo-motora-espaciais da língua de sinais, como aponta estudo de Nóbrega (2019).

Stokoe (1960) realizou muitos estudos e pesquisas em ASL, em parceria com Carl Gustav Croneberg e Dorothy Casterline, ambos surdos. Assim, houve colaboração para o desenvolvimento das pesquisas, sendo que depois vieram muitos pesquisadores, como Carol Padden, Sherman Wilcox, Tom Humphries, entre outros. Porém, Stokoe (1960), baseou seus estudos sobre a quirologia (correspondente ao que se chama de fonologia para as línguas orais); um estudo de unidades mínimas da língua de sinais foi proposto pelo autor.

Em termos de proposição de análise fonológica, o pesquisador Bébien (1825), ao atuar em uma instituição de surdos em Paris, confeccionou um material que descrevia os traços que registram a Língua de Sinais Francesa (LSF) em unidades mínimas (Nóbrega, 2019, p. 34), algo similar ao que foi sistematizado por Stokoe, em 1960.

Sobre as pesquisas em língua de sinais da França, o autor referência é o professor Roch Ambroise Auguste Bébien (1789-1839). Esses estudos são anteriores à pesquisa de Stokoe (Lage; Kelman, 2019). É importante estudar a história das línguas de sinais no mundo; porém, diferentes acontecimentos históricos, a exemplo do Congresso Milão realizado em 1880, prejudicaram os estudos linguísticos da língua de sinais no mundo, porque a comunidade surda foi proibida de usar a língua de sinais.

É importante estudar a história da linguística e nela analisar a pesquisa sobre a história das línguas de sinais. Stokoe (1960) pesquisou a linguística da língua de sinais após o Congresso de Milão, em 1880:

As pesquisas sobre as línguas de sinais ainda são escassas e recentes (por mais de 50 anos), não dá para comparar com os estudos que temos das línguas orais, com mais cinco mil anos de estudos, é muito diferente, mas é muito importante mais estudo e pesquisa, também analisando a Libras, na comunidade surda no Brasil utilizam é Libras durante menos 165 anos, quando foi fundado o Ines (Instituto Nacional para Educação de pessoas Surdas) (Rodrigues; Silva, 2017, p. 691).

Atualmente, já se observa um aumento no número de registro do léxico da Libras em múltiplas plataformas, alteração essa possibilitada especialmente pelo desenvolvimento de tecnologias digitais e pelas redes sociais, a exemplo do ELAN, entrevista, *Instragam*, *Facebook*, *Youtube*, videoconferência e outros.

De acordo com Quadros (2019, p. 164):

[...] a documentação passa a ser muito importante, pois os usos afloram em todo o país com a variação e a criação de novos sinais. Os surdos começam a acessar os bancos escolares e se deparam com a necessidade de criar sinais e compor sua língua com uma riqueza que se prolifera em todo território brasileiro. A Libras é uma língua viva que precisa ser documentada com registros dos mais variados usos de todas as regiões brasileiras.

Até hoje, foram produzidos por instituições como Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Instituto Nacional de Educação e Integração dos Surdos (INES), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Universidade Federal do Paraná (UFPR), estudos linguísticos sobre os aspectos gramaticais e discursivos da Libras. Neste sentido, os referenciais teóricos dialogam com as contribuições feitas por autores como Ferreira-Brito (1995), Quadros e Karnopp (2004) e Xavier (2019), as quais apresentam alguns aspectos fundamentais em relação à fonologia/fonética, à morfologia e à sintaxe da Libras.

Os estudos de outros autores e assim como esta tese contribuem com a história das línguas de sinais. Conforme exposto nos textos aqui discutidos, é importante pensarmos na representação da língua de sinais como uma língua. Assim, como intento abordar em minha pesquisa, surge a necessidade de se estudar e buscar as variações linguísticas, não excluindo sinais antigos, porque algumas pessoas da comunidade surda os desconhecem por falta de acesso. Neste sentido, a Sociolinguística é uma área de estudo importante para a área da linguística da Libras, porque os usuários em geral precisam entender e respeitar as distintas comunidades de falantes/sinalizantes.

2.4 A estrutura das línguas de sinais: níveis de análise linguística da Libras

De acordo com Ferreira (2010), a Libras tem vários aspectos que se separam em níveis linguísticos, tais como: nível fonológico, morfológico, sintático, semântico e o pragmático. Neste sentido, a Libras, enquanto língua natural, tem sua própria forma de organizar e estruturar linguisticamente, e também, cada língua de sinais, nos mais variados países, têm estes aspectos linguísticos.

No que tange ao nível fonológico, temos também cinco principais especificidades da gramática da Libras, que são eles: configuração de mão, locação e movimento (parâmetros principais), componentes não manuais e orientação da palma da mão (parâmetros secundários). Sobre a fonologia: são estudos linguísticos que focam nas unidades mínimas que formam os sinais, ou seja, os parâmetros.

De forma mais detalhada, um dos principais pesquisadores sobre a fonologia das línguas de sinais foi Stokoe (1960), que observou que as línguas de sinais são *língua[s]*, contrariando o senso comum da época, em que se pensava, erroneamente, que as línguas de sinais eram [“apenas”] gestos e que não eram capazes de possibilitar a abstração. Assim, Stokoe (1960) se debruçou em pesquisar os aspectos gramaticais da língua de sinais, despertando, em consequência, o interesse de outros estudiosos de outras línguas de sinais pelo mundo (Quadros; Karnopp, 2004).

Inicialmente, foram identificados três parâmetros que estruturam as línguas de sinais, definidos por Stokoe (1960) como: 1) configuração da mão (CM); 2) ponto de articulação (PA); 3) e movimento (M). Em estudos complementares, desenvolvidos por os estudos de Battison (1974; 1978) foram acrescentados outros dois parâmetros secundários: 4) orientação das mãos OR) e; 5) expressões não manuais (ENM). Desse modo, passou-se a compreender a estrutura fonológica da Libras como constituída por cinco parâmetros.

A configuração da mão (CM) é compreendida como a forma que a mão assume na realização de um sinal. Segundo Diniz (2011), CMs são características articulatórias dos dedos das mãos. A princípio, de acordo com Ferreira-Brito (1995), as CMs baseiam-se em 46 diferentes tipos-formas manuais. Todavia, a autora alerta que esse número está sempre em expansão, dadas as mudanças linguísticas, sobretudo nos aspectos gramaticais de uma língua em uso, que fazem com que esse quantitativo se altere. Por exemplo, no levantamento mais recente feito por Quadros (2019), identificou-se a existência de 79 configurações de mão em Libras, assim como disponibilizado na figura a seguir.

Figura 15 – Configuração da mão em Libras



Fonte: Quadros (2019, p. 47).

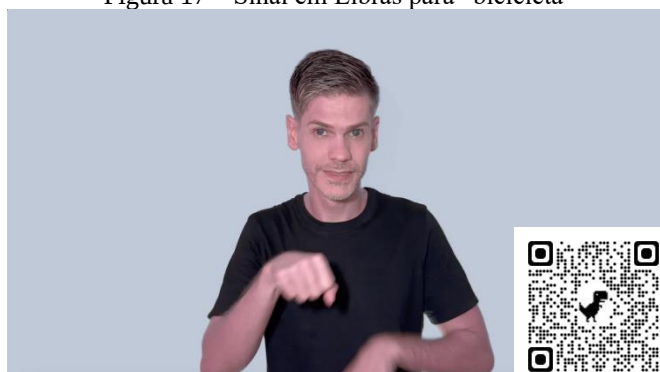
Por exemplo, observe que o sinal para “brincar” e “bicicleta” são realizados, respectivamente, com as CMs de número 64 (brincar) e número 69 (bicicleta) assim como ilustrado nas figuras abaixo.

Figura 16 – Sinal em Libras para “brincar”



Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ghh_hhDx12E. Acesso em: 25 jun. 2021.

Figura 17 – Sinal em Libras para “bicicleta”



Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t7Dw6Rz3Bmw>. Acesso em: 25 jun. 2021.

Nas figuras 16 e 17 temos os sinais “brincar” e “bicicleta”, respectivamente. Eles mostram, por meio dos sinais gráficos, a existência de movimento. Ainda, se compararmos estes dois sinais, percebemos que estes diferenciam entre si apenas pela CM, sendo assim, podem ser definidos como pares mínimos – como o Estruturalismo estabeleceu para as línguas orais. Veja as configurações de mão em “Y” e “S”, na figura 18:

Figura 18 – Configuração da mão Y e S



Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor.

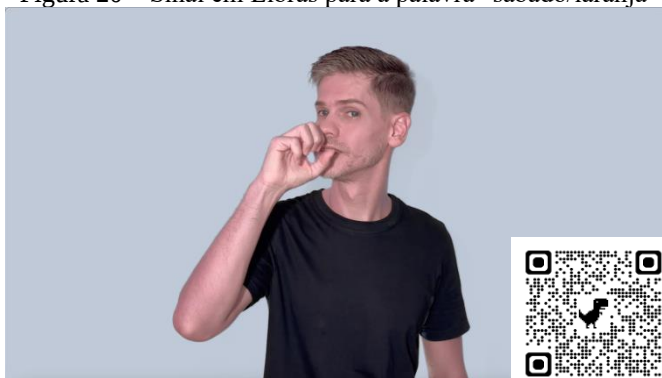
O segundo parâmetro, o ponto articulação (PA) ou locação, é o aspecto que se refere ao local onde o sinal é realizado. Isto é, se é realizado no corpo ou no espaço neutro (Diniz, 2011). Em alguns casos, a mão pode tocar, bater ou ser posicionada em um ponto inicial do qual deslizará para outro ponto do corpo. Ainda pode ser posicionada em um espaço neutro – espaço compreendido à frente ou ao lado do corpo, seja na direita, esquerda, em cima, no meio ou embaixo.

Figura 19 – Sinal em Libras para a palavra “aprender”



Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0Vcq2BLXpeg>. Acesso em: 27 jun. 2021.

Figura 20 – Sinal em Libras para a palavra “sábado/laranja”



Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9W1lRKcrIGU>. Acesso em: 27 jun. 2021.

Nas figuras 19 e 20 temos os sinais “aprender” e “sábado/laranja”, respectivamente. Eles mostram, por meio dos sinais gráficos, a existência de movimento. Ainda, se compararmos estes dois sinais, percebemos que estes diferenciam entre si apenas pela PA (ponto de articulação), sendo assim, pares mínimos. E também os sinais para *sábado* e *laranja* (frutas e cores) são iguais, mas se diferenciam no contexto, assim como ilustrado a seguir nas figuras 21, 22 e 23.

Figura 21 – Frase em Libras “Eu folgo aos sábados”



Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=22lnOIBg_ko. Acesso em: 29 jun. 2021.

Figura 22 –: Frase em Libras “Eu tomo suco de laranja”



Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=F7Bco72br2M>. Acesso em: 30 jun. 2021.

Figura 23 – Frase em Libras “Eu comprei uma camisa laranja”



Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=AqQKfrgf6E>. Acesso em: 30 jun. 2021.

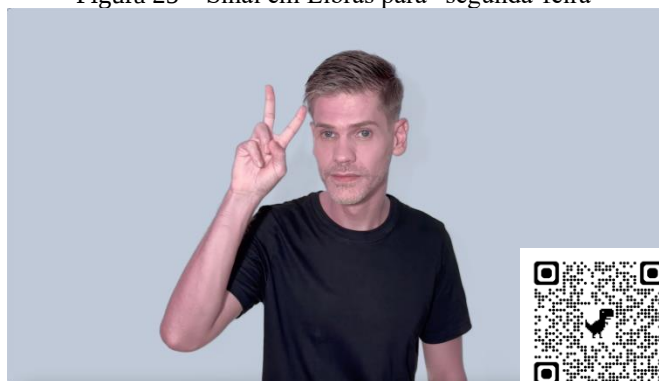
O terceiro parâmetro é quando um sinal apresenta algum tipo de movimento, que pode ser analisado quanto ao tipo – retilíneo, sinuoso, circular, semi-circular e helicoidal. Quanto à direção, os sinais podem ser unidirecionais, bidirecionais ou multidirecionais. Quanto à qualidade: tensão e velocidade do movimento. Finalmente, quanto à frequência pode-se observar o número de repetições de um movimento (Quadros; Karnopp, 2004). Por exemplo, nos sinais de “História” e “segunda feira” constatamos essa alteração da dinâmica do movimento, sendo:

Figura 24 – Sinal em Libras para “História”



Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BhadaR0Ze_o. Acesso em: 05 jul. 2021.

Figura 25 – Sinal em Libras para “segunda-feira”



Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=crKEVQJKchk>. Acesso em: 05 jul. 2021.

Nas figuras 24 e 25 temos os sinais “História” e “Segunda-feira”, respectivamente, os quais mostram, por meio dos sinais gráficos, a existência de movimentos diferentes. Ainda, se compararmos estes dois sinais, percebemos que estes diferenciam entre si apenas pelo movimento. Sendo assim, são pares mínimos, são bem parecidos, mas diferem-se pelo movimento.

A orientação da palma da mão, como o próprio nome indica, é a direção que a palma da mão aponta na produção do sinal. Conforme discutido em Quadros e Karnopp (2004), a partir da leitura de Ferreira-Brito (1995) e Marentbite (1995), temos a existência de seis tipos de orientações da palma da mão: para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a direita ou para a esquerda. Por exemplo, nos sinais de “trabalhar” e “televisão” observamos que os sinais se diferenciam apenas pela orientação da palma da mão, sendo, portanto, pares mínimos.

Em relação às expressões não-manuais, Quadros e Karnopp (2004) explicam que elas se constituem pelos movimentos dos olhos, face, cabeça ou tronco. As expressões não-manuais expressam dois tipos diferentes de significados entre afetiva (emoção – triste, feliz, nervoso,

raiva, ódio, outro) e gramaticais que são parte da gramática de Libras, podendo, por exemplo, marcar sentenças interrogativas relacionadas a “sim-não”, interrogativas, relativas a palavras iniciadas com QU- (que, quem, quando), topicalização, concordância, referência específica, referência pronominal, advérbio, sentenças negativas e afirmativas, dentre outras.

Finalmente, a importância da compreensão dos parâmetros fonológicos da Libras para esta tese aplica-se na necessidade de identificarmos, a partir da análise dos dicionários constituintes do *corpus* da pesquisa, no caso dos sinais que se alteraram com o tempo ou que apresentaram algum tipo de variação, qual foi o parâmetro linguístico modificado nesse processo, ou seja, se o sinal foi alterado ou apresenta variação em termos de configuração de mão, movimento, ponto de articulação, orientação da palma da mão ou expressão não-manual, aspectos esses que consideramos em nossas análises.

3 A HISTÓRIA DA LIBRAS E A LINGUÍSTICA BRASILEIRA

Nesta seção, vamos compreender um pouco sobre como ocorreu o processo histórico de unificação das línguas de sinais no Brasil, que viria a ser o que hoje conhecemos como Libras. Inicialmente, deve-se destacar que um acontecimento célebre foi a decisão do Imperador D. Pedro II de convidar o professor Edoard Huet para visitar o Rio de Janeiro do Brasil, no ano 1855. Em junho de 1855, E. Huet apresentou para o Imperador um relatório na língua francesa sobre sua experiência anterior como diretor de uma escola na França. A partir dessa apresentação, criou-se a proposta de uma escola para alunos surdos de famílias pobres (Sofiato, 2011).

Por sua importância, o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) foi responsável pela educação de Surdos no Brasil e ocupou, e ainda ocupa, um grande destaque na área dos estudos relacionados à Libras. Por exemplo, no século XIX, a obra de Flausino da Gama foi o primeiro registro impresso em língua de sinais publicado no Brasil, o qual foi publicado como dicionário *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, em 1875. Segundo Diniz (2010, p. 21),

Nesta história da evolução da língua de sinais, relatamos que a Libras evoluiu no século XIX, através de registros históricos e entrou em contato com a Língua de Sinais Francesa (LSF) nas mãos do professor surdo francês E. Huet. Ele veio ao Rio de Janeiro em 1855 com a intenção de fundar uma escola para surdos e, com o apoio do Imperador D. Pedro II, fundou o Instituto Imperial de Surdos-Mudos em 1857, o atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) na capital do Rio de Janeiro. Vinte anos mais tarde, em 1875, surgiu a *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, a reprodução do dicionário da LSF – um dicionário de sinais para facilitar a comunicação entre alunos surdos e professores ouvintes do INES.

Flausino José da Costa Gama era surdo de nascença que entrou no INES em 23 de dezembro de 1863, aos 11 anos. Em 1870, quando concluiu seus estudos, o ex-estudante foi escolhido para trabalhar na mesma escola como repetidor (monitor) para ajudar nas tarefas aos alunos surdos, onde ficou até 1877 (Knapik, 2022). Em seguida, 20 anos depois da criação da escola, em 1875, publicou o dicionário “*Iconographia*”. Esse fato é importante porque é parte do registro da história linguística da Libras.

Figura 26 – O primeiro dicionário de Libras do Brasil “*Iconographia*”



Fonte: Museu imperial. Disponível em:

<http://dami.museuimperial.museus.gov.br/handle/acervo/7399>. Acesso em: 14 set. 2022.

Em sua pesquisa, Sofiato (2011) analisou o dicionário de Flausino e identificou que este se tratava de uma reprodução, com modificações para a Língua Portuguesa, da obra francesa de Pélissier, de 1836. Segundo Sofiato,

a organização do dicionário de Flausino, no que diz respeito à forma de indexar o léxico, a constituição das imagens e os verbetes correspondentes às mesmas, é idêntica à do dicionário de Pélissier. É evidente que Flausino copiou a obra de Pélissier, prancha por prancha, em termos de visualidade, e supostamente traduziu os verbetes escritos em francês para a Língua Portuguesa, já que não consta o nome do tradutor na obra (Sofiato, 2011, p. 63).

Figura 27 – Capa do Dicionário da língua de Sinais da França



Fonte: Gallica. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k131991f/f5.item.texteImage>. Acesso em: 14 set. 2022.

Apesar de se tratar de um processo de tradução, nossa comunidade surda valoriza a obra de Flausino por se tratar do primeiro dicionário registrado na história da linguística dos Surdos do Brasil, mostrando a circulação e uso da língua de sinais. Cabe frisar que, no século XIX, o Brasil tinha poucos registros sobre língua de sinais, diferente da Europa, que apresenta muitas obras publicadas.

Ao observarmos a história da linguística da Libras, percebemos que a Libras é, assim como qualquer língua, uma língua viva, que muda a partir das variações de alguns sinais, assim como observa Faraco (2005, p. 14):

Queremos com isso dizer que as línguas estão em movimento, mas nunca perdem seu caráter sistêmico e nunca deixam os falantes na mão. Em outras palavras, as línguas mudam, mas continuam organizadas e oferecendo a seus falantes os recursos necessários para a circulação dos significados.

O ano de 1880 foi um marco muito triste para a educação de Surdos, principalmente quando pensamos nos prejuízos da língua e da cultura para surdos. A saber, nesta data ocorreu o Congresso de Milão, onde foi rejeitada a língua de sinais, e se aprovou o retorno do método oralista. Conforme Diniz (2010, p. 21),

Esta decisão refere-se à rejeição das línguas de sinais nas escolas de surdos, focalizando apenas a língua oral, e foi tomada durante o Congresso Internacional de Educação de Surdo, em Milão em 1880, cujo objetivo era discutir a qualidade da Educação de Surdos e a escolha do método mais

adequado no ensino. Foi votado o método oral, considerado superior ao método de sinais.

O oralismo é caracterizado pelo método oral de ensino para surdos aprenderem a língua oral ou falada. Foi um período marcado também por privação da língua de sinais, porque a sociedade acreditava que método oral era o que faria a pessoa surda melhor se desenvolver.

De acordo com Ladd (2013, p. 15),

O oralismo pode ser definido como o sistema educativo imposto às comunidades Surdas em todo o mundo durante os últimos 120 anos, que retirou, do sistema de educação de Surdos, os educadores Surdos, as comunidades Surdas e as línguas gestuais. Ao substituí-lo por um sistema exclusivamente conduzido-pelo-Ouvinte, promovendo apenas o uso da fala, da leitura labial e de aparelhos auditivos, e defendendo a total ausência de confraternização entre Crianças Surdas e adultos Surdos, eles esperavam remover a ‘necessidade de’ as comunidades Surdas existirem de todo. Capitalizei o conceito em si para refletir as dimensões de significado adicionais transmitidas ao termo pelos Surdos.

Nesse sentido, no âmbito das pesquisas linguísticas em língua de sinais, o ano de 1880 e os posteriores são marcados por bastante prejuízo para a comunidade surda mundial, uma vez que foi proibido o uso da língua própria comunidade surda, isto é, a língua de sinais, além dos prejuízos no que se refere à valorização das línguas de sinais. Por esse motivo, refletirmos e analisarmos sobre a história da Linguística é uma forma de entendermos também que cada língua tem a sua história e que as línguas de sinais são diferentes em cada país. Assim, muitas apresentam diferentes situações históricas, influenciada por múltiplos fatores.

De acordo com Faraco (2005), as línguas têm histórias que mudam com o tempo. Cientificamente, as línguas possuem uma origem, uma família linguística. Assim, temos hipóteses que tentam explicar os vários fenômenos e as mudanças que ocorrem ao longo do tempo, ao pensarmos a realidade e a história linguística da Libras.

Interessante analisar que o professor surdo Huet ensinou alunos surdos no Rio de Janeiro e criou escola para surdos, adotando, inicialmente, a Língua Francesa de Sinais (LSF). Sobre esse processo, Sofiato (2011) afirma que a LSF influenciou na origem da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Além disso, Knapik e Rocha (2022) apresentam que a criação da primeira escola para surdos no Brasil teve ligação com o movimento de abertura de várias escolas de surdos na Europa e na América, desde o abade l’Epée, com defesa das línguas de sinais que se expandiram ao mundo. Por isso, por meio desse movimento de defesa, podemos constatar a criação de vários institutos semelhantes, a exemplo do INES.

Dessa forma, defendemos que é preciso mais estudo sobre a origem da Libras, não só pela influência da LSF, mas também sobre a influência de outras línguas de sinais, por exemplo, a influência dos sinais caseiros⁴ (há várias formas nos interiores dos Estados no Brasil), as línguas de sinais indígena e até o empréstimo para Libras de sinais da ASL (*American Signs Language*) ou outras.

Além da história, outra questão a ser analisada refere-se aos aspectos geográficos. Sabe-se que o Brasil é um país muito extenso e os surdos podem ter tido influência de outras línguas e de outras formas de se comunicar também que não somente da LSF. Portanto, é muito importante mais pesquisas sobre a história da Libras. Um caminho possível seria um estudo comparativo do léxico de Libras e as demais línguas, como LSF e ASL. Apesar de não ser a pretensão deste estudo, podemos ilustrar tendo como exemplo sinal “novo”. Esse sinal em Libras tem uma proximidade maior com o sinal em LSF.

Figura 28 – Sinal “novo” na Língua de Sinais Francesa (LSF)



Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SdkR8nuzSg4>. Acesso em: 25 set. 2022.

Figura 29 – Sinal “novo” em Língua de Sinais Americana (ASL)



Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V1GXOQ-cZQU>. Acesso em: 25 set. 2022.

⁴ A propósito, Santos (2023) faz um estudo detalhado sobre a natureza dos sinais caseiros, chamados pela autora de línguas familiares de sinais.

Figura 30 – Sinal “novo” em Libras



Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y0gSLwz5MY8>. Acesso em: 25 set. 2022.

O sinal “novo” em Libras se assemelha mais ao sinal da LSF, diferenciando-se apenas pela orientação da mão. Além disso, em LSF, são usadas ambas as mãos, ao passo que, em Libras, somente uma, mas a configuração da mão e o movimento são similares. A ASL também recebeu influência da LSF, mas o sinal “novo” nessa língua não se aproxima das formas adotadas em Libras e em LSF.

Se observarmos o dicionário de Libras mais antigo do Brasil, *a Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, podemos ver que aconteceu o fenômeno da mudança lexical para o sinal “novo”:

Figura 31 – Sinal “Novo” no dicionário Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos

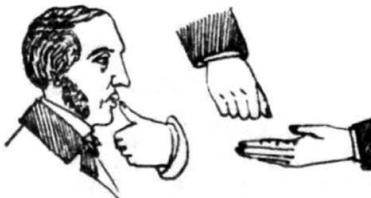
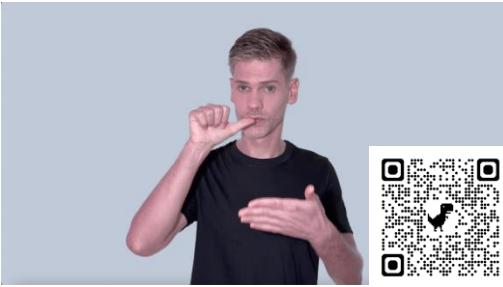


Fonte: Gama (1875, p. 30).

Observando o dicionário, vemos que, no Brasil, naquela época, o sinal “novo” era representado igualmente à LSF. Sabemos que o professor Huet surdo veio e ensinou aos alunos surdos no Brasil, e esse processo poderia nos ajudar a entender esse registro.

Um outro exemplo seria o sinal de “carta”, que apresenta muita similaridade entre Libras e LSF. Ainda, podemos também comparar os sinais “duro” e “carne”, que trabalham são similares nas duas línguas, conforme as figuras:

Quadro 6 – Sinal "carta" em diferentes línguas de sinais

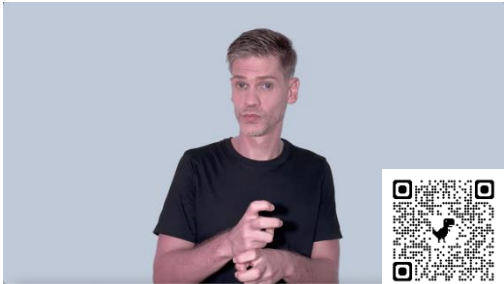
Libras (1875)  14. Carta 15. Carta Fonte: Gama (1875, p.18)	Libras (2024)  Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cOVcDXsDUuc Acesso em: 22 fev. 2024.
	LSF  Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MnhePbQncO4 Acesso em: 22 fev. 2024
	ASL  Variante 1 Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-Wxaf3UoyYw Acesso em: 22 fev. 2024
	

	Variante 2 Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XFYdH6C8QvE Acesso em: 22 fev. 2024
--	--

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

No caso do sinal de “duro”, em LSF, ASL e Libras, ao consultarmos o *site* <https://www.spreadthesign.com/pt.br/search>, percebemos que diferenciam-se somente pela configuração da mão de apoio, sendo similares nos outros parâmetros.

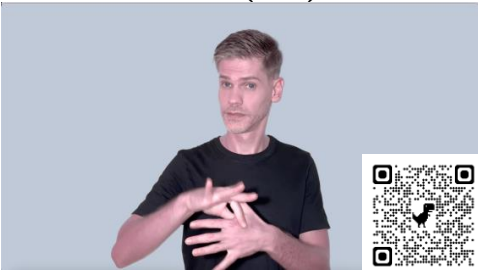
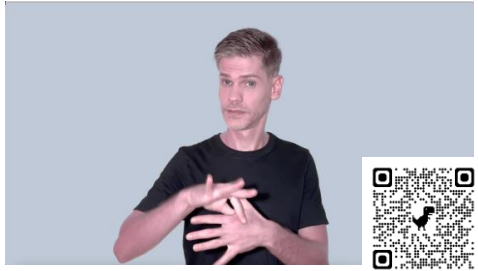
Quadro 7 – Sinal “duro” em diferentes línguas de sinais

Libras (1875)  20. Duro Fonte: Gama (1875, p. 30)	Libras (2024)  Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qECTwjcR7Kk Acesso em: 22 fev. 2024
	LSF  Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Yhmp6SL8fyw Acesso em: 22 fev. 2024
	ASL  Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LaMGg31oGGI Acesso em: 22 fev. 2024

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

As duas formas do sinal, em Libras, são bastante próximas, mas se diferenciam apenas pela mudança na orientação da mão, quando comparamos a forma mais antiga e a forma atual. Interessante que a LSF atual apresenta um sinal diferente do sinal que o professor Huet ensinou. Ainda, quando comparamos os sinais em ASL e na LSF, eles se assemelham (Abreu; Salvador, 2020).

Quadro 8 – Sinal “carne” em diferentes línguas de sinais

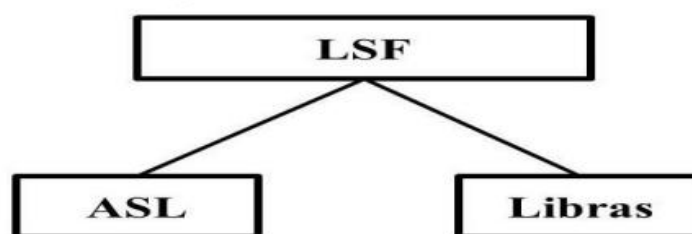
Libras (1875)  3. Carne Fonte: Gama (1875, p. 14).	Libras (2024)  Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ir7B4_LiaRo Acesso em: 23 fev. 2024
	LSF  Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XQSDb-x-qJI Acesso em: 23 fev. 2024
	ASL  Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vvmGgQAQnQw Acesso em: 23 fev. 2024

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

Observamos que em Libras, no século XIX, o sinal somente é diferente pela forma da configuração, tanto a ativa quanto a passiva. Ou seja, antigamente a configuração da mão passiva era realizada com os dedos unidos e a mão ativa em forma de pinça. Em sua forma atual, o sinal em Libras se aproxima das formas realizadas em LSF e em ASL. É interessante observar que ocorreu a mudança somente em uma configuração da mão entre três língua de sinais, que apresentam formas bem próximas.

Como se pode observar por meio dessas análises introdutórias, as formas linguísticas entre Libras, LSF e ASL muito se assemelham. Como justificativa, podemos discutir que essa relação e influência tem suas motivações pautadas no processo histórico da educação de Surdos nesses países, uma vez que será a LSF a língua adotada nesse momento inicial de escolarização no Brasil e nos Estados Unidos da América (Knapki; Rocha, 2022).

Figura 32 – Influência da LSF na ASL (Estados Unidos da América) e na Libras (Brasil)



Fonte: Abreu e Salvador (2020, p. 305).

Como tento abordar nesta pesquisa, surge a necessidade de se estudar e buscar registro na história para melhor entendermos as origens das línguas de sinais, especialmente da Libras, foco do nosso estudo. Como sabemos, apesar de não ser nova, a Libras é reconhecida oficialmente como língua no Brasil somente em 2002; por isso, é necessário que haja pesquisas na atualidade que discutam essas questões.

A preocupação em compreender e investigar a Libras surge juntamente também com a conquista da educação de surdos. No momento em que a Libras passa a ser objeto de ensino e aprendizagem, surge a necessidade de sistematização da língua e, com isso, as suas investigações. Como é sabido, o professor E. Huet criou a primeira escola de surdos no Brasil, em 1857, o atual INES. Depois desse feito, o professor E. Huet se mudou para México. Conforme descrevem Bentes e Hayasi (2016, p. 860),

Huet dirigiu o Instituto Imperial para Surdos-Mudos de Ambos os Sexos desde a sua fundação, em 1857, até 1861. Uma primeira versão para sua saída, fornecida por Rocha (1997), é a de que esta teria sido ocasionada por conflitos conjugais, financeiros e intrigas pessoais com o Marques de Olinda. Uma

segunda versão complementar é dada por Oviedo (2007), ou seja, a aceitação de Huet a um convite para fundar uma escola de surdos no México.

Outro fato importante é que o primeiro dicionário no Brasil, no ano 1875, foi também produzido e adotado no INES. Nesse sentido, é importante estudar obras lexicográficas para comparar os sinais antigos e os atuais, pois isso nos dará mais informação sobre processos de variação e mudança na Libras.

Para o fechamento desta subseção, é preciso que entendamos também o processo da língua de sinais em relação aos fenômenos linguísticos, tais como as variações e as mudanças linguísticas. Para isso, resgatamos uma breve revisão bibliográfica da história e da educação dos surdos, analisando os registros de âmbito mundial e, também, nacional, indo do Brasil até a Bahia.

Desse modo, na próxima seção, abordaremos o processo de mudança linguística da Libras, considerando três processos linguísticos: sinais que caíram em desuso, sinais que foram modificados e aqueles que apresentam variação.

3.1 A variação linguística na Libras

A Libras está sujeita ao fenômeno da variação linguística, que é uma característica das línguas naturais, que se modificam conforme o uso (Cf. Labov, 2008 [1972]). Nas Línguas de Sinais temos variação lexical a partir da influência de aspectos regionais, de gênero, raça, idade, sexualidade, estilo, posição social dos falantes (Xavier, 2019). No caso da libras, Xavier (2019) observou, por exemplo, fatores que modificam o léxico da Libras: a variação regional, variação relacionada à sexualidade e variação estilística, em termos de formalidade.

Como vimos, a variação é um fenômeno inerente às línguas naturais, sendo esse o objeto de estudo da Sociolinguística (Cf. Labov, 2008 [1972]). Para Tarallo (2007), as formas linguísticas que estão em variação são denominadas de “variantes linguísticas”, ou seja, distintas formas de realização de um fenômeno da língua e, em conjunto, constituem a “variável linguística”. Dessa forma, a variável linguística é tida como a unidade de análise da Sociolinguística. Como há uma relação entre língua e comunidade, não é possível se verificar o desenvolvimento de uma determinada mudança linguística fora das práticas sociais da comunidade na qual ela ocorre, uma vez que há essa indissociabilidade entre a linguagem e as relações sociais (Veloso, 2014).

Nesse sentido, elementos como o contexto social e histórico, a cultura, a faixa etária de uma determinada comunidade, o regionalismo, entre outros aspectos extralinguísticos, são

considerados elementos indissociáveis e determinantes na forma linguística e no uso social de uma língua (Santiago, 2014), a exemplo do que acontece na Libras e em outras línguas de sinais. Portanto, assim como destacado por Labov (2008, p. 21), “as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo”.

Por exemplo, na perspectiva da variação lexical, ao considerarmos as formas linguísticas utilizadas no estado da Bahia, temos casos de variação para o sinal em Libras para o mês de “março”. Pela minha experiência, vejo que o sinal de “março” utilizado na Bahia não é muito conhecido em outros Estados. E isso fica ainda mais evidente ao observamos que, ao analisar a variação regional para indicar o mês de “março” em dados coletados no Inventário Nacional da Libras, Xavier *et al.* (2023) constataram algumas possibilidades para o sinal, mas nenhuma delas se aproxima à forma linguística utilizada na região metropolitana de Salvador. Ao considerarmos a variante apresentada como a utilizada no estado da Bahia, observa-se que ela também se distancia da usada na cidade de Salvador. Desse modo, essa discussão nos ajuda a reforçar que a variante para o mês de “março” adotada na região de Salvador é desconhecida nos âmbitos científicos e regionais. Em contrapartida, se considerarmos esse exemplo registrado no dicionário *Comunicando em Libras - Módulo 1* (Jesus *et al.*, 2006), verificaremos que a variante da cidade de Salvador encontra-se catalogada neste material.

Segue abaixo a figura que ilustra a variante para o sinal de “março” utilizada na região de Salvador.

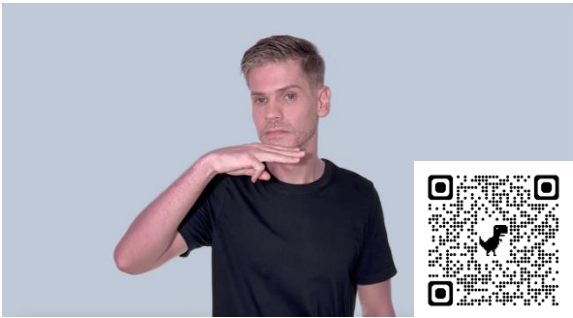
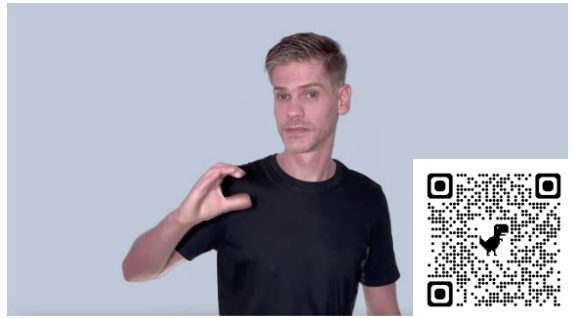
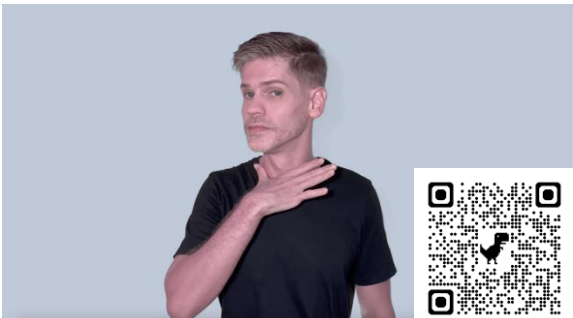
Figura 33 – Sinais em Libras para o mês de “março” em Salvador



Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ra2NJbVxCqM>. Acesso em: 25 fev. 2024.

De modo complementar, segue a ilustração de outras variantes para o sinal de “março” utilizadas em outros estados brasileiros.

Quadro 9 – Variantes em Libras para o sinal “março” em diferentes estados

Sinal	Estado
 Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HoTYbDRLR4 Acesso em: 25 fev. 2024	São Paulo
 Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gR-2hJ7CJYk Acesso em: 25 fev. 2024	Sergipe, Bahia, Piauí, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Amapá e Pará
 Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Syr6VeuSntQ Acesso em: 25 fev. 2024	Santa Catarina

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor a partir de Schmitt, Lohn e Quadros. (2023).

No quadro 9, pode ser visualizado o sinal adotado na maioria dos estados para “março”, e usado também em algumas cidades na Bahia. Na cidade de Salvador é mais utilizado o sinal apresentado na figura 33. Contudo, como temos a existência de sinalizantes diversos, pode-se constatar também os usos das variações apresentadas acima. Dessa forma, este é um exemplo

para variação linguística, sendo que grande parte dos integrantes da Comunidade Surda não conhece essa variação apresentada no quadro anterior.

A partir do apresentado, verifica-se que a Libras sofre, também, variações diacrônicas e que o uso social é a condição para que muitas delas aconteçam. Portanto, acreditamos que o estudo das línguas de sinais sob a perspectiva sociolinguística reforçará o seu caráter natural, mostrando que existe uma escolha de parâmetros condicionados ao tempo, lugar e posição, o que as torna heterogêneas e multidialetais.

Precisamos considerar que a variação linguística é um fato dado e que as pessoas estão sujeitas a vivenciarem algumas opressões em decorrência desse não reconhecimento ou não prestígio de uma determinada variante linguística. Nesse sentido, de acordo com Castro Júnior (2014, p. 130),

A variação linguística é uma temática para estudos e pesquisas que buscam mostrar a verdadeira identidade sociocultural do falante. É preciso considerar a variação linguística como fato real presente no dia a dia das pessoas, as instituições de ensino devem compreender, de uma vez por todas, que seus alunos falam de maneira diferente, e isso deve ser não só estudado, como, também, especialmente, valorizado. Deve-se ensinar que a língua que o Brasil fala é multifacetada, mas que há uma variante ou dialeto de prestígio, que todos têm que aprender, pois é através desta que se tem acesso a bens culturais mais valorizados.

Ainda, é importante refletirmos que as variações linguísticas podem gerar uma série de preconceitos linguísticos, aspecto esse que será abordado em uma seção específica, dada a sua importância e profundidade necessária. Dessa forma, é necessário respeitar as variedades linguísticas espalhadas pelo Brasil e buscar valorizar essas variações pela própria comunidade surda.

3.1.1 Os conceitos de “variante” e de “mudança linguística” nos estudos do léxico da Libras

A Lexicologia pode ser compreendida como um campo de estudos do léxico, e assume como seu objeto teórico de investigação a unidade de análise por meio de “palavra” (Machado Filho, 2020). De acordo com Lopes (2020), o trabalho dos lexicólogos tem como base de análise as palavras ou os sinais. Desse modo, o léxico constitui a língua, por signos linguísticos, e é formado por unidades linguísticas, padrões e variantes.

Pode acontecer a variação ou mudança do léxico em Libras, ou seja, a mudança cronológica leva à alteração nas formas de sinalização. Segundo Calvet (2007), é importante que haja coleta

de dicionários, uma vez que é necessário que se reporte a esses vocabulários, por isso observa-se a pertinência da criação e análise de dicionários para Libras.

Amparados em Souza e Segala (2009), que, por sua vez, se baseiam em Labov (2008 [1972]), deve-se compreender que os estudos diacrônicos da língua de sinais foram desenvolvidos nos últimos 50 anos, com o objetivo de atestar seu *status* como língua natural. Mais tarde, também, tivemos a inserção da noção de comunidade de fala, ou seja, a constituição de uma comunidade de sujeitos que interagem entre si a partir de uma língua em comum e que possuem um conjunto de avaliações sobre a língua (Labov, 2008 [1972], p. 150).

Ainda, é importante fazermos uma reflexão comparativa entre as línguas de sinais e as línguas orais. Como é sabido, elas apresentam modalidades linguísticas distintas, sendo as primeiras visuais-espaciais e a segunda orais-auditivas. A percepção dessas diferenças pode ser influenciada também devido à falta de registro, uma vez que antigamente não tínhamos à disposição tecnologias que possibilitassem o registro audiovisual que temos hoje e não havia uma convenção de registros dos sinais na modalidade escrita. Todavia, em termos diacrônicos, as línguas de sinais são bem antigas também.

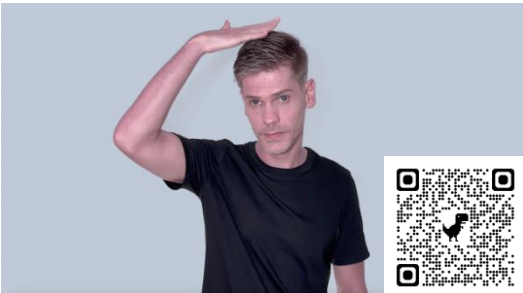
Neste sentido, objetivamos também abordar sobre as mudanças linguísticas segundo os pressupostos teóricos labovianos, uma vez que os estudos sobre mudanças linguísticas nas línguas de sinais assumiram aspectos mais estruturais. Eles buscavam, segundo Quadros e Karnopp (2004), a existência de traços que as caracterizavam pela sua flexibilidade e versatilidade, arbitrariedade/convencionalidade, descontinuidade, criatividade/produtividade, dupla articulação, padrão de organização dos elementos e dependência estrutural.

Segundo Souza e Segala (2009), será necessário remeter aos aspectos da gramática da Libras, assim como da comunidade de falantes, isto é, considerar seu aspecto sócio-históricos. Partimos dos pressupostos teóricos desenvolvidos pela Sociolinguística, que, embora sejam mais explorados tendo em vista as línguas orais, estes devem ser considerados em discussões cujo objetivo seja desconstruir paradigmas a respeito das concepções de língua, de contato linguístico e de variação e mudança linguística nas línguas sinalizadas.

No caso das variantes linguísticas, essas podem ser entendidas, segundo Paulista (2016, p. 162), como “formas individuais que ‘concorrem’ em uma variável”, ou seja, são formas linguísticas que, apesar de indicar a mesma coisa em contextos similares, recebem valores distintos pelas comunidades, estando, em decorrência disso, em relação de concorrência. Desse modo, podemos conceber a existência de uma variedade padrão frente a uma não-padrão, de prestígio em decorrência da estigmatizada, dentre outras possibilidades. Ainda, essas variantes podem ser ocasionadas por fatores de ordem linguística (como CM e outros) e de ordem

extralinguística, a exemplo da distribuição geográfica, das classes sócio-econômicas, idade, grau de escolaridade, sexo (gênero e orientação sexual), etnia e outros.

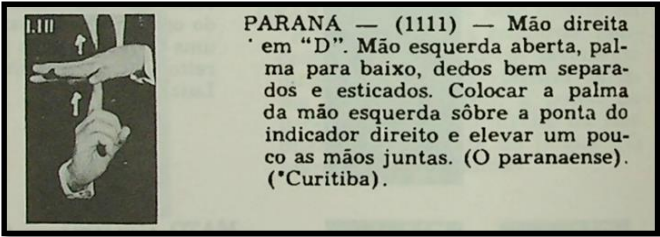
Por exemplo, no caso da Comunidade Surda brasileira, o sinal em Libras para se referir ao estado do “Paraná” (ver Quadro 10), sofreu, aparentemente, uma influência da forma como “Pará” e “Paraná” são articuladas oralmente em língua portuguesa, e, assim, ocorreu uma mudança do sinal (ver Quadro 10). Nesse sentido, hipotetizamos que essa mudança (ou confusão? ou empréstimo?) pode ser atribuída pelo fato de algumas pessoas surdas fazerem leitura labial e, assim, ambas as palavras, “Paraná” e “Pará”, ao serem articuladas, são muito parecidas; todavia o sinal convencionado é “Pará” e não “Paraná”, assim como relata Oates (1983).

Quadro 10 – Mudança do sinal “Paraná”	
Sinal “Paraná” - primeira variante	Sinal “Paraná” - influência da oralização e analogia com o sinal de “Pará”
 Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KP5qjsQTWuA Acesso em: 26 fev. 2024	 Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rbGhAHgPOec Acesso em: 26 fev. 2024

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

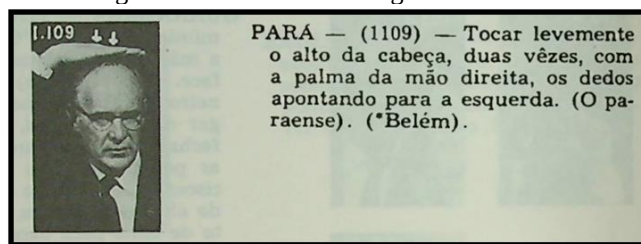
O quadro 10 retrata o sinal “Paraná” em suas duas variantes já existentes. Esse foi o primeiro registro, considerado o mais antigo, assim como foi representado em Oates (1983), disponível nas figuras a seguir.

Figura 34 – Sinal de Paraná registrado em 1983



Fonte: Oates (1983, p. 266).

Figura 35 – Sinal de Pará registrado em 1983



Fonte: Oates (1983, p. 266)

Além dessas variantes apresentadas dos sinais “Paraná” e “Pará”, temos a influência do contato em português oral da palavra “Pará” e “Paraná”, isto é, a mistura de uma ou mais língua. No caso, temos uma espécie de contato linguístico entre duas línguas de modalidades diferentes, uma língua de sinais e a outra língua oral. Dessa forma, fatores como esses influenciam as comunidades surdas, pois a língua predominante pode ser apenas a língua de sinais e outra pode ser bilíngue e bimodal, apresentando uma mistura de vários empréstimos linguísticos, entre outros. De acordo com Adams (2012, p. 851 *apud* Xavier, 2019, p. 50):

Efeitos são de tipos variados, abrangendo, além do bilinguismo, o uso de pidgins, códigos manuais, língua de sinais de contato, empréstimos linguísticos, alternância, mistura e sobreposição de códigos, soletração manual e oralização. Além desses, têm-se também o declínio e a mudança linguísticos, bem como a morte de uma língua. Vale ressaltar que, excetuando-se os efeitos decorrentes das diferentes modalidades, os resultados do contato entre línguas sinalizadas e línguas faladas são semelhantes aos atestados no contato que envolve apenas estas últimas.

Neste sentido, precisamos de mais pesquisas na Comunidade Surda em relação à mudança ocorrida no sinal “Paraná”, sobre a hipótese de alguns pesquisadores, e até mesmo a minha, em relação ao fato de que a leitura labial poderia influenciar na Libras, pois, nesse caso, os Surdos pensaram ser “Paraná”, mas era a palavra “Pará(NA)”, tratando-se de uma variação e mudança linguística na Libras resultante do contato com o português.

3.1.2 A Libras e a constituição da norma-padrão

Quando se pesquisa as línguas de sinais, em especial, a constituição de dicionários em Libras, logo se pergunta se essa língua teria uma norma-padrão e qual seria a variedade linguística que ocuparia esse *status*.

A norma-padrão pode ser entendida como a norma gramatical estabelecida em qualquer língua, isto é, o ato de padronizar a língua em uma forma idealizada, imaginada, seleção essa

geralmente ligada a grupos e instituições que, em uma determinada comunidade, podem ser considerados elite e valem-se da norma-padrão como uma forma de estabelecer controle, desconsiderando a diversidade que uma língua apresenta. É considerar que há apenas uma forma certa de falar uma língua (Faraco, 2008).

Os estudos linguísticos que discutem a questão da norma da língua têm crescido, principalmente após o desenvolvimento da Sociolinguística. Isso porque as pesquisas têm evidenciado que não há como controlar a variação e mudança da língua, principalmente na modalidade falada (oral e sinalizada).

Segundo Faraco (2008), a normatização do português no Brasil não se deu observando a forma habitual de seus falantes, mas pela escrita de textos de escritores letrados. Desde então, tem se instituído essa norma por meio do ensino da escrita “correta” do sistema (normatizando os aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais) e da gramática dessa língua. Assim, aos falantes do português, é necessária a escrita correta conforme a norma adotada como padrão.

Contudo, sabemos que o Brasil é um país extenso, possuindo muitas cidades e estados e uma variedade de comunidades de fala que nem sempre falam conforme o previsto na gramática tradicional, normativa, apesar de aprenderem a norma-padrão do português nas escolas. Muitas variedades regionais e sociais não são consideradas na norma-padrão. Por exemplo, a maioria no Brasil utiliza o pronome “você”; no Rio Grande do Sul e em outras regiões do Brasil emprega-se o “Tu”. Contudo, em termos de normatização, a variante “você”, mais inovadora, é largamente difundida em múltiplos instrumentos (Faraco, 2008).

De acordo com Bortoni-Ricardo (2005 [1945], p. 14):

A escola é norteadada para ensinar a língua da cultura dominante; tudo o que se afasta desse código é defeituoso e deve ser eliminado. O ensino sistemático da língua é de fato uma atividade impositiva. Para alguns estudiosos, há mesmo uma incompatibilidade entre uma democracia pluralista e a padronização linguística. Isto fica mais evidente em países plurilíngues, onde os falantes de línguas minoritárias têm de aprender e usar, em muitos domínios, a língua majoritária.

É principalmente pela escrita que se institui a norma-padrão de uma língua, pela escrita de livros e jornais, que nem sempre apresentam toda a variedade linguística do português brasileiro. De acordo com Faraco (2008), é um fato que a norma tem organização estrutural da gramática, mas não se pode afirmar que os enunciados do senso comum ou falantes de variedades linguísticas de uma determinada língua falam sem gramática.

Assim, reconhecemos que no Brasil, apesar dessa diversidade linguística, existe uma norma-padrão para português brasileiro. Mas, se já é difícil conceber uma norma dessa língua,

mais difícil ainda é pensar numa norma-padrão pura, porque é preciso limites de cada uma delas. Ainda segundo Faraco (2008),

Não existe, em suma, uma norma “pura”: as normas absorvem características umas das outras – elas são, portanto, sempre hibridizadas. Por isso, não é possível estabelecer com absoluta nitidez e precisão os limites de cada uma das normas – haverá sempre sobreposições, desdobramentos, entrecruzamentos (Faraco, 2008, p. 44).

Alguns pesquisadores têm apontado que a busca por essa norma-padrão, como corrigir a língua para escrever bem, pode culminar em preconceito linguístico, porque a língua é fenômeno natural e existem várias comunidades falantes que usam uma variedade que muitas vezes não é respeitada. Esse preconceito é muito forte nos espaços educacionais quando se ensina um sistema de escrita.

Infelizmente, existe uma tendência (mais um preconceito!) muito forte no ensino da língua de querer obrigar o aluno a pronunciar “do jeito que se escreve”, como se essa fosse a única maneira “certa” de falar português. (Imagine se alguém fosse falar inglês ou francês do jeito que se escreve!) Muitas gramáticas e livros didáticos chegam ao cúmulo de aconselhar a professora a “corrigir” quem fala muleque, bêjo, mínimo, bisôro, como se isso pudesse anular o fenômeno da variação, tão natural e inevitável na vida das línguas (Bagno, 2015 [1961], p.79).

Frente a esse contexto, caberia nos questionar: como ocorre a normatização das línguas de sinais, particularmente da Libras em contexto nacional?

É verdade que a Libras, assim como as demais línguas, é diversa. O Brasil é grande e possui várias comunidades surdas com variedades linguísticas da Libras entre as cidades e os estados, o que torna difícil adotar uma dessas variedades como norma.

Além da presença da Libras como língua nacional e urbana, há de se considerar também a existência de outras línguas de sinais emergentes provenientes de comunidades rurais isoladas, ribeirinhas e indígenas (Quadros, 2019). Por exemplo, há registros da Língua de Sinais Cena, desenvolvida em uma comunidade rural de surdos na região de Várzea Queimada, no Piauí (Almeida; Nevins, 2020).

Assim, a Libras foi se constituindo dessa diversidade linguística, com influências e contato com outras línguas de sinais, a exemplo da língua de sinais francesa, americana, com os sinais caseiros, sinais indígenas, comunidades em regiões de fronteira, sinais das várias comunidades surdas do sul, sudeste, nordeste, norte e centro-oeste. A aquisição da Libras

também teve grande influência das experiências das igrejas nos trabalhos missionários, com a criação de sinais específicos de cada religião, por exemplo (batista, católica, espíritas e outros), das escolas, nos trabalhos políticos, nas associações dos surdos etc (Silva, 2011; Brito, 2016).

Na tentativa de tornar acessível e contribuir com a disseminação da língua de sinais no Brasil, alguns livros e recursos didáticos foram construídos. Inicialmente, tivemos o livro *Iconografia dos Signaes dos Surdos-mudos*, publicado em 1875 pelo ex-aluno do INES, Flausino José da Gama, que foi contratado para ser um repetidor de sinais aos seus colegas (Felipe, 2001). Outro livro que teve grande repercussão foi o dicionário de linguagem de sinais do padre americano Eugênio Oates, publicado em 1961, com 1276 sinais (Diniz, 2011). De acordo com Felipe (2001, p. 01), “esses dois livros foram, durante décadas, o material didático utilizado pelos instrutores surdos para ensinar sua língua”.

Consideramos nesta tese que os dicionários, resultado de políticas linguísticas (Lagars, 2018), podem ser tomados como instrumentos de padronização e normatização da Libras, já que sua divulgação faz com que muitas comunidades adotem sinais presentes nesses documentos. Entendemos, ainda, que os dicionários existentes podem atuar na padronização e normatização do registro da Libras, o que, em decorrência, pode contribuir também com questões de acesso da comunidade surda a ações como Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) em Libras, na realização de vestibulares, o estudo para outras formas de seleção e concursos.

Podemos perceber que a tentativa de normatizar os sinais da Libras ganha força mediante as políticas de formação e de ensino da língua. O primeiro livro produzido pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) sobre a gramática da Libras foi o volume III da Série Atualidades Pedagógicas, de 1997, livro de base para formação de professores no Ensino Fundamental. No mesmo ano, o MEC financiou a “publicação da 1ª edição do livro Libras em Contexto e o I Curso de Capacitação para Instrutores promovido pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis) [...]”. Este curso objetivava o ensino da Libras a ouvintes, surdos, professores” (Santos, 2015, p. 100).

Figura 36 – Libras em contexto – livro do curso básico de Libras



Fonte: Estante virtual. Disponível em: <https://www.estantevirtual.com.br/livros/tanya-a-felipe/libras-em-contexto-curso-basico-livro-do-estudante-cursista/2463040814>. Acesso em: 22 mar. 2023.

Os instrutores de Libras passaram a ensinar a língua nas cidades e no interior a partir desse livro, observando a gramática normativa proposta por ele. Em consequência da divulgação e uso desse material nos cursos ofertados no Brasil, a variedade da Libras registrada ali passou a ser considerada a norma-padrão diante da diversidade de sinais indígenas, caseiros e sinais de outras comunidades existentes.

É importante informar que o desenvolvimento de muito material didático e de dicionários não levou em consideração a diversidade linguística de sinais existentes nas várias regiões do país. Algumas pesquisas e produções privilegiaram os sinais de comunidades do sul e sudeste do país, a exemplo do primeiro dicionário enciclopédico ilustrado trilingue de língua de sinais brasileira (2001) e do exame de proficiência em Libras – Prolibras⁵, que, apesar de terem sido feitos para todo o Brasil, foram produzidos com sinais das comunidades surdas do sul e sudeste, e, por isso, muito surdos e ouvintes das demais regiões do país não reconheciam o significado de muitos sinais.

As pesquisas e diferentes produções em Libras precisam ser construídas respeitando-se a diversidade linguística. Elas precisam respeitar e valorizar a cultura de cada região, por exemplo, da região da Bahia. Sabemos que Salvador foi a primeira capital do país e tem uma cultura peculiar e, portanto, possui sinais específicos, como acarajé, caruru, etc., mas muitas pesquisas e produções ignoram essa variedade.

⁵ Criado pelo Ministério da Educação, o Prolibras é um programa nacional que realiza exames para obtenção de dois tipos de certificados: "Certificado de Proficiência no Uso e Ensino da Libras" e "Certificado de Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa". A certificação do Prolibras pode ser considerada um título que prova a competência e proficiência para o ensino ou interpretação e tradução da Libras. Disponível em: <https://www.libras.com.br/prolibras> Acesso em: 02 ago. 2022.

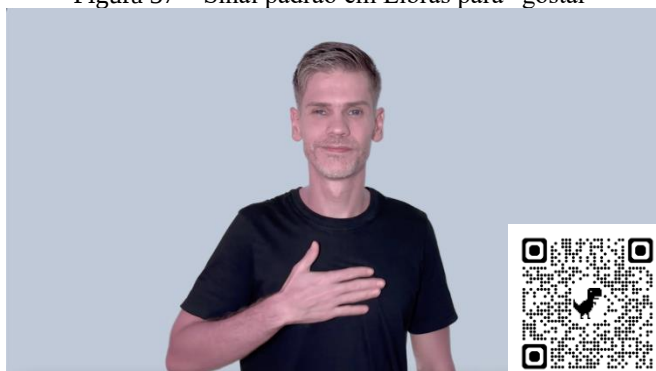
Outro aspecto que auxiliou na convenção da Libras e de sua gramática foi o curso de Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que foi ofertado na modalidade à distância (EaD) por vários polos em universidades de diversas capitais do país, como Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal do Ceará (UFC) e outras.

Os alunos surdos e ouvintes aprenderam com os professores da UFSC, e, portanto, passaram a interagir com os sinais daquela comunidade, padronizando assim estruturas e itens lexicais. Contudo, apesar desse curso fortalecer a padronização da Libras, a criação do curso de Pedagogia Bilíngue (Libras/Língua Portuguesa), em 2018, pelo INES, com professores de outras regiões, embora esses professores sejam de regiões próximas, pode-se perceber que em suas produções sinalizadas há muitos sinais diferentes, evidenciando que a Libras tem muita variação e está distante de ter uma norma única.

Assim, esses materiais de propagação da Libras e as escolas não podem ignorar as diferenças sociolinguísticas, porque a língua é compreendida como um bem cultural. Segundo Bortoni-Ricardo (2005[1945], p. 14), “a distribuição injusta de bens culturais, principalmente das formas valorizadas de falar, é paralela à distribuição iníqua de bens materiais e de oportunidades”.

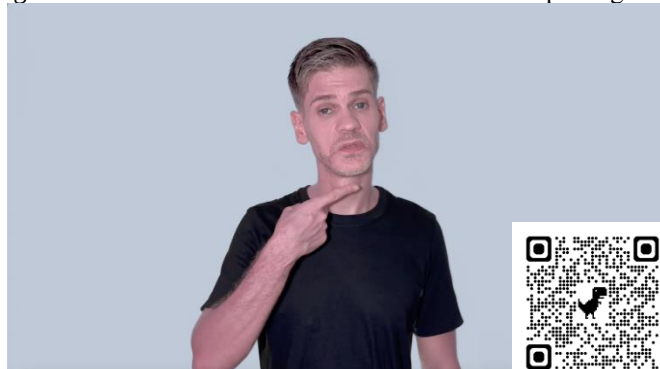
Ao tentar ensinar Libras, temos que considerar que as comunidades surdas são diversas e múltiplas e que a Libras apresenta variantes. Tomemos como exemplo o sinal de “gostar”.

Figura 37 – Sinal padrão em Libras para “gostar”



Fonte: imagem disponibilizada pelo autor. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EUVJztNH7gw>. Acesso em: 17 ago. 2023.

Figura 38 – Sinal variante no Rio de Grande do Sul para “gostar”



Fonte: imagem disponibilizada pelo autor. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BO-YdWlXovw>. Acesso em: 17 ago. 2023.

A maioria da Comunidade Surda de Salvador usa o sinal “gostar” conforme figura 37, mas alguns Surdos da Comunidade Surda do Rio Grande do Sul usam um sinal diferente, ou seja, aquele representado na figura 38 para o sinal “gostar”. Nesse caso, podemos apontar que a maioria da Comunidade Surda do Brasil usa esse segundo sinal com o significado de “vontade” e não de “gostar”.

Assim, diante desses sinais, qual o sinal padrão que deve ser ensinado nas escolas? Não há como delimitar isso quando se trata do uso da língua. Não tem como exigir o sinal correto se os dois sinais estão em uso. Contudo, alguns professores surdos e ouvintes tentam controlar essa variação e corrigir impondo um sinal padrão, que é sempre a variante conhecida e usada por ele. O seu sinal está correto e o do outro está errado.

Percebemos que no Brasil há uma valorização dos sinais do sul e sudeste em detrimento de outras regiões, como os sinais do nordeste, por exemplo. As janelas de tradução de alguns programas de televisão excluem as variedades linguísticas de alguns estados e cidades por não conhecerem os sinais. O próprio Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) em Libras que proporciona editais, vídeo provas e cartilhas em Libras ainda não consegue estabelecer um padrão da Libras, adotando sinais específicos das variantes seguidas nas regiões sul e sudeste.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2005 p. 15),

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. [...] O caminho para uma democracia é a distribuição justa de bens culturais, entre os quais a língua é o mais importante.

É importante respeitar a variedade linguística entre cidades e os estados no Brasil, também os sinais caseiros, indígenas e as fronteiras entre as línguas. Sabemos que a Libras ainda

é uma língua nova se comparada com outras línguas, e que as pesquisas sobre sua estrutura tiveram mais ênfase no sul e sudeste do país. Mas isso não significa que os surdos do restante do país não usam uma língua com gramática.

No ensino de Libras convencional existe a priorização de sua estrutura fonológica por meio dos parâmetros: configuração da mão, localização e movimento, orientação, expressão facial e corporal, bem como aspectos morfossintáticos. Isso pode ser considerado um avanço para o reconhecimento linguístico da própria língua. Mas não justifica a propagação de glossário e dicionário da Libras sem considerar a variação linguística.

É certo que “não há padrão para as informações dos termos, cada glossário ou dicionário tem suas estruturas, alguns apresentam variação linguística e outros não, por isso cada um tem suas próprias estruturas” (Martins, 2018, p. 157), mas esses dicionários e livros se tornam “regras” e são utilizados pelas escolas como norma-padrão.

Alguns professores passam a corrigir o sinal caso não se apresenta como a norma correta. Até a forma de articular a mão do aluno é corrigida. Os “erros” dos alunos em processo de aquisição da Libras eram apontados. Hoje, já se percebe que essa intervenção prejudica o aprendizado da língua e que pode ocasionar desprezo e desistência do aluno pela língua.

Então, é importante os professores entenderem que os alunos podem apresentar variação e que isso não é um “erro”. Que diferentes formas de articulação das mãos podem ocorrer no processo de aprendizagem da Libras. Precisamos ser flexíveis e ensinar aos alunos com motivação e não o contrário, obrigando um padrão.

A Libras tem importância maior para os surdos do que para os ouvintes porque é uma língua viso-gestual, mas não há como ter controle de uma língua. Apesar dos livros, dicionários, enciclopédias e cursos de Libras e de formação de professor de Libras tentarem definir uma norma padrão para a Libras, esse trabalho se torna mais difícil porque não existe o ensino formal da modalidade escrita da Libras nas escolas, assim como ocorre com o ensino do português aos ouvintes onde ensinam a gramática padrão.

Na escola, a escrita do português é ensinada como a forma correta e como norma, sem considerar os falantes de cada região. Segundo Faraco (2008), muitas comunidades rurais possuem falantes que não dominam a norma-padrão do português. São considerados pouco escolarizados. Nessas comunidades,

[...] costuma haver modos peculiares de falar (ou seja, há normas específicas) e o comportamento normal do falante é variar sua fala de acordo com a comunidade de prática em que ele/ela se encontra. É parte do repertório linguístico de cada falante um senso de adequação, ou seja, ele/ela acomoda seu

modo de falar às práticas correntes em cada uma das comunidades de prática a que pertence. Por isso, se diz que cada falante é um camaleão linguístico (Faraco, 2008, p. 40).

Essas pessoas podem sofrer preconceito linguístico, mudar sua forma de falar ou causar desprezo pelo diferente. Muitos vão para escola aprender a “norma” de sua língua por meio da escrita (como escrever), do ensinar e aprender a escrever corretamente e, em alguns casos, o “falar” considerado correto.

De modo oposto, muitos surdos do Brasil desconhecem os sistemas de escrita da Libras⁶. Existem vários sistemas de escrita propagados e utilizados em algumas produções literárias, mas a utilização maior dessa língua ocorre na modalidade falada. Os espaços que ensinam os sistemas de escrita da Libras são limitados. A maioria das comunidades surdas não utiliza a escrita de sinais e se comunica por meio de tecnologias como o celular, que transmite e grava os sinais.

Devido a sua natureza gesto-visual, a maior utilização da Libras é por meio de redes sociais, como *Facebook*, *Instagram*, *Youtube* etc. na modalidade falada. Não há nesses meios de comunicação o registro escrito da Libras impondo um padrão. Vimos que a Libras, de maneira diferente do português, tenta normatizar a língua por meio da fala (sinal) através de dicionários e livros, porque não há o ensino da escrita dessa fala.

Mas, a ausência do ensino da escrita da Libras pode ser um fator acentuado para a não constituição de uma norma padrão da mesma? Será que mesmo com o ensino da escrita pode acontecer norma padrão da Libras? É possível seguir uma norma padrão da Libras em todos os estados e cidades? O que temos, na verdade, é a consideração da Libras como uma língua padrão frente às demais manifestações linguísticas em língua de sinais no país.

Conforme vimos, a Libras é constituída por uma variedade de experiências fruto dos grupos nas igrejas, nas escolas, nas famílias, nos trabalhos, nas associações dos surdos, de cursos de Libras, políticas linguísticas e por redes sociais. Hoje, já temos uma produção de termos-sinais em glossários por área (Psicologia, Fisioterapia, Química, etc), dicionários e livros de difusão da Libras.

Esses registros são importantes para as comunidades surdas, para os profissionais intérpretes de Libras, para a aquisição de conhecimento científico e cultural. Não podemos negar a importância desse material e do esforço de construir uma gramática da Libras porque foram essas pesquisas que permitiram o reconhecimento do *status* linguístico dessa língua. Mas não

⁶ No Brasil, atualmente temos a circulação de quatro propostas de sistema de escrita para a Libras, sendo: *SignWriting*, *VisoGrafia*, *ELiS* e *SEL*.

podemos afirmar que a Libras tem uma norma padrão e desconsiderar as falas de tantos surdos nesse imenso território.

A temática da variação linguística e da norma padrão mostra-se de extrema importância para esta tese pois defendemos a necessidade de que instrumentos como dicionários e glossários insiram e apoiem o processo de divulgação de outras variantes que, muitas das vezes, estão invisibilizadas ou são excluídas, de modo a se evitar qualquer tipo de preconceito linguístico e contribuir com o reconhecimento e valorização da diversidade linguística em Libras.

3.1.3 Preconceito linguístico e Libras: importância das abordagens em política linguística

O reconhecimento legal da lei 10.436, também conhecida como a lei da Libras, surge no ano de 2002, e o decreto 5.626, o qual regulamenta a referida lei, em 2005. Todavia, apesar de termos o reconhecimento legal da Libras, ainda há poucas políticas linguísticas voltadas para a promoção do uso e da divulgação desta língua. Por isso, ainda persistem atualmente, alguns equívocos no que se refere à Libras por parte da sociedade brasileira, que ainda não compreende bem o *status* desta língua enquanto língua natural e própria da comunidade surda. Assim, é possível presenciarmos alguns atos de *bullying* e preconceito linguístico para com a Comunidade Surda; por exemplo, pessoas provocando dizendo que a língua é construída a partir de gestos ou mímicas.

Em pesquisa conduzida por Ernsen (2016; 2018), demonstramos que existe uma aparente relação entre situações de preconceito linguístico sofrido por Surdos e a língua utilizada, indicando uma relação entre a modalidade de comunicação, a exemplo de Surdos sinalizantes e Surdos oralizados, e comportamentos agressivos entre os pares. Ainda, os dados da pesquisa mostraram que, por existir uma hierarquia entre as línguas no contexto escolar, havendo discriminação motivada pelo uso de uma língua de outra modalidade e diferença cultural.

Portanto, podemos até nos recordar que recentemente presenciamos, em âmbito mundial, um dos maiores preconceitos linguísticos contra a língua de sinais, que ocorreu na África do Sul, em que houve um suposto tradutor de língua de sinais que não sabia a língua de sinais mas estava “interpretando” em TV nacional⁷. Esse episódio retrata a falta de respeito para com a língua de sinais e também com a comunidade surda em território africano. Ainda, importa mencionar que o tradutor intérprete de Libras é uma atividade desenvolvida enquanto

⁷ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2013/12/11/internacional/1386787623_500516.html Acesso: 09/08/2022.

profissional e reconhece a Libras como língua própria e natural da cultura surda e os sujeitos surdos possuem múltiplas identidades.

Outro fato que evidencia o preconceito linguístico que ainda enfrentamos na sociedade, ocorreu no ano de 2022, aqui no Brasil. O humorista Léo Lins fez um *post* em sua conta do *Instagram* afirmando que a língua de sinais é uma mímica, e também usou gestos dizendo que era em Libras. Esse fato ficou bem marcado na comunidade surda, pois foi muito frustrante.

Ainda é possível observar que a Libras enfrenta bastante preconceito linguístico no Brasil e, também, as línguas de sinais em geral, e isso ocorre em todo o mundo. Por isso é importante salientar a necessidade de se desenvolver mais pesquisa e estudo sobre políticas linguísticas da Libras, para poder reduzir o preconceito linguístico por meio da socialização de informações sobre a Libras para toda a comunidade.

Ainda sobre o conhecimento e aceitação da Libras enquanto língua própria e natural da comunidade surda, podemos considerar que vale para esta língua o que observou Bagno (2015, p. 26), segundo o qual existe também toda uma longa tradição de estudos filológicos e gramaticais que se baseou, durante muito tempo, nesse (pre)conceito irreal da “unidade linguística do Brasil”.

Esse mito é prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdade diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os mais 200 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização. [...] E, é claro, nega a existência da língua de sinais, a Libras, que é língua empregada por milhares de surdos país afora (Bagno, 2015, p. 26).

Sabemos que na sociedade, não somente dentro da comunidade ouvinte, existem muitos preconceitos linguísticos. Inclusive, até mesmo dentro da comunidade surda pode acontecer preconceito linguístico. No caso dos ouvintes, estes normalmente não conhecem sobre Libras e às vezes podem provocar se referindo que a Libras é composta por gestos ou mímica, e às vezes eles acham também que os surdos não têm pensamento e reflexão. E dentro da comunidade surda também podem ter preconceito linguístico quando, por exemplo, julgam outra comunidade surda e se comparam entre si e, até mesmo, além de às vezes poderem não respeitar as variações linguísticas, os sinais caseiros, os alofones, por exemplo jargões. De acordo com Gnerre (2009, p. 23),

Na realidade, entre tais linguagens e jargões profissionais, dos físicos, por exemplo, é difícil apontar uma discriminante em termos linguísticos e de função social. Os jargões profissionais podem ser às vezes muito conservadores e às

vezes mais inovadores. É comum que uma língua especial faça uso de léxico proveniente de alguma língua estrangeira ou externa à língua da comunidade e também de léxico elaborado pelos integrantes do grupo restrito e às vezes constantemente renovado, para poder manter a função central da linguagem especial, de definir o grupo em relação ao ambiente linguístico em que vive.

Por exemplo, no caso da Libras, diríamos que é impossível termos só uma língua como norma-padrão, pois as comunidades surdas no Brasil usam diferentes variedades da língua no Nordeste, Norte, Sul, Centro Oeste e Sudeste, além dos sinais caseiros nos interiores do Brasil e também das línguas de sinais de comunidades indígenas. É importante o respeito para com as línguas, além de incentivo à pesquisa em cada Estado, pois, algumas vezes, uma determinada comunidade surda pode criar um sinal conceito/termo que já é convencionado em outra comunidade.

De modo semelhante ao que acontece com o português, existe preconceito com a Libras falada nas outras regiões e na região nordeste. Segundo Bagno (2015, p. 68),

Como se vê, do mesmo modo como existe o preconceito contra a fala de determinadas classes sociais, também existe o preconceito contra a fala característica de certas regiões. É verdadeiro acinte aos direitos humanos, por exemplo, o modo como a fala nordestina é retratada nas novelas de televisão, principalmente da Rede Globo. Todo personagem de origem nordestina é, sem exceção, uma caricatura, um tipo grotesco, rústico, atrasado criado para provocar o riso, o escárnio e o deboche dos demais personagens e do espectador. No plano linguístico, atores não nordestinos se expressam num arremedo de língua que não é falada em lugar nenhum do Brasil, muito menos no Nordeste.

É interessante constatar que na Libras acontece algo parecido ao preconceito linguístico observado na Língua Portuguesa.

4 NOÇÕES DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA APLICADAS À LIBRAS

Em síntese, o léxico envolve o conjunto de itens lexicais que é empregado por falantes de uma língua em uma determinada região, podendo ser uma comunidade falante ou sinalizante. Um dicionário é um registro formal de parte do léxico da língua em um suporte. Dentro da Lexicografia, o léxico mobilizado por uma comunidade, ou seja, os itens lexicais, podem formar um corpus. Desse modo, os lexicólogos são os trabalhadores e estudiosos dos itens lexicais, podendo ser estes a palavra ou o sinal. Ainda, como temos acesso ao léxico quando passamos a fazer parte de uma comunidade de fala, podemos dizer que ele pode ser compreendido como uma herança cultural (Biderman, 2001). Segundo Machado-Filho e Silva (2013, p. 63),

Como é próprio a qualquer língua natural, que reflete em seu léxico, com maior vitalidade, os efeitos dos contatos culturais ou linguísticos a que se submete, muitas unidades vocabulares são frequentemente substituídas pela força da norma, sendo hoje, por exemplo, muito comuns os usos de elementos vocabulares do inglês em várias línguas oficiais de todo o mundo, mesmo em casos em que o contato de falantes não se tenha operado diretamente, mas apenas de forma tangencial, de cariz comercial, político ou tecnológico, com efeitos reais na conformação da língua.

Por isso, por ser uma unidade de análise, o léxico passa a ser estudado pela Linguística a partir de diferentes perspectivas, a depender do nível de análise e do enfoque dado.

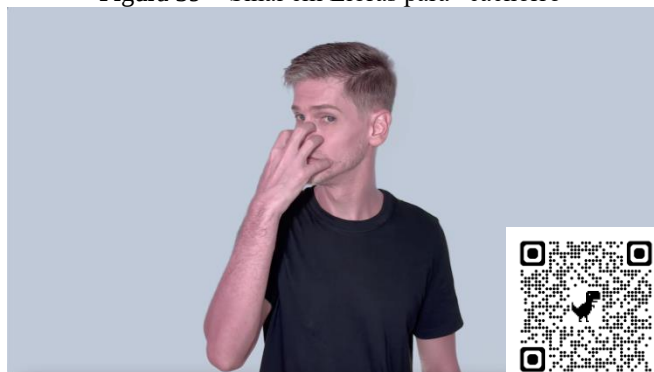
4.1 Definindo a lexicologia, lexicografia e terminologia

Importante reconhecer que, assim como outros objetos de estudo, o léxico também pode ser investigado a partir de perspectivas teórico-metodológicas distintas (Butti, 2007). Nesse caso, a Lexicologia, a Lexicografia, a Terminologia e a Terminografia têm se voltado para o estudo do léxico, cada qual adotando uma focalização investigativa e analítica.

Em síntese, a Lexicologia se ocupa do estudo do léxico do ponto de vista científico, optando por uma análise mais composicional e de processos de expansão em uma língua (Santos, 2017). Segundo Pottier (1972; 1978; 1996), ao investigar o Universo Lexical, a lexia ocupa a designação de menor unidade lexical memorizável. Desse modo, a lexia simples envolveria uma unidade de análise léxica constituída por um único lexema, a exemplo de “mãe” e “feliz”, na língua portuguesa. A lexia composta, por sua vez, envolve uma unidade composta por dois lexemas ou mais que podem ser comutáveis no paradigma, a exemplo de “guarda-chuva” e “sem-

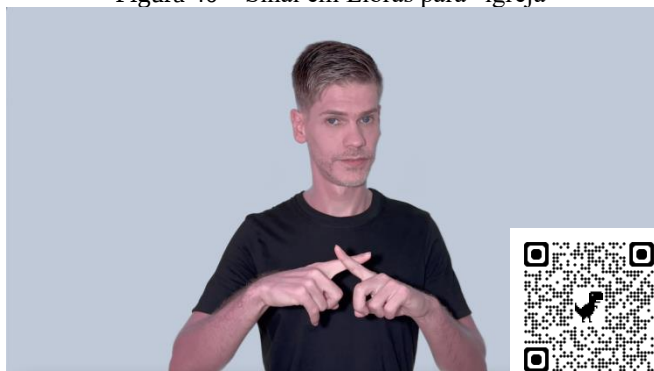
vergonha”, também em língua portuguesa. Esses mesmos processos também estão presentes na Libras, a exemplo de “cachorro” e “igreja”, respectivamente.

Figura 39 – Sinal em Libras para “cachorro”



Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jy1QZOEvmiw>. Acesso em: 14 fev. 2024.

Figura 40 – Sinal em Libras para “igreja”



Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8OesfPNcHzI>. Acesso em: 14 fev. 2024.

A Lexicografia, por sua vez, volta-se para a análise desses mesmos léxicos com a finalidade técnica de produção de instrumentos de diferentes naturezas, a exemplo dos dicionários. De acordo com Andrade (2019), a Lexicografia pode ser considerada a parte prática da Lexicologia, uma vez que ela é a responsável por possibilitar a compilação, escrita e edição de dicionários, ou seja, formas de documentação do léxico e de comprovação de possíveis mudanças lexicais.

No âmbito da Terminologia, ao voltar-se para uma área ou campo científico do saber, objetiva a investigação científica de terminologias específicas empregadas e mobilizadas nesses espaços tecno-científicos. E, finalmente, a Terminografia, tal como a Lexicografia, ocupa-se do processo de registro dessas terminologias em instrumentos linguísticos, tais como glossários, sinalários, dicionários especializados e banco de dados para terminologias (Butti, 2007).

Apesar de essas quatro áreas terem o léxico com objeto, nesta tese nossos dados e discussões estarão relacionadas principalmente com as proposições teóricas e analíticas da Lexicografia. Entendemos que este estudo vincula-se, inicialmente, à Lexicologia pois, ainda que de modo indireto, pontuamos aspectos e estratégias mobilizadas por comunidades de fala na constituição do seu léxico, a exemplo do empréstimo linguístico ocorrido entre línguas de sinais distintas, vocabulários que deixaram de existir e passaram a ser substituídos por outros, influências culturais e tecnológica, dentre outros fenômenos (Santos, 2017). Ainda, por lidarmos com a análise desses fenômenos em cinco dicionários de Libras, nos valeremos também das proposições da Lexicografia por considerarmos a análise diacrônica de dicionários da Libras em três séculos, sendo: XIX, XX e XXI. Desse modo, além de focarmos no processo de mudança histórica dos sinais, poderemos também compreender as características técnicas de constituição dos dicionários, a exemplo das ferramentas tecnológicas e recursos que possibilitaram o registro da Libras, aspecto esse fortemente relacionado à Terminografia.

4.2 A importância da área para a Libras

Assim como qualquer comunidade de fala, ouvintes e surdos sinalizantes da Libras sabem reconhecer quando um item lexical pertence ou não a essa língua, uma vez que a existência de uma língua pressupõe o compartilhamento do léxico entre os falantes e seu reconhecimento (Kenedy, 2013; Santos, 2017).

Em investigação voltada para a Libras, Quadros e Karnopp (2004) trazem dois tipos de agrupamento do léxico, sendo que o léxico constituinte da Libras pode ser caracterizado e agrupado em nativo e não nativo. No primeiro grupo, teríamos a presença de classificadores, os sinais propriamente ditos e aqueles que, após o processo de empréstimo linguístico, são alterados e incorporados à Libras. No segundo grupo, termos da língua portuguesa ou de línguas estrangeiras que são representados em Libras a partir do uso da datilologia, ou seja, são aqueles termos que não possuem um correspondente em sinais em Libras e passam a ser representados por meio da soletração manual.

Ainda que haja esse agrupamento do léxico da Libras nesses dois grupos – nativo e não nativo – é oportuno reconhecer que a combinação dos sinais nativos em si, o emprego do léxico não nativo, bem como a combinação entre nativo e não nativo culmina no léxico da Libras, que, em interação, atuam na construção morfológica dos sinais (Pizzio *et. al*, 2023). Ainda, essa discussão sobre a importância de entendermos a combinação entre esses grupos ocorre na medida em que, em termos de criação de dicionários, como esse instrumento reflete o uso social de uma

língua, visualiza-se que todos esses usos serão registrados nesses instrumentos, independentemente de ser um léxico nativo ou não.

Desse modo, a título de exemplo de como podemos pensar esse agrupamento de sinais nativos e não-nativos, podemos ilustrar com os processos de formação lexical empréstimo linguístico, composição e iconicidade. Segundo Andrade (2019), o empréstimo linguístico em línguas de sinais pode ocorrer entre línguas de mesma modalidade, ou de modalidades distintas. Por exemplo, o uso da datilologia pode ser compreendido como um empréstimo linguístico a partir da língua oral, a exemplo do sinal de “sol” em Libras. No caso do empréstimo entre línguas de sinais, esse pode se dar pelo compartilhamento de sinais, que pode manter sua forma original – estrangeirismo – ou pode modificar-se e englobar aspectos da língua alvo. No caso do sinal de *bullying*, empréstimo feito a partir da Língua Americana de Sinais, trata-se de um estrangeirismo, assim como já foi ilustrado na introdução deste trabalho.

Sobre a composição, assim como mostrado anteriormente na discussão sobre lexia composta, caracteriza-se como um processo morfológico que combina sinais/radicais que, por meio dessa combinação, leva à produção de um novo item lexical morfológicamente complexo (Pizzio *et al.*, 2023). Ou seja, nesse processo temos itens lexicais que, isoladamente possuem um primeiro significado, mas que, ao serem combinados, passam a receber um terceiro significado, a exemplo do sinal de “violência sexual”, formado em Libras a partir da combinação dos sinais de “silenciar” e “sexo”.

Ainda, temos que a iconicidade coloca-se em contraponto com a arbitrariedade. No caso das línguas de sinais, apesar de a grande maioria dos sinais serem classificados como arbitrários, podemos identificar alguns sinais que mantêm traços de iconicidade, uma vez que tratam-se de línguas visuais-espaciais e os sinalizantes comumente associam a forma do objeto ao seu significado. Apesar dessa característica, os sinalizantes usam como base na formação de sinais icônicos referências culturais distintas, o que nos mostra que, mesmo em casos de sinais icônicos, não há o compartilhamento entre línguas e culturas distintas (Andrade, 2019).

Finalmente, ao considerarmos o dicionário como um instrumento de padronização de uma língua, uma vez que ele reflete seu uso, estaremos identificando como esses sinais descritos como nativos e não nativos são utilizados pela Comunidade Surda, haja vista que, se o termo aparece como registrado, ele é empregado socialmente.

Nesse sentido, a importância de se pesquisar o dicionário decorre do fato que o trabalho empenhado por pesquisadores da área da Linguística no processo de estudo e registro dos sinais, para além do mapeamento e registro desses itens lexicais, pode, em termos práticos, apoiar o processo de estudo de discentes surdos na educação básica e superior, além de, de modo indireto,

apoiar os usuários no reconhecimento de sinais e termos padronizados ou mais recorrentes na língua.

Ademais, a importância desta tese se dá pela tentativa de compreensão da mudança linguística na Libras por meio da análise de dicionários, nos possibilitando compreender esse processo de mudança histórica e comparar com os itens lexicais adotados na atualidade, ou seja, além de nos possibilitar conhecer as fases anteriores do léxico da Libras, nos possibilita compreender a realidade linguística atual dessa língua.

4.3 Algumas características dos dicionários em Libras

O dicionário, na contemporaneidade, fruto do trabalho de lexicógrafos, pode ser compreendido como uma instituição social, dada a sua contribuição, assim como acontece com a gramática normativa, no apoio à identificação e estabelecimento de uma norma-padrão a partir de usos institucionalizados de uma dada comunidade (Turazza, 2002).

Os dicionários, principalmente os de língua materna, apresentam usos como: dúvidas sobre a ortografia, conhecer ou esclarecer significados de termos, buscar informações de ordem gramatical, conhecer a etimologia, dentre outros usos (Butti, 2007). Em termos de estruturação, a composição de uma obra dicionarística envolve, segundo Dapena (2002), dois eixos fundamentais: a macro e a microestrutura. Segundo o autor, a macroestrutura constitui-se por todas as entradas distribuídas a partir de uma determinada ordem, associada a microestrutura que também disponibiliza informações também dispostas de acordo com um padrão, a exemplo de informações fonéticas, morfossintáticas, semânticas e pragmáticas de um determinado artigo lexicográfico.

Ao pensarmos essas mesmas informações voltadas para a Libras, esses dados e usos serão distintos. Tendo em vista a organização dos dicionários em Libras, a maioria dos disponibilizados apenas apresentam o item lexical, ou seja, há apenas a representação do sinal. Logo, as pessoas os consultam buscando identificar algum sinal ou saber da sua existência na Libras ou não.

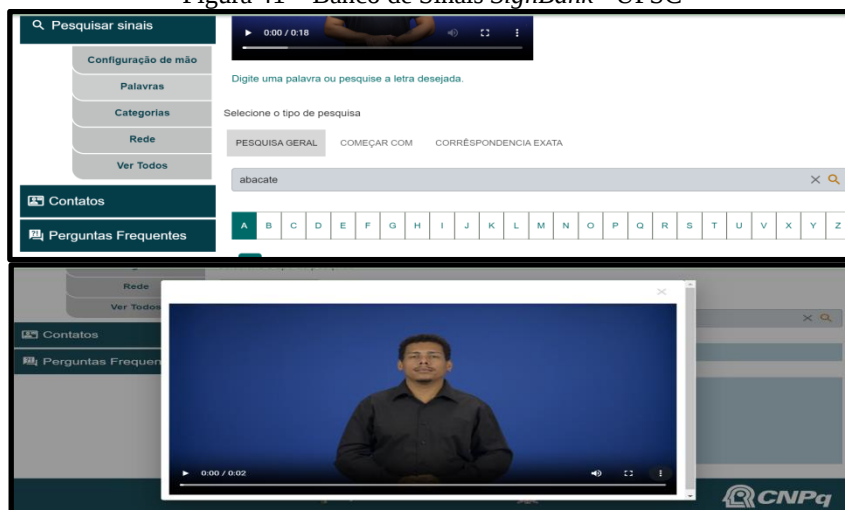
Em termos de macroestrutura, a maioria apresenta uma dependência com a língua portuguesa, sendo que a maioria das entradas só podem ser acessadas com termos inseridos nessa língua. Ainda são raros os dicionários em Libras que possuem como entrada alguma característica linguística dessa língua, a exemplo de uma configuração de mão, locação ou movimento. Ainda, sobre a microestrutura, a grande maioria desses instrumentos não apresenta informações fonéticas e fonológicas dos sinais; poucos trazem uma descrição semântica ou a aplicação em uma frase, assim como observado em outros dicionários de língua oral.

De modo a identificar essa variação de informações nos dicionários em Libras disponíveis no mercado, a título de exemplo, faremos uma análise ilustrativa de três obras nacionais, o dicionário do Capovilla, Raphael e Mauricio, o sinalário *SignBank* da UFSC e o dicionário Acessibilidade Libras, do INES.

No caso do o sinalário *SignBank* da UFSC, trata-se de um banco de sinais da Libras, ou seja, sua proposta é mapear sinais usados e trazer algumas informações de ordem linguística. Em termos de entrada, o usuário pode optar pela busca a partir da configuração de mão, das palavras em língua portuguesa, da categoria do termo, dentre outras.

Como pode ser constatado no exemplo abaixo, ao realizar-se uma busca pelo termo “abacate”, tem-se como resultado a apresentação do item lexical, sem informações complementares de significado, aplicações em frases, ou outras propriedades.

Figura 41 – Banco de Sinais *SignBank* - UFSC



Fonte: Signbank. Disponível em: <https://signbank.libras.ufsc.br/pt>. Acesso em: 21 jan. 2024.

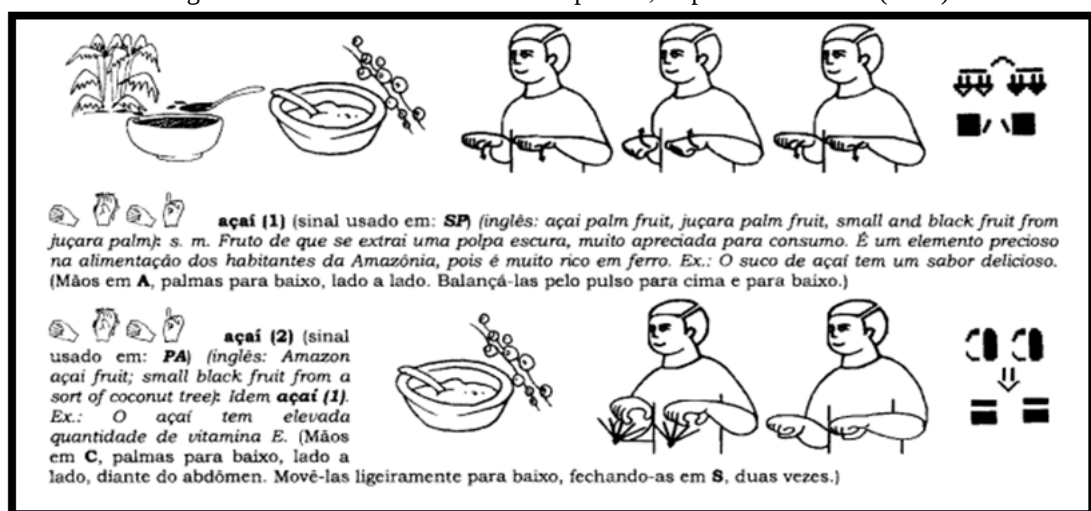
O segundo exemplo foi extraído do dicionário de Libras do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Em termos composicionais, a busca pelo termo pode ser feita pela palavra em língua portuguesa, pelo assunto, por exemplos e acepção. Ainda, há a possibilidade de se observar o parâmetro de configuração de mão e um vídeo trazendo a realização do sinal. Ademais, temos também a explicação do termo em língua portuguesa, sua aplicação em um exemplo na estruturação frasal da língua portuguesa e da Libras (glosa), a classe gramatical, a origem e uma imagem ilustrativa do termo. Nesse caso, pensando questões de acesso pelo usuário surdo e ouvintes, o uso da imagem é um recurso facilitador; contudo, para o surdo, o ideal seria que a acepção do termo e sua aplicação em frase fosse disponibilizada em Libras, diretamente de forma sinalizada.

Figura 42 –Dicionário de Libras - INES

Fonte: INES. Disponível em: <https://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/>. Acesso em: 21 jan. 2024.

O último exemplo, o dicionário do Capovilla, Raphael e Maurício (2013) além de ilustrar o sinal por meio da sua imagem 2D, apresenta também seu registro escrito em Libras, por meio do sistema de escrita *SignWriting*. Em termos de informações macroestruturais, a busca é feita seguindo a ordem alfabética da língua portuguesa. Sobre sua organização microestrutural, apresenta informações sobre em quais regiões do país a variante é empregada, sua tradução para o inglês, a descrição do significado do termo, o detalhamento da realização fonológica do sinal em Libras e, em alguns casos, a etimologia do termo, sua classificação morfológica e informações sobre a iconicidade ou não do termo.

Figura 43 – Dicionário em Libras - Capovilla, Raphael e Maurício (2013)



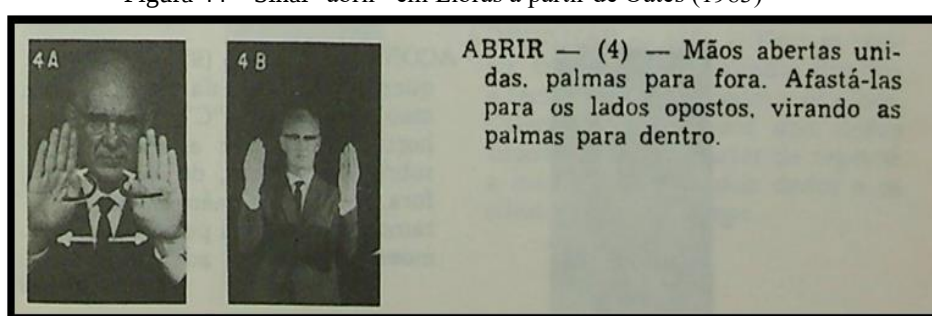
Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício (2013, p. 261).

Em termos classificatórios, de acordo com Schmitz (2001), para além do dicionário de língua materna, podemos identificar obras que podem ser classificadas como bilíngue tradicional,

semibilíngue e bilíngue especializado. No caso das obras bilíngues tradicionais, o autor discute que sua problemática está relacionada à questão da não existência de sinônimos equivalentes entre línguas; isto é, para um determinado termo, pode ocorrer a possibilidade de múltiplos equivalentes na outra língua, não tendo a disposição, necessariamente, o contexto de uso ou aplicação de cada um desses equivalentes. Limita-se ao apresentar uma série de alternativas tradutórias para um determinado verbete fora de contexto.

Ao analisarmos os sinais disponibilizados no dicionário Oates (1983), constatamos que há uma relação de equivalência ao apresentar um termo na Língua Portuguesa e um único sinal correspondente em Libras, desconsiderando o contexto de uso e possíveis aplicações. Por exemplo, ao buscarmos pelo verbo “abrir”, temos à disposição um único sinal correspondente, sem que haja nenhuma menção ao seu contexto de uso ou significação.

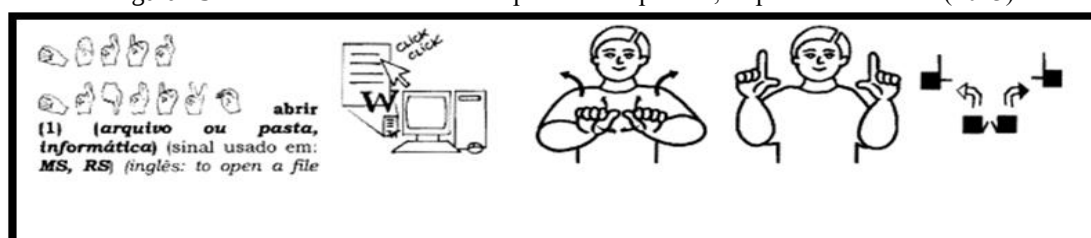
Figura 44 – Sinal “abrir” em Libras a partir de Oates (1983)



Fonte: Oates (1983, p. 17).

No caso de um dicionário semibilíngue, ainda conforme o autor, trata-se de um avanço na área da Lexicografia, uma vez que esse oferece ao leitor a utilização de orações-modelo nos verbetes, o que ajuda o leitor a adequar e apurar o significado de um verbete em ambas as línguas, uma vez que apresenta o verbete e possíveis alternativas tradutórias dentro de contextos de aplicação. Por exemplo, no caso do dicionário de Capovilla (2013), ao consultarmos o verbo “abrir” que, em Libras, é descrito como um verbo classificador que incorpora a forma do objeto usado para realizar aquela ação, podemos constatar que se trata de uma obra semibilíngue por apresentar os significados de uma entrada dentro de seu contexto.

Figura 45 – Sinal “abrir” em Libras a partir de Capovilla, Raphael e Maurício (2013)



144

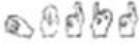
A 

Novo Dett-Libras: Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira (Libras)
Fernando C. Capovilla, Walkiria D. Raphael e Aline C. L. Maurício

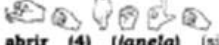
(computer science): v. t. d. Tornar disponível para o uso, arquivos, pastas ou programas contidos no computador. Ex.: Ao abrir arquivos executáveis certifique-se antes de que eles não contem vírus. (Mãos em **A**, palmas para frente, lado a lado. Movê-las para cima e para os lados opostos, abrindo-as **L**.)

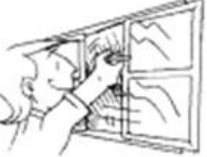
  **abrir (2)**
(garrafa) (sinal usado em: **RJ**)
(inglês: to open a bottle; v. t. d. Retirar a tampa de. Destapar. Ex.: Abra a garrafa e sirva os copos. (Fazer este sinal **REFRIGERANTE**: Mão direita em **5**, palma para baixo, dedos curvados; mão esquerda em **1**, palma para a esquerda, indicador entre os dedos direitos. Mover a mão direita ligeiramente para cima, inclinando a palma para a direita.)

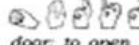
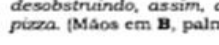
  **abrir (3)**
(janela) (sinal usado em: **PR, SP, MG**)
(inglês: to open a window; v. t. d. Franquear abertura ou passagem, afastando ou deslocando aquilo que veda ou fecha. Ex.: Quando abriu a janela o sol iluminou seu quarto. (Mãos em **B**, palmas para frente, tocando-se pelos indicadores, diante do peito. Afastá-las para os lados opostos, virando as palmas para trás.) **Etimologia. Morfologia:** Trata-se de sinal formado por morfema metafórico molecular **Abrir**, codificado por mãos espalmadas que começam tocando-se pelas pontas como a fechar uma passagem e, depois, com movimento pivotante dos pulsos, se afastam, dando passagem. Esse morfema está presente em sinais como **MENTE ABERTA**, **ABRIR JANELA**. **Iconicidade:** No sinal **ABRIR JANELA**, as mãos representam uma janela de duas folhas pivotantes se abrindo. Nele, cada mão representa uma folha, e o girar pelos pulsos representa o movimento pivotante de abrir. De início as folhas para frente se tocam pelas laterais, depois, ao pivotar-se, elas se afastam, produzindo a abertura do espaço entre elas, justamente como ocorre em janelas desse tipo.

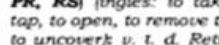
  **abrir (4) (janela)** (sinal usado em: **RJ, RS**) (inglês: to open a window; Idem **abrir (3) (janela)**. Ex.: Abra as janelas para ventilar o quarto. (Mãos em **8** horizontal, palma a palma tocando-se. Afastá-las para os lados opostos.)

  **abrir (5) (porta)** (sinal usado em: **SP, PR, SC, RJ, CE, RS**) (inglês: to open a door; to open up a door; v. t. d. Deslocar a porta, fazendo-a girar em torno do eixo das dobradiças do batente, desobstruindo, assim, a entrada para o recinto ou a saída dele. Ex.: Por favor, abra a porta para o entregador de pizza. (Mãos em **B**, palmas para frente, lado a lado. Girar a palma direita para trás.)

  **abrir (6) (tampa) (CL)** (sinal usado em: **PR, RS**) (inglês: to take off the lid, to tap, to open, to remove the lid, to uncork, to uncover; v. t. d. Retirar a tampa de; destapar. Ex.: Ele abriu a tampa do vidro de palmitos girando-a com força. (Mão esquerda em **C** horizontal, palma para a direita; mão direita aberta, palma para baixo, dedos separados e curvados, acima do **C** esquerdo. Girar a mão para a direita.)

Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício (2013, p. 255-256).

O dicionário bilíngue especializado, por sua vez, aproxima-se do que se conhece como glossário ou sinalário, ou seja, apresenta equivalências tradutórias de termos técnicos e especializados de um ou mais campo do saber, ou seja, lida com informações em diferentes

línguas. Esse tipo de obra especializada, de caráter técnico, pode ser ilustrado com a produção do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Campus Palhoças.

Figura 46 – Verbetes especializados da área de “animação” (IFSC - Campus Palhoças)



Fonte: Glossário Libras. Disponível em: <https://glossariolibras.wixsite.com/projetopibic/animacao>. Acesso em: 30 set. 2023.

A partir deste tópico, abordamos o papel dos dicionários enquanto instrumentos de padronização de uma possível sinalização em Libras, uma vez que, dada a dicionarização de alguns termos, eles tendem a serem usados com uma maior frequência. Ainda, ao discutirmos a constituição estrutural de alguns dicionários de Libras existentes no país, verificamos que todos apresentam características e funções variadas. Sendo que, a maioria, apesar de trazer o significado de um termo em contexto e com alguma exemplificação, possui uma organização estrutural pautada na Língua Portuguesa, com explicações e exemplificações nessa língua.

5 METODOLOGIA DA PESQUISA

No que se refere aos caminhos metodológicos da pesquisa da tese, realizou-se um estudo sobre a mudança lexical em tempo real de curta duração, analisando inventários de itens lexicais da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Quatro inventários constituem o *corpus* da pesquisa: 1) *Iconographia dos signaes dos Surdos-mudos*, de Flausino José da Gama, publicado em 1875. À época, o autor havia sido aluno do Instituto Nacional de Educação de Surdos, no Rio de Janeiro e, posteriormente, de 1870 a 1877, passou a atuar como repetidor (Knapik, 2022); 2) *Linguagem das mãos*, de Eugênio Oates, publicado primeiro em 1969, e numa segunda edição, em 1983 (esta é a edição usada para esta tese); 3) um documento considerado pioneiro na Bahia, construído pela primeira turma do Centro de Surdos da Bahia (CESBA), em 2006, intitulado *Comunicando em Libras (Língua Brasileira de Sinais: Módulo 1)*; 4) *Dicionário de Língua de Sinais*, de Fernando César Capovilla, Walkíria Duarte Raphael e Aline Cristina L. Mauricio publicado em 2009, tendo em 2013, 3ª edição.

Quanto ao documento *Iconographia dos signaes dos Surdos-mudos*, a escolha se deu pelo valor histórico do documento, já que é um registro do século XIX e também é considerado o primeiro dicionário da área (Knapik, 2022). O Dicionário *Linguagem das mãos* é também antigo e é o primeiro a ter fotos em preto e branco e descrever os aspectos composicionais do sinal (cinco parâmetros), o que ajuda na sua realização. Também o dicionário *Comunicando em Libras*, foi publicado na Bahia e, em sua composição, apresenta fotos em preto e branco, mas em perspectivas distintas – frente e lado –, o que também contribui com a leitura dos sinais. É um documento recente e local, e um dos poucos dicionários a registrar as variantes de um estado nordestino. O dicionário de Capovilla, Raphael e Maurício tem sua importância pelo aspecto técnico e por conter um grande número de sinais, registrando por vezes também variantes de vários sinais usados no Brasil, além das ilustrações dos sinais e de uma figura que represente o termo, e sua corresponde escrita em *SignWriting* (SW).

Nesse sentido, o objetivo principal é investigar as mudanças e as variações no léxico da Libras em termos diacrônicos, baseando-se na proposta laboviana da análise em tempo real (Labov, 2008 [1972]). Para realizar este estudo, seguimos princípios da Linguística Histórica levando em conta três vias de investigação apontadas por Faraco (2005), que considera aspectos como:

1. De modo a se criar subsídios para um estudo diacrônico, observa-se a necessidade de se fixar em um determinado momento do passado (uma sincronia), selecionar e analisar

documentos escritos sobre esses estágios anteriores da língua, o que possibilitará que se analise um momento estático (Faraco, 2005, p. 119). Nesse caso, usamos a referência mais antiga a que temos acesso: *Iconographia dos signaes dos Surdos-mudos*, feita no Rio de Janeiro, publicada no ano 1875 (Século XIX). Assim, criaremos o seguinte quadro comparativo desse com outros dicionários: D1- *Iconographia dos signaes dos Surdos-mudos*, Rio de Janeiro, ano 1875 (século XIX); D2 - *Linguagem das mãos*, Aparecida-SP, ano 1983, 2ª edição (século XX); D3 - *Comunicando em Libras*, Bahia, ano 2006 (século XXI); D4 - *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue: língua de sinais brasileira (volumes I e II)*, São Paulo, ano 2009 em primeira edição, mas nesta pesquisa utilizamos a 3ª edição, com revisão e ampliação no ano 2013 (século XXI).

2. Como forma de esclarecer o presente, há de se lançar olhares para o passado, o que, segundo Faraco (2005, p. 120-121), significa buscar no “ontem a raiz de hoje”.

3. Necessidade de partir do estudo da realidade presente, para elucidar o que aconteceu em momentos anteriores (Faraco, 2005, p. 121-122). Isso implica, segundo o autor, em aceitar que as comunidades linguísticas, embora diferentes em cada situação, em termos comparativos de presente e passado, compartilham algumas propriedades linguísticas que são recorrentes, em especial quando se trata de estrutura.

Para realizar a pesquisa, o trabalho de Diniz (2011) também serviu como base teórica. Em sua pesquisa, a autora estudou a evolução da Libras, ou seja, pesquisou sobre fenômenos linguísticos e a mudança presente no uso desta língua. Em suas análises, observou registros históricos dos dicionários e fez análise em três categorias, sendo: os sinais idênticos, os sinais em mudança fonológica e os sinais em mudança lexical. O principal resultado encontrado pela autora foi o de que, na mudança lexical em Libras, o alto grau de iconicidade encaminha-se em direção à arbitrariedade ao longo dos anos.

Diferentemente do estudo de Diniz (2011), que também é uma pesquisa de história linguística da Libras, esta pesquisa é uma continuação da pesquisa sobre a história da Libras em quatro dicionários, fazendo um estudo da mudança lexical em tempo real. Além disso, nosso estudo analisa um *corpus* maior de sinais para comparação entre os quatro dicionários, cobrindo os séculos XIX, XX e XXI.

Portanto, nesta tese, verificar e analisar os trinta e cinco sinais nos quatro dicionários nos permitiu: 1) examinar casos de mudança lexical, identificando os itens lexicais que desapareceram e caíram em desuso e aqueles que foram de alguma forma alterados; 2) descrever as características fonético-fonológicas das variantes, a exemplo da alteração da configuração de

mão, da locação ou do movimento; 3) identificar, no caso da mudança lexical em Libras, se essa alteração deu-se em virtude da perda de traços da iconicidade de um sinal, do processo de empréstimo linguístico ou em decorrência da formação de composto. Todos esses dados serão apresentados e analisados a partir do percentual, isto é, a frequência de ocorrência com que cada um desses fenômenos e processos linguísticos. Ainda, em nossos resultados, buscaremos demonstrar como aspectos sócio-históricos-culturais, a exemplo do Oralismo, da Comunicação Total e da religião, podem contribuir com o processo de mudança lexical.

5.1 Apresentando os dicionários: *corpus* da pesquisa e amostra estudada

O dicionário é um livro que contempla, entre outras coisas, a explicação dos significados das palavras. Produzir dicionários é uma prática corrente entre línguas orais e língua de sinais. Segundo Sofiato e Reily (2014, p. 111),

Da mesma forma que as línguas orais, as línguas de sinais, línguas de modalidade espaço-visual utilizadas pelas comunidades surdas no mundo todo, foram demandando registros ao longo da história, quer para seu ensino, quer para difusão entre surdos e ouvintes interessados.

No caso da Libras, podemos afirmar que os dicionários são os documentos que inauguram e viabilizam uma série de reflexões linguísticas sobre a Língua Brasileira de Sinais, assim como comentado anteriormente. A seguir, faremos uma descrição dos dicionários que compõem o *corpus* da pesquisa.

5.1.1 Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos

Segundo Diniz (2011), Sofiato (2012) e Knapki (2022) este é o primeiro dicionário encontrado na Língua Brasileira de Sinais, tratando-se de uma obra de extrema importância para o estudo do processo histórico da Libras. De acordo com Sofiato (2012, p. 569):

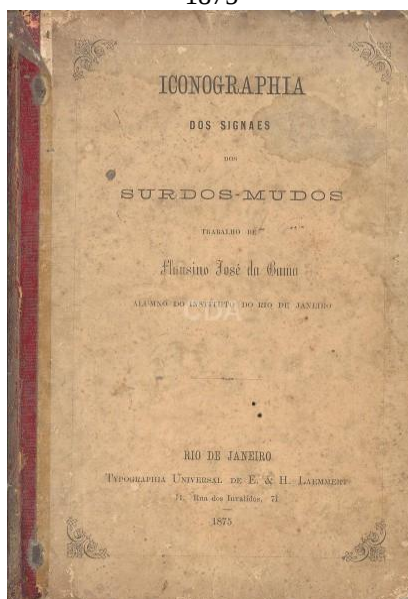
O primeiro documento produzido no Brasil para orientar a aprendizagem e consulta de sinais manuais por pessoas interessadas em comunicar-se com surdos foi a “Iconografia dos Signaes dos Surdos-Mudos” publicado em 1875, criada por iniciativa de Flausino José da Costa Gama, que fora aluno do Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, com o apoio do então diretor Dr. Tobias Leite.

Sobre as informações que constam na citação, convém frisar que, por se tratar de uma obra histórica, observa-se o uso do termo “surdo-mudo”; no entanto, sabe-se que a pessoa surda não necessariamente é muda, uma vez que surdez e mudez são processos distintos. Logo, o termo usado atualmente é “surdo”.

Acerca das características composicionais do dicionário, ainda conforme Sofiato e Reily (2014, p. 111), temos que

[...] a obra foi produzida por meio de litografia, técnica de gravura muito utilizada no Brasil no século XIX. Trazia como conteúdo 382 verbetes ilustrados, classificados por meio de indexação semântica, e estampas que apresentavam uma descrição verbal correspondente aos verbetes listados, com o intuito de auxiliar o leitor/aprendiz na realização dos sinais propostos.

Figura 47 – Capa do Dicionário Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos, de Flausino Gama, publicado em 1875



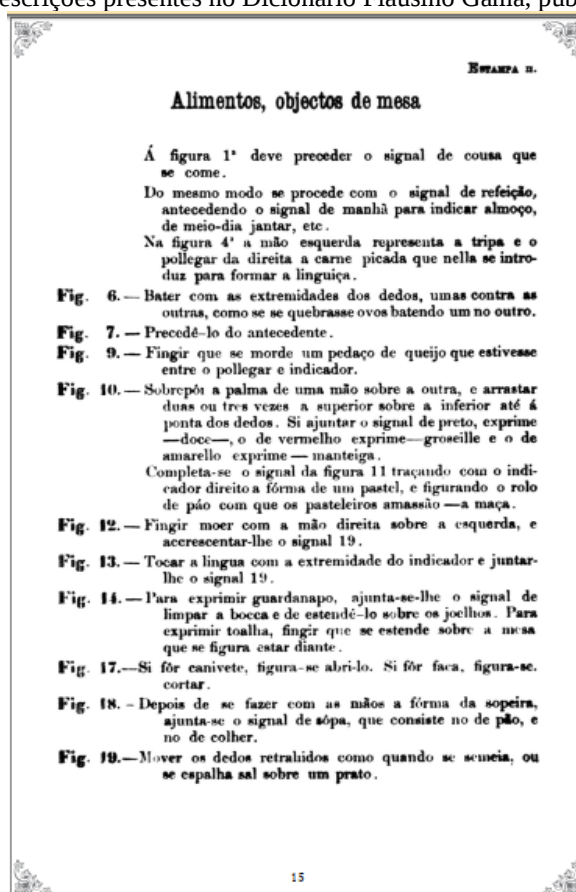
Fonte: Cotações de Obras de Arte. Disponível em: <https://www.catalogodasartes.com.br/obra/DeGcAzUU/>. Acesso em: 10 out. 2022.

É importante ressaltar que o autor da obra, Flausino José da Costa Gama, trouxe o léxico copiado diretamente do original de Pélissier, e trabalha a tradução da língua francesa para a língua portuguesa. Nesse sentido, “[...] verificou-se que a obra de Flausino é uma cópia direta do original de Pélissier, trazendo o mesmo léxico” (Sofiato; Reily, 2014, p. 111), trazendo apenas uma tradução.

Flausino da Gama adaptou da obra para a língua portuguesa e até hoje existem alguns sinais semelhantes com a Língua de Sinais Francesa (LSF), conforme mostram algumas pesquisas comprovando as semelhanças entre Libras e LSF (Martins, 2018).

Em termos macroestruturais, a obra apresenta 382 verbetes (sinais) divididos em categorias semânticas (alimentos, bebidas e outros), que, por sua vez, não possuem uma ordem de classificação/agrupamento previamente estabelecida, uma vez que um desses grupos iniciais é o de alimentos e um dos últimos é o de adjetivos e animais. Ainda, para alguns sinais, é possível identificar uma legenda que detalha o processo de realização do sinal e que traz algumas explicações que justifiquem uma determinada realização ou sinal. Além de não apresentar essa legenda com a descrição de todos os sinais, por se tratar de uma obra produzida no século XIX, a variedade de registro da língua portuguesa escrita é condizente com esse período. Esses dois aspectos podem ser observados na figura a seguir:

Figura 48 – Descrições presentes no Dicionário Flausino Gama, publicado em 1875



Fonte: Gama (1875, p. 15).

No caso deste estudo, convém ressaltar que acessamos e analisamos o dicionário por meio da publicação “Série Histórica do Instituto Nacional de Educação de Surdos”⁸, no ano de 2011,

⁸ GAMA, Flausino José da. Iconographia dos signaes dos surdos-mudos / Flausino José da Gama. — Rio de Janeiro: INES, 2011. **Série Histórica do Instituto Nacional de Educação de Surdos**, 1. Disponível em: <http://repositorio.ines.gov.br/ilustra/handle/123456789/114> Acesso em: 22 nov 2022.

e encontra-se disponibilizada gratuitamente no site do Repositório Digital Huet, do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

5.1.2 Linguagem das Mãos

Publicada pelo Padre Eugênio Oates, a primeira edição da obra é de 1969, sendo relançada, como segunda edição, no ano de 1983, e segue sendo publicada até hoje (Douettes, 2015). Para este estudo, utilizamos a segunda edição, uma vez que ela é a que apresenta mais exemplares a disposição. Ainda, em termos composicionais, de acordo com Douettes (2015), não aconteceu nenhuma alteração de registro de sinais-termos entre a publicação da primeira e das demais edições.

A partir de 1969, o Padre esteve no Brasil como missionário para prestar serviço aos mais necessitados, tendo vindo dos EUA. Nesse período, iniciou sua atuação na região da Amazônia e começou a preocupar-se com o processo de catequização dos surdos, passando a realizar uma pesquisa de mapeamento de sinais-termos nas diferentes regiões que visitou (Douettes, 2015).

Figura 49 – Capa do dicionário Linguagem das mãos, de Eugênio Oates, publicado em 1983



Fonte: Oates (1983).

No dicionário analisado, convém ressaltar e refletir sobre o uso do termo “linguagem” na capa do livro. Nesse período, não havia discussão sobre o conhecimento da Libras como língua

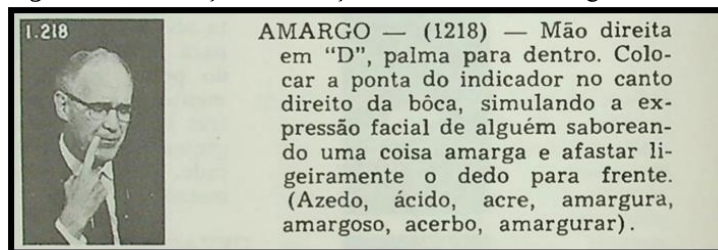
natural. Por isso, é possível constatar na obra o uso de conceitos como “mímica” e “gesto” para se referir a Libras. Na edição mais recente (2008), o título mudou para “Língua das Mãos”, modificação essa que reconhece o *status* da Libras, a partir de adaptação e atualização de Simone Vecchio.

O dicionário de Oates (1983) foi publicado com o objetivo de ajudar as pessoas ouvintes a se comunicarem com os surdos. Em seu prefácio, lemos:

O objetivo principal deste manual é, simplesmente, o de ajudar os surdos-mudos brasileiros a terem um melhor entrosamento na sociedade e que haja um melhoramento contínuo na sua vida social, educacional, recreativa, econômica e religiosa. É, também, minha esperança que o livro seja útil a todos aqueles que têm contato com os surdos (Oates, 1983, p. 12).

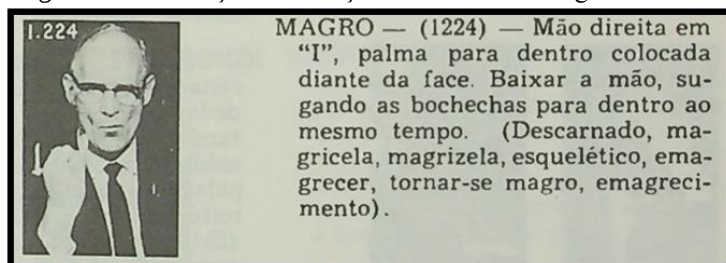
Para os verbetes, o livro explica sobre como é o processo de realização do sinal, a exemplo da configuração da mão, locação e movimento e, em alguns sinais, a orientação de palma e expressão não-manual, o que pode ser comprovado nas figuras a seguir.

Figura 50 – Descrição e ilustração dos sinais de “amargo” em Libras



Fonte: Oates (1983, p. 298).

Figura 51 – Descrição e ilustração dos sinais de “magro” em Libras



Fonte: Oates (1983, p. 299).

Nesse sentido, comparado a outras obras, podemos considerar que temos uma obra mais completa, uma vez que esta detalha a realização do sinal e também apresenta registro fotográfico preto e branco dos sinais. Existem 1.276 verbetes e 325 páginas no livro “Linguagem das mãos” (Diniz, 2011).

De acordo com Diniz (2011, p. 75),

As 325 páginas do dicionário contêm 15 seções, com 1.276 sinais no total, expondo o vocabulário por meio de campos semânticos: cores, alimentos e bebidas, animais, o mundo e a natureza, a religião, tempo, alguns países do mundo, estados brasileiros, vestuários e acessórios, esportes; e por meio de classes gramaticais: verbos, substantivos, advérbios, pronomes, antônimos e números. Cada seção é organizada pela ordem alfabética das glosas às quais os sinais são associados, ao passo que nas seções de Tempo e Sinônimos os verbetes são expostos em pares de antônimos, como por exemplo: ALTO e BAIXO, PERTO e LONGE.

O autor mostra com detalhe por meio da descrição e da ilustração a realização do sinal, representando alguns sinais feitos somente com as mãos, se uma ou as duas são utilizadas, e também sinais feitos na cabeça, no peito e no espaço neutro. Além disso, em sua organização, constata-se uma padronização, iniciando com a fotografia à esquerda da página, seguido da entrada/verbo em língua portuguesa e, à direita, um texto que detalha a composição e realização do sinal. Observa-se que os termos são classificados em ordem alfabética que, havendo a entrada do termo escrito em língua portuguesa, uma fotografia ilustrando o sinal e uma descrição que detalha os aspectos composicionais e de realização do sinal, conforme figura abaixo:

Figura 52 – Verbetes no dicionário de Oates (1983)



Fonte: Oates (1983, p. 19).

Na figura 52, vemos, por exemplo, o sinal para “acusar”. O autor Oates produziu sinal “acusar” com a mão direita, com a configuração da mão similar à usada na realização da letra “B”, mas com os dedos separados. A locação seria a cabeça, mais especificamente no nariz. O autor indica que a configuração de mão toca e o nariz e move-se para frente, tratando-se de um movimento retilíneo unidirecional.

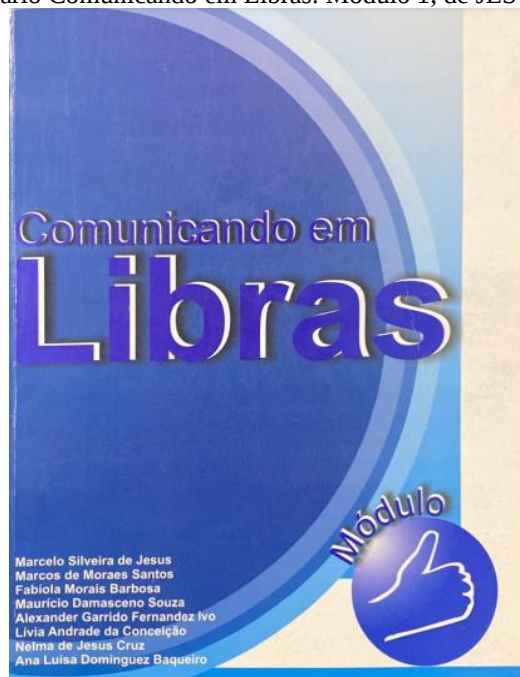
Ainda, como pode ser observado na figura anterior, o autor opta por relacionar o verbete descrito com outras palavras do mesmo campo semântico, ou seja, palavras sinônimas. Por exemplo, para o verbete “acordar” o autor o relaciona com os termos “despertar” e “espertar”, tratando-se de palavras sinônimas. A partir desse aspecto, podemos classificar essa obra como sendo um dicionário semibilíngue, uma vez que oferece ao leitor uma relação do verbete com outros termos na língua portuguesa.

5.1.3 Comunicando em Libras - Módulo 1

O dicionário “Comunicando em Libras - Módulo 1” foi publicado no ano 2006, em Salvador, com o apoio do Centro de Surdos da Bahia – CESBA. Várias pessoas participaram da elaboração da obra. A coordenação geral ficou com Marcelo Silveira de Jesus, Marcos de Moraes Santos e Ana Luisa Dominguez Baqueiro, todos docentes de Libras.

A obra possui 381 sinais, agrupados em categorias temáticas (alfabeto manual, saudações, números, tempo, hora e duração, calendário, clima, estações do ano, cores, família, habitação, animais, alimentos e bebidas, frutas, verduras e legumes, adjetivos, material escolar, material de higiene, material de limpeza, meios de comunicação, meios de transporte, vestuário e calçados, esportes, profissão, Estados do Brasil). Além dessa distribuição, o livro inicia retomando o percurso histórico percorrido pelo CESBA, destacando as diferentes lideranças e integrantes e os processos de transformação observados.

Figura 53 – Capa do dicionário Comunicando em Libras: Módulo 1, de JESUS *et al.*, publicado em 2006



Fonte: Jesus *et al.*, (2006).

Graficamente, a obra apresenta imagens fotográficas em preto e branco, em 2D, ou seja, registro em diferentes perspectivas que facilita a visualização do sinal, conforme a figura:

Figura 54 – Sinais em Libras para “saudações”, “tempo” e “frutas”



Fonte: Jesus *et al.*, (2006).

Apesar de não apresentar uma descrição escrita do processo de realização do sinal, pode-se observar, pela qualidade das fotografias e dos símbolos de movimento que foram adicionados, o modo como o sinal é realizado. Isto é, por meio da ilustração feita e da perspectiva de registro da fotografia, é possível constatar com clareza os parâmetros dos sinais, a exemplo da configuração de mão, da locação, da orientação e das expressões. Tendo em vista a limitação da fotografia por registrar imagens estáticas, os autores optaram por inserir setas que complementam e apontam a realização do movimento, e exemplo se é um movimento semicircular, retilíneo ou de outro tipo.

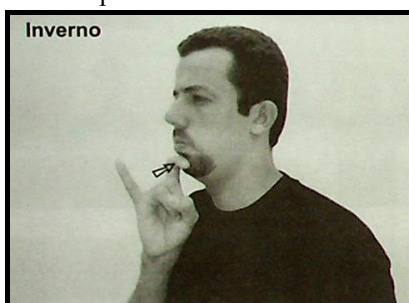
Por se tratar de uma produção regional, constata-se também a seleção de variantes específicas da região da Bahia, não havendo, nessa produção, espaço para registro de outros sinais variantes. Ocorre, nessa obra, um processo de relação direta, ou seja, para cada entrada, apresenta-se somente um sinal em Libras, de preferência a variante regional. Por exemplo, ao analisarmos o sinal de “março” e “inverno”, constata-se a presença somente da variante usada no Estado da Bahia.

Figura 55 – Variante para o sinal de “março” adotada na Bahia



Fonte: Jesus *et al.*, (2006, p. 27).

Figura 56 – Variante para o sinal de “inverno” adotada na Bahia



Fonte: Jesus *et al.*, (2006, p. 34).

Em termos classificatórios, pela descrição feita, verifica-se que o dicionário segue uma perspectiva tradicional de produção, estabelecendo uma relação direta entre um termo na língua portuguesa e seu correspondente único em sinais na Libras. Também, diferentemente dos outros dicionários analisados, este é o único que apresenta apenas substantivos, estando relacionado a apresentação de vocabulário em Libras. A escolha por esta obra deu-se mediante ao fato de ser a única publicação que registra variantes do Estado da Bahia e pode ser analisada como uma obra ilustrativa da região nordeste. Desse modo, trata-se de uma obra de extrema importância para o que é problematizado nesta tese, e que pode lançar olhares para que novos dicionários de outros estados do nordeste também sejam produzidos, a exemplo do Ceará, Paraíba, Pernambuco e outros Estados.

5.1.4 Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue: Língua de Sinais Brasileira (volumes I e II)

Atualmente, a principal referência lexicográfica em Libras é a obra produzida por Fernando César Capovilla, Walkíria Duarte Raphael e Aline Cristina L. Maurício, que publicaram a primeira edição um dicionário completo da Libras no Brasil, em 2009. O dicionário com que trabalhamos neste estudo é a 3ª edição revisada e ampliada do *Novo Deit-Libras*, o Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue da Língua de Sinais Brasileira – Vol. 1 e Vol. 2 (2013), que conta com um desenho que ilustra uma aplicação prática desse termo, o registro em 2D do verbete, a escrita de sinais (*SignWriting*), sua explicação na língua inglesa e também uma descrição sobre o processo de composição e realização do sinal.

Em comparação com dicionários anteriores, apresenta um volume de sinais muito maior, estes divididos em dois volumes (volume 1: A até H; volume 2: I até Z). Conforme Junior (2018), em sua segunda edição, o dicionário apresenta o registro de 10.269 sinais em Libras, sendo um desdobramento e junção de sinais apresentados previamente na edição anterior. No caso da terceira edição, por se tratar de uma publicação ampliada e revisada, o quantitativo de sinais, distribuídos entre 2.800 páginas, seguramente também se alterou. Além da grande quantidade de sinais, outro diferencial dessa produção é que ela busca representar diferentes variantes dos itens léxicos registrados em Libras para um mesmo verbete, ou seja, temos os sinais usados em distintos estados do Brasil, cobrindo-se a variação regional.

Figura 57 – Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue: língua de sinais brasileira - Novo Deit- Libras (volumes I e II), 3º edição, de Capovilla, Raphael e Mauricio publicado em 2013



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício (2013).

Ainda sobre os verbetes, observa-se a preocupação dos autores por questões semânticas, ou seja, apresentar a realização de um sinal dentro de seu contexto de uso. A seguir, vejamos os detalhes de um verbete do dicionário que representa essa discussão.

Figura 58 – Sinal “mudar” no Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue

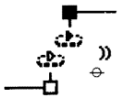


Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 1753).

A partir dessa ilustração, é possível constatar que o dicionário segue um padrão ao apresentar informações como: o termo escrito, os estados que usam determinada variante, sua explicação em língua inglesa e na língua portuguesa, a aplicação em uma frase, a descrição dos aspectos composicionais do sinal, um desenho para ilustrar o verbete, uma ilustração em 2D do sinal usado e, finalmente, seu registro em *SignWriting*. Sobre as ilustrações, acreditamos que a tecnologia da fotografia pode facilitar a visualização do contexto e da forma de realização do sinal.

Ainda sobre a ilustração, o dicionário mostra em português o conceito de “mudar”, que é representado por dois sinais diferentes, já que tem dois significados também distintos, por exemplo: contexto 1 – “Eu morei em Curitiba e me mudei para Salvador”. Contexto 2 – “Eu mudei de carro”. Veja-se o quadro a seguir:

Quadro 11 – Sinais em Libras para “mudar”

MUDAR (01)	MUDAR (02)
	

Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 1753).

O primeiro sinal apresentado para “mudar” tem necessidade de emprego de ambas as mãos. Nesse caso, a configuração da mão está fechada e os dedos com as pontas unidas, a orientação da mão inicia-se para frente e depois se inclina levemente para baixo, fazendo o movimento semicircular. A segunda sinalização para “mudar” também utiliza ambas as mãos, com a configuração da mão fechada, mas os dedos polegares estendidos, sendo que, no primeiro sinal (2.1), a mão direita está voltada para a frente e a mão esquerda para trás e, no segundo (2.2), ambas estão voltadas para frente. No caso do movimento, apresenta variação. No sinal registrado em 2.1, o movimento é realizado de modo circular para as laterais; no sinal 2.2, por sua vez, tem-se o movimento circular direcionado para frente, isto é, para fora do corpo.

O dicionário explica sobre como é o processo de realização do sinal, ou seja, destaca os aspectos composicionais, como configuração da mão, ponto de articulação/locação, movimento, orientação da mão e expressão facial.

Sobre sua tipologia, através dessa descrição feita e levando em conta que se apresentam os sinais a partir do seu contexto semântico, do seu uso real e aplicado, pode-se agrupá-lo como sendo uma produção semibilíngue, tendo em vista a preocupação dos autores em apresentar o máximo possível de informações sobre os verbetes e evidenciar aplicações.

5.2 Problemas de análise do corpus

Como se disse antes, a pesquisa foi feita a partir da análise comparativa dos dicionários D1 – *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* (Gama, 1875); D2 – *Linguagem das Mãos* (Oates, 1983); D3 – *Comunicando em Libras – Módulo 1* (Jesus et al, 2006). D4 – *Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue: língua de sinais brasileira - Novo Deit- Libras – volumes I e II* (Capovilla; Raphael; Mauricio, 2013).

Cada um desses dicionários está sendo tomado nesta tese como um registro de uma sincronia da Libras, o que nos permitirá fazer um exame da variação e mudança lexical dessa língua em tempo real de curta duração (cf. Labov, 2008 [1972]; Faraco, 2005).

O registro dos dicionários em Libras é importante, pois possibilita reconstruir a história das línguas de sinais a partir de registros lexicais e do desenvolvimento de novos estudos, como acontece com outras línguas (português, inglês etc). Assim como tentamos trazer nesta pesquisa, surge a necessidade de se estudar e buscar registro na história.

Como o foco desta tese está em investigar o processo histórico de mudança lexical, foi necessária a seleção de dicionários que pudessem remontar períodos históricos distintos, conforme distribuição feita a seguir:

Quadro 12 – Datação dos dicionários analisados na pesquisa

Dicionário/ Autor	Século/Sincronia	Ano de publicação
D1 - GAMA	XIX	1875
D2 - OATES	XX	1983
D3 - JESUS <i>et al.</i>	XXI	2006
D4 - CAPOVILLA, RAPHAEL, MAURICIO	XXI	2013

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

Quanto ao aspecto gráfico dos dicionários, temos: D1, o mais antigo, possui páginas amareladas pelo tempo e sua leitura apresenta um pouco dificuldade por causa do aspecto visual dos desenhos. Também em poucos desenhos existe seta de direcionalidade, tornando um pouco confuso saber se o sinal tem movimento ou se não existe; também orientação da mão não é mostrada com clareza, parece que o sinal está parado. No período em que a obra foi publicada, não existiam fotos e nem escrita de sinais. Desse modo, é esperado que o mais antigo possua menos recursos tecnológicos, quando comparado aos demais. Todavia, sem dúvida é o mais importante para o estudo e a pesquisa no registro no léxico de sinais, em uma perspectiva histórica.

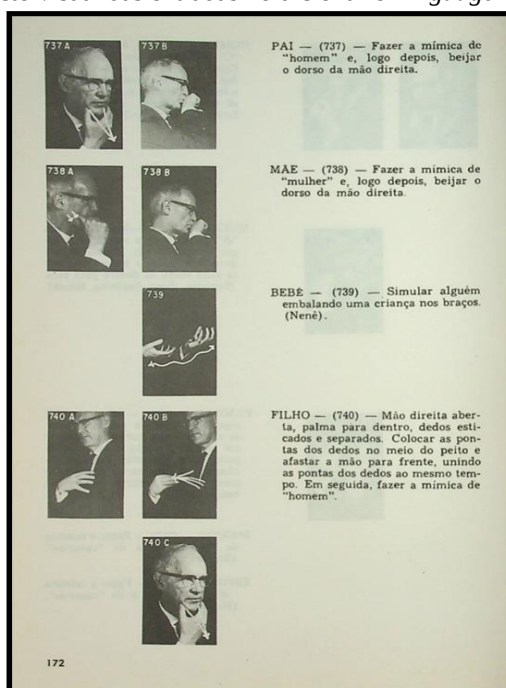
Figura 59 – Aspecto visual das entradas no dicionário *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*



Fonte: Gama (1875, p. 22).

O D2 (Oates, 1983) foi publicado no formato de livro e tem os sinais mostrados por fotos em branco e preto. Possui seta de direcionalidade como movimento e há explicação como produzir sinal, além de descrições, categorias e conteúdo.

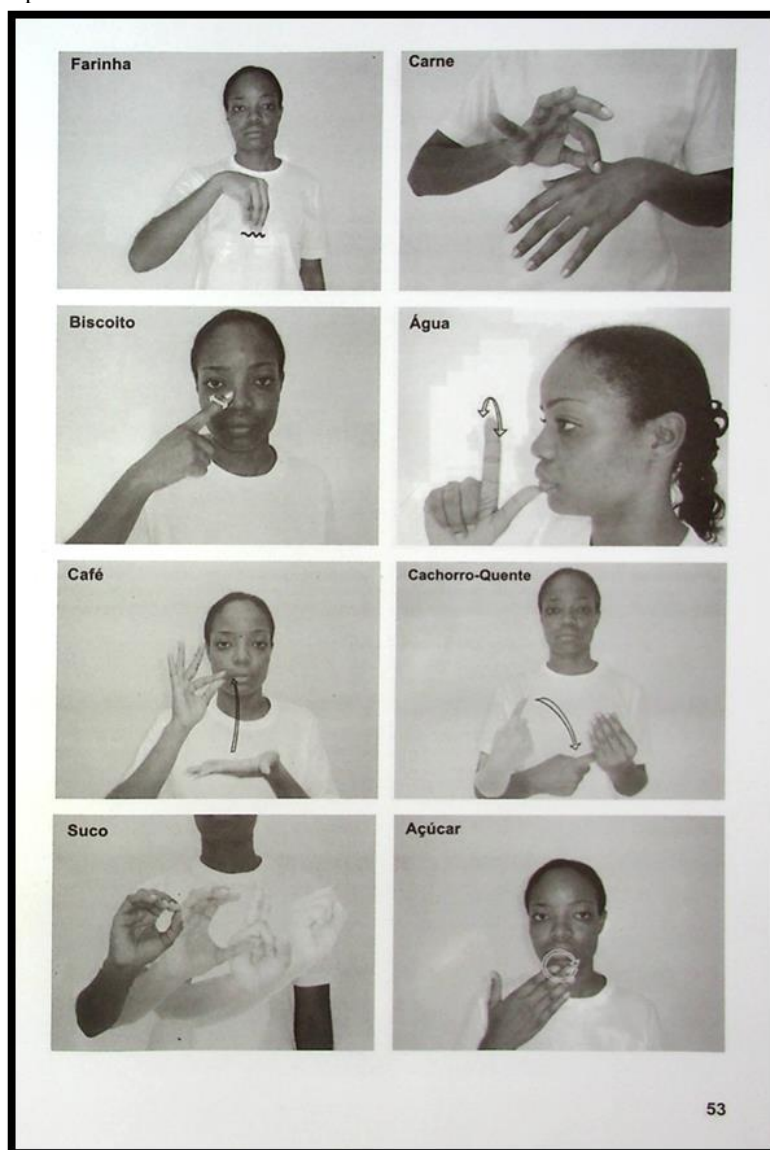
Figura 60 – Aspecto visual das entradas no dicionário *Linguagem das mãos*



Fonte: Oates (1983, p. 172).

D3 (Jesus et al, 2006) apresenta fotos em branco e preto e também contém seta de direcionalidade do sinal, mas não retrata descrições e significados. Só apresenta a palavra e o sinal na foto. Do ponto de vista visual, as fotos são muito boas e apresentam bom tamanho, mas não existem orientações sobre a realização do sinal.

Figura 61 – Aspecto visual das entradas no dicionário *Comunicando em Libras – Módulo 1*

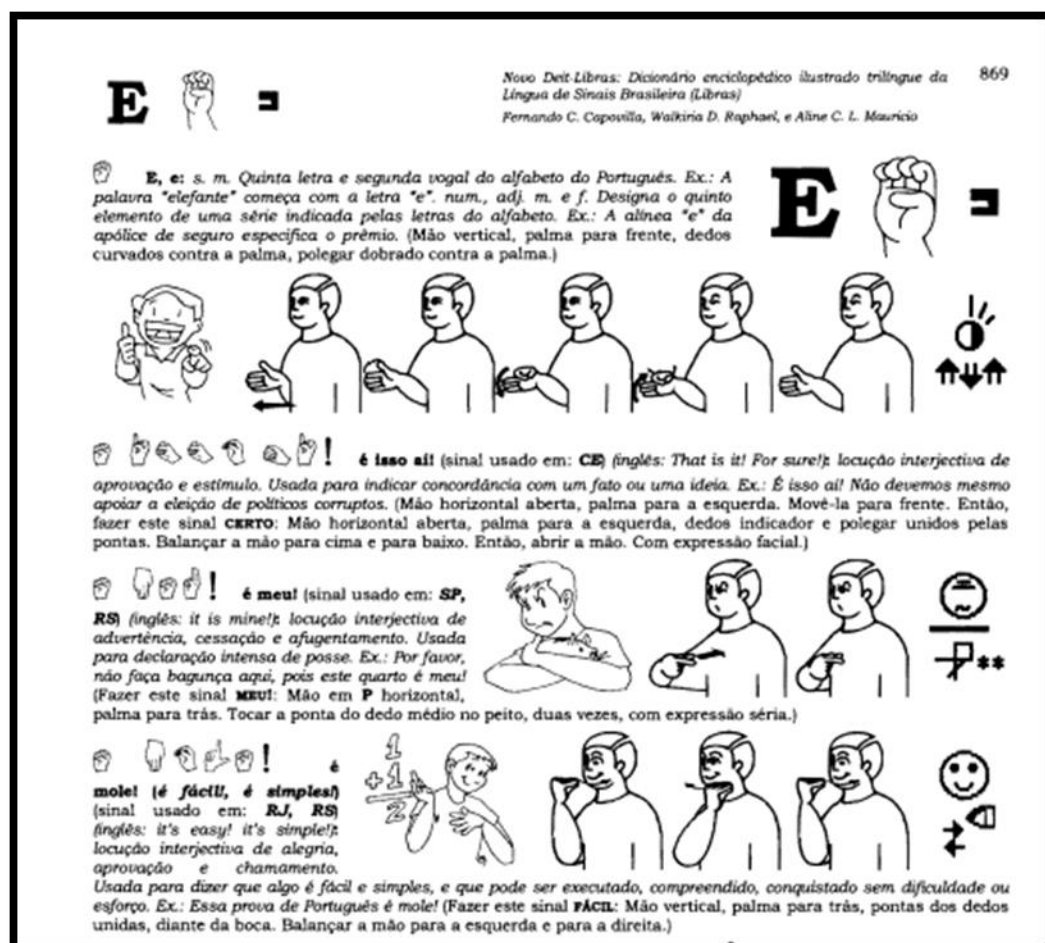


Fonte: Jesus et al., (2006, p. 53).

D4 (Capovilla, Raphael e Mauricio, 2013) é a melhor obra em termos de visualização, pois emprega distintas tecnologias. O dicionário mostra um desenho que ilustra o uso do sinal, o sinal em Libras registrado em 2D, a escrita do sinal em português, inglês e em *SignWriting*. Além disso, mostra a variação linguística da Libras em alguns estados para alguns sinais. Segue a apresentação dos sinais em ordem alfabética, além de disponibilizar um detalhamento de

informações sobre a realização e os usos dos sinais. Desse modo, é uma obra com mais clareza por apresentar mais detalhadamente os sinais.

Figura 62 – Aspecto visual das entradas no dicionário *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue: língua de sinais brasileira - Novo Deit- Libras - volumes I e II*



Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 869).

Quanto ao acesso às obras, é preciso informar que D1 é muito raro de se encontrar, porque é o mais antigo e foi o primeiro dicionário a registrar os sinais em uso no Brasil. Uma versão original do livro está no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Utilizamos para o trabalho uma versão gratuita em PDF, digitalizada a partir do volume do INES e divulgada por pesquisadores da instituição no Repositório Huet. D2 é antigo também e é um pouco difícil encontrá-lo, mas é possível adquiri-lo em alguns sites. A versão que analisei faz parte do meu acervo pessoal de publicações. D3 é a obra que teve maior circulação na Bahia, uma vez que foi produzida e divulgada pelo CESBA com o objetivo de facilitar a comunicação entre Surdos e seus familiares e com a sociedade em geral. No meu caso, o exemplar acessado foi disponibilizado por um amigo que possuía um exemplar físico da obra em seu acervo. D4, apesar de custosa, é uma obra de fácil acesso, estando disponível em bibliotecas de universidades,

livrarias e *sites* de vendas de livros. A versão que usei é de propriedade da sala de professores do setor de Libras da UFBA.

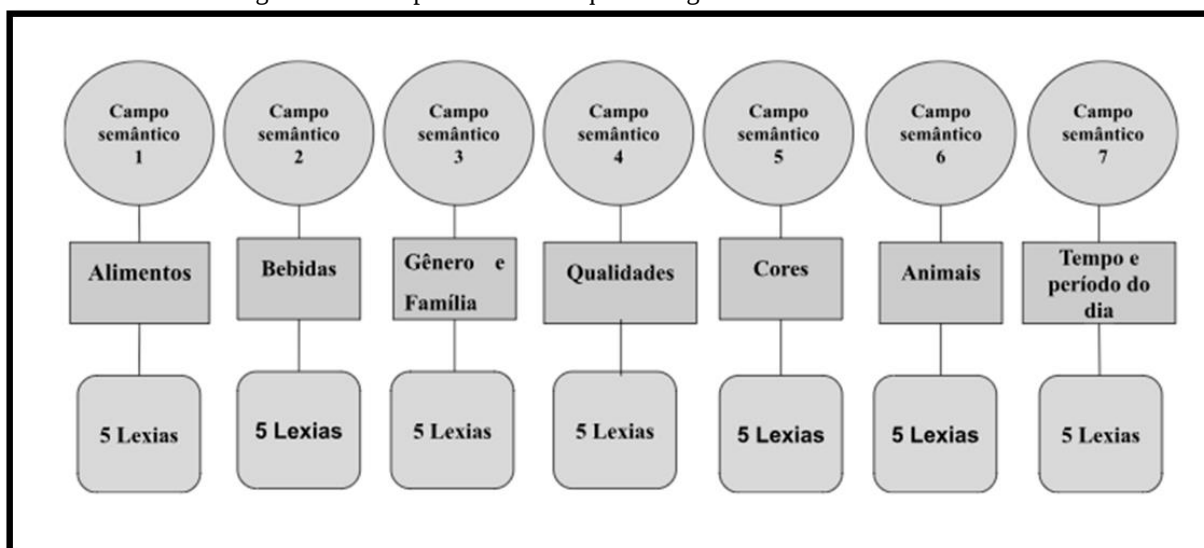
Quanto ao período coberto pelos dicionários, o quadro 12, acima, mostrou que dois deles (D1 e D2) pertencem aos séculos XIX e XX. D1 é o mais antigo, com 149 anos de publicado. Oates (D2), foi publicado originalmente no ano 1969, 55 anos atrás. Contudo, vale ressaltar que consultamos uma publicação posterior, de 1983. No caso dessa obra, também é antigo e um dos mais importantes dicionários, contando com descrições verbais sobre como realizar cada sinal. Do século XXI, temos o D3 e D4. A publicação D3, de 2006 (18 anos de publicação), permite estabelecer um comparativo com alguns sinais variantes provenientes do estado da Bahia. D4, de Capovilla, Raphael e Maurício, com terceira edição revisada e ampliada em 2013 (15 anos da primeira publicação), por sua vez, nos permite acessar variantes mobilizadas em diferentes regiões do país. Nesse sentido, ao adotarmos essas quatro publicações em nossas análises, pretendemos que os registros possibilitem estabelecer um comparativo com os dicionários anteriores e os contemporâneos, identificando em nossas análises como o sinal é atualmente e como era no passado, evidenciando, assim, o processo de mudança lexical do tempo real de curta duração.

5.3 A amostra analisada

Em relação à amostra a ser estudada, nos quatro dicionários, analisamos um total de 35 sinais presentes em todos eles. As lexias pertencem a três classes: substantivos, adjetivos e advérbios (neste último caso, as palavras *amanhã*, *hoje* e *ontem*). Eles estão divididos nas categorias a seguir: i) no Campo semântico 1: Alimentos; ii) Campo semântico 2: Bebidas; iii) Campo semântico 3: Gênero e família; iv) Campo semântico 4: Qualidades; v) Campo semântico 5: Cores; vi) Campo semântico 6: Animais; vii) Campo semântico 7: Tempo e períodos do dia.

Em cada campo semântico, analisamos cinco sinais. Os verbetes e os campos semânticos foram escolhidos por dois motivos principais: 1) estão presentes nos quatro dicionários, permitindo a comparação em todos; 2) fazem parte da experiência cotidiana de qualquer pessoa, ou seja, são vocábulos correntes e de grande frequência de uso no cotidiano.

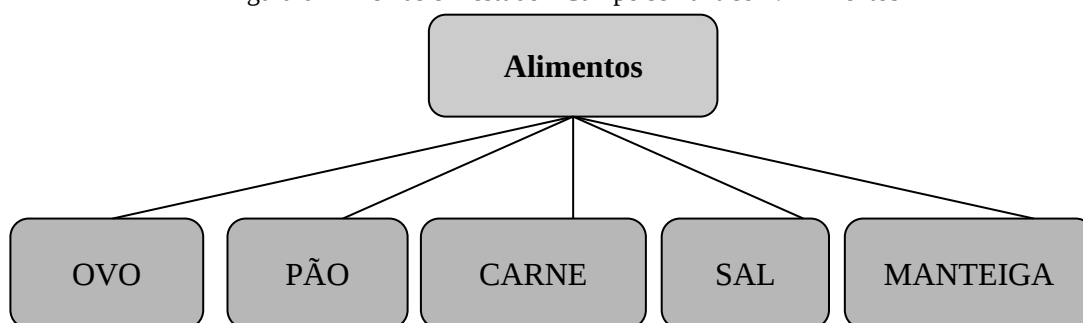
Figura 63 – Campos semânticos que abrangem itens lexicais analisados



Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor.

O primeiro Campo Semântico a ser analisado é a categoria de *Alimentos*, em que foram escolhidas cinco lexias (sinais) de Libras: *ovo*, *pão*, *carne*, *sal* e *manteiga*.

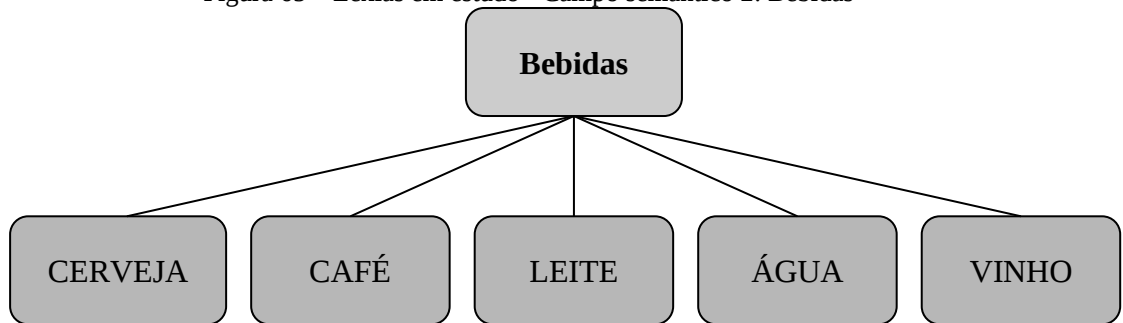
Figura 64 – Lexias em estudo - Campo semântico 1: Alimentos



Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor.

O segundo grupo de lexias pertence ao campo Semântico *Bebidas*, sendo: *cerveja*, *café*, *leite*, *água* e *vinho*. Importante destacar que, no caso do sinal de *vinho*, esse sinal não foi identificado apenas em D3. Contudo, como esteve presente nos demais dicionários (D1, D2 e D4) e não apresentou variação, optamos por mantê-lo em nossas análises.

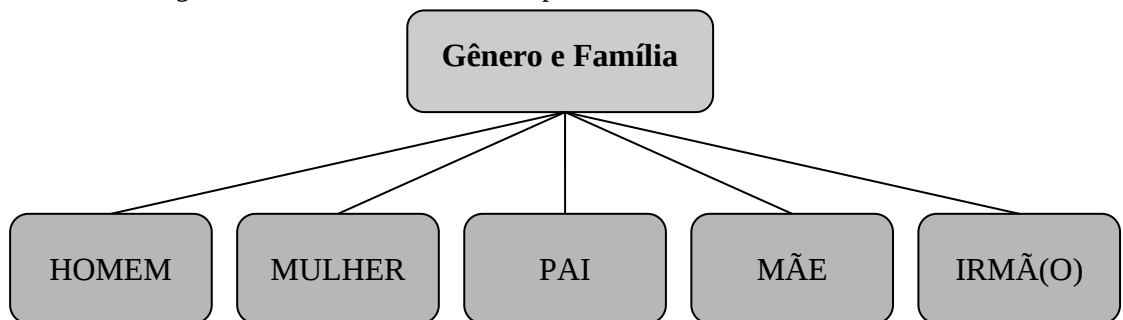
Figura 65 – Lexias em estudo - Campo semântico 2: Bebidas



Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor.

O terceiro Campo Semântico é a categoria *Gênero e Família*, com os seguintes verbetes escolhidos: *homem, mulher, pai, mãe e irmã(o)*.

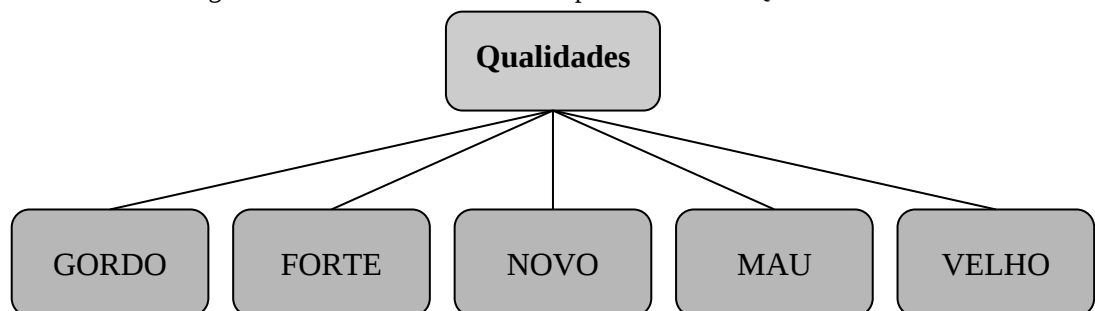
Figura 66 – Lexias em estudo - Campo semântico 3: Gênero e Família



Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor.

O quarto campo Semântico é categoria de *Qualidades*, em que foram escolhidos os seguintes vocábulos: *gordo, forte, novo, mau e velho*.

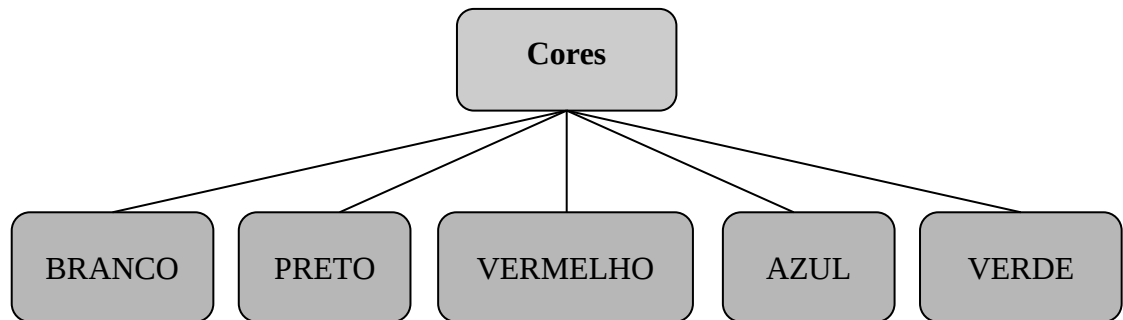
Figura 67 – Lexias em estudo - Campo semântico 4: Qualidades



Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor.

O quinto campo Semântico refere-se aos sinais de cores, sendo elas: *branco, preto, vermelho, azul e verde*.

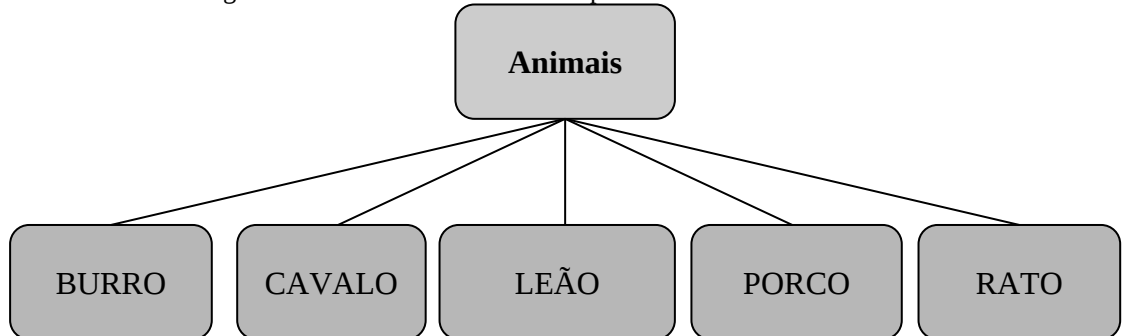
Figura 68 – Lexias em estudo - Campo semântico 5: Cores



Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor.

O sexto campo semântico contempla os sinais de animais: burro, cavalo, leão, porco e rato.

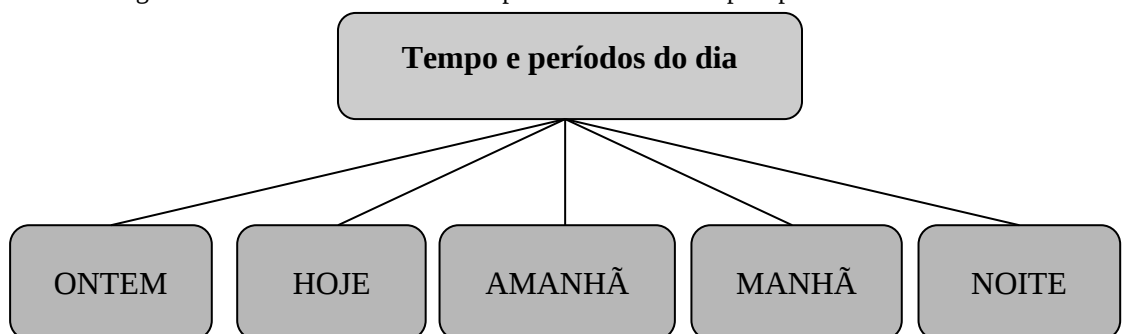
Figura 69 – Lexias em estudo - Campo semântico 6: Animais



Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor.

O sétimo campo Semântico, por sua vez, engloba os sinais de tempo e períodos do dia, mais especificamente os sinais de: ontem, hoje, amanhã, manhã e noite.

Figura 70 – Lexias em estudo - Campo semântico 7: Tempo e períodos do dia



Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor.

Num primeiro momento, para análise acerca da variação e da mudança das lexias ao longo do tempo, elaboramos duas perguntas básicas, uma relacionada à outra. Conforme o quadro a seguir.

Quadro 13 – Perguntas de análise do *corpus*

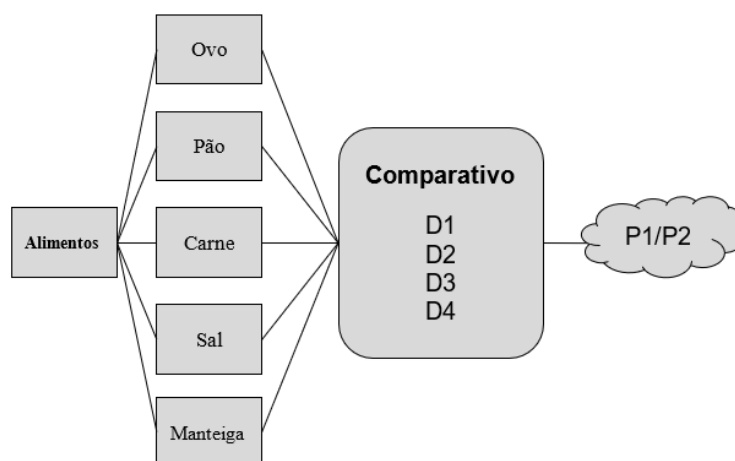
Perguntas	
P1	O sinal mudou ao longo do tempo quando se comparam as fontes analisadas?
P2	Se mudou, o que mudou? Quais alterações o sinal sofreu?
P2.1	Houve mudança lexical?
P2.2	Houve variação fonológica?
P2.3	Algum sinal caiu em desuso? Em qual século isso ocorreu?
P2.4	Qual a direção da mudança? Do mais icônico ao menos icônico? De lexia simples a composta? Ou o contrário?

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

A primeira pergunta tem um objetivo: constatar o cenário de variação/mudança dos sinais ao longo do tempo nas obras analisadas. Com ela é possível verificar que sinais mudaram ou permaneceram estáveis e quais sinais seguem em uso mas apresentam variantes distintas. A pergunta permite também inferir a intensidade da mudança lexical em Libras em função do tempo. A segunda pergunta diz respeito ao tipo de alteração dos sinais. A partir dela, será possível verificar qual parâmetro do sinal foi o mais afetado pela mudança, inclusive observando se o grau de iconicidade ou sua redução afetam o cenário de mudança do sinal, além da observação se essa alteração envolveu uma lexia simples ou composta.

A figura a seguir ilustra, a partir do campo semântico 1, o procedimento de análise para todas as lexias analisadas no *corpus* da pesquisa.

Figura 71 – Esquema de análise das lexias



Fonte: Imagem disponibilizada pelo autor.

Assim, uma primeira etapa da análise das lexias considera P1 e P2. Numa segunda etapa, fazemos a análise de cada lexia, fazendo uma descrição verbal sobre a mudança dos sinais ao longo do tempo. Assim, no total, foram analisadas 35 lexias em cada um dos quatro dicionários estudados, o que culmina em um total completo de 140 itens estudados. Sobre esse quantitativo final de sinais, convém frisar que apenas um dos quatro dicionários não possui os cinco vocabulários completos no campo semântico de bebidas. O dicionário CESBA não apresenta o sinal referente ao vinho. Portanto, examinamos um total de 139 dados.

É importante buscar e pesquisar os dicionários da Libras porque esses registros marcam a história linguística da Libras. Após o estudo dos dicionários, cada um poderá ser usado para comparar o passado e o presente dos sinais nessa língua.

6 ANÁLISE DE DADOS

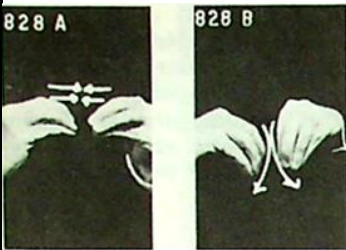
Após detalharmos os procedimentos metodológicos da pesquisa, passamos para a análise comparativa dos quatro dicionários, sempre analisando uma categoria e depois as seguintes, nesta ordem: alimentos, bebidas, membros da família, qualidades, cores, animais e o tempo e períodos do dia (cada uma com cinco sinais). Em termos de condução das análises, iniciou-se observando a presença dos sinais (lexicais) nos quatro dicionários a partir dos vocabulários dos campos semânticos selecionados e, em seguida, sua posterior análise e descrição comparativa com as outras obras, considerando se houve a alteração lexical e buscando descrever o processo de modificação.

Destacamos que, assim como já apresentado em distintas partes deste estudo, trata-se de uma investigação diacrônica, uma vez que analisa a mudança lexical em três sincronias (séculos XIX, XX e XXI). Portanto, considerando princípios da Linguística Histórica tal como colocado em Faraco (2005) e adotando a perspectiva laboviana de análise em tempo real de curta duração, assumimos que as amostras colhidas em cada uma dessas sincronias representam um momento distinto do léxico da Libras ao longo de sua história.

6.1 Sinais do campo semântico “alimentos”

Na primeira categoria, no campo Semântico 1, estão agrupados os sinais que indicam gêneros alimentícios. Primeiro sinal é “OVO”, depois, “PÃO”, “CARNE”, “SAL” e “MANTEIGA”.

Quadro 14 – Sinal para “OVO” em quatro sincronias

Século XIX	Século XX	Século XXI		
Dicionário - D1	Dicionário - D2	Dicionário - D3	Dicionário - D4	
Autor: Gama (1875)	Autor: Oates, 2º ed. (1983)	Autor: Jesus <i>et al.</i> (2006)	Autor: Capovilla, Raphael e Mauricio, 3ª ed. (2013)	
Sinal 	Sinal 	Sinal 	Sinal 	SW 
Descrição: “Ovos - Bater com as extremidades dos dedos, umas contra as outras, como se quebrasse ovos batendo um no outro” (Gama, 1875, p. 15).	Descrição: “OVO - (828) - Mãos separadas, palma a palma, dedos unidos pelas pontas. Bater duas vezes as pontas dos dedos de uma mão contra as pontas da outra e, em seguida, virar as pontas dos dedos para baixo” (Oates, 1983, p. 192).	Não há descrição.	Descrição: “ovo: (sinal usado em: SP, RJ, MS, DF, PR, MG, SC, CE, BA, RS) [...] (Mãos em O horizontal, palma a palma. Aproximar as mãos até que se toquem e então girar as palmas para baixo e abrir os dedos.) [...] Iconicidade: No sinal ovo, as mãos em O se chocam uma contra a outra, se voltam para baixo e se abrem, como a indicar o quebrar da casca de ovos e o escorrer de seu conteúdo líquido para baixo” (Capovilla; Raphael; Mauricio, 2013, p. 1.858).	

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

Retomando as perguntas do quadro 10 apresentado na metodologia: 1) P1: o sinal (lexia) mudou? 2) P2: Se mudou, o que mudou? Quais alterações o sinal sofreu?

Quanto à lexia “OVO”, para P1, a resposta é que o sinal passou por um processo de assimilação, envolvendo a variação de fonemas para o mesmo sinal ao longo das quatro sincronias, ou seja, constata-se a alteração nos parâmetros: configuração da mão, movimento e orientação da mão. Observamos o sinal para OVO nos dados fornecidos por D1, D2, D3 e D4. Desse modo, D1 apresenta movimento somente de bater, ou seja, a parte posterior das mãos se tocam, mas apresenta também orientação da palma da mão para cima, diferentemente de D2, D3 e D4 que apresentam esse parâmetro inicialmente voltado para as laterais e depois voltam-se para baixo (D2 e D3) ou que retratam a orientação somente para baixo (D4).

Percebemos que a configuração da mão é a mesma em D1, D2 (CM ) , D3 (CM )), mas D4 apresenta como configuração da mão (CM ) e finaliza com outra configuração de mão, apresentando a extensão de dedos na articulação medial (CM )).

Em D3 há variação na forma da configuração da mão, em relação à posição do dedo polegar, isto é, ele se encontra afastado dos demais dedos. Essa variação é fonética. Em D1, pela imagem do sinal, não é possível constatar a existência de movimento. Somente é descrito que o sinal apresenta um movimento de toque inicial para indicar a quebra do ovo. Isso pode acontecer com dicionários mais antigos, que não tem a tecnologia para representar o movimento. Desse modo, pelo que temos representado, em D1 o sinal é escrito somente batendo o dorso da mão contra a outra, não apresentando deslocamento das mãos para baixo. Em D4 existe a escrita do sinal em *SignWriting*, o que nos ajuda a identificar a composição do sinal por meio dos grafemas adotados.

Sobre esses dados, segundo Diniz (2011, p. 101), ao realizar uma análise semelhante, a autora constatou que “esta forma de sinal é produzida a partir do movimento de quebrar os ovos com as mãos, que teve pequena mudança nestes dicionários (ICON, OATES e INES)”. Assim como acontece neste estudo, a autora apresenta a análise a partir também dos dicionários de Gama (1875) e Oates (1983).

Quanto à forma, os sinais podem ser considerados semelhantes, sendo que, ao início, todos apresentam um toque inicial das configurações de mão. Ainda, observamos que D1 apresenta ambas as mãos com um toque inicial, mas sem apresentar algum tipo de movimento

ou deslocamento. D2, D3 e D4, por sua vez, além do toque inicial, apresenta um movimento de deslocamento das mãos para baixo. Nesses casos, como hipótese, pensamos que o sinal mudou gradualmente ao longo do tempo. Sendo que, nos casos de D2, D3 e D4, temos sinais icônicos, uma vez que representam a forma como quebramos um ovo e o lançamos na panela; em D1, no entanto, esse traço de iconicidade é menos evidente. Por fim, os sinais são produzidos adotando ambas as mãos e podem ser classificados como *lexia simples*.

Quadro 15 – Sinal para “PÃO” em quatro sincronias

Século XIX	Século XX	Século XXI	
Dicionário - D1	Dicionário - D2	Dicionário - D3	Dicionário - D4
Autor: Gama (1875)	Autor: Oates, 2º ed. (1983)	Autor: Jesus <i>et al.</i> (2006)	Autor: Capovilla, Raphael e Mauricio, 3ª ed. (2013)
Sinal 	Sinal 	Sinal Pão 	Sinal (1)  (2)  SW  
Descrição: “Pão: Do mesmo modo se procede com o sinal de refeição, antecedendo o sinal de manhã para indicar almoço, de meio-dia jantar, etc” (Gama, 1875, p. 15).	Descrição: “PÃO - (829) - Mão esquerda aberta, palma para baixo, dedos para frente. Mão direita em ‘B’ horizontal, palma para dentro, dedos para esquerda. Usando a beira da mão direita como uma faca cortar o dorso da mão esquerda” (Oates, 1983, p. 192).	Não há descrição.	Descrição: “pão (1): (sinal usado em: SP, MG, PR, CE, SC) [...] Mãos em A horizontal, palma a palma, tocando-se pelos nós dos dedos. Separar as mãos, virando as palmas para trás.) pão (2): (sinal usado em: SP, MS, MG, PR, RJ, BA, CE) Idem pão (1). [...] (Mão em A, palma para frente, polegar tocando o canto direito da boca. Girar a palma para trás.)” (Capovilla; Raphael; Mauricio, 2013, p. 1.880).

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

O sinal para “pão” foi alterado. Em D1 e D2, os sinais podem ser considerados icônicos, sendo que em D2 esse traço de iconicidade é mais evidente. Quanto a P2, percebemos que este sinal foi um dos que mudou mais radicalmente quando comparamos D3 e D4 com D1 e D2. Entre D1 (séc. XIX) e D2 (séc. XX) vemos que o sinal mudou gradualmente. Quando analisamos D3 e D4 (Séc. XXI), vemos que o sinal sofreu forte mudança em relação aos dois dicionários anteriores, pois mudou pela configuração da mão e pelo movimento, tornando-se o sinal menos icônico que D1 e D2, que apresentam, anteriormente, a forma como é realizado o corte do pão. Desse modo, verificamos que D1 e

D2 apresentam sinais que caíram em desuso. Veja D1 (CM  02), D2 (CM  03), D3 e

D4 (CM  67), mas D4 apresenta variação de outros sinais com essa mesma configuração da mão.

D4 evidencia dois sinais, mostrando que, no século XXI, há a presença de duas variantes em uso para esse mesmo termo. Em D3, há o registro da segunda variante que é mostrada também em D4. D4 usando dois sinais, evidenciando, assim, a variação linguística nos estados.

Quanto à forma da lexia, vemos que D4 tem um sinal parecido com D3, sofrendo alteração de ordem fonológica (locação). D1 apresentou o ato de cortar o pão, sendo a mão direita, a passiva, voltada para o corpo, e a mão esquerda, ativa, passando sobre a mão passiva, indicando o corte.

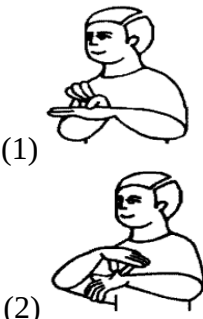
Vemos também que D2 apresentou-se mais icônico como cortar em cima da mão esquerda, a passiva, com orientação da mão para frente baixo da mão esquerda e para o corpo da mão direita, representando o movimento da faca.

D3 contém alterações na fonologia pela configuração da mão, movimento e também a locação do sinal (lado direito da boca). D4, ao ser comparado com D1 e D2, apresenta mudança lexical, ocasionando em diferente configuração da mão, movimento e orientação, mas a locação é a mesma, ou seja, ambos os sinais são realizados no espaço neutro. A segunda variante que consta em D4, quando comparada com D3, verifica-se a mesma forma.

A mudança registrada é mais intensa porque em D1 e D2, mais antigos, a locação era o espaço neutro. D3 apresenta locação situada na região da cabeça, próximo à boca. D4 apresenta, inclusive, dois sinais, apresentando variantes usadas em estados diferentes para “pão” (veja 1 e 2 no quadro), e D3 focaliza a variante mais usada na Bahia. Portanto, a partir

do apresentado, D3 e D4 podem ser compreendidos como sinais não-icônicos. Finalmente, os sinais de “pão” nos dicionários apresentam lexia simples, sendo que D1 e D2 utilizaram ambas as mãos e D3 e D4 (segundo sinal) somente uma mão, ocasionando a redução do sinal.

Quadro 16 – Sinal para “CARNE” em quatro sincronias

Século XIX	Século XX	Século XXI		
Dicionário - D1	Dicionário - D2	Dicionário - D3	Dicionário - D4	
Autor: Gama (1875)	Autor: Oates, 2º ed. (1983)	Autor: Jesus <i>et al.</i> (2006)	Autor: Capovilla, Raphael e Mauricio, 3ª ed. (2013)	
Sinal 	Sinal 	Sinal 	Sinal 	SW 
Não há descrição.	Descrição: “CARNE (726) Mão esquerda aberta, palma para dentro, dedos para a direita. Mão direita aberta, palma para baixo. Com o polegar e o indicador direitos apertar a parte compreendida entre o polegar e indicador da mão esquerda” (Oates, 1983, p. 185).	Não há descrição .	Descrição: “carne (1): (sinal usado em: SP, CE, DF, RS) [...] (Mão esquerda aberta, palma para baixo; mão direita vertical aberta, palma para frente. Com o indicador e polegar direitos, apertar a região compreendida entre o indicador e o polegar esquerdos.) carne (2): (sinal usado em: PR, MG, RJ, MS, SC, SP, BA, CE) [...] (Mão esquerda aberta, palma para baixo, dedos soltos; mão direita aberta, palma para baixo, dedos polegar e indicador segurando a pele do dorso da mão esquerda)” (Capovilla; Raphael; Mauricio, 2013, p. 657).	

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

Comparando os quatro dicionários, conforme quadro 12, o sinal não mudou. Percebemos variação na CM quando comparamos D1 aos demais, já que, no primeiro, os

dedos da mão estão fechados como “B”⁹ (CM  / ) , e em D2, D3 e D4 (segunda

variante), os dedos estão abertos em garra e estendidos (CM ) , e em D4 (primeira variante) emprega-se, na mão passiva, uma configuração próxima à adotada em D1 (CM



 01). No caso da configuração de mão ativa, temos que D1 difere-se por apresentar (CM



 37) e D2, D3 e D4 apresenta como configuração de mão ativa (CM  16).

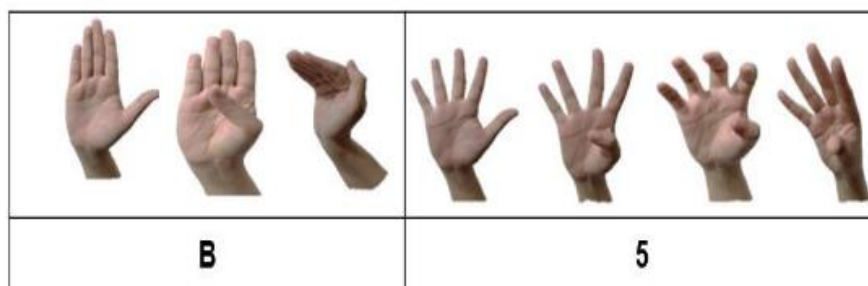
Com relação aos outros parâmetros, os sinais apresentam a mesma locação, movimento e orientação de palma. Contudo, ao analisarmos especificamente a região da mão ativa onde ocorre o toque que ocorre da mão ativa (o movimento de pegar da mão ativa), identificamos algumas diferenças. D1, D3 e D4 (segunda variante) apresentam o pegar na região dorsal da mão passiva. D2 e D4 (primeira variante) constam a ação de pegar na região compreendida entre o polegar e o dedo indicador da mão ativa.

De acordo com Diniz (2011), ao analisar a mudança da forma do sinal de carne, a pesquisadora destaca a alteração dos parâmetros de configuração de mão e de orientação de palma, podendo ser compreendido como uma variação regional. No entanto, acreditamos que essa alteração não modificou a forma do sinal; o que ocorre, em nossa perspectiva, é um caso de variação fonológica, porque temos como mudança principal a configuração de mão, sendo que em D1 os dedos encontram-se fechados, formando a CM “B”, e em D2, D3 e D4 (segunda variante) os dedos estão abertos na CM “5”, como já ilustrado acima. Nesse caso, para Alecrim e Xavier (2019, p. 3),

[...] a proposta de notação da CM de Stokoe como fonológica, porque ela ignora diferenças entre as CM supostamente não distintivas na ASL. Por exemplo, na visão do autor, as CM B e 5 não se referem apenas à mão plana e à mão espalmada, respectivamente. Como se pode ver na Figura 1 [figura 62 deste trabalho], cada uma delas se refere a um conjunto de configurações qualitativamente diferentes.

⁹ Nesse caso, optamos por marcar as duas possibilidades de configuração de mão, com relação ao posicionamento do polegar, uma vez que, pela ilustração, não é possível constatar esse dado. Ainda, como esse sinal não apresenta uma descrição sobre sua realização, essa informação também não pode ser confirmada.

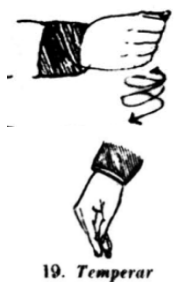
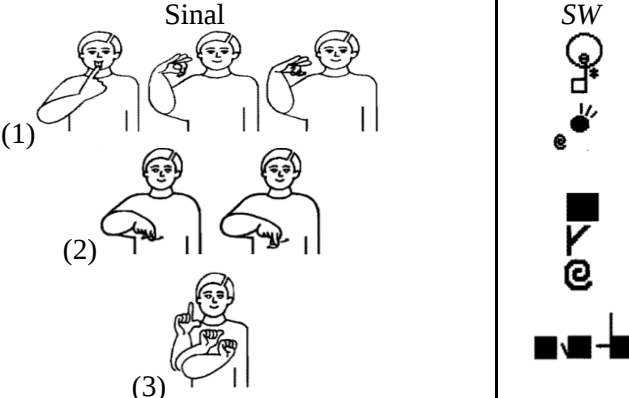
Figura 72 – Variação fonológica em CMs



Fonte: Alecrim e Xavier (2019, p. 04).

Percebemos que os tipos de CM entre B (CM ) e 5 (CM ) são diferentes. D1 mostrou que mão passiva está fechada, com os dedos unidos, como (CM / ), e D2, D3 e D4 (segunda variante) apresentam variação fonológica por apresentarem a mão passiva com os dedos em garra estendidos (CM ). Observamos que D1 apresenta mão ativa, os dedos fechados. D2, D3 e D4 apresentam os dedos abertos; então, a mão ativa de D1 sofre alteração em D2, D3 e D4. Ainda, D4 (primeira variante), apresenta a configuração da mão passiva também com os dedos unidos, (CM ) , similar à apresentada em D1, mas diferem-se pela configuração de mão adotada na mão ativa. Nesse sentido, as lexias que constam nos quatro dicionários podem ser classificadas como não-icônicas, uma vez que não há uma motivação para sua forma aparentemente evidente, além de serem uma lexia simples.

Quadro 17 – Sinal para “SAL” em quatro sincronias

Século XIX	Século XX	Século XXI	
Dicionário - D1	Dicionário - D2	Dicionário - D3	Dicionário - D4
Autor: Gama (1875)	Autor: Oates, 2º ed. (1983)	Autor: Jesus <i>et al.</i> (2006)	Autor: Capovilla, Raphael e Mauricio, 3ª ed. (2013)
Sinal  19. Temperar	Sinal 	Sinal 	Sinal 
Descrição: SAL: Fingir moer com a mão direita sobre a esquerda, e acrescentar-lhe o signal 19. (Gama, 1875, p. 15).	Descrição: “SAL - (841) - Tocar a língua com a ponta do indicador direito e, em seguida, unir as pontas do polegar e indicador direitos, apontados para baixo, esfregando-as ligeiramente ao mesmo tempo. (Salgado, salgadinhos)” (Oates, 1983, p. 194).	Não há descrição.	Descrição: “sal (1): (sinal usado em: SP, MS, MG, DF, PR, RJ, CE, BA, RS) [...] (Mão em 1, palma para trás. Tocar a ponta da língua com a ponta do indicador e então, mão aberta, palma para baixo, dedos indicador e polegar unidos pelas pontas. Esfregar a ponta do polegar na ponta do indicador.) sal (2): (sinal usado em: PR) [...] (Mão fechada, palma para baixo, dedos polegar e indicador distendidos e unidos pelas pontas. Esfregar as pontas dos dedos.) sal (3): (sinal usado em: RJ, CE, RS) [...] Solettrar S- A – L” (Capovilla; Raphael; Mauricio, 2013, p. 2.210).

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

Quanto a P1, a resposta é sim, houve mudança lexical. Respondendo a P2, vemos que em relação a D1, o sinal mudou quando observamos D2, D3 e D4. Percebemos que em D1 o sinal é mais icônico a partir da natureza do objeto, o sal. Em D2, D3 e D4 há uma alteração completa em relação a D1. D2, D3 e D4 mostram boca e expressão facial. O D1 apresenta sinal que caiu em desuso, no entanto, apresenta características de composição e iconicidade. A configuração de mão inicial da mão ativa faz referência ao movimento de moer o sal (CM



) e, a segunda, o ato de temperar (CM



Em D2, temos que há uma certa proximidade com os sinais em D3 e D4 (primeiro e segundo sinais), porém, D2 começa com os dedos estendidos, mas tocando o polegar sobre a boca (CM



e finaliza unindo e apresentando movimento de esfregar entre as pontas dos dedos indicador e polegar (CM



). D3/ D4 (primeiro sinal), por sua vez, são iniciados com a configuração de mão com



os dedos unidos e indicador estendido (CM

sendo que D3 apresentam os dedos fechados e movimento de esfregar entre as pontas dos dedos indicador e polegar (CM



e D4 a configuração da mão com dedos abertos e polegar e indicador unidos, apresentando movimento de esfregar (CM



). Para D4 (segundo sinal) observamos que ele apresenta como configuração de mão, de modo icônico,

o movimento de esfregar os dedos indicando a ação de temperar (CM



A terceira variante apresentada em D4, por se tratar de um empréstimo linguístico da língua portuguesa,

apresenta a sequência de configurações de mão referentes às letras S-A-L (CM



-

Uma hipótese para explicar essa mudança radical é que D1 remete ao objeto moedor de sal. D2 e D3 e D4 (primeiro sinal) apresentam inicialmente os dedos em contato com a

língua e depois o movimento de esfregar os dedos, indicando que algo foi temperado. Nesse sentido, podemos analisar como sendo uma mudança que envolve a interferência cultural, sendo que, no Brasil, já não é tão comum o uso desses moedores de sal. Ainda, ao observarmos o modo como as comidas são preparadas no país, como há uma proximidade entre o formato dos grãos de sal e açúcar, há a necessidade de se conferir qual produto é, o que nos ajuda a explicar a motivação de todos esses sinais se iniciarem com o toque na boca.

Ainda sobre D4, há a presença de três variantes para o sinal, sendo que o segundo sinal apenas faz referência ao ato de temperar, não representando o contato inicial na boca, e o terceiro, por se tratar de um empréstimo, representa apenas a sequência de configurações de mão usadas nas letras que compõem a palavra sal.

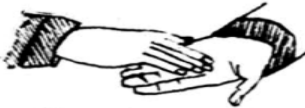
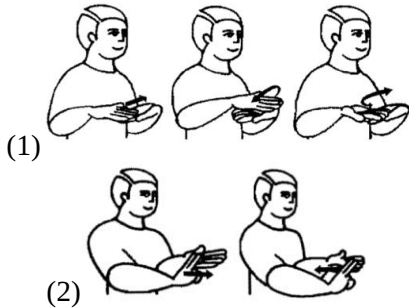
Desse modo, observamos que D1 pode ser considerada uma lexia composta por prever a combinação de dois sinais, ou seja, temos um sinal que representa o ato de moer e um segundo sinal que ilustra o ato de distribuir o tempero. D2, D3 e D4 são lexias simples, apesar de apresentar o contato do dedo indicador na língua e depois a ação de temperar, o primeiro movimento não é compreendido como um sinal.

Ademais, compreendemos que D1 apresenta traços de iconicidade, podendo ser caracterizado como icônico, que, como já analisado, refere-se ao objeto usado. Nos casos de D2, D3 e D4 são não-icônicos, uma vez que a ação realizada que indicaria “temperar” é adotada em contextos, associada a outros sinais. Nesses casos, de acordo com Constâncio (2022, p. 127),

[...] não se trata de um sinal icônico, também não é arbitrário. Considerando que a única informação que se destaca é o fato de o sinal estar relacionado ao paladar, não é o caso de dizermos que seja um sinal translúcido.

Desse modo, esses sinais não serão considerados nem completamente icônicos e tampouco não-icônicos, mas consideramos que apresentam traços de não-iconicidade, aproximando-se dos sinais obscuros, nos termos de Constâncio (2022).

Quadro 18 – Sinal para “MANTEIGA” em quatro sincronias

Século XIX	Século XX	Século XXI	
Dicionário - D1	Dicionário - D2	Dicionário - D3	Dicionário - D4
Autor: Gama (1875)	Autor: Oates, 2º ed. (1983)	Autor: Jesus <i>et al.</i> (2006)	Autor: Capovilla, Raphael e Mauricio, 3ª ed. (2013)
Sinal 	Sinal 	Sinal 	Sinal  SW 
Descrição: “MANTEIGA: Subrepor a palma de uma mão sobre a outra, e arrastar duas ou três vezes a superior sobre a inferior até a ponta dos dedos. Se juntar o sinal de preto, exprime -doce-, o de vermelho exprime-groseille e o de amarelo exprime -- manteiga” (Gama, 1875, p.15).	Descrição: “MANTEIGA - (818) - Mão esquerda aberta, palma para cima. Mão direita em “U” invertido. Com as pontas dos dois dedos simular alguém tirando um pouco de manteiga da manteigueira e passando-a sobre a palma esquerda” (Oates, 1983, p. 190).	Não há descrição.	Descrição: “manteiga (1): (sinal usado em: SP, RJ, MS, BA, CE) [...] (Mão esquerda aberta, palma para cima; mão direita aberta, palma para baixo. Passar os dedos direitos sobre a palma esquerda dos dedos para a base, girar a palma direita para cima e repetir o movimento, da base para os dedos, duas vezes.) manteiga (2): (sinal usado em: PR, RS) [...] (Mão esquerda aberta, palma para cima; mão direita em U, palma para baixo, tocando a palma esquerda. Mover a mão direita em direção aos dedos esquerdos, várias vezes.)” (Capovilla; Raphael; Mauricio, 2013, p. 1.643).

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

Os sinais apresentados em D1, D2, D3 e D4 podem ser considerados formas icônicas; no entanto, em D2 e D4 (segunda variante) temos um traço de iconicidade mais evidente, uma vez que a configuração da mão ativa faz referência ao objeto faca, usado na realização da ação de espalhar manteiga, combinado com o segundo sinal de amarelo. D1, através da análise da imagem, não apresentou movimento, talvez por ser o mais antigo (ano 1875) e não ter tecnologia que evidenciasse a realização do movimento. No entanto, ao analisarmos a descrição do sinal, há a descrição complementar de que as mãos estarão sobrepostas e a mão deverá ser arrastada duas ou três vezes da parte superior até as pontas dos dedos. Ainda, destaca-se que, se esse movimento for combinado com a cor preta, resultará no sinal de “doce”; combinado com a cor vermelha, resultará em “groselha”; e, se combinado com amarelo, resultará em “manteiga”. Destaca-se que essas informações só podem ser constatadas ao analisarmos a descrição, a simples ilustração do sinal não possibilita essa percepção.

Com relação a P1, podemos perceber que em D1, D2, D3 e D4 não há uma alteração dos sinais, sendo que todos adoram uma mesma configuração de mão base para a mão passiva



(CM 01), e diferem-se pela configuração de mão ativa dos sinais, todos apresentando o uso das duas mãos, o mesmo movimento e locação. Somente em D2 e D4 (segunda variante)



há a alteração da CM (CM 21) sendo modificada como uma forma de representar o objeto faca, sendo essa CM mais próxima do objeto. Os sinais representados em D1, D3 e D4



(primeira variante) apresentam a mesma configuração de mão (CM 01), mas, ao observarmos o registro em *SignWriting* e o grafema da CM, podemos observar que, diferentemente dos sinais anteriores, em D4 (primeira variante) temos o polegar estendido



(CM 02), tratando-se de um caso de variação fonológica no parâmetro configuração de mão, com relação ao posicionamento do dedo polegar. Ainda, ao considerarmos a constituição dos dicionários, temos que D3, por ser recente, emprega a tecnologia da fotografia associada a setas, o que nos possibilita observar com exatidão o tipo e direção de realização do movimento.

Em virtude da alteração de apenas um parâmetro fonológico, podemos considerar que se trata de um caso de variação linguística entre estados, sendo que, mesmo alterando a CM,

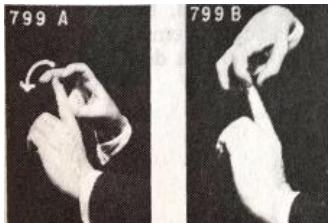
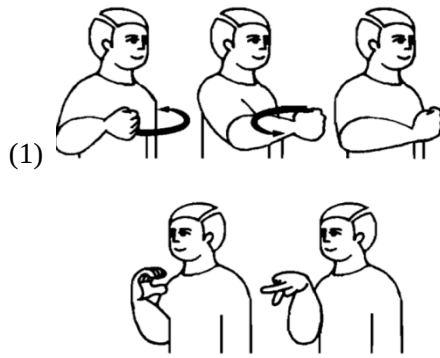
os sinais são bem próximos e podem ser facilmente associados. Finalmente, consideramos que D1 ilustra um caso de lexia composta, haja vista que combina os sinais de “distribuir algum produto sobre uma superfície” e o sinal de “amarelo”, resultado, assim, no sinal de manteiga, assim como representado na descrição do sinal. D2, D3 e D4, por sua vez, são considerados lexias simples, já que preveem o uso de único sinal.

Em termos de iconicidade, D2 e D4 (segunda variante) por adotarem uma CM que representa o objeto “faca”, apresentam traços de iconicidade, podendo ser classificados como sinais translúcidos. As variantes apresentadas em D1, D3 e D4 (primeira variante), apesar de ilustrarem apenas a ação de distribuir algum produto/alimento sobre uma superfície, demandando do contexto para que a compreensão seja estabelecida, também apresentam traços de iconicidade, sendo considerados sinais translúcidos. Nesse sentido, D1, D3 e D4 (primeiro sinal) podem ser lidos como não-icônicos. D2 e D4 (segundo sinal), por sua vez, são classificados como icônicos.

6.2 Sinais do campo semântico “bebidas”

Na segunda categoria, no campo Semântico 2, estão os sinais para “bebidas”, sendo: “cerveja”, “café”, “água”, “leite” e “vinho”, para comparação em D1, D2, D3 e D4. Abaixo, iniciamos com a análise do sinal de “cerveja”, sendo que “vinho” não consta, como já explicamos, no D3.

Quadro 19 – Sinal para “CERVEJA” em quatro sincronias

Século XIX	Século XX	Século XXI		
Dicionário - D1	Dicionário - D2	Dicionário - D3	Dicionário - D4	
Autor: Gama (1875)	Autor: Oates, 2º ed. (1983)	Autor: Jesus <i>et al.</i> (2006)	Autor: Capovilla, Raphael e Mauricio, 3ª ed. (2013)	
Sinal 	Sinal 	Sinal 	Sinal 	SW 
Descrição: “CERVEJA: É o signal de sacar rolhas. Fazendo-o preceder do da figura 2, exprime-se vinho velho” (Gama, 1875, p.17).	Descrição: “CERVEJA - (799) - Mão esquerda em 'D'. Com a mão direita em 'V' curvado, como abridor, simular alguém destampando a ponta do indicador esquerdo” (Oates, 1983, p. 185).	Não há descrição.	Descrição: “cerveja (1): (sinal usado em: SP, PR, SC, CE, PB, BA, RS) [...] Mão em 5 horizontal, palma para a esquerda. Mover a mão descrevendo um arco horizontal para a esquerda (sentido anti-horário) finalizando com a palma para trás.) cerveja (2): (sinal usado em: RJ, MG, CE) [...] Soletrar C - P” (Capovilla; Raphael; Mauricio, 2013, p. 703).	

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

Percebemos que os sinais mudaram repentinamente entre D1 e D2. No caso de D1, o

sinal era formado com as duas configurações de mão similar à letra “A” (CM  67) e, em

D2, temos a mão passiva adotando uma configuração (CM  53) e a mão ativa adotando

uma segunda (CM  32), além do movimento indicando a abertura de uma garrada, em ambos os sinais. D3 e D4 (primeiro sinal) apresentam o mesmo sinal. D4 (segunda variante),

apresenta um sinal variante formado pela sequência de letras “C” (CM  12) e “P” (CM



55), tratando-se, nesse caso, de um empréstimo linguístico. A variante registrada em D1 (que é o mais antigo, com 150 anos de existência) caiu em desuso. D2, atualmente, tem uma proximidade muito grande com o sinal empregado para “refrigerante”, havendo, nesse caso, a mudança do significado do sinal para a mesma forma linguística usada. Ou seja, como o sinal ilustra o ato de abrir a tampinha de uma garrafa, essa forma linguística passou a ser associada, em alguns Estados, ao significado de “refrigerante”. Por exemplo, ao consultarmos o sinal de “refrigerante” no dicionário *Comunicando em Libras: Módulo I*, temos que a variante atual na Bahia é:

Figura 73 – Sinal de “refrigerante” no estado da Bahia



Fonte: Jesus et al., (2006, p. 54).

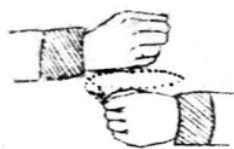
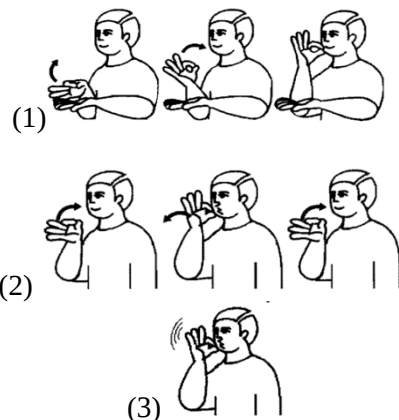
Já os sinais presentes em D3 e D4 são iguais, ou seja, ilustram a caneca e sua alça. No entanto, em D4, a segunda variante é formada apenas pela realização da sigla “C” e “P”. Em termos de uso, os sinais representados em D3 e D4 (primeira variante) têm uma maior circulação na Comunidade Surda.

Sobre o processo de mudança lexical desses sinais, podemos propor como hipótese a mudança provocada por um aspecto cultural, isto é, tem relação com o modo e o objeto que as pessoas adotavam e adotam para consumir esse produto. Nesse caso, D1 e D2 ilustram o movimento de retirada da tampa de uma garrafa, apesar de adotarem parâmetros fonológicos distintos para essa realização; D3 e D4 (variante 1), por sua vez, representam o ato de segurar uma caneca pela alça, objeto adotado com mais frequência atualmente. D4, na sua segunda variante, é formada a partir de um empréstimo linguístico das sequências de letras “C” e “P” da língua portuguesa.

No processo de mudança lexical dos séculos XIX e XX (D1/D2) para o XXI (D3/D4), podemos constatar a redução de mãos para a realização do sinal, sendo que nos séculos XIX e XX (em D1 e D2) adotavam-se as duas mãos, e em D3 e D4 (século XXI) apenas uma. Nesse caso, podem possibilitar um maior conforto e economia linguística, uma vez que os sinais representados em D3 e D4 fazem o uso de apenas uma das mãos. Em todos esses exemplos, seja nos sinais formados com ambas as mãos ou apenas uma delas, entendemos que se trata de uma lexia simples, uma vez que apresentam apenas um único sinal, um único radical.

Por fim, observamos que todas as variantes não são completamente icônicas e tampouco não-icônicas, uma vez que os sinais de D1 e D2 podem ser adotados em outros contextos nos quais haja a abertura de garrafas, a exemplo de refrigerante, vinho e outras bebidas. Nesse sentido, aproximam-se mais da não-iconicidade e podem ser classificados como obscuros, tendo em vista essa indefinição. Ainda, os sinais registrados em D3 e D4 (primeira variante) podem, nos termos de Constâncio (2022), ser classificados como translúcidos, estando mais próximos da iconicidade ao representarem o modo como se emprega uma caneca ao segurar e tomar um chope. Finalmente, em D4 (segunda variante), por ocorrer um empréstimo linguístico da língua portuguesa, observa-se um traço de não-iconicidade, já que essa sequência de letras faz referência ao termo na língua portuguesa escrita, não apresentando traços de iconicidade com nenhuma forma.

Quadro 20 – Sinal para “CAFÉ” em quatro sincronias

Século XIX	Século XX	Século XXI	
Dicionário - D1	Dicionário - D2	Dicionário - D3	Dicionário - D4
Autor: Gama (1875)	Autor: Oates, 2º ed. (1983)	Autor: Jesus <i>et al.</i> (2006)	Autor: Capovilla, Raphael e Mauricio, 3ª ed. (2013)
Sinal 	Sinal 	Sinal 	Sinal  SW 
Descrição: “CAFÉ: O sinal de água varia muito, exemplo: chuva, e beber, nadar e beber; o sinal mais usado é o da Água” (Gama, 1875, p.17).	Descrição: “CAFÉ - (792) - Mão esquerda aberta, palma para cima, colocada perto da boca. Com as pontas do indicador e polegar direitos unidas, demais dedos distendidos, simular alguém levando uma xícara de café à boca” (Oates, 1983, p. 184).	Não há descrição.	Descrição: “café (1): (sinal usado em: SP, MS, DF, PR, CE, BA, RS) [...] Mão esquerda aberta, palma para cima; mão direita horizontal aberta, palma para a esquerda, dedos indicador e polegar unidos pelas pontas, acima dos dedos esquerdos. Mover a mão direita em direção à boca, duas vezes. café (2): (sinal usado em: SP, CE, MG, SC, RS) [...] Mão horizontal aberta, palma para a esquerda, dedos indicador e polegar unidos pelas pontas, próxima à boca. Mover ligeiramente a mão em direção à boca, inclinando os dedos para cima. café (3): (sinal usado em: RJ) [...] Mão vertical aberta, palma para a esquerda, dedos polegar e indicador unidos pelas pontas,

			diante da boca. Tremular a mão” (Capovilla; Raphael; Mauricio, 2013, p. 603-604).
--	--	--	---

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

Inicialmente, destaca-se que o sinal sofreu mudança lexical em tempo real, quando comparamos o século XIX (D1) com os demais. D1, em sua forma, é bem distante dos sinais apresentados nos demais dicionários. Atualmente, essa forma linguística encontra-se em desuso. D2, D3 e D4 apresentaram as formas linguísticas similares, mas em D4 (segunda e terceira variantes) temos a redução articulatória ao se apresentar somente a mão ativa, reduzindo uma mão passiva. Desse modo, a redução pode atuar na garantia da economia e conforto linguístico. Ainda sobre D4 (primeira variante), observa-se que sua realização é idêntica aos sinais dispostos em D2 e D3.

Em termos de constituição, temos que o sinal registrado em D1 é realizado a partir das

duas mãos articuladas na mesma configuração, sendo (CM  69). Diferentemente de D1, D2, D3 e D4 (primeira variante), apesar de adotarem duas mãos, valem-se de configurações

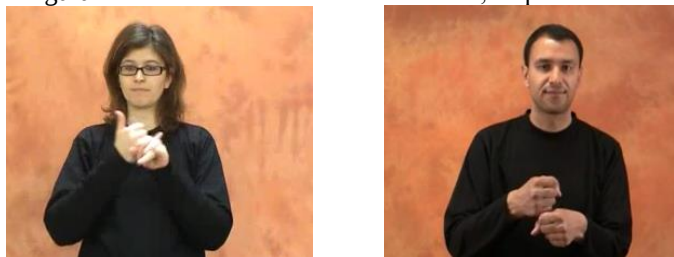
distintas, isto é, uma configuração para a mão ativa (CM mão ativa  17), que representa a ação de se segurar uma “xícara”, e uma configuração de mão para a mão passiva (CM mão

passiva  01) que representa o objeto “pires”. D4, ao apresentar a segunda e terceira variante, apresenta dois sinais com apenas a mão ativa, com a configuração de mão idêntica à dos sinais registrado em D2, D3 e D4 (primeira variante).

Sobre a forma linguística adotada em D1, uma hipótese que nos ajuda a explicar essa realização é que, como já discutido anteriormente neste trabalho, a obra de Gama (1875) é uma reprodução de um material produzido na França, tratando-se, nesse caso, de um empréstimo linguístico entre línguas de sinais. Essa visão é reforçada ao compararmos esse sinal (café) com os adotados na Língua Francesa de Sinais e na Língua Americana de Sinais¹⁰, sendo que se diferem apenas pela CM utilizada na mão ativa (LSF) e é idêntico ao adotado na ASL. Veja as figuras:

¹⁰ De modo similar ao que ocorreu no Brasil, a educação de Surdos no Estados Unidos da América também teve influência francesa, a partir do uso do método de ensino conhecido como gestualismo, assim como pela língua de sinais adotada inicialmente - Língua Francesa de Sinais (Carvalho, 2007).

Figura 74 – Sinal de “café” em LSF e ASL, respectivamente



Fonte: *Spreadthesign*. Disponível em: <https://www.spreadthesign.com/pt.br/search/>. Acesso em: 22 set. 2023.

Os sinais registrados em D2, D3 e D4 são usados hoje pela comunidade surda no Brasil. Também percebemos que em D4 (segunda e terceira variante) o sinal foi reduzido por meio da redução e eliminação da mão passiva; porém a partir do século XX (D2, D3 e D4, primeira variante) ambas as mãos seguem sendo necessárias, ilustrando com a mão passiva o “pires” e com a mão ativa o pegar na alça da “xícara”. Também, ao compararmos a segunda e a terceira variantes registradas em D4, constatamos que os sinais se diferenciam pelo movimento, sendo que o primeiro sinal tem o movimento repetido, indicando o levar e distanciar a “xícara” da boca, e o segundo, por sua vez, representa apenas a “xícara” próxima à boca, realizando um movimento de rotação de antebraço.

Em síntese, o sinal de D1 caiu em desuso, a comunidade surda não o utiliza mais. D4 (variantes dois e três) registra sinais que passaram por uma redução articulatória, ou seja, eliminou-se a mão passiva, pois pode ser mais confortável usar apenas a mão ativa. As variantes registradas em D2 e D3 e D4 (primeira variante) são formas linguísticas idênticas, possuindo a mesma configuração de mão – com mão ativa e passiva –, movimento e locação. Ainda, todos os sinais podem ser classificados como lexias simples, já que se constituem apenas de um item lexical. No caso de D1, pelo fato de representar uma forma pouco adotada no país atualmente, classificaremos como um sinal obscuro (Cf. Constâncio, 2022), tendo em vista que o significado necessitaria ser complementado para que houvesse a compreensão, isto é, não-icônico. Em D2, D3 e D4 (primeira variante), pelo fato de representarem a ação de segurar o objeto “xícara” e o “pires” direcionando-se à boca, o seu sentido também não está completo no sinal, sendo um sinal obscuro, haja vista que haveria a possibilidade de ser lido como “chá” ou qualquer outra bebida utilizando uma xícara, sendo, portanto, não-icônico. Em D4 (segunda variante), por não representar o objeto “pires”, pode indicar qualquer objeto que é segurado e levado à boca, a exemplo de um canudo. Finalmente, na lexia registrada em D4 (terceira variante), a forma de realização desse sinal se aproxima ao sinal adotado em alguns Estados, como na Bahia, especialmente em Salvador, para “cigarro de maconha”, referindo-

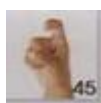
se ao ato de segurar um objeto e colocá-lo na boca com um movimento reduzido ou agitando o antebraço. Portanto, tendo em vista que essas formas linguísticas podem indicar outros referentes no mundo real, nós as classificaremos como não-icônicas, já que o objeto “xícara” culturalmente pode ser utilizado no consumo de outros tipos de bebidas, levando a uma não referenciação específica.

Quadro 21 – Sinal para “ÁGUA” em quatro sincronias

Século XIX	Século XX	Século XXI		
Dicionário - D1	Dicionário - D2	Dicionário - D3	Dicionário - D4	
Autor: Gama (1875)	Autor: Oates, 2º ed. (1983)	Autor: Jesus <i>et al.</i> (2006)	Autor: Capovilla, Raphael e Mauricio, 3ª ed. (2013)	
Sinal 	Sinal 	Sinal 	Sinal 	SW 
Descrição: “Água: O indicador curvado representa a torneira, e o seu movimento representa a água que corre” (Gama 1875, p. 17).	Descrição: “Água - (781) - Mão direita em “L”, palma para a esquerda. Colocar a ponta do polegar no queixo e mover um pouco o dedo indicador” (Oates, 1983, p. 182).	Não há descrição.	Descrição: “água: (sinal usado em: SP, RJ, MS, DF, PR, SC, BA, PB, MG, CE, RS) [...] (Mão em L, palma para a esquerda, ponta do polegar tocando o queixo. Balançar o indicador para a esquerda, duas vezes” (Capovilla; Raphael; Mauricio, 2013, p. 308).	

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

Percebemos uma mudança gradativa entre o sinal registrado em D1 em comparação com os demais. Nesse caso, quanto a P1, podemos dizer que o sinal apresenta outra forma somente em D1. Observamos que, diferentemente dos outros, ele difere-se pela configuração



de mão, sendo (CM 45) e em D2/D3 e D4 (CM 24) e quanto ao ponto de articulação, já que D2, D3 e D4 apresentam um novo sinal que já tem como locação o queixo. O sinal de ÁGUA utilizado no século XIX (em D1) é mais próximo ao icônico e ilustra a forma que era utilizada para tirar água do poço, ou seja, a partir do movimento realizado.

Ao longo do tempo, o uso dos sinais unitários ÁGUA + BEBER (como apresentado em D1), deu origem a um novo sinal de ÁGUA (D2, D3 e D4) que incorporou o significado dos dois sinais anteriores em um único, deixando a sinalização mais fluida e direta. Nesse caso, ao considerarmos o processo fonológico envolvido nessa mudança, teremos, a partir de Friedman (1975) e Silva e Xavier (2023), que se trata de um caso de assimilação. De acordo com Friedman (1975), a assimilação decorre da cópia ou da reprodução de uma dada unidade fonológica, a partir de características e unidades fonológicas de outras partes adjacentes, que passam a ser assimiladas. Nesse sentido, descreve que quando uma unidade fonológica assimila e reproduz unidades posteriores a ela, tem-se um caso de assimilação regressiva. Por outro lado, quando uma unidade fonológica reproduz características de uma unidade fonológica expressa anteriormente a ela, trata-se de um caso de assimilação progressiva. No caso do sinal analisado – ÁGUA –, conforme Diniz (2011, p. 110),

[...] formas de sinais da Iconografia foram reduzidas, as CMs foram assimiladas, e o movimento tornou-se uniforme. ÁGUA era produzido pelos dois sinais unitários: ÁGUA e BEBER, e foi combinado para um sinal singular com a CM da primeira parte que foi assimilada para a segunda parte e o movimento semelhante no mesmo local da segunda parte do sinal composto.

Nesse sentido, a partir de Friedman (1975) e Silva e Xavier (2023), consideraremos que se de uma ocorrência de assimilação progressiva, envolvendo a reprodução e assimilação da configuração de mão do primeiro sinal (ÁGUA) no segundo (BEBER), constituindo, assim, um sinal singular que assimila partes do primeiro no segundo sinal. Observamos, portanto, que o segundo sinal passa a copiar e a reproduzir em sua constituição parte da configuração de mão do primeiro sinal, ocorrendo, nesse caso, a assimilação progressiva da configuração de mão do sinal de “ÁGUA” pelo sinal de “BEBER”, na variante em uso no século XIX, tal

como ilustrada em Gama (1875). Além da assimilação da configuração de mão, constatamos também a manutenção do movimento e da locação adotada pelo segundo sinal.

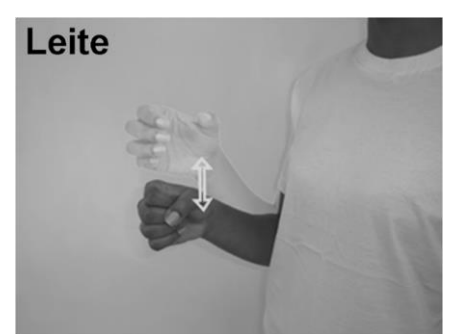
Podemos ampliar a discussão de Diniz (2011) e afirmar que esse processo de assimilação tornou os sinais de D2, D3 e D4 mais confortáveis. Desse modo, esse sinal é uma mudança lexical, pela configuração da mão em um dedo em D1, tendo em vista que esse apresenta o dedo polegar fechado e, ao compararmos com D2, D3 e D4, observa-se o uso de



uma CM com o polegar estendido (CM 24). Além disso, os sinais se diferenciam também pelo ponto de articulação, sendo que em D1 o sinal era feito no espaço neutro e em D2, D3 e D4, a partir do momento em que ocorreu a assimilação com o sinal BEBER, o ponto de articulação alterou-se para o queixo, passando a expressar, inclusive, o contato nesta região. Ou seja, tendo em vista esse processo, até hoje a comunidade de sinalizantes, quando vai expressar a ideia de “beber água”, usa apenas o sinal de “água”, uma vez que ambos os significados estão inseridos no mesmo sinal.

Ao analisarmos o sinal representado em D1, percebemos a presença de uma lexia simples, isto é, o uso de um sinal representando o movimento de retirada de água de um poço, e, em termos de iconicidade, trata-se de um sinal translúcido, nos termos de Constâncio (2022), justamente por ilustrar um movimento empregado na ação real. No entanto, os sinais registrados em D2, D3 e D4 assumem formas que podem ser consideradas lexias compostas, uma vez que em seu processo de formação, combinam o emprego de dois sinais previamente existentes, “água” e “beber”. Ainda, tendo em vista a necessidade de conhecer o processo histórico de criação e uso da primeira forma do sinal de “água”, podemos classificá-los como sinais não-icônicos, uma vez que, sem essas informações contextuais, uma pessoa que não usa a Libras não seria capaz de reconhecer a forma atual do sinal. Além disso, em termos de uso, a forma do sinal de “água” é atualmente combinada para formar outros sinais, a exemplo de “rio”, “enchente” e “piscina”, o que nos ajuda a reforçar a não-iconicidade do sinal, já que, nesses contextos, não teríamos a indicação da ideia de “beber água”.

Quadro 22 – sinal para “LEITE” em quatro sincronias

Século XIX	Século XX	Século XXI	
Dicionário - D1	Dicionário - D2	Dicionário - D3	Dicionário - D4
Autor: Gama (1875)	Autor: Oates, 2º ed. (1983)	Autor: Jesus <i>et al.</i> (2006)	Autor: Capovilla, Raphael e Mauricio, 3ª ed. (2013)
Sinal 	Sinal 	Sinal 	Sinal  SW 
Descrição: “LEITE: Representa-se com o indicador esquerdo o peito da vaca e com a mão direita a ação de mugir” (Gama, 1875, p. 17).	Descrição: “LEITE - (814) - Mão direita em ‘S’ horizontal, palma para esquerda. Elevar e baixar a mão, abrindo e fechando os dedos ao mesmo tempo, imitando um fazendeiro ordenhando uma vaca” (Oates, 1983, p. 189).	Não há descrição.	Descrição: “leite: (sinal usado em: SP, RJ, DF, PR, SC, BA, MG, CE, RS) [...] (Mão em S horizontal, palma para trás. Movê-la para cima e para baixo, abrindo-a e fechando-a, ligeiramente.)” (Capovilla; Raphael; Mauricio, 2013, p. 1556).

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

Do século XIX (D1) para o XX (D2) e o XXI (D3, D4) não ocorreu a mudança dos sinais estudados. Observamos apenas a redução da mão passiva nos sinais registrados em D2, D3 e D4. Conforme Diniz (2011, p. 112), há casos em que as “formas de sinais de duas mãos perdem uma mão passiva, embora a informação lexical permaneça na mão ativa”.

Percebemos que, no século XIX (em D1), eram empregadas ambas as mãos, isto é, a mão passiva e a mão ativa. Por sua vez, percebemos que, a partir do século XX (em D2, D3 e D4), fixou-se o uso apenas da mão ativa para o sinal de “leite”, ocorrendo a redução da mão passiva. Nesse processo, constatamos que o sinal registrado em D1 tem necessidade de ambas as mãos; então houve somente exclusão da mão passiva nos séculos seguintes ao registrado em D1. Ainda, observamos que em D1 a mão ativa apresenta uma configuração da mão diferente da presente em D2/D3 e D4, sendo que D1 apresentou a mão com os dedos fechados,

com exceção do polegar (CM  68); ao passo que D2, D3 e D4 apresentam uma CM com

 todos os dedos fechados (CM  69). Ainda, todos os quatro sinais apresentam o mesmo ponto de articulação, isto é, o espaço neutro.

Em todos os casos, por apresentarem uma única forma, todos os sinais foram classificados como lexia simples. Ainda, ao analisarmos a iconicidade, percebemos que D1, ao representar a teta da vaca com a mão passiva e o movimento de extração do leite (ordenha) com a mão ativa, apresenta traços de iconicidade. Em D2, D3 e D4, esse traço ainda se mantém, mas representando apenas o movimento, o que faz com que ele seja classificado como translúcido (Constâncio, 2022), uma vez que sua forma ainda pode ser facilmente relacionada ao significado.

Quadro 23 – Sinal para “VINHO” em quatro sincronias

Século XIX	Século XX	Século XXI		
Dicionário - D1	Dicionário - D2	Dicionário - D3	Dicionário - D4	
Autor: Gama (1875)	Autor: Oates, 2º ed. (1983)	Autor: Jesus <i>et al.</i> (2006)	Autor: Capovilla, Raphael e Mauricio, 3ª ed. (2013)	
Sinal 	Sinal 	Neste dicionário não consta o sinal para Vinho	Sinal 	SW 
Descrição: “VINHO: O-V- dactylogico¹¹ feito sobre a face, esfregando e indica a cor do vinho” (Gama, 1875, p. 17).	Descrição: “VINHO - (852) - Mão direita em ‘V’, palma para a esquerda. Descrever pequenos círculos na bochecha direita com as pontas dos dois dedos em ‘V’” (Oates, 1983, p. 196).	Não há descrição.	Descrição: “vinho: (sinal usado em: SP, RJ, MS, MG, DF, PR, SC, CE, RS) [...] Mão em V, palma para a esquerda, pontas dos dedos tocando a bochecha. Movê-la em pequenos círculos verticais para frente (sentido horário) sobre a bochecha” (Capovilla; Raphael; Mauricio, 2013, p. 2505).	

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

¹¹ Consideramos, como hipótese, que a letra O, nesse caso, faz referência ao formato do movimento, ou seja, movimento de esfregar em formato circular. Ainda, a letra V, refere-se à configuração de mão, isto é, a datilologia da letra “V”.

Para o sinal “VINHO” fizemos um comparativo entre D1, D2 e D4, já que D3 não faz registro deste sinal. Na comparação, percebemos que o sinal não sofreu nenhum tipo de mudança entre os dicionários. Desse modo, todos apresentam a mesma configuração de mão



(CM  54), ponto de articulação e movimento.

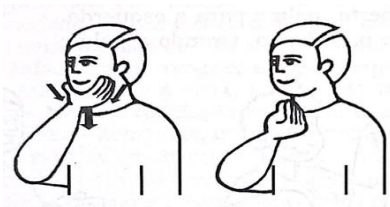
Apesar de se tratar do mesmo sinal, em D1, a ilustração do sinal não é apresentada com o movimento, porque se trata de uma obra de época mais antiga. Contudo, na descrição de realização do sinal, a necessidade do movimento de esfregar é apontada. Desse modo, temos como hipótese, pela presença da letra “O”, o movimento pode ser entendido como circular. Em D2 e D4, pela presença de setas nas ilustrações, observa-se com mais exatidão o movimento feito, ou seja, os dedos tocando e se movimentando de modo circular pela bochecha.

Finalmente, classificamos o sinal para “VINHO” como uma lexia simples, uma vez que apresenta uma única forma. Observamos também que é um sinal não-icônico, uma vez que o significado do sinal não é facilmente reconhecido pela sua forma. Observamos em D1 uma descrição que ajudaria a entender a motivação do sinal. De acordo com a obra, o sinal tem sua motivação por indicar a cor do vinho, que seria algo próximo à tonalidade da bochecha. Contudo, atualmente, essa motivação não se aplica, já que o sinal para “vermelho”, por exemplo, é completamente outro.

6.3 Sinais do campo semântico gênero e família

Na terceira categoria, no campo semântico 3, são analisados os sinais do campo semântico “gênero e família”, a partir do quadro a seguir.

Quadro 24 – Sinal para “HOMEM” em quatro sincronias

Século XIX	Século XX	Século XXI		
Dicionário - D1	Dicionário - D2	Dicionário - D3	Dicionário - D4	
Autor: Gama (1875)	Autor: Oates, 2º ed. (1983)	Autor: Jesus <i>et al.</i> (2006)	Autor: Capovilla, Raphael e Mauricio, 3ª ed. (2013)	
Sinal 	Sinal 	Sinal 	Sinal 	SW 
Descrição: “HOMEM: Fingir tirar o chapéu” (Gama, 1875, p. 23).	Descrição: “HOMEM - (732) - Mão direita em "C" horizontal, palma para dentro. Colocar as pontas dos dedos nos lados do queixo e afastar a mão para a frente, unindo as pontas dos dedos ao mesmo tempo. (Senhor, cavalheiro, varão, masculino, macho)” (Oates, 1983, p. 171).	Não há descrição.	Descrição: “homem: (sinal usado em: SP, RJ, MS, MG, DF, PR, SC, BA, CE, RS). [...] Mão em C, palma para cima, dedos tocando cada lado do queixo. Mover a mão, ligeiramente para baixo, unindo as pontas dos dedos” (Capovilla; Raphael; Mauricio, 2013, p. 1392).	

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

O sinal utilizado para “HOMEM” mudou do século XIX (D1) para o século XX e XXI. Observa-se em D1 um sinal que atualmente caiu em desuso. Nesse caso, as formas de D1 e D2, D3 e D4 são diferentes, ocorrendo uma mudança lexical. D1 apresentou diferente



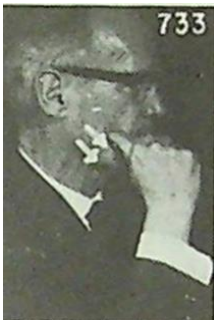
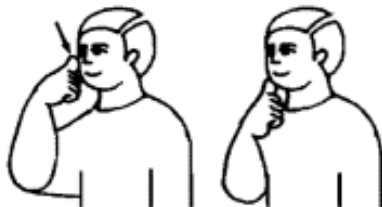
configuração da mão (CM 45), locação, movimento e orientação de palma. Na descrição do sinal, encontra-se que a forma é motivada por tentar indicar o movimento de retirada do chapéu. D2, D3 e D4, por sua vez, apresentam o sinal motivado a partir da tentativa de representação da barba, geralmente relacionada com os homens, assim como é evidente na descrição de Oates (1983, p. 171), que detalha e apresenta como sinônimo sinais como “Senhor, cavalheiro, varão, masculino, macho”. Nesses casos, D2, D3 e D4 utilizam a mesma



configuração de mão inicial e final (CM 11) e (CM 08), mesmo ponto de articulação, mesmo movimento e orientação de palma.

Nesses casos, todas as variantes podem ser classificadas como lexia simples, por valerem-se de uma única forma. Sobre a iconicidade, o sinal de D1 não representa com exatidão o modo como os cavalheiros retiravam o chapéu para saudar outras pessoas. Desse modo, na atualidade, sua forma pode ser considerada opaca, já que não é tão evidente. Em tempos nos quais esse sinal circulava e era empregado, sua forma poderia ser considerada translúcida, já que existiria uma relação próxima aos comportamentos da época. Os sinais representados em D2, D3 e D4 fazem referência ao uso da barba e, como essa não é uma característica inerente a todos os homens, podemos classificar o sinal como translúcido, nos termos de Constâncio (2022), já que possui traços de iconicidade.

Quadro 25 – Sinal para “MULHER” em quatro sincronias

Século XIX	Século XX	Século XXI		
Dicionário - D1	Dicionário - D2	Dicionário - D3	Dicionário - D4	
Autor: Gama (1875)	Autor: Oates, 2º ed. (1983)	Autor: Jesus <i>et al.</i> (2006)	Autor: Capovilla, Raphael e Mauricio, 3ª ed. (2013)	
Sinal 	Sinal 	Sinal 	Sinal 	SW 
Descrição: “MULHER: Passar o indicador desde a ponte até abaixo do queixo” (Gama, 1875, p. 23).	Descrição: “MULHER - (733) - Mão direita em ‘A’, palma para a esquerda, polegar bem destacado. Passar o lado do polegar sobre a bochecha direita duas vezes, de dentro para fora. (Senhora, dama, feminina, fêmea)” (Oates, 1983, p. 171).	Não há descrição.	Descrição: “mulher: (sinal usado em: SP, RJ, MS, MG, DF, PR, CE, PB, SC, BA, RS). [...] Mão horizontal fechada, palma para a esquerda, polegar distendido. Passar o lado do polegar sobre a bochecha, em direção ao queixo” (Capovilla; Raphael; Mauricio, 2013, p. 1756).	

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

No caso do sinal analisado, podemos constatar que ele não sofreu mudança lexical, apenas alterou a configuração de mão com o passar dos anos. Nesse caso, o sinal presente em



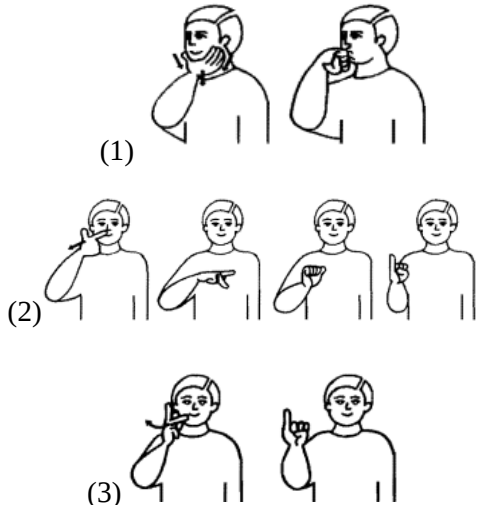
D1 usa a configuração de mão a partir do dedo indicador (CM em 48) e os sinais representados em D2, D3 e D4 valem-se da configuração de mão a partir do dedo polegar (CM



em 68). Sobre a locação, todos possuem a região lateral do rosto como ponto de articulação, sendo que o movimento retilíneo se inicia próximo à região da orelha e se desloca até o queixo. Ainda sobre o movimento, em D2 é destacada a necessidade de que o movimento ocorra duas vezes; em D1, não identificamos essa informação; e em D3 e D4, pelas setas usadas na ilustração e no registro em *SignWriting* identifica-se um único movimento. Na contemporaneidade, a forma representada em D2 é mais facilmente percebida quando levamos em conta o uso social.

O sinal registrado nos quatro dicionários pode ser considerado como lexias simples, tendo em vista a presença de uma única forma. Em termos de análise da iconicidade, atualmente, os sinais representados em D1, D2, D3 e D4 podem ser classificados como icônicos.

Quadro 26 – Sinal para “PAI” em quatro sincronias

Século XIX	Século XX	Século XXI	
Dicionário - D1	Dicionário - D2	Dicionário - D3	Dicionário - D4
Autor: Gama (1875)	Autor: Oates, 2º ed. (1983)	Autor: Jesus <i>et al.</i> (2006)	Autor: Capovilla, Raphael e Mauricio, 3ª ed. (2013)
Sinal 	Sinal 	Sinal 	Sinal  SW 
Descrição: “PAI: Signal de nascer” (Gama, 1875, p. 23).	Descrição: “PAI - (737) - Fazer a mímica de ‘homem’ e, logo depois, beijar o dorso da mão direita” (Oates, 1983, p. 172).	Não há descrição.	Descrição: “pai (1): (sinal usado em: SP, RJ, MS, MG, DF, PR, CE, BA). [...] Fazer este sinal HOMEM: Mão em C, palma para cima, dedos tocando cada lado do queixo. Mover a mão, ligeiramente para baixo, unindo as pontas dos dedos. Em seguida, beijar o dorso da mão direita fechada. pai (2): (sinal usado em: SP). [...] Mão direita em L horizontal, palma para trás. Passar o indicador acima do lábio superior e então, soletrar P - A - I.

			pai (3): (sinal usado em: DF, CE, SC). [...] Mão direita em P vertical, palma para a esquerda, ponta do dedo médio tocando próximo ao canto da boca. Mover ligeiramente a mão para a direita, soletrando I” (Capovilla; Raphael; Mauricio, 2013, p. 1868-1869).
--	--	--	---

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

Do século XIX para o século XX, houve a alteração do sinal. Em D1, podemos observar que o sinal é um só para “pai” e “mãe” e ele remete ao ato de nascer, assim como descrito em Gama (1875). A partir do século XX (em D2), observa-se o uso de uma nova forma linguística, de um novo item léxico. Nesse caso, o sinal apresenta forma e configuração adotada atualmente, sendo um sinal formado a partir de duas partes, culminando em um sinal composto (“homem” + benção no dorso da mão). Essa mudança apresenta alterações na CM

(CM ) e (CM ) + (CM ) , locação, movimento, orientação da mão e também na morfologia, já que o sinal é gerado a partir de um processo de composição. Essa mesma variante é representada em D2, D3 e D4 (primeira variante).

D4, diferentemente dos dicionários anteriores, apresenta exemplos de variação linguística, mostrando três variantes para o sinal de “pai”. A primeira é usada pela maioria dos surdos no Brasil, sendo considerada padrão; a segunda é um empréstimo linguístico da Língua Portuguesa a partir das letras da palavra P-A-I, seguindo essa sequência de

configurações (CM ) após, (CM ) + (CM ) + (CM ) . A terceira também é um empréstimo, mas observamos uma redução com relação à quantidade de CMs,

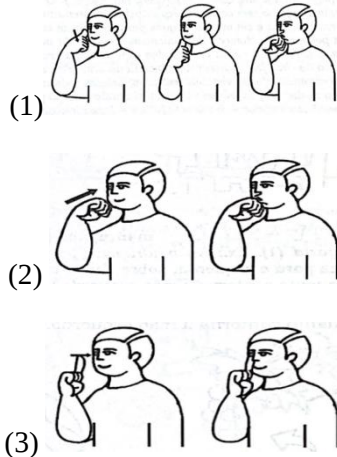
sendo que representa as letras P-I (CM ) + (CM ) , eliminando a letra “A”. Nesse caso, esse sinal respeita a regra de restrição descrita para a constituição de sinais em Libras (Quadros; Karnopp, 2004; Quadros, 2019).

Quanto ao significado, em D2, D3 e D4 (primeira variante) temos o uso dos sinais H-O-M-E-M + BENÇÃO, que representa, no caso da benção, o ato dos filhos de beijar a mão de pessoas mais velhas como forma de respeito e pedido de bênção, por influência, acreditamos, de práticas do cristianismo. Levando em conta esse fator, na atualidade, esse sinal pode ser considerado como padrão no Brasil, uma vez que é a forma adotada na maioria dos Estados.

Em termos classificatórios, o sinal representado em D1 pode ser analisado como obscuro, tendo em vista que a forma linguística é dependente do contexto e pode ser utilizada para se referir a outros termos, naquele período, desse mesmo campo semântico, a exemplo de “mãe”, “nascer”, “parto” e outros. A variante ilustrada em D2, D3 e D4 (primeiro sinal) também pode ser compreendida como obscura, uma vez que, por se tratar de uma composição, é necessário que o interlocutor conheça o sinal de “homem” e que também compreenda que o segundo sinal se refere ao ato de pedir a benção aos pais, aspecto esse ligado a uma religião

específica, o catolicismo. Sobre a segunda variante usada em D4, compreendemos que se trata de um sinal não-icônico, uma vez que se refere a um caso de empréstimo linguístico e o interlocutor fica dependente de conhecer esse termo na Língua Portuguesa escrita. Sobre o sinal da terceira variante, diferentemente do sinal anterior, ele apresenta características como movimento e uma locação específica (região do bigode) próprio da Libras. Nesse caso, por ter a locação motivada e apresentar um movimento rítmico, trata-se de um sinal obscuro. Ainda, observamos que D1 e D4 (segunda e terceira variantes) apresentam lexias simples, tendo em vista a presença de uma única forma linguística. Diferentemente, D2, D3 e D4 (primeira variante) são compreendidas como lexias compostas, já que preveem a junção de dois sinais para a criação de um terceiro significado.

Quadro 27 – Sinal para “MÃE” em quatro sincronias

Século XIX	Século XX	Século XXI	
Dicionário - D1	Dicionário - D2	Dicionário - D3	Dicionário - D4
Autor: Gama (1875)	Autor: Oates, 2º ed. (1983)	Autor: Jesus <i>et al.</i> (2006)	Autor: Capovilla, Raphael e Mauricio, 3ª ed. (2013)
Sinal 	Sinal 	Sinal 	Sinal  SW 
Descrição: “MÃE: Signal de nascer” (Gama, 1875, p. 23).	Descrição: “MÃE - (738) - Fazer a mímica de ‘mulher’ e, logo depois, beijar o dorso da mão direita” (Oates, 1983, p. 172).	Não há descrição.	Descrição: “mãe (1): (sinal usado em: SP, RJ, MS, MG, DF, CE, PR, SC, BA). [...] Fazer este sinal MULHER: Mão horizontal fechada, palma para a esquerda, polegar distendido. Passar o lado do polegar sobre a bochecha, em direção ao queixo. Então, fechar a mão, palma para baixo e beijar seu dorso. mãe (2): (sinal usado em: SP [...]) Mão fechada, palma para baixo, próxima à boca. Beijar o dorso da mão. mãe (3): (sinal usado em: RS [...]) Mão em 1, palma para a esquerda. Tocar a ponta do indicador na lateral do nariz.

			Iconicidade” (Capovilla; Raphael; Mauricio, 2013, p. 1621-1622).
--	--	--	--

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

Observando D1, vemos que o sinal se alterou do século XIX para o XX, quando comparado com as variantes de D2, D3 e D4. Ou seja, em comparação com D1, o sinal mudou a partir de D2, permanecendo a mesma variante nos casos de D3 e D4. Assim como analisado no sinal de “pai”, o sinal que hoje refere-se ao significado de “nascer” era adorado para representar vários significados nesse campo semântico, inclusive o sinal de “mulher”. Nesse



caso, ele era formado pela configuração de mão (CM), e apresentava o movimento para baixo, similar ao ato de expulsão do recém-nascido.

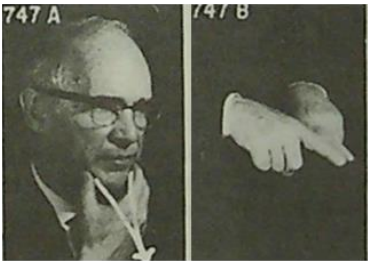
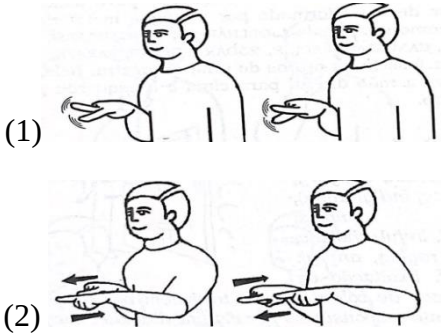
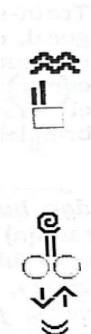
A variante representada nos dicionários D2, D3 e D4 (primeira variante) é formada a partir da combinação de dois sinais (mulher + bênção), adotando também duas configurações



de mão (CMs +). Ainda, ao realizar o sinal de “bênção”, é ilustrada a ação de se beijar o dorso da mão, assim como acontece no sinal de “pai”. Interessante observar que em D4 (segunda variante) temos o processo de redução através da eliminação do sinal de “mulher”. Nesse caso, adota-se somente o sinal de “bênção” para representar o significado de “mãe”. D4 (terceira variante) pode ser considerado uma terceira variante para o sinal de mãe, com uso predominante do Estado do Rio Grande do Sul. Para esse sinal, temos como hipótese que sua motivação esteve atrelada ao desenvolvimento de práticas de oralização, uma vez que, como o sinal faz referência ao ato de tocar o nariz, acreditamos que sua motivação esteja relacionada ao trabalho de oralização desenvolvido nas sessões de fonoaudiologia, nas quais, para perceber um som nasal, coloca-se a ponta do dedo indicador na região do nariz.

Em termos classificatórios, se levarmos em consideração o contexto de produção e uso da variante ilustrada em D1, podemos classificá-la como sendo um sinal translúcido, uma vez que a forma do sinal tem relação com o ato, geralmente associado às mães, de parir. Nos casos das variantes de D2, D3 e D4, trata-se de sinais obscuros uma vez que o interlocutor precisa ter o conhecimento cultural acerca do pedido de bênção e do contexto de identificação de sons em sessão de fonoaudiologia. Ainda, como a variante representada em D2, D3 e D4 (primeiro sinal) é uma composição, o interlocutor fica dependente de conhecer também o sinal de “mulher” para que haja a compreensão do sinal. Sobre o processo morfológico, temos lexias simples em D1 e D4 (segunda e terceira variantes) e lexias compostas em D2, D3 e D4 (primeira variante), assim como já analisado acima. Nesse sentido, o sinal apresentado em D1 foi lido como icônico e os apresentados nos demais dicionários como não-icônicos.

Quadro 28 – Sinal para “IRMÃ(O)” em quatro sincronias

Século XIX	Século XX	Século XXI		
Dicionário - D1	Dicionário - D2	Dicionário - D3	Dicionário - D4	
Autor: Gama (1875)	Autor: Oates, 2º ed. (1983)	Autor: Jesus <i>et al.</i> (2006)	Autor: Capovilla, Raphael e Mauricio, 3ª ed. (2013)	
Sinal 	Sinal 	Sinal 	Sinal 	SW 
Não há descrição.	Descrição: “IRMÃO_(747) _ Fazer a mímica de ‘homem’ e a de ‘igual’; IRMÃ (748) Fazer a mímica de ‘mulher’ e a de ‘igual’” (Oates, 1983, p. 173).	Não há descrição.	Descrição: “irmão (irmã) (1) :(sinal usado em: SP CE, RS) [...] (Mão em U, palma para baixo. Balançar os dedos médio e indicador, alternadamente, para cima e para baixo.) irmão (irmã) (2): (sinal usado em: SP, RJ, MS, DF, PR, SC, CE, MG, BA, RS) [...] (Mãos em D, palmas para baixo, indicadores para frente, tocando-se pelos lados. Mover as mãos alternadamente para frente e para trás.)” (Capovilla; Raphael; Mauricio, 2013, p. 1486).	

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

Os sinais de D1, D2, D3 e D4 (segunda variante) são iguais, apresentando a mesma



configuração da mão (CM 49), locação, movimento e orientação da mão. No primeiro sinal presente em D4, temos uma variante para o sinal de “irmão/ã”, que modifica sutilmente



a configuração de mão (CM 21 - primeiro sinal), o movimento e a quantidade de mãos, sendo que o sinal é reduzido e formado por apenas uma delas.

Sobre o movimento dos sinais, é importante debatermos que em D1, em virtude da tecnologia da época, não temos a representação do movimento do sinal, o que poderia ser sanado com uma breve descrição sobre o processo de realização do sinal. Contudo, esse sinal não apresenta uma descrição, assim como acontece com outros verbetes. Ainda sobre o movimento, as duas variantes ilustradas em D4 apresentam movimentos distintos, sendo que o primeiro sinal apresenta um movimento alternado entre dedos, e o segundo sinal um movimento entre configurações de mão para frente e para trás. Essa primeira variante pode ser considerada a padrão na atualidade, apresentando uma redução na quantidade de articuladores manuais e tornando a sinalização mais confortável e direta.

Ainda sobre o processo de composição dos dicionários, observamos que, apesar de apresentar os descritores “irmã” e “irmão”, ao consultarmos a fotografia do sinal em D2, temos apenas o sinal de “irmão”.

Sobre o processo morfológico, observamos que temos, em todos os casos, lexia simples, uma vez que temos o sinal de “igual” combinado à marcação de gênero pelos sinais de “mulher” ou “homem”. Nesse caso, não temos um processo de composição, mas apenas a indicação do gênero atribuído ao sinal. Comumente, em alguns sinais na Libras, indica-se o gênero combinando um primeiro sinal aos sinais de “mulher” e “homem” (Quadros; Karnopp, 2004). Ainda quanto a esse aspecto, em D1 temos os descritores “irmão” e “irmã” e a indicação de um único sinal através da ilustração. Em D2, temos os descritores “irmão” e “irmã”, mas a fotografia ilustra apenas o sinal de “irmão”. Contudo, na descrição, destaca-se que a forma linguística pode ser modificada para formar outros sinais, a exemplo de “meio irmão” e “irmão de criação”. D3 usa no descritor a forma simplificada “irmão(ã)” e ilustra a forma genérica similar ao sinal de “igual”, assim como em D1. D4, por sua vez, nos dois sinais usa o descritor “irm@” genérico e sem a indicação de gênero, assim como as ilustrações representam essa forma genérica sem a marcação de gênero. Isto é, diferentes estratégias

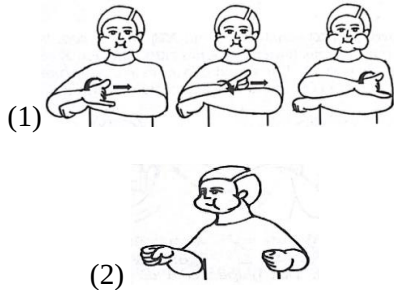
foram adotadas na marcação dos descritores e, em sua maioria, os sinais ilustrados mostram essa forma genérica sem a marcação de gênero.

Finalmente, todos os sinais ilustrados podem ser classificados como translúcidos, uma vez que há uma motivação no uso do sinal de “igual”, tendo em vista que, geralmente, irmãos são fisicamente semelhantes e realizam diferentes atividades juntos, apresentando iconicidade. Também podemos discutir que essa forma linguística também é usada pelos ouvintes como gesto para indicar pessoas que possuem uma proximidade grande ou uma relação de intimidade, o que também combina com o contexto de uso de “irmão” e “irmã”.

6.4 Sinais do campo semântico “qualidades”

Na quarta categoria, campo semântico 4, estão agrupados os sinais da classe referente a qualidades. O primeiro sinal é “gordo”, seguido de “forte”, “novo”, “velho” e “mau” para comparação D1, D2, D3 e D4.

Quadro 29 – Sinal para “GORDO” em quatro sincronias

Século XIX	Século XX	Século XXI	
Dicionário - D1	Dicionário - D2	Dicionário - D3	Dicionário - D4
Autor: Gama (1875)	Autor: Oates, 2º ed. (1983)	Autor: Jesus <i>et al.</i> (2006)	Autor: Capovilla, Raphael e Mauricio, 3ª ed. (2013)
Sinal 	Sinal 	Sinal 	Sinal  SW 
Não há descrição.	Descrição: “Gordo - (223) - Com as duas mãos recuperadas colocadas ao lado das faces, imitar gordas bochechas [...]” (Oates, 1983, p. 299).	Não há descrição.	Descrição: “gordo (1): (sinal usado em: MS, PR, RJ, BA, RS) [...] Braço esquerdo horizontal dobrado, mão fechada, palma para baixo; mão direita em Y, palma para baixo, dedos para a esquerda, tocando o pulso esquerdo. Mover a mão direita em direção ao cotovelo esquerdo, balançando-a para frente e para trás, com as bochechas infladas.) gordo (2): (sinal usado em: SP, CE, SP) [...] (Mãos em S horizontal, palma a palma a cada lado do corpo, cotovelos afastados do corpo e bochechas infladas.) [...] Iconicidade: No sinal GORDO as mãos fechadas são mantidas a cada lado do corpo e as bochechas se mantêm infladas” (Capovilla; Raphael; Maurício, 2013, p. 1348-1349).

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

D1 e D2 apresentam sinais similares. Acontece que entre os sinais de D2, D3 e D4, temos uma mudança lexical, uma vez que se mantiveram a expressão facial e corporal, mas quando analisamos a configuração de mão, a locação e o movimento, estes são diferentes. Em



D2, a configuração de mão (CM 15) tinha como locação a bochecha, que não apresentava movimento ao tocá-la. D3 e D4 (primeira variante) apresentam a configuração de mão (CM



64) posicionada sobre o antebraço e apresenta um movimento unilateral para frente, contendo o giro de antebraço. A variante ilustrada em D4 (segundo sinal) apresenta a mesma expressão facial e corporal dos demais sinais, mas difere-se pela configuração de mão (CM



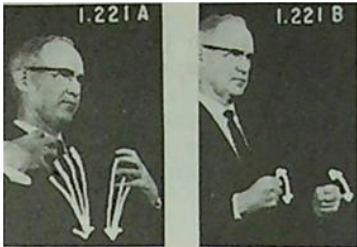
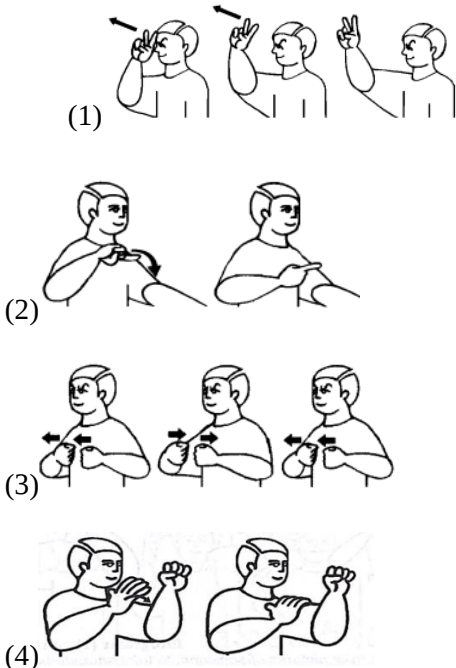
69), pela ausência de movimento e pela locação no espaço neutro.

Essa mesma observação é identificada por Diniz (2011, p. 104), ao indicar que D1 e D2 apresentam formas linguísticas idênticas, e que a mudança lexical se deu a partir de D3. Ainda segundo a autora, os sinais se aproximam pela manutenção da expressão facial e corporal, sendo que D1 e D2 possuem a bochecha como locação e a CM toca essa região. Para ela, houve a mudança lexical a partir da alteração da configuração de mão, locação, movimento e orientação em D3 e D4 (primeira variante). Nesse caso, tendo em vista a manutenção da expressão facial e corporal em todos os sinais, lançamos a hipótese de que D1 e D2 possam ter influenciado o prosseguimento desse parâmetro em D3 e D4. O dicionário D4 ilustra duas variantes adotadas em Estados distintos; no entanto, a expressão facial e corporal também é mantida.

Sobre sua classificação, todos os sinais podem ser considerados simples, haja vista a existência de uma única forma linguística. Acerca dos aspectos de iconicidade, o sinal registrados em D1 e em D2, tendo em vista a presença da expressão facial e corporal e a posição da configuração de mão sobre as bochechas, pode ser classificado como translúcido, uma vez que essa é uma característica corporal observada, geralmente, em pessoas que apresentam sobrepeso, havendo iconicidade. D3 e D4 (primeira variante) adota o antebraço possivelmente para indicar uma superfície de deslocamento. Nesse caso, o sinal pode ser considerado obscuro, por não ser compreendido diretamente por sinalizantes pouco experientes e, por isso, não apresenta iconicidade. Ainda, D4 (segunda variante), pela forma linguística empregada pode representar outras situações, a exemplo de uma pessoa forte ou

com um corpo maior; esse sinal pode ser considerado obscuro, por não apresentar também traços de iconicidade.

Quadro 30 – Sinal para “FORTE” em quatro sincronias

Século XIX	Século XX	Século XXI	
Dicionário - D1	Dicionário - D2	Dicionário - D3	Dicionário - D4
Autor: Gama (1875)	Autor: Oates, 2º ed. (1983)	Autor: Jesus <i>et al.</i> (2006)	Autor: Capovilla, Raphael e Mauricio, 3ª ed. (2013)
Sinal 	Sinal 	Sinal 	Sinal  SW 
Descrição: “FORTE: Estende-se os braços com força, cerra-se os punhos, sacode-	Descrição: “FORTE - (221) - Mãos abertas, palmas para dentro, dedos separados e esticados, colocadas à altura dos	Não há descrição.	Descrição: “forte (1): (intensidade) sinal usado em: SP, CE, MG, MS, DF, PR, SC, RJ, RS) [...] (Mão em V, palma para a esquerda, tocando a testa. Mover a mão para cima e para frente, com expressão facial contraída.)

se” (Gama, 1875, p. 29).	ombros. Baixar as mãos para frente, fechando-as e sacudindo-as com força em ‘S’ horizontal, palma virada a palma [...]” (Oates, 1983, p. 299).		forte (2): (musculoso) sinal usado em: SP, RJ, BA, RS [...] (Braço esquerdo horizontal distendido; mão direita em 1 horizontal, palma para frente, lateral do indicador tocando o braço esquerdo próximo ao ombro. Mover a mão direita em um arco para frente (sentido horário), virando a palma para trás e tocando a lateral do indicador no braço.) forte (3): (robusto) sinal usado em: SP, RJ, RS [...] (Mãos em S horizontal, palmas para trás. Movê-las para frente e para trás, com força, duas vezes.) forte (4) (robusto) sinal usado em: PR, RJ, RS [...] (Mão esquerda em S vertical, palma para a direita; mão direita aberta, palma para baixo. Tocar a palma direita no braço esquerdo, próximo à dobra interna do cotovelo.)” (Capovilla; Raphael; Maurício, 2013, p. 1298-1299).
--------------------------	--	--	--

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

Ao analisarmos a relação existente entre D1 e D2, observa-se um grau de proximidade. Nesse caso, os sinais se aproximam pela expressão facial e corporal, apresentam a mesma locação e orientação de palma e possuem movimentos similares. Contudo, a lexia registrada

em D1 é formada por apenas uma configuração de mão (CM ) e a registrada em D2

apresenta uma configuração de mão inicial (CM ) e outra configuração de mão final

(CM ) , essa última idêntica à adotada em D1.

Ainda, ao compararmos os sinais registrados em D2 e D3/D4, observa-se uma mudança lexical, uma vez que todos os parâmetros, com exceção da expressão, são

modificados. No único sinal representado em D3, temos a configuração de mão (CM ) , que se desloca pela região dos bíceps, apresentando um movimento semicircular. A mesma variante adotada em D3 é também apresentada em D4 (segunda variante), modificando apenas

a configuração de mão (CM ) – segundo sinal).

D4, por sua vez, ao representar diferentes realizações regionais, traz quatro sinais usados em contextos distintos. A primeira variante é utilizada no contexto de intensidade,

apresentando como configuração de mão (CM ) e como colocação a região do nariz.

A segunda variante, como já descrito, é utilizada para representar uma pessoa forte e musculosa. A terceira e quarta variantes são adotadas para representar uma pessoa forte e robusta. No caso do terceiro sinal, há a presença de expressão facial e temos a configuração

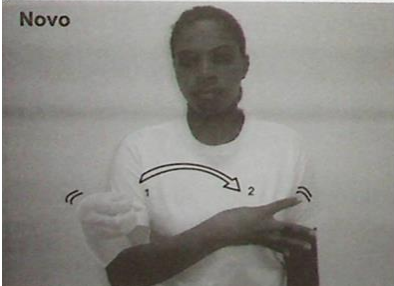
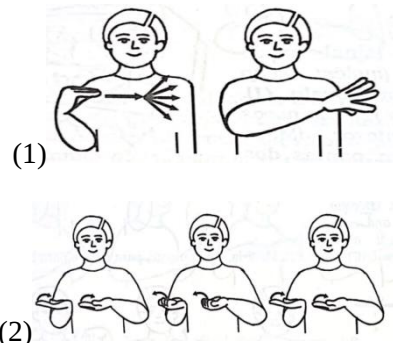
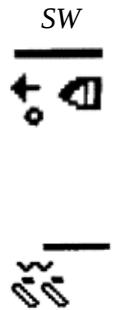
de mão (CM ) . Interessante observar que no caso de D4, a ilustração dessa variante é bem próxima à usada no sinal anterior para “gordo”. A quarta variante, finalmente, apresenta

a configuração de mão (CM ) , tem como locação a região dos bíceps e apresenta o movimento de tocar.

Em termos de composição dos dicionários, constatamos que D1, D2 e D3 não descrevem qual o contexto de aplicação deste sinal. D4, por sua vez, por se tratar de um dicionário semibilíngue, apresenta a descrição de realização de cada uma das variantes e também ilustra com um exemplo, apresentando o contexto de uso.

Ainda, sobre sua classificação, os sinais registrados são lexias simples. Os sinais representados em D1 e D2 apresentam um único contexto de uso, e, pela forma visual empregada, podem ser classificados como translúcidos, havendo traços de iconicidade. Quanto ao sinal registrado em D3, por sua vez, por não haver a ilustração do contexto de uso, observamos que a forma linguística não combina com todos os contextos de sinalização, o que faz dele um sinal obscuro, já que não parece ser icônico. A primeira variante de D4 pode ser classificada como não-icônica, por ser uma forma linguística muito específica, com contexto de uso também específico. A segunda, terceira e quarta variantes são sinais translúcidos, uma vez que na descrição se percebe com exatidão o emprego desses sinais. Além disso, todas essas variantes fazem referência a uma forma corporal, que pode indicar presença de músculo ou existência de um corpo robusto.

Quadro 31 – Sinal para “NOVO” em quatro sincronias

Século XIX	Século XX	Século XXI		
Dicionário - D1	Dicionário - D2	Dicionário - D3	Dicionário - D4	
Autor: Gama (1875)	Autor: Oates, 2º ed. (1983)	Autor: Jesus <i>et al.</i> (2006)	Autor: Capovilla, Raphael e Mauricio, 3ª ed. (2013)	
Sinal 	Sinal 	Sinal 	Sinal 	SW 
Descrição: “NOVO: Passar a mão direita sobre a esquerda, e depois abri-la” (Gama, 1875, p. 31).	Descrição: “NOVO - (245) - Mão direita em posição horizontal, palma para a esquerda, pontas dos dedos unidas. Mover a mão ligeiramente para a esquerda, separando os dedos ao mesmo tempo [...]” (Oates, 1983, p. 304).	Não há descrição.	Descrição: novo (1): sinal - usado em: SP, RJ, MS, PR, SC, BA, MG, CE, RS) [...] (Mão vertical, palma para a esquerda, dedos unidos pelas pontas, diante do ombro direito. Mover a mão para a esquerda, distendendo os dedos.) [...] Iconicidade: No sinal NOVO (LANÇAMENTO), a mão com as pontas dos dedos unidas se move para o lado enquanto os dedos se abrem, indicando o lançamento ou surgimento de algo novo. novo (2): (idade) sinal usado em: RJ, RS) [...] Mãos abertas, palmas para cima, dedos unidos e inclinados para a esquerda, ao lado esquerdo do corpo. Flexionar os dedos, duas vezes.) (Capovilla; Raphael; Maurício, 2013, p. 1802)”	

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

O sinal se alterou gradualmente de D1 (séc. XIX) para os demais, havendo a mudança da orientação de palma da mão e exclusão da mão passiva. Nesse caso, D1 apresentava o uso de duas mãos em sua realização, sendo que a mão esquerda é a mão passiva (CM , 11), além de, no caso da mão ativa, termos uma configuração inicial (CM , 08) e uma final (CM , 05). Nesse sinal, a orientação de palma é voltada para cima. Interessante observar que, atualmente, essa forma linguística teve o seu significado também alterado, sendo usada hoje em dia para indicar “criar/surgir”, como pode ser observado na ilustração do dicionário contemporâneo abaixo.

Figura 75 – Sinal em Libras para “criar” ou “surgir”



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício (2013, p. 866).

No caso dos sinais registrados a partir do século XX, em D2, D3 e D4 (primeira variante), quando comparados ao sinal de D1, observamos a redução na quantidade de articuladores, sendo que esses sinais apresentam apenas a mão ativa. Nesses casos, ainda se mantém a configuração de mão inicial (CM , 08) e a configuração de mão final (CM , 06), assim como aconteceu em D1. De acordo com Diniz (2011, p. 112), “observa-se que estas formas de sinais de duas mãos perdem uma mão passiva, embora a informação lexical permaneça na mão ativa”.

Ainda em termos de adaptações, os sinais ilustrados em D2, D3 e D4 (primeira variante) apresentam a orientação de palma para a esquerda, diferenciando de D1. Contudo, D1, D2, D3 e D4 (primeira variante) apresentam o mesmo movimento e locação.

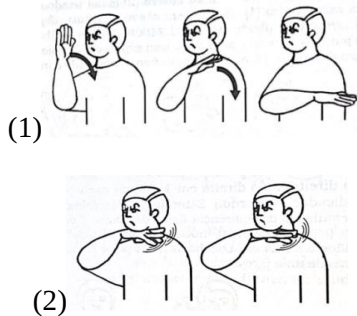
No caso dos sinais em D4, temos que as duas formas linguísticas apresentam contextos de uso distintos. Para o primeiro sinal, ele é adotado no sentido de tempo para indicar algo recente, feito há pouco tempo. O segundo sinal, por sua vez, é adotado no contexto de idade, no sentido de juventude. Nesse caso, essa segunda variante apresenta como configuração de

mão (CM  02) + (CM  74), apresentando movimento de fechamento na proximal e locação no espaço neutro.

Desse modo, na mudança em tempo real pode acontecer a redução. No século XIX, o sinal era feito com ambas as mãos. A partir do século XX, o sinal já perdeu a mão passiva, ou seja, D2, D3 e D4 apresentam somente mão ativa e também alteraram a orientação de palma. No século XIX (D1) era para cima e com locação no espaço neutro. Em D2, D3 e D4 o sinal começa da direita para esquerda, com a orientação para a esquerda. D4 apresenta dois sinais, mas com contextos de uso diferentes. Como vimos, o sinal de D1 caiu em desuso, e hoje essa mesma forma linguística é adotada no contexto de “criar/surgir”, assim como descrito acima.

Todos os sinais são lexias simples, por apresentarem uma única forma linguística. A lexia registrada em D1 pode ser classificada, ainda, como um sinal obscuro porque, por apresentar uma configuração de mão base/passiva, que, de modo inicial, esconde a configuração de mão ativa, há possibilidade de compreensão do seu significado pelo contexto. D2, D3 e D4 (primeira e segunda variantes) podem ser considerados não-icônicos, já que, pela forma linguística, não há nenhum aspecto que contribui em sua compreensão. Portanto, todos esses sinais analisados possuíam traços de não-iconicidade.

Quadro 32 – Sinal para “MAU” em quatro sincronias

Século XIX	Século XX	Século XXI		
Dicionário - D1	Dicionário - D2	Dicionário - D3	Dicionário - D4	
Autor: Gama (1875)	Autor: Oates, 2º ed. (1983)	Autor: Jesus <i>et al.</i> (2006)	Autor: Capovilla, Raphael e Mauricio, 3ª ed. (2013)	
Sinal 	Sinal 	Sinal 	Sinal 	SW 
Descrição: “MAU: Depois do signal-de bom - mover a cabeça com sinal de negativa; cruzar rapidamente os braços sobre o peito” (Gama, 1875, p. 35).	Descrição: “MAU - (204) - Mão direita aberta, palma para a esquerda, dedos apontando para cima, colocada perto do lado direito da face. Baixar a mão rapidamente diante da face numa curva para a esquerda, virando os dedos para baixo e, ao mesmo tempo, mostrando um olhar de reprovação no rosto [...]” (Oates, 1983, p. 295).	Não há descrição.	Descrição: “mau (1): (sinal usado em: SP, MS, PR, CE, MG, BA, RS) [...] (Mão vertical aberta, palma para a esquerda, acima do ombro direito. Mover a mão para a esquerda, virando a palma para baixo, com expressão facial negativa.) [...] Iconicidade: No sinal MAU - PERVERSO - MAL, a mão aberta na altura do rosto, com dedos para cima e palma para o lado, se move num grande arco para o lado e para baixo, terminando com a palma para baixo e a expressão de desagrado. Esse sinal lembra um gesto popular de crítica a algo muito ruim. mau (2): sinal usado em: RJ, RS [...] (Fazer este sinal RUIM: Mão aberta, palma para baixo, dorso da mão tocando sob o queixo.	

			Oscilar os dedos, franzindo a testa.)” (Capovilla; Raphael; Maurício, 2013, p. 1667-1668).
--	--	--	--

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

Nesse caso, ao compararmos o sinal de D1 com os ilustrados em D2, D3 e D4, constata-se a mudança lexical. Em D1, o sinal tinha a necessidade de uso de ambas as mãos, com movimento de mão igual e locação no espaço neutro. Na realização do movimento, o



sinal era formado por uma configuração de mão inicial (CM



(CM

Em termos de mudança, D2, D3 e D4 passaram a utilizar apenas a mão ativa (CM



) com movimento retilíneo para baixo e locação próxima ao rosto. Atualmente, a forma linguística do sinal de D1 é usado pela Comunidade Surda para indicar contexto e relações tóxicas. Interessante destacar que essa forma linguística ficou em desuso por muitos anos, sendo retomada na contemporaneidade com esse significado ainda próximo ao primeiro uso.

D4 apresenta duas variantes, a primeira usada na maioria dos Estados para indicar uma pessoa que tem como característica a maldade, e o segundo, conforme indicação do dicionário, é usado nos Estados do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul, com significado de ruim, podendo ser relacionado a pessoas e objetos; por exemplo: “a internet está ruim”. Nesse caso,

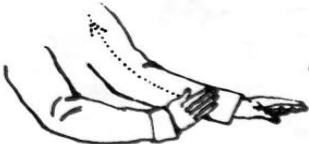
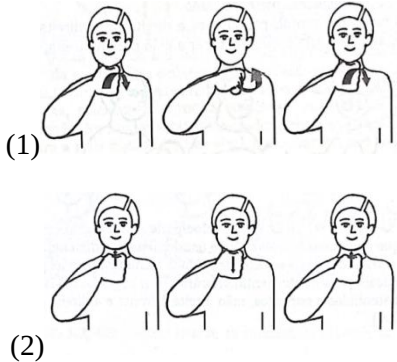


o sinal é formado pela configuração de mão (CM), tem a inferior do queixo como locação e tem apresenta movimento alternado de dedos, associado a uma expressão facial e corporal de desgosto.

Todas as variantes são lexias simples. Em termos classificatórios, pelo fato de o sinal presente em D1 ser associado à placa que indica perigo/toxicidade, esse sinal pode ser considerado como obscuro, pois, caso o sinalizante ou interlocutor tenha esse conhecimento a sua disposição, essa informação pode auxiliar na compreensão do sinal; do contrário, não.

No caso de D2, D3 e D4 (primeira e segunda variantes) podem ser classificadas como não-icônicos, uma vez que inexiste na forma linguística aspectos ou características que auxiliem em sua compreensão e associação.

Quadro 33 – Sinal para “VELHO” em quatro sincronias

Século XIX	Século XX	Século XXI	
Dicionário - D1	Dicionário - D2	Dicionário - D3	Dicionário - D4
Autor: Gama (1875)	Autor: Oates, 2º ed. (1983)	Autor: Jesus <i>et al.</i> (2006)	Autor: Capovilla, Raphael e Mauricio, 3ª ed. (2013)
Sinal 	Sinal 	Sinal 	Sinal  SW 
Descrição: “VELHO: Passar a mão direita sobre o braço esquerdo até à espádua. E também sinal de -- tarde - e de - muito tempo” (Gama, 1875, p. 31).	Descrição: “VELHO - (246) - Mão direita em ‘S’ horizontal, palma para dentro. Tocar levemente a mão debaixo do queixo duas vezes pelo lado do indicador e polegar direitos [...]” (Oates, 1983, p. 304).	Não há descrição.	Descrição: “velho (1): coisa, material) (sinal usado em: SP, RJ, SC, CE, BA) [...] (Mão em S horizontal, palma para trás. Passar o lado do indicador para baixo, na ponta do queixo, inclinando a palma para baixo, duas vezes.) velho (2): (pessoa idosa) sinal usado em: SP, RJ, MS, MG, PR, SC, CE, RS) [...] (Mão em S horizontal, palma para trás, abaixo do queixo. Tocar a mão sob o queixo duas vezes.)” (Capovilla; Raphael; Maurício, 2013, p. 2473-2474).

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

O sinal mudou de D1 para os demais dicionários. D1 usa a configuração de mão na



mão direita (CM 01) que se desloca pela região do braço, iniciando próximo a mão e indo em direção ao ombro. Esse sinal caiu em desuso e não é adotado na atualidade. Em



comparação ao sinal anterior, D2, D3 e D4 usam somente mão ativa (CM 69) e também se diferenciam pela locação, que passa a ser na parte inferior do queixo, e também apresenta movimento distinto.

D4 apresenta dois sinais para diferentes contextos. O primeiro é com o significado de “antigo”, como nos exemplos “Salvador é uma cidade antiga” e “aquele barco é velho”; e o segundo no contexto de pessoas com mais idade. Essa mesma diferenciação também é apontada em D1 ao descrever que o sinal mostrado acima é usado também no contexto de “tarde” e de “há muito tempo”, o que pode ser relacionado a objetos. Ainda nesse mesmo dicionário encontramos um segundo uso para o sinal de “velho”, mas agora relacionado a pessoa, assim como representado na figura a seguir.

Figura 76 – Sinal em Libras para “pessoa velha”



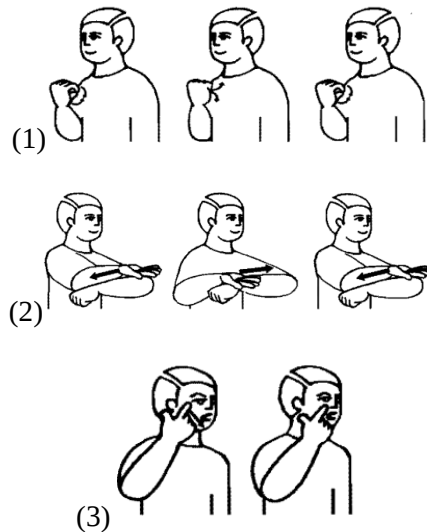
Fonte: Gama (1875, p. 28).

Em todos esses casos, os sinais podem ser considerados lexias simples. D1(sinal usado para objetos) pode ser classificado como obscuro, já que demanda a explicação de que era adotado no sentido de “há muito tempo”. D2, D3 e D4, por sua vez, podem ser considerados sinais obscuros, porque assim como no sinal anterior, a pessoa adotava um objeto para sua locomoção e tinha o corpo recaído; essa característica do corpo recaído e a configuração de mão do ato de segurar se mantém, deslocando-se para a região do queixo. Nesse sentido, todos os sinais analisados possuíam traços de não-iconicidade.

6.5 Sinais do campo semântico “cores”

Na quinta categoria, campo semântico 5, estão agrupados os sinais da classe de cores. O primeiro sinal é “branco”, seguido por “preto”, “azul”, “vermelho” e “verde” para comparação entre D1, D2, D3 e D4.

Quadro 34 – Sinal para “BRANCO” em quatro sincronias

Século XIX	Século XX	Século XXI	
Dicionário - D1	Dicionário - D2	Dicionário - D3	Dicionário - D4
Autor: Gama (1875)	Autor: Oates, 2º ed. (1983)	Autor: Jesus <i>et al.</i> (2006)	Autor: Capovilla, Raphael e Mauricio, 3ª ed. (2013)
Sinal 	Sinal 	Sinal 	Sinal  SW 
Descrição: “BRANCO - Cor da camisa” (Gama, 1875, p. 31).	Descrição: “BRANCO - (721) - Mão esquerda aberta, palma para baixo, dedos para frente. Mão direita em ‘B’ horizontal, palma para dentro, dedos para esquerda. Colocar a beira da mão direita no dorso do pulso	Não há descrição.	Descrição: “branco (1) - (sinal usado em: SP) [...] (Mão em S vertical, palma para trás. Abrir e fechar ligeiramente a mão.) branco(a) (2) (sinal usado em: RJ, MS, MG, PR) [...] (Mão esquerda fechada, palma para baixo, apontando para a direita; mão direita aberta, palma para cima. Passar o dorso dos dedos direitos sobre o antebraço esquerdo, do cotovelo em direção ao pulso, duas vezes.)

	esquerdo e mover a mão direita para frente” (Oates, 1983, p. 165).		branco(a) (3) - (pele) -sinal usado em: R.J [...] (Mão em L, palma para a esquerda, tocando a bochecha. Mover a mão em direção à boca, com expressão facial)” (Capovilla; Raphael; Maurício, 2013, p. 567).
--	--	--	---

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

Inicialmente, podemos identificar que a mudança lexical se deu entre D1 e os demais

dicionários. Nesse caso, o sinal apresenta uma configuração de mão inicial (CM ) e

uma final (CM ) , apresentando como locação o espaço neutro, próximo ao peito, fazendo referência à camisa de coloração branca. Por sua vez, D2, D3 e D4 (segundo sinal)

apresentam a mesma variante, sendo que têm como configuração de mão (CM ) , movimento retilíneo que desliza sobre a locação. No caso da locação, D2 e D3 apresentam a parte do dorso da mão como locação, e D4, por sua vez, tem essa mesma locação ampliada, iniciando-se na região superior do antebraço e indo em direção ao dorso da mão. Ainda, D2 e D3 apresentam a orientação de palma para trás, e em D4 (segundo sinal), a partir da descrição e do registro em *SignWriting*, a orientação de palma está voltada para cima. Contudo, apesar de D4 diferenciar-se pela orientação, no cotidiano, por questões de conforto linguístico, os sinalizantes usam uma orientação de palma inclinada e mais voltada para trás.

D4, ainda, por se tratar de um dicionário que ilustra a variação regional, apresenta outras duas variantes para o sinal de “branco”. Na primeira variante, o sinal é feito com a

configuração de mão (CM ) , realizando um movimento de abertura e fechamento das mãos, no espaço neutro. O segundo sinal (variante três), apresenta a configuração de mão (CM



24), que realiza um movimento semicircular, próximo à bochecha. Nesse caso, esse sinal se refere a uma tonalidade de pele, daí a marcação na bochecha.

Nesse caso, podemos analisar que, na Libras, o sinal presente em D1 caiu em desuso, sendo substituído por uma outra lexia. No entanto, ao compararmos com a Língua Francesa de Sinais e com a Língua Americana de Sinais, esse item lexical se mantém bem próximo, o que nos ajuda a refletir que se tratou de um empréstimo linguístico da primeira língua, como pode ser comprovado nas figuras abaixo.

Figura 77 – Sinal de “branco” na Língua Francesa de Sinais



Fonte: *Spreadthesign*. Disponível em: <https://www.spreadthesign.com/pt.br/search/#>. Acesso em: 17 mar. 2024.

Figura 78 – Sinal de “branco” na Língua Americana de Sinais



Fonte: *Spreadthesign*. Disponível em: <https://www.spreadthesign.com/pt.br/search/#>. Acesso em: 17 mar. 2024.

Ao compararmos os sinais nessas três línguas, é possível observar que temos em D1 e na Língua Francesa de Sinais, na contemporaneidade, o mesmo sinal. Ainda, ao compararmos com a Língua Americana de Sinais, a única alteração existente refere-se à modificação do movimento, sendo que, nesse caso, temos o fechamento de dedos, diferentemente da abertura realizada em D1 e na Língua Francesa de Sinais.

Percebemos que se trata de lexias simples, por envolver a presença apenas de um radical em sua estrutura mórfica. Sobre a classificação de D1, por se tratar de um sinal que caiu em desuso, ao considerarmos o contexto e período nos quais foi adotado, tratou-se de um sinal translúcido, uma vez que a roupa masculina recorrente era o terno – todo preto – e, por debaixo, o uso de uma camiseta branca. Nesse caso, naquele contexto, o sinal poderia ser facilmente relacionado com seu significado pelos sinalizantes. As lexias registradas em D2, D3 e D4 (variantes dois e três) podem ser consideradas não-icônicas, uma vez que não há uma motivação direta ou algum fator que ajude a explicar a forma linguística. A primeira variante registrada em D4, trata-se de um sinal obscuro, ou seja, não-icônico, já que é uma forma linguística que também é empregada em Libras para fazer referência ao sinal de “leite”.

Somente se o sinalizante tiver acesso a esse contexto, poderá relacionar a forma e o significado.

Quadro 35 – Sinal para “PRETO” em quatro sincronias

Século XIX	Século XX	Século XXI	
Dicionário - D1	Dicionário - D2	Dicionário - D3	Dicionário - D4
Autor: Gama (1875)	Autor: Oates, 2º ed. (1983)	Autor: Jesus <i>et al.</i> (2006)	Autor: Capovilla, Raphael e Mauricio, 3º ed. (2013)
Sinal 	Sinal 	Sinal 	Sinal (1)  (2)  SW  
Descrição: “PRETO - Cor das sobrancelhas” Gama, 1875, p. 31).	Descrição: “PRÊTO - (728) - Mão esquerda em ‘S’, palma para baixo. Colocar a ponta do médio da mão direita em ‘p’ no dorso da mão esquerda e mover a mão esquerda e mover a mão direita para frente e para dentro duas vezes” (Oates, 1983, p. 166).	Não há descrição.	Descrição: “preto (1) - (sinal usado em: SP, RJ, CE, MS, DF, MG, PR, BA) [...] (Mão esquerda em S, palma para baixo, apontando para a direita; mão direita aberta, palma para baixo, dedos médio e polegar unidos pelas pontas, tocando o dorso esquerdo. Mover a mão direita para a esquerda e para a direita,) preto(a) (2) - (pessoa de origem ou ascendência africana) (sinal usado em: SP, CE, RJ, RS) [...] (Mão em A, palma para baixo, tocando a têmpora direita. Girar a palma para trás, duas vezes)” (Capovilla; Raphael; Maurício, 2013, p. 2043-2044).

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

A variante registrada em D1, quando comparada às demais, foi substituída por um outro sinal, ocorrendo a mudança lexical, além de ter caído em desuso. Nesse caso, o sinal é formado pela



configuração de mão (CM 49), que apresenta movimento de toque na região da sobrancelha (locação). As variantes registradas em D2, D3 e D4 (primeiro sinal), apesar de se



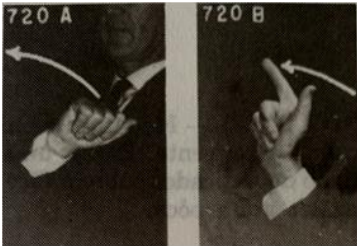
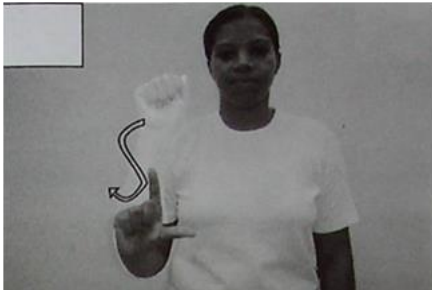
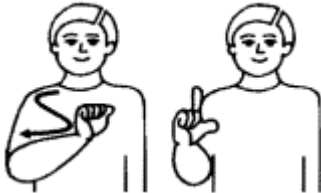
diferenciarem ligeiramente pela configuração de mão (CM 55; CM 58; CM 17), apresentam mesmos movimento e locação, referindo-se exclusivamente à cor “preta”. A segunda variante registrada em D4, por sua vez, é composta pela configuração de mão (CM



67), com toque na região lateral do rosto (têmpora) e movimento semicircular de rotação de pulso para baixo, duas vezes. Pela descrição feita no dicionário, pode-se compreender que essa segunda variante é adotada no contexto de raça, para se referir ao povo ou sujeito de origem ou ascendência africana.

Nesse caso, todos os sinais analisados correspondem a lexias simples, por apresentarem uma única forma linguística e também são considerados sinais não-icônicos, tendo em vista que não há nenhuma aproximação entre as formas linguística e seus significados.

Quadro 36 – Sinal para “AZUL” em quatro sincronias

Século XIX	Século XX	Século XXI		
Dicionário - D1	Dicionário - D2	Dicionário - D3	Dicionário - D4	
Autor: Gama (1875)	Autor: Oates, 2º ed. (1983)	Autor: Jesus <i>et al.</i> (2006)	Autor: Capovilla, Raphael e Mauricio, 3ª ed. (2013)	
Sinal 	Sinal 	Sinal 	Sinal 	SW 
Descrição: “AZUL - Cor do céu” (Gama, 1875, p. 31).	Descrição: “AZUL - (720) - Mão direita em ‘A’, palma para frente diante do peito. Elevar a mão em um grande arco para a direita, mudando ao mesmo tempo o ‘A’ em letra ‘L’” (Oates, 1983, p. 165).	Não há descrição.	Descrição: “azul (sinal usado em: SP, MS, MG, PR, CE, BA, RS) [...] (Mão em A, palma para frente, descrever a letra Z e mudar para mão em L)” (Capovilla; Raphael; Maurício, 2013, p. 466).	

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

Entre D1 e os demais dicionários, ocorreu o processo de mudança lexical. No caso de

D1, sinal hoje em desuso, apresentava-se como configuração de mão (CM )¹², no espaço neutro, realizando movimento angular. Esse sinal, assim como será discutido em outros exemplos, pode ser lido como um sinal inicializado¹² por adotar a configuração de mão referente à letra inicial da palavra “bleu” na língua francesa escrita. Os sinais registrados em

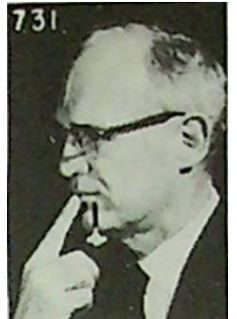
D2, D3 e D4 são formados pelo emprego de uma configuração de mão inicial (CM )

e uma final (CM )²⁴), apresentando a mesma locação, e diferenciando-se pelo movimento. No caso de D2, há um movimento retilíneo e em D3 e D4 há a realização de um movimento sinuoso, algo próximo ao “z”. Ainda em termos comparativos, D2 ilustra algo próximo a realização da datilologia em sequência das letras “a” e “l”. D3 e D4, ao realizarem o movimento, empregam ritmo próprio das línguas de sinais, ou seja, trata-se de uma forma linguística próxima ao léxico natural da Libras.

Nesse caso, todos os sinais analisados são lexias simples, por apresentarem uma única forma linguística, e todos são sinais não-icônicos. No caso de D1, por ser parcialmente motivado e fazer referência ao céu, o sinal poderia ser associado a outros significados. Em D2, D3 e D4, pela presença das letras do termo na língua portuguesa (A e L), o sinalizante precisaria de alguma explicação para relacionar esse termo com a sequência de configurações de mão na Libras.

¹² De acordo com Xavier (2011), o sinal inicializado é aquele que apresenta uma correspondência entre a configuração de mão e a letra inicial na língua majoritária do país, isto é, há uma relação direta entre a configuração de mão e a letra inicial da palavra na língua escrita majoritária. Como exemplo, o autor cita os sinais de “pessoa”, “texto” e “respeito”, sinais que apresentam uma correspondência entre as configurações de mão e as letras iniciais dessas palavras. Ainda segundo o autor, deve-se considerar que, para muitos Surdos, alguns desses sinais inicializados são estigmatizados por refletirem influência da língua oral majoritária na língua de sinais.

Quadro 37 – Sinal para “VERMELHO” em quatro sincronias

Século XIX	Século XX	Século XXI	
Dicionário - D1	Dicionário - D2	Dicionário - D3	Dicionário - D4
Autor: Gama (1875)	Autor: Oates, 2º ed. (1983)	Autor: Jesus <i>et al.</i> (2006)	Autor: Capovilla, Raphael e Mauricio, 3a ed. (2013)
Sinal 	Sinal 	Sinal 	Sinal  SW 
Descrição: “VERMELHO -: Cor dos lábios” (Gama, 1875, p. 31).	Descrição: “VERMELHO - (731) - Mão direita em ‘D’, palma para dentro. Tocar o lábio inferior com a ponta do indicador em movimento para baixo [...]” (Oates, 1983, p. 167).	Não há descrição.	Descrição: “vermelho - Sinal usado em : SP, RJ, MS, MG, DF, PR, CE, SC, BA, RS) [...] (Mão em 1, palma para trás, ponta do indicador tocando abaixo do lábio inferior. Movê-la, ligeiramente, para baixo, curvando o dedo indicador, duas vezes)” (Capovilla; Raphael; Maurício, 2013, p. 2487).

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

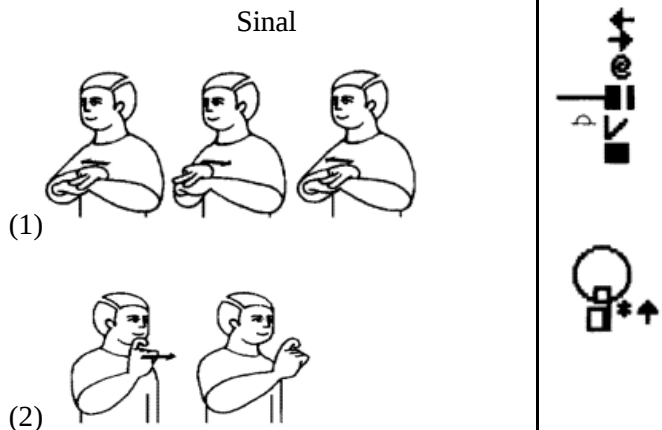
Podemos observar a manutenção histórica da mesma forma linguística nos três séculos analisados, já que o sinal se repete nos quatro dicionários, D1, D2, D3 e D4. Nesse caso, o



sinal é formado pela configuração de mão (CM , que toca levemente a parte inferior dos lábios. Em D1, em virtude da tecnologia da época, não é possível identificar a presença ou ausência de movimentos. No entanto, esse aspecto é indicado em D2, D3 e D4 pela presença de setas nas ilustrações e em D4 pelo grafema de movimento de fechamento de dedo na medial.

A única variante mostrada nos quatros dicionários é entendida como uma lexia simples, haja vista a presença de uma única forma linguística. Ainda, as descrições do sinal indicam a referência à tonalidade dos lábios. Contudo, pela necessidade de que haja um contexto e uma explicação, pode-se considerar que se trata de um sinal não-icônico.

Quadro 38 – Sinal para “VERDE” em quatro sincronias

Século XIX	Século XX	Século XXI	
Dicionário - D1	Dicionário - D2	Dicionário - D3	Dicionário - D4
Autor: Gama (1875)	Autor: Oates, 2º ed. (1983)	Autor: Jesus <i>et al.</i> (2006)	Autor: Capovilla, Raphael e Mauricio, 3ª ed. (2013)
Sinal 	Sinal 	Sinal 	Sinal 
Descrição: “VERDE - Escrever no ar a palavra verde” (Gama, 1875, p. 31).	Descrição: “VERDE - (730) - Mão esquerda em ‘S’, palma para baixo. Colocar a palma dos dedos direitos em ‘y’ no dorso da mão esquerda e movê-los duas vezes para frente e para dentro” (Oates, 1983, p. 166).	Não há descrição.	Descrição: “verde (1) - (sinal usado em: MG, RJ, MS, DF, PR, BA, CE) [...] (Mão esquerda em S, palma para baixo; mão direita em V, palma para baixo. Passar a palma dos dedos direitos para a esquerda e para a direita, sobre o dorso da mão esquerda, duas vezes.) verde (2) - (sinal usado em: SP, RS) [...] (Mão em X vertical, palma para a esquerda, lateral do indicador tocando o queixo. Mover a mão para frente)” (Capovilla; Raphael; Maurício, 2013, p. 2483-2484).

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

Nesse caso, há uma alteração quando comparamos D1 com os demais dicionários. É possível constatar que se modifica, principalmente, a locação do sinal. Em D1, o sinal



apresenta configuração de mão (CM 54), como locação o espaço neutro e movimento angular. Em D2, D3 e D4 (primeira variante), a configuração de mão da mão ativa se mantém, mas a locação passa a ser o dorso do antebraço (mão de apoio) e o movimento retilíneo. Ainda, encontramos em D4 (segundo sinal) uma outra variante, essa adotada em outros estados. Nesse



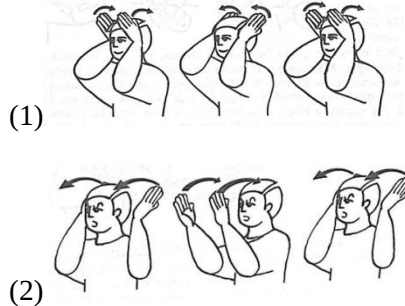
caso, a configuração de mão é (CM 48), locação no queixo e movimento retilíneo para fora do corpo.

Nesse caso, trata-se de lexias simples. Um aspecto a se analisar, em termos de composição morfológica, é que o sinal “verde”, em D1, possivelmente teve uma influência da língua francesa oral, a partir da palavra “vert”. Esse mesmo processo de inicialização pode ter acontecido na Libras, uma vez que a palavra em português se inicia com a letra “v” e o sinal em Libras apresenta a letra “v” como configuração de mão. Tendo em vista essa relação entre línguas, o sinalizante precisaria acessar essa informação para relacionar a forma linguística ao seu significado, o que faz com que esse seja um sinal não-icônico.

6.6 Sinais do campo semântico “animais”

Na sexta categoria, campo semântico 06, estão agrupados os sinais da classe de animais, sendo, respectivamente, os sinais de “burro”, “cavalo”, “leão”, “porco” e “rato” para comparação através da análise desses sinais em D1, D2, D3 e D4.

Quadro 39 – Sinal para “BURRO” em quatro sincronias

Século XIX	Século XX	Século XXI		
Dicionário - D1	Dicionário - D2	Dicionário - D3	Dicionário - D4	
Autor: Gama (1875)	Autor: Oates, 2º ed. (1983)	Autor: Jesus <i>et al.</i> (2006)	Autor: Capovilla, Raphael e Mauricio, 3ª ed. (2013)	
Sinal 	Sinal 	Sinal 	Sinal 	SW 
Não há descrição.	Descrição: “BURRO - (860) - Mão direita em ‘B’, palma para esquerda, colocada acima da orelha direita. Mover a mão para frente e para trás” (Oates, 1983, p. 200).	Não há descrição.	Descrição: “burro (1) (animal) (sinal usado em: SP, MS, DF, PR, SC, BA, CE, RS) [...] (Mãos em B, palma a palma, polegares tocando a cada lado da cabeça. Balançar as mãos para frente e para trás.) burro (2) (a) (ofensa) (sinal usado em: SP, CE, RS) [...] Mãos em B, palma a palma, a cada lado da cabeça. Balançá-las para frente e para trás, com movimentos amplos, duas vezes e com expressão negativa. [...] Iconicidade: No sinal BURRO (OFENSA), as mãos em B, palma a palma, a cada lado da cabeça e um pouco atrás, balançam para frente e para trás, com movimentos amplos, duas vezes e com expressão negativa. O sinal faz clara alusão às longas orelhas desse animal que, na cultura brasileira, é considerado símbolo de baixa inteligência e teimosia. Trata-se de sinal bastante	

			próximo a gestualidade brasileira” (Capovilla; Raphael; Maurício, 2013, p. 583-584).
--	--	--	--

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

Nesse caso, no que se refere a P1, observamos que não houve mudança lexical, haja



vista que todos os sinais registrados mantêm a mesma configuração da mão (CM em), mesma locação, diferenciando-se apenas pela orientação de palma da mão. Nesse caso, diferentemente de D2, D3 e D4, D1 ilustra uma variante que apresenta a orientação voltada para frente, sendo que os demais sinais apresentam para o lado. Ainda, D1 adota as duas mãos na realização do sinal, sendo que os demais dicionários empregam apenas um articulador manual.

Um outro aspecto que possivelmente diferencia D1 diz respeito ao tipo de movimento utilizado. Contudo, pelo fato de não haver uma descrição que detalhasse a realização do sinal ou algum marcador na ilustração, não é possível afirmar que o sinal apresenta movimento. No entanto, se considerarmos apenas a ilustração, poderíamos considerar que se trata de um sinal em movimento. Desse modo, esse sinal se diferencia de D2, D3 e D4 pelo fato de que, nesses últimos, apresenta movimento retilíneo.

Em termos de uso, a variante presente em D1 não é cotidianamente adotada, sendo que é mais comum o emprego da variante presente em D2, D3 e D4, apresentando o uso de apenas uma das mãos e com orientação de palma para a lateral. Nesse caso, os sinais podem ser classificados como lexias simples por envolverem o uso de apenas uma forma linguística. Ainda, D1 pode ser considerado um sinal icônico por representar através da configuração e do movimento a forma física da orelha de um burro. D2, D3 e D4, por sua vez, apesar de manterem a mesma configuração de mão, pelo fato de a orientação estar na lateral e de o movimento ser retilíneo, parte da iconicidade observada em D1 se perde. Desse modo, podemos classificar essa variante como sendo um sinal translúcido, uma vez que o formato da configuração de mão auxilia que o falante acesse o significado dessa forma linguística.

Vale destacar que a forma presente em D1, por fazer referência a um par de orelhas, pode ser observada em contextos narrativos e descritivos, além de ser associada também a outros sinais, a exemplo de “cachorro”, modificando-se apenas a configuração de mão. Contudo, o registro de D1, naquele momento histórico, era adotado como sinal. Atualmente, esse uso é associado a uma descrição imagética ou a criação de classificadores em Libras.

Quadro 40 – Sinal para “CAVALO” em quatro sincronias

Século XIX	Século XX	Século XXI		
Dicionário - D1	Dicionário - D2	Dicionário - D3	Dicionário - D4	
Autor: Gama (1875)	Autor: Oates, 2º ed. (1983)	Autor: Jesus <i>et al.</i> (2006)	Autor: Capovilla, Raphael e Mauricio, 3ª ed. (2013)	
Sinal 	Sinal 	Sinal 	Sinal 	SW 
Descrição: “CAVALO - Dá-se às mãos movimento semelhante ao que tem o corpo de quem anda e trote” (Gama, 1875, p. 25).	Descrição: “CAVALO - (867) - Mãos em ‘U’, palmas para frente. Colocar os dorsos dos pulsos perto dos lados da testa” (Oates, 1983, p. 201).	Não há descrição.	Descrição: “cavalo (sinal usado em: SP, RJ, MS, MG, DF, PR, SE, CE, BA, RS) [...] (Mão em U, palma para frente, polegar distendido tocando o lado direito da cabeça. Flexionar os dedos indicador e médio, duas vezes) (Capovilla; Raphael; Maurício, 2013, p. 686).	

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

Sobre a questão feita em P1, observa-se a alteração lexical a partir de D2. No caso de

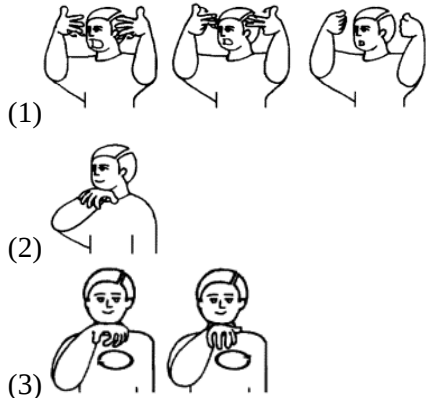
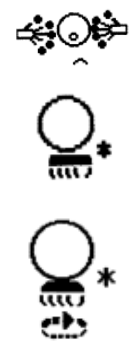
D1, o sinal é formado por uma configuração de mão passiva (CM em ) e uma

configuração de mão ativa (CM em ) , que se desloca pelo espaço neutro no intuito de ilustrar a ação de uma pessoa que trota em um cavalo. Em D2, D3 e D4, apesar de adotarem a mesma configuração de mão, temos a ocorrência de uma alofonia, sendo que a configuração

de mão de D2 não adota o dedo polegar (CM ) e D3 e D4 adotam (CM ) . Ainda assim, apresentam a mesma locação, na região da têmpora, a mesma orientação de palma voltada para a frente e o mesmo movimento de dedo. Vale reforçar que se trata de variantes de um mesmo sinal, uma vez que se observa uma variação fonológica no parâmetro configuração de mão.

Nesse caso, todos os sinais são lexias simples. Em D1, ao analisar sua constituição, por apresentar a forma de um corpo humano e o movimento de trocar, comumente relacionado a um cavalo, o sinal pode ser considerado icônico. Também, assim como observado no sinal analisado anteriormente, enquanto sinal, D1 encontra-se em desuso. No entanto, ao analisar narrativas de Surdos e outras produções cotidianas, essa forma pode ser adotada como classificador. Por fim, os sinais registrados em D2, D3 e D4 podem ser considerados como obscuros, isto é, não-icônicos. Ao pensarmos a forma da configuração de mão, ela pode ser facilmente relacionada a uma orelha, em virtude também da sua locação na parte superior da cabeça. Desse modo, apesar de não ser facilmente relacionado pelos interlocutores, esses dois parâmetros podem auxiliar na compreensão desse determinado sinal.

Quadro 41 – Sinal para “LEÃO” em quatro sincronias

Século XIX	Século XX	Século XXI		
Dicionário - D1	Dicionário - D2	Dicionário - D3	Dicionário - D4	
Autor: Gama (1875)	Autor: Oates, 2º ed. (1983)	Autor: Jesus <i>et al.</i> (2006)	Autor: Capovilla, Raphael e Mauricio, 3º ed. (2013)	
Sinal	Sinal	Sinal	Sinal	SW
				

Descrição: “LEÃO - Finge-se aspecto carrancudo, e faz-se signal de juba, e cauda longa” (Gama, 1875, p. 25).	Descrição: “LEÃO - (880) - Mão direita aberta, palma para baixo, dedos separados e curvados. Colocar o dorso do pulso em baixo do queixo e mover a mão devagar pelo pulso em um círculo horizontal” (Oates, 1983, p.. 204).	Não há descrição.	Descrição: “leão (1) (sinal usado em: SP, MS, PR, CE) [...] (Mãos horizontais abertas, palmas para trás, dedos separados, a cada lado da cabeça. Fechar os dedos iniciando pelos mínimos, simulando o movimento de boca do leão quando ruge.) [...] Iconicidade: No sinal LEAO as mãos abertas a cada lado da cabeça e o fechamento dos dedos um a um representam a vasta juba do animal, ao passo que a abertura e fechamento da boca representam seu rugido característico. leão (2) (sinal usado em: MG, DF, .BA) [...] Mão aberta, palma para baixo, dedos separados e curvados, dorso da mão tocando sob o queixo) leão (3) (sinal usado em: RJ, CE, RS) [...] (Mão aberta, palma para baixo, dedos separados e curvados, dorso da mão tocando o queixo. Mover a mão em círculos horizontais para a direita (sentido horário))” (Capovilla; Raphael; Maurício, 2013, p. 1552).
---	--	--------------------------	--

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

Comparando os registros ao longo do período analisado, podemos constatar a existência de uma variação fonológica entre o sinal registrado em D1 e os demais sinais, uma vez que alguns parâmetros são alterados ao longo dos anos. A variante registrada em D1 prevê



a configuração de mão (CM 14), que se desloca com movimento retilíneo pelo espaço neutro, além de contar com uma expressão facial e corporal feroz. Interessante observar que, a princípio, o sinal que é representado na ilustração difere da descrição feita da realização do sinal. Pela ilustração, fica evidente a presença da garra de um leão que desliza pelo solo. No entanto, na descrição, contatamos o detalhamento que o sinal apresenta uma expressão facial e corporal de “carrancudo”, seguido dos sinais de “juba” e “cauda longa”.

Os sinais registrados em D2, D3 e D4 (variantes 02 e 03) apresentam a mesma locação, com a mesma orientação de palma voltada para baixo, diferenciando-se pelo movimento circular de punho e na locação, que passa a ser abaixo do queixo. No caso de D4 (sinal 02), observamos que se trata de uma variante que apresenta movimento nulo, tendo apenas o contato da configuração de mão na locação. Ainda, identificamos em D3 a presença de expressão facial e corporal, aspecto esse inexistente em D2 e D4 (sinais 02 e 03).

No caso da primeira variante presente em D4, o sinal é formado pelas duas mãos que



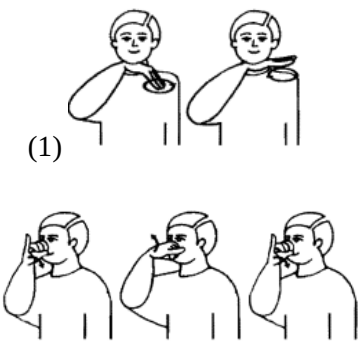
se articulam na configuração de mão (CM 05), nas partes laterais do rosto, e apresentam movimento de fechamento consecutivo de dedos, além da presença da expressão de boca que assume um formato circular para indicar a forma do movimento de rugir de um leão.

Ao analisar todos esses sinais, observamos uma similaridade entre todos eles. Nossa hipótese é de que, com o passar dos anos e pela necessidade de nomeação de outros felinos, o sinal de leão adotado em D1 passou a ser realizado na região do queixo para acomodar a expressão de boca associada ao movimento de “rugir” realizado por esse animal. Desse modo, parte-se de um sinal genérico que poderia ser relacionado a qualquer outro felino e incorpora-se uma locação e em alguns casos uma expressão facial e corporal.

Todos os sinais, pela presença de uma única forma linguística, podem ser considerados lexias simples. D1, tendo em vista que esse sinal se refere a uma ação relacionada a qualquer felino, pode ser classificado como translúcido, dada a possibilidade de associação a outros animais, havendo traços de iconicidade. Os de D3 e D4 (primeira variante) podem ser analisados como sinais translúcidos, tendo em vista que se representa a juba do animal (D4) e também se adota uma expressão facial de boca relacionada ao movimento de abrir a boca por

um leão ao rugir (D3 e D4), ou seja, sinais icônicos. Os sinais de D2 e D4 (segunda e terceira variantes), pela ausência da expressão facial e pela presença apenas da configuração de mão indicando uma garra, podem ser considerados obscuros, uma vez que muitos dos interlocutores precisam de uma explicação inicial para compreender o significado do sinal, sendo não-icônicos.

Quadro 42 – Sinal para “PORCO” em quatro sincronias

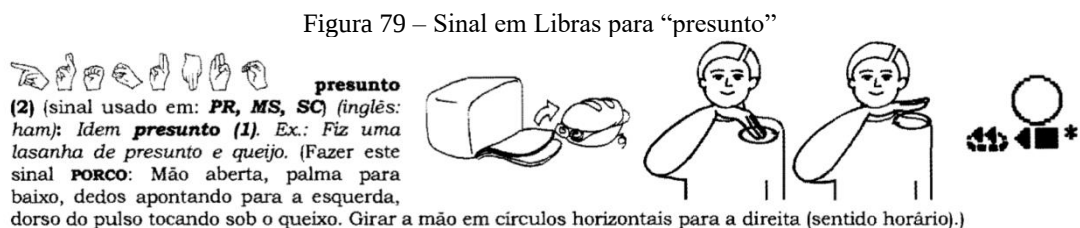
Século XIX	Século XX	Século XXI	
Dicionário - D1	Dicionário - D2	Dicionário - D3	Dicionário - D4
Autor: Gama (1875)	Autor: Oates, 2º ed. (1983)	Autor: Jesus <i>et al.</i> (2006)	Autor: Capovilla, Raphael e Mauricio, 3ª ed. (2013)
Sinal 	Sinal 	Sinal 	Sinal  SW 
Descrição: "PORCO - Fingir fuçar o chão como faz o porco" (Gama, 1875, p. 25).	Descrição: "PORCO - (893) - Mão direita aberta, palma para baixo, dedos para esquerda. Colocar o dorso do pulso direito em baixo do queixo e mover um pouco a mão para baixo e para cima, dando a idéia de um porco contente deitado na lama" (Oates, 1983, p. 207).	Não há descrição.	Descrição: "porco (1) - (sinal usado em: RJ, MS, DF, BA, MG, CE [...]) (Mão aberta, palma para baixo, dedos apontando para a esquerda, dorso do pulso tocando sob o queixo. Girar a mão em círculos horizontais para a direita (sentido horário)) porco (2) – (sinal usado em: SP. DF. PR. CE. SC. RS) [...] (Mão em I, palma para a esquerda, tocando a ponta do nariz. Girar, ligeiramente, a palma para baixo, duas vezes)" (Capovilla; Raphael; Maurício, 2013, p. 2007).

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

A lexia “porco” é um sinal que se manteve inalterado ao longo dos três séculos, nos quatro dicionários. A única alteração perceptível em D1, D2, D3 e D4 (primeira variante) diz respeito ao tipo de movimento realizado. Nesse caso, todos os sinais registrados apresentam configuração de mão (CM sinal de porco), com orientação de palma para baixo, na região do queixo. Quando ao movimento, D1, em virtude da tecnologia empregada e da ausência de descrição, não traz informações sobre o tipo de movimento. D2 adota um movimento retilíneo de cima para baixo, e D3 e D4 (primeira variante) apresentam um movimento circular.

Ainda, pelo fato de D4 prezar pela variação regional, observamos a presença de um segundo sinal. Desse modo, o sinal é formado pela configuração de mão (CM I), tem como locação a região do nariz e movimento semicircular (giro), duplo, para baixo. Nesse caso, esse sinal faz referência ao focinho do animal.

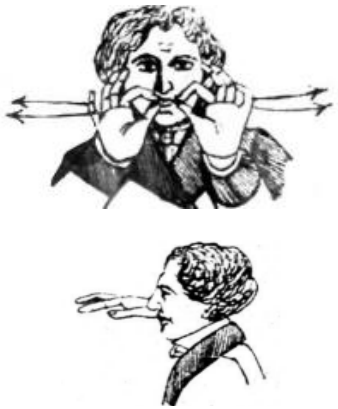
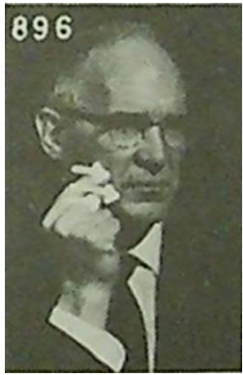
Vale a pena destacar que a segunda variante ilustrada em D4 aparentemente é mais adotada pela Comunidade Surda, inclusive na região de Salvador. Ainda, essas duas variantes – o sinal de porco em D1, D2, D3 e D4 (primeiro sinal) e o segundo sinal de porco em D4 – parecem assumir contextos de usos também distintos atualmente. Nesse caso, a variante apresentada em D1, D2, D3 e D4 (primeiro sinal) pode ser associada à carne suína, a exemplo de “presunto”, conforme descrição e ilustração abaixo. A segunda variante registrada em D4 é associada ao animal em vida, sendo adotado em narrativas e sinalizações cotidianas.



Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013 p. 2.043).

Em termos de classificação, as duas variantes são lexias simples, dada a presença de uma única forma linguística. Os sinais apresentados em D1, D2, D3 e D4 (primeira variante) podem ser considerados sinais não-icônicos, uma vez que inexitem nos aspectos composicionais do sinal algo que auxilie em sua compreensão ou associação com algum elemento do mundo real. A segunda variante de D4, por fazer referência ao formato circular do focinho do animal, apresenta um aspecto que pode auxiliar na sua compreensão, sendo classificado, assim, como um sinal translúcido segundo a proposta de Constâncio (2022).

Quadro 43 – Sinal para “RATO” em quatro sincronias

Século XIX	Século XX	Século XXI	
Dicionário - D1	Dicionário - D2	Dicionário - D3	Dicionário - D4
Autor: Gama (1875)	Autor: Oates, 2º ed. (1983)	Autor: Jesus <i>et al.</i> (2006)	Autor: Capovilla, Raphael e Mauricio, 3ª ed. (2013)
Sinal 	Sinal 	Sinal 	Sinal  SW 
Descrição: “RATO - Acrescentar o signal de roer, e o de grande se fôr para dizer rato, e o de pequeno para dizer morcego” (Gama, 1875, p. 25).	Descrição: “RATO - (896) - Indicador e polegar direitos unidos, demais dedos fechados. Tocar rapidamente três vezes a bochecha direita com as pontas dos dois dedos unidas” (Oates, 1983, p. 207).	Não há descrição.	Descrição: “rato (sinal usado em: SP, RJ, MS, MG, DF, BA, CE, RS) [...] (Mão vertical fechada, palma para a esquerda, dedos indicador e polegar unidos pelas pontas. Tocar as pontas do indicador e polegar na bochecha, próximo ao canto da boca, duas vezes) (Capovilla; Raphael; Maurício, 2013, p. 2113).

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor .

A análise dos sinais nos mostra um processo de variação lexical, tendo em vista que o sinal, a partir de D1, altera apenas o parâmetro configuração de mão. Nesse caso, D1 apresenta a combinação de dois sinais, sendo que o primeiro é formado pela configuração das duas mãos



(CM 17), na região da bochecha, se deslocando de modo retilíneo para os lados; e o



segundo pela configuração de mão (CM 22), que se desloca pelo espaço neutro, com um movimento retilíneo para frente. D2, D3 e D4 apresentam como configuração de mão (CM



40), também na região da bochecha, com ambas as mãos, apresentando o contato de toque, duas ou três vezes, nessa região.

Outro fato que nos ajuda a discutir sobre esse processo como sendo uma variação lexical é observarmos a presença do sinal de D1 em contexto de narrativas. Nesse caso, o segundo sinal caiu em desuso na comunicação cotidiana. Contudo, em contexto narrativo, utiliza-se essa forma como um classificador para demonstrar o deslocamento do animal no espaço.

Ainda com base no discutido anteriormente, apesar de D1 apresentar dois sinais, o segundo, de modo isolado, não apresenta significado. Assim como as variantes de D2, D3 e D4, temos uma lexia simples. Sobre sua classificação, pelo fato de D1 fazer referência ao tamanho dos pelos faciais e indicar o movimento de deslocamento do animal pelo espaço, podemos compreendê-lo como translúcido, já que há em sua forma aspectos que auxiliam em sua compreensão, havendo traços de iconicidade. Os sinais registrados em D2, D3 e D4, por sua vez, de modo genérico, fazem referência apenas aos pelos faciais, o que nos faz classificá-los como obscuros, uma vez que a forma linguística em pouco é associada a elementos do mundo real, sendo, portanto, sinais não-icônicos.

6.7 Sinais do campo semântico “tempo e período do dia”

No campo semântico 7, estão agrupados os sinais da classe de temporalidade. O primeiro sinal é “ontem”, seguido, respectivamente, por “hoje”, “amanhã”, “manhã” e “noite”, a fim de realizarmos a comparação entre D1, D2, D3 e D4.

Quadro 44 – Sinal para “ONTEM” em quatro sincronias

Século XIX	Século XX	Século XXI		
Dicionário - D1	Dicionário - D2	Dicionário - D3	Dicionário - D4	
Autor: Gama (1875)	Autor: Oates, 2º ed. (1983)	Autor: Jesus <i>et al.</i> (2006)	Autor: Capovilla, Raphael e Mauricio, 3ª ed. (2013)	
Sinal 	Sinal 	Sinal 	Sinal 	SW 
Não há descrição.	Descrição: “ONTEM - (1032) - Mão direita em ‘L’, palma para frente. Colocar a ponta do polegar no queixo e virar a mão para trás, mantendo o polegar no queixo” (Oates, 1983, p. 243).	Não há descrição.	Descrição: “ontem (1) - (sinal usado em: sp. RJ, MS, DF, PR, SC, CE, BA, RS) [...] (Mão em L, palma para baixo, indicador para frente, ponta do polegar tocando a bochecha direita. Girar a mão no sentido anti-horário, apontando o indicador para trás.) [...] Iconicidade: No sinal ONTEM o sinalizador começa com a mão em L, palma para baixo, indicador para frente, e ponta do polegar tocando a bochecha direita. Então, ele gira a mão no sentido anti-horário até que o dedo indicador aponte para trás, como a representar a ideia de que algo ficou para trás no tempo. ontem (2) - (sinal usado em: MG) [...] (Mão em L horizontal, palma para trás, ponta do polegar tocando o queixo. Girar a mão para a direita, palma para frente, apontando o indicador para cima)” (Capovilla; Raphael; Maurício, 2013, p. 1838-1839).	

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

No quadro identificamos que, do século XIX (D1) para os demais, ocorreu a mudança

lexical. Em termos descritivos, D1 era formado pela configuração de mão (CM , na região lateral próxima ao ombro, que se deslocava para trás com um movimento longo, fazendo referência ao pôr do sol. Ainda fazendo referência a questão temporal, ou seja, de um momento passado, os sinais presentes em D2, D3 e D4 (primeira e segunda variantes) possuem

como configuração de mão (CM , tem como locação a região lateral do rosto, próximo à bochecha, a apresenta movimento semicircular para trás. Ainda em termos de diferenças, todos os sinais apresentam movimento unidirecional, mas a diferença é que D1 tem um movimento longo e D2, D3 e D4 adotam um movimento semicircular (Reis, 2015).

D2, D3 e D4 (primeira variante) possuem a orientação de palma da mão voltada para baixo e, em virtude do movimento, esse parâmetro é alterado, sendo que, ao final do movimento, a orientação de palma passa a estar para cima. D4 (segunda variante), diferentemente do sinal anterior, inicia com a orientação de palma voltada para o corpo, com locação próxima ao queixo e, por causa do movimento, também é deslocada para cima, ao final do movimento.

Como vimos, na Libras, temos uma mudança lexical, uma vez que, a partir do século XX (D2), o sinal passa a apresentar uma nova forma e a variante usada em D1 cai em desuso. Ao compararmos com a variante adotada na Língua Francesa de Sinais, identificamos que a forma linguística retratada em D1 é a mesma adotada nessa língua, o que nos indica, mais uma vez, a relação de proximidade entre Libras e Língua Francesa de Sinais.

Figura 80 – Sinal de “ontem” na Língua Francesa de Sinais



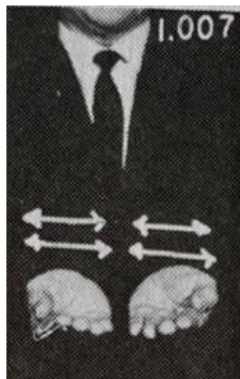
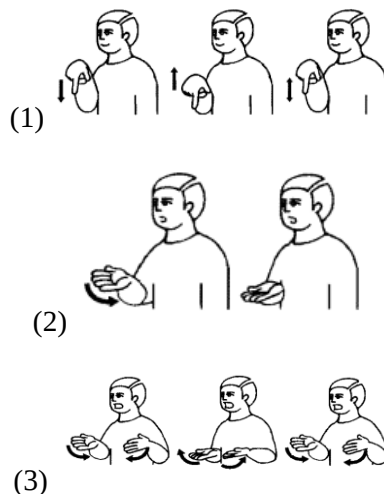
Fonte: *SpreadTheSign*. Disponível em: <https://spreadthesign.com/pt.br/search/>. Acesso em: 16 maio. 2024.

Os sinais podem ser classificados como lexias simples, haja vista a presença de um único sinal. O sinal de D1, por apresentar como locação o espaço neutro, configuração de mão

que pode ser associada a um gesto para indicação de uma temporalidade finalizada e movimento voltado para trás, pode ser lido como um sinal translúcido, uma vez que esses elementos de forma auxiliam na compreensão do sinal, havendo iconicidade. No entanto, essa mesma forma pode ser relacionada a outros significados desse mesmo contexto semântico, a exemplo de “passado” e “trás”, o que faz com que sua classificação seja de um sinal translúcido.

Os sinais de D2, D3 e D4 (duas variantes) modificam-se em aspectos ligados à configuração de mão e movimento, o que diminui a característica de iconicidade do sinal e faz com que o consideremos um sinal obscuro, uma vez que o único aspecto que se mantém é o movimento direcionado para trás, não ocorrendo diretamente a iconicidade. Segundo Capovilla, Raphael e Maurício (2013), em sua classificação, esse sinal foi entendido como icônico, levando-se em consideração a direção final do movimento, ou seja, indicando passado, algo que ficou para trás. Contudo, ao considerarmos os demais parâmetros, optamos por classificar o sinal como obscuro, pois, apesar da indicação temporal, a configuração de mão e a locação pouco auxiliam na compreensão desse sinal. Uma outra reflexão que pode ser estabelecida refere-se à configuração de mão adotada nesses sinais, uma vez que ela é usada em sinais desse mesmo campo semântico, a exemplo de “antes”, “anterior” e “adiantado”. Desse modo, seria necessário que o interlocutor ou sinalizante tivesse acesso prévio a essa informação para compreensão de modo mais direto o significado do sinal, o que nos ajuda, em decorrência, a manter a sua classificação como obscuro.

Quadro 45 – Sinal para “HOJE” em quatro sincronias

Século XIX	Século XX	Século XXI		
Dicionário - D1	Dicionário - D2	Dicionário - D3	Dicionário - D4	
Autor: Gama (1875)	Autor: Oates, 2º ed. (1983)	Autor: Jesus <i>et al.</i> (2006)	Autor: Capovilla, Raphael e Mauricio, 3ª ed. (2013)	
Sinal 	Sinal 	Sinal 	Sinal 	SW 
Descrição: “HOJE - Ajuntar o signal de presente, ou de agora” (Gama, 1875, p. 45).	Descrição: “HOJE - (1007) - Mãos abertas diante do tronco um pouco separadas, palmas para cima, dedos para frente. Afastar um pouco as mãos para os lados opostos e aproximá-las sem se tocarem, duas vezes, em	Não há descrição.	Descrição: “hoje (1) (sinal usado em: SP, MS, DF, PR, RS) [...] (Mão em D invertido, palma para trás, indicador apontando para baixo. Mover ligeiramente a mão para baixo, várias vezes.) hoje (2) - (sinal usado em: SP, RS) [...] (Mão horizontal aberta, palma para a esquerda. Mover a mão para baixo, virando a palma para cima.) hoje (3) - (sinal usado em: MG, RJ, SC, CE, BA, RS) [...]	

	movimento ligeiro [...]” (Oates, 1983, p. 240).		(Mãos horizontais abertas, palma a palma, a cada lado do corpo. Virar rapidamente as palmas para cima, duas vezes)” (Capovilla; Raphael; Maurício, 2013, p. 1391).
--	--	--	---

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

Observando o quadro, percebemos um caso de mudança lexical, uma vez que de D1 para D2 há uma alteração integral na forma do sinal. D1 adota como configuração de mão



(CM 49), que se desloca pelo espaço neutro, próximo à cabeça, com movimento semicircular iniciando em um dos ombros e se deslocando para o outro, sinal esse em desuso. Em termos de alteração, os sinais constantes de D2, D3 e D4 (segundo e terceiro sinais)



possuem como configuração de mão (CM 01), na região do espaço neutro, com movimento retilíneo. Em D3, ao analisarmos a configuração de mão, é evidente que se trata de um caso de alofonia, uma vez que há uma variação desse fonema na posição do polegar



(CM 02). O segundo sinal de D4 se diferencia por apresentar apenas um articulador manual, ou seja, o final é realizado com apenas uma das mãos. O terceiro sinal de D4 também se distingue pelo movimento, já que, diferentemente dos demais, o movimento é realizado de cima para baixo, e não nas laterais.

D4 apresenta outras variantes linguísticas. Nesse caso, é apresentado nesse dicionário um sinal que tem um contexto de uso específico. O sinal formado pela configuração de mão



(CM 53), movimento retilíneo para baixo, na região do espaço neutro próximo ao tórax, é adotado, segundo o dicionário, como advérbio de tempo, para se referir ao dia vigente, isto é, o dia que estamos, a exemplo de “A prova é hoje; não é na próxima semana, é hoje”.

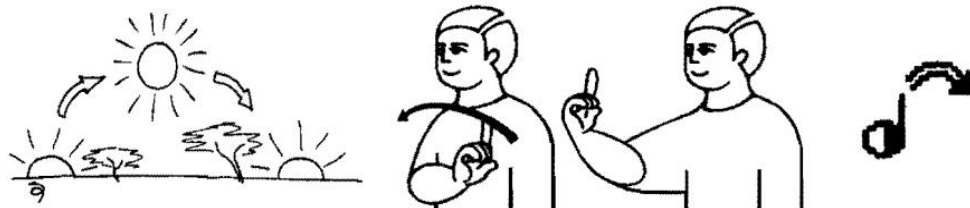
Sobre sua classificação, todos podem ser considerados lexias simples. As formas registradas em D1, D2, D3 e D4 (segundo e terceiro sinais) podem ser classificados como sinais não-icônicos, uma vez que não identificamos nenhum aspecto na forma linguística que pudesse explicitar uma motivação evidente entre significante e significado. Diferentemente, pelo fato de D4 (primeiro sinal) apontar para baixo e fazer referência ao tempo presente, esse sinal pode ser considerado como obscuro, já que se aproxima a formas visuais e gestos cotidianamente adotados por surdos e ouvintes. Ainda, a classificação é feita como não-icônico pela inexatidão de significado, uma vez que se refere ao momento presente, podendo se referir a “hoje”, “agora” e até mesmo “aqui”, como advérbio de tempo.

De modo complementar, apesar de D1 ter caído em desuso, hoje, em Libras, identificamos um sinal próximo a esse, que se alterou apenas pela configuração de mão (CM



), redução da locação e pelo significado, ainda que se mantenha no campo semântico de temporalidade. Uma das variantes adotada em Libras para “dia” apresenta sua forma linguística bem próxima ao sinal de “hoje”, assim como listado abaixo.

Figura 81 – Variante para o sinal de “dia” em Libras



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício (2013, p. 976).

Nesse caso, hipotetizamos que os dois sinais, “hoje” e “dia”, se aproximam em virtude do campo semântico de temporalidade e também pela representação do movimento de deslocamento do sol ao redor da Terra, sendo que, nesse semicírculo, se ilustra o movimento do nascer e do pôr do sol.

Quadro 46 – Sinal para “AMANHÃ” em quatro sincronias

Século XIX	Século XX	Século XXI		
Dicionário - D1	Dicionário - D2	Dicionário - D3	Dicionário - D4	
Autor: Gama (1875)	Autor: Oates, 2º ed. (1983)	Autor: Jesus <i>et al.</i> (2006)	Autor: Capovilla, Raphael e Mauricio, 3ª ed. (2013)	
Sinal 	Sinal 	Sinal 	Sinal 	SW 
Não há descrição.	Descrição: “AMANHÃ - (991) Mão direita aberta, palma para a esquerda, dedos separados e apontando para cima. Riscar de cima para baixo a ponta do médio direito no lado direito da testa” (Oates, 1983, p. 237).	Não há descrição.	Descrição: “amanhã (sinal usado em: SP, RJ, MS, MG, DF, PR, SC, CE, PB, BA, RS) [...] (Mão vertical aberta, palma para a esquerda. Passar a ponta do dedo médio no lado direito da testa, e mover a mão para cima e para a direita, curvando o dedo) (Capovilla; Raphael; Maurício, 2013, p. 341).	

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

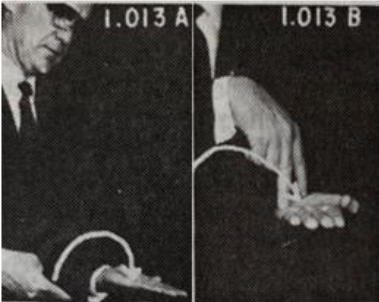
Em termos comparativos, temos uma mudança lexical de D1 para os demais sinais.

D1, assim como realizado no sinal de “ontem”, possui configuração de mão (CM , na região do espaço neutro, próximo à lateral da cabeça, mas apresenta movimento longo para frente. Esse primeiro sinal, em Libras, encontra-se em desuso. Todavia, na Língua Francesa de Sinais e na Língua Americana de Sinais, essa variante é adotada com a mesma forma linguística e mesmo significado.

D2, D3 e D4 apresentam a mesma variante. Nesse caso, tem como configuração de mão (CM , na região da têmpora, e com movimento no dedo médio que passa sobre a locação e depois se afasta. Desse modo, a mesma variante é ilustrada nesses três dicionários, não ocorrendo nenhum tipo de variação.

Todos os sinais, variante de D1 e de D2, D3 e D4 podem ser classificados como lexias simples, tendo em vista o uso de um único sinal. Ainda, D1, assim como analisado no sinal de “ontem”, apresenta traços que auxiliam na sua compreensão, a exemplo do deslocamento no espaço neutro e, principalmente, a direção do movimento para frente. Ainda, em termos de circulação, esses aspectos são utilizados no contexto semântico de temporalidade futura, a exemplo de “depois”, “futuro” e “amanhã”. Por esses aspectos, ou seja, pela forma e pelos contextos de uso possíveis, o sinal será considerado translúcido, ocorrendo a iconicidade. As variantes ilustradas em D2, D3 e D4, por não possuírem nenhuma característica que auxiliem em sua compreensão, podem ser classificadas como não-icônicas.

Quadro 47 – Sinal para “MANHÃ” em quatro sincronias

Século XIX	Século XX	Século XXI	
Dicionário - D1	Dicionário - D2	Dicionário - D3	Dicionário - D4
Autor: Gama (1875)	Autor: Oates, 2º ed. (1983)	Autor: Jesus <i>et al.</i> (2006)	Autor: Capovilla, Raphael e Mauricio, 3ª ed. (2013)
Sinal 	Sinal 	Sinal 	Sinal  SW 
Descrição: “Abaixando a cabeça com os olhos fechados” (Gama, 1875, p. 45).	Descrição: “MANHÃ - (1013). - Mão esquerda aberta, palma para cima. Mão direita em ‘v’ horizontal, palma para cima. Elevar a mão direita em uma curva, colocando as pontas dos dois dedos em ‘v’ sobre a palma esquerda [...]” (Oates, 1983, p. 241).	Não há descrição.	Descrição: “manhã (sinal usado em: SP, SC, RJ, MG, CE, BA, RS) [...] (Mão esquerda aberta, palma para cima; mão direita em 5, palma para a esquerda. Bater as pontas dos dedos direitos, na palma esquerda, virando a palma direita para baixo)” (Capovilla; Raphael; Maurício, 2013, p. 1640).

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

De D1 para os demais sinais ocorreu o processo de mudança lexical, sendo que a forma ilustrada em D1, em Libras, encontra-se em desuso. Essa forma linguística valia-se da mesma

configuração para mão ativa e para a passiva (CM ) 76), que realizava, no caso da mão ativa, um movimento retilíneo para cima, além de apresentar expressão facial e corporal. Apesar de ter caído em desuso na Libras, na Língua Francesa de Sinais esse sinal se mantém, variando apenas a posição da mão ativa, que ao invés de estar atrás, fica na frente da mão passiva, orientação da mão passiva para baixo e apresenta apenas expressão de boca.

Os de D2, D3 e D4 são sinais que se aproximam, apesar de leves variações. No caso

de D2, temos como hipótese que a configuração de mão (CM ) 54) esteja mais próxima da representação de um classificador para um corpo humano ereto, tendo como locação a palma da outra mão. D3 e D4 já representam uma leve modificação na configuração de mão (CM



32), possivelmente para ilustrar um classificador de um corpo humano caído. Nesse caso, a única variação entre esses sinais é a configuração de mão. Em todos esses sinais, a

configuração de mão ativa (CM ) 54) se desloca do espaço neutro até a configuração de

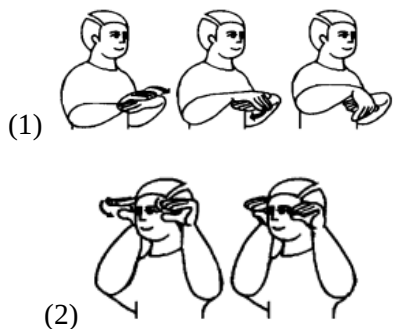
mão passiva (CM ) 01), com um movimento semicircular.

Em termos de uso e circulação, a variante representada em D2, atualmente, apresenta adaptação semântica. Isto é, esse sinal que, inicialmente, foi adotado como “manhã”, hoje é mais associado a um contexto de presença e afirmação, a exemplo dos sinais de “representatividade” e “resistência”. Desse modo, para o contexto de “manhã”, a variante ilustrada em D3 e D4 tem uma circulação maior com esse significado.

Por fim, todos são lexias simples. O sinal de D1, por representar o movimento do nascer do sol, pode ser entendido como um sinal translúcido, uma vez que se o interlocutor tiver acesso ou referência a esse aspecto, poderá compreender seu significado a partir das características icônicas. D2, por trazer o contexto de levantar via classificador, pode ser analisado também como um sinal translúcido, já que, aplicado em uma frase, essa forma linguística pode ser associada ao seu referente, ocorrendo também a iconicidade. Quando às formas registradas em D3 e D4, tendo em vista a modificação da configuração de mão, perde-

se a referência direta do classificador de corpo humano e, por isso, pode ser compreendido como um sinal obscuro, isto é, não-icônico.

Quadro 48 – Sinal para “NOITE” em quatro sincronias

Século XIX	Século XX	Século XXI		
Dicionário - D1	Dicionário - D2	Dicionário - D3	Dicionário - D4	
Autor: Gama (1875)	Autor: Oates, 2º ed. (1983)	Autor: Jesus <i>et al.</i> (2006)	Autor: Capovilla, Raphael e Mauricio, 3ª ed. (2013)	
Sinal 	Sinal 	Sinal 	Sinal 	SW 
Descrição: “NOITE - Sol que se põe” (Gama, 1875, p. 45).	Descrição: “NOITE - (1029) - Mão esquerda em ‘S’ horizontal, palma para baixo. Mão direita aberta, dedos curvados, palma para baixo. Passar a mão direita ao redor do dorso da mão esquerda, de dentro para fora, até a palma da mão direita cobrir o mínimo esquerdo [...]” (Oates, 1983, p. 243).	Não há descrição.	Descrição: “noite (1) (sinal usado em: SP, RJ, CE, MS, MG, DF, PR, SC, BA) [...] (Mão esquerda aberta, palma para baixo, dedos apontando para a direita; mão direita aberta, palma para baixo, palma dos dedos tocando o dorso da mão esquerda. Mover a mão direita para frente, encobrindo a lateral do dedo mínimo esquerdo) noite (2) (sinal usado em: SP, RS) [...] (Mãos verticais abertas, palmas para frente, dedos flexionados, polegares paralelos aos demais dedos, a cada lado do rosto. Unir as pontas dos dedos de cada mão)” (Capovilla; Raphael; Maurício, 2013, p. 1791-1792).	

Fonte: Quadro disponibilizado pelo autor.

Observando o quadro, constatamos que houve também a mudança lexical de D1 para

D2. D1, em sua constituição, é formado pela configuração de mão (CM ) , nas duas mãos, que se cruzam na região central do peito, com um movimento retilíneo para baixo, representando, como descrito no dicionário, o movimento do pôr do sol. Apesar de essa forma linguística ter caído em desuso na Libras, na Língua Francesa de Sinais ela ainda se mantém.

Em D3 e D4 (primeira variante), as formas registradas possuem também as duas mãos em sua constituição, sendo que uma mão é a ativa e a outra passiva, apesar da mesma

configuração de mão (CM ) . Têm, ainda, o movimento de deslizar da mão ativa sobre a passiva, para frente. O sinal registrado em D2 se diferencia do anterior apenas pela

configuração da mão passiva (CM ) . A segunda variante de D4 apresenta a

configuração de mão (CM ) posicionada no espaço neutro, mas próxima aos olhos, com movimento de fechamento de dedos. No caso da segunda variante de, hipotetizamos que sua forma tenha relação de proximidade com o sinal presente em D1, uma vez que ambos ilustram a questão da escuridão com o pôr do sol, sendo que podem se diferenciar por questões de formalidade, ou seja, em D1 o sinal é formal e em D4 (segunda variante), informal.

Apesar de possuírem a articulação nas duas mãos, todos esses sinais são lexias simples, já que não se constituem a partir da junção de duas formas com significados diferentes. O sinal de D1, por fazer referência ao contexto de pôr do sol e ausência de iluminação, pode ser classificado como translúcido, já que essa é uma informação que pode ser recuperada pela forma linguística, havendo traços de iconicidade. Ainda, a classificação como translúcido se justifica também pela possibilidade de associação a outros significados, a exemplo de “escuridão”. Os sinais de D2, D3 e D4 (primeira e segunda variantes) também fazem referência ao pôr do sol, ao movimento de abaixamento do sol. Nesse caso, se o sinalizante tiver acesso a essa informação previamente, isso pode contribuir na sua compreensão, levando-nos a classificá-lo como obscuro, sendo também não-icônico.

6.8 Discussão dos resultados

A partir das nossas análises, um primeiro ponto de reflexão é que, ao que tudo indica, o dicionário D1 sofreu uma grande influência da Língua de Sinais Francesa e esse aspecto tem relação direta com o processo educacional das pessoas Surdas no Brasil. Como discutido anteriormente, o processo educacional formal de Surdos, no Brasil, se inicia com a chegada do Surdo francês Edouard Huet que, a princípio, utiliza a Língua Francesa de Sinais na interação com os Surdos brasileiros. Com isso, podemos dizer que o léxico da Libras no século XIX era bastante influenciado pela LFS.

Ao realizarmos uma comparação de alguns sinais representados em D1 com a variante atual da Língua Francesa de Sinais, conseguimos identificar que, apesar de parte desse léxico ter caído em desuso na Libras de hoje, quando verificamos a Língua Francesa de Sinais, observamos que esses sinais se mantêm em uso, como, por exemplo, os sinais de “branco”, “ontem” e “amanhã”.

Nesse cenário, analisamos que a principal influência ocorre pelo contato entre Surdos de diferentes nacionalidades, brasileiros e franceses, e uso de materiais e recursos didáticos provenientes da França ou que se baseavam para a Língua Francesa de Sinais.

Como vimos, para muitos pesquisadores, a exemplo de Sofiato e Reily (2012), D1 é uma reprodução literal do material *L'Enseignement Primaire des Sourds-Muets Mis a La Portée de Tour Le Monde Avec Une Iconographie des Signes*, de autoria do surdo francês Pierre Péliissier (1856), originalmente publicado na Língua Francesa de Sinais (Sofiato; Reily, 2012). Desse modo, identificamos sinais que possuem características culturais desse país ou que têm relação com a língua francesa, a exemplo dos sinais de “azul”, “verde” e “mulher”.

Um fato contextual a ser problematizado foi a difusão do Oralismo por todo o mundo. A partir disso, podemos identificar uma lacuna de publicações entre a primeira e segunda obra analisada, ou seja, entre 1875 (D1) e 1969 (D2) temos uma lacuna temporal de 94 anos, para a primeira edição de D2 e 108 anos para a segunda edição, publicada em 1983. Entre os diferentes argumentos que podemos usar para justificar a ausência de publicações temos a imposição de métodos voltados para o desenvolvimento da língua oral e a proibição do uso da língua de sinais em diferentes contextos (Capovilla, 2000).

De acordo com Fernandes (2012), enquanto filosofia educacional, a educação de Surdos esteve atrelada ao Oralismo no período que envolveu a década de 1880 até meados da década de 1960. Nesse caso, a não produção e circulação de materiais voltados para a Libras,

no Brasil, ocorre pela sua proibição e pela presença obrigatória da língua oral em práticas educacionais voltadas para Surdos.

D2, como vimos, possui como idealizador um padre e, por isso, apresenta forte influência do contexto religioso, a exemplo de vários grupos de sinais que são usados no contexto religioso.

D3 tem como produtores professores de Libras que buscavam elaborar uma obra que possibilitasse a identificação dos aspectos composicionais dos sinais através da fotografia e setas de movimento adicionais. Constatamos também que, apesar de as fotografias estarem em diferentes perspectivas, em muitos dos casos não conseguimos perceber todos os detalhes do sinal, a exemplo da quantidade e direção dos movimentos. Ademais, por não se tratar de uma obra semibilíngue, não identificamos a aplicação dos sinais em seu contexto cotidiano de uso. Nesse caso, a partir de nossas análises, constatamos a seleção de uma única variante, aquela mais recorrente na região de Salvador, para compor a obra, não havendo sua descrição linguística e tampouco seu contexto de uso. Em vista disso, podemos classificar D3 como sendo uma produção tradicional.

D1 e D2, em termos de fase de publicação, segundo Martins e Capovilla (2018), podem ser considerados dicionários iconográficos pré-Stokeanos, isto é, anteriores aos estudos desenvolvidos pelo linguista Willian Stokoe. Ademais, pela discussão estabelecida acima, se levarmos em consideração a classificação proposta pelos autores, podemos considerar que D3 também é um dicionário pré-Stokeano, tendo em vista que não há a identificação ou descrição dos parâmetros linguísticos composicionais dos sinais, além da ausência da aplicação desses sinais em contexto.

D4, por ser considerada a obra mais atual e por ter passado por diferentes reedições, pode ser considerada a obra linguisticamente mais completa. Nesse caso, além do mapeamento e ilustração de diferentes variantes para um mesmo sinal, há a preocupação em localizar esse sinal, ou seja, apresentam-se informações acerca de em qual localização geográfica o sinal é mais frequente, a explicação do seu significado e a aplicação de exemplos em frases. Ainda, do ponto de vista linguístico, além da ilustração dos sinais por desenho, há a sua descrição através dos parâmetros linguísticos e o registro do sinal em uma forma escrita, isto é, através do sistema *SignWriting*.

Nesse sentido, esse foi o único exemplar semibilíngue analisado nesta tese que, em nossa perspectiva, apesar de alguns entraves, tais como o excesso de informações da Língua Portuguesa escrita, algumas imagens pouco nítidas, a apresentação de parâmetros e classificações gramaticais apenas na Língua Portuguesa, pode ser considerada a obra mais

completa. Além disso, segundo Martins e Capovilla (2018), essa obra pode ser classificada como pós-Stokeana, uma vez que há a presença da análise de aspectos linguísticos da Libras.

Por prezar pela variação linguística e a composição do máximo de sinais possíveis, consideramos que a obra se pauta na liberdade de uso, ou seja, prevê o mapeamento do máximo possível de variantes adotadas no país e a sua contemplação, sendo, com a publicação de novas edições, sempre ampliado.

Além dessas considerações sobre as obras analisadas, outro fator que precisa ser considerado é o período de produção e o contexto sócio-histórico de cada uma delas, verificando, assim, as principais influências e pressões sociolinguísticas presentes.

Quadro 49 – Pressões sociolinguísticas que influenciaram a produção dos dicionários

Tipo dicionário	Século	Ano	Influência
D1	XIX	1875	Influência da cultura e da Língua de Sinais Francesa Imposição da religião Católica
D2	XX	1969/ 1983	Imposição do Oralismo (após ano 1880) Imposição da religião Católica Influência da Língua Americana de Sinais
D3	XXI	2006	Perspectiva regional – Salvador (léxico soteropolitano) Obra laica
D4	XXI	2009/2 013	Abrangência nacional – diferentes Estados (léxico nacional) Liberdade de uso Obra laica

Fonte: Produzido pelo autor.

A partir dessa síntese, podemos constatar que diferentes contextos influenciaram na produção dessas quatro obras. No caso de D1, por se tratar de uma reprodução de um material produzido originalmente na França e baseado na Língua Francesa de Sinais, observa-se uma influência cultural. D2, além da influência dos Estados Unidos e da Língua Americana de Sinais, também é atravessado pelo contexto da religião Católica; isso evidente em diferentes grupos de sinais, pelo prefácio e em algumas descrições de sinais. Ainda, em termos históricos, D2 é a obra produzida quando ainda estava vigente o Oralismo no Brasil. Nesse caso, para algumas lexias, é possível observar o uso de gestos/mímica e também da datilologia.

D3, por se tratar de um dicionário regional, podemos observar, em alguns casos, o uso de sinais regionais. Nesse caso, como não há uma descrição sobre os usos desses sinais na obra, sua compreensão por usuários de outras regiões pode ficar comprometida. D4, por sua vez, preza pela contemplação de diferentes variantes, podendo ser considerado um dicionário nacional. Pela liberdade de uso e mapeamento de múltiplos sinais, pode-se considerar que essa é uma obra laica, não se vinculado a nenhuma religião específica. Silva (2011), ao analisar outra obra de autoria de Capovilla, Raphael e Mauricio (2013), considerou-a laica, justamente pela não associação a uma religião específica.

Quando D3 e D4 foram elaborados, no século XXI, já havia uma liberdade maior para produção desse tipo de obra. Ainda, a década dos anos 2000, foi de extrema relevância para a Libras quando pensamos em políticas linguísticas. Nesse caso, em 2002, a Libras é reconhecida como língua proveniente das Comunidades Surdas do Brasil (Brasil, 2002) e, anos mais tarde, em 2005, essa legislação anterior foi regulamentada e outras medidas voltadas para a difusão da Libras e propostas de práticas bilíngues passaram a serem implementadas (Brasil, 2005). Desse modo, por haver esse reconhecimento e investimento no fortalecimento da Libras, era de se esperar a produção de obras dicionarísticas com uma perspectiva linguística mais evidente.

É de extrema importância o estudo e pesquisa da história ao longo dos anos e também do tempo real, a fim de se observar a alteração lexical, variação linguística e sinais imutáveis ao longo desse tempo. Considerando esse aspecto, é oportuno refletirmos que, no contexto de criação de D1, estávamos lidando com a recente criação do INES (ano de 1857) e o recente agrupamento de Surdos de diferentes regiões do país em um único espaço (Rio de Janeiro).

Tendo em vista que, nesse período histórico havia uma forte relação entre o Estado e a religião católica, alguns sinais desse campo semântico são destacados na obra. Segundo Douette (2015) sinais-termos do contexto religioso são representativos na obra, a exemplo dos sinais de “adorar”, “arcebispo”, “bispo”, “casto”, “cônego”, “crer”, “padre”, “religioso” e “temer”.

Figura 82 – Sinais do campo semântico da religião católica em Gama (1875)

SINAIS-TERMOS RELIGIOSOS				
Padre	Bispo	Arcebispo	Cônego	Casto
				

Fonte: Gama (1875, p. 22).

D2, em seu prefácio e introdução, aponta que a obra é resultado da combinação de sinais de diferentes regiões do país, ocorrendo a colaboração de Surdos e ouvintes de diferentes origens em sua confecção. Ainda na introdução, é destacado pelo próprio Oates a existência de regionalismo nas línguas orais e de sinais. No entanto, apesar desse reconhecimento, é evidente em diferentes partes da obra a presença de sinais do campo semântico e discussões do campo religioso; no caso, sinais do contexto católico, dado que o autor é oriundo desse contexto. De acordo com Diniz (2011), a obra começa com a datilologia, seguida de 1.276 sinais-termos variados, sendo que 38 deles são sinais do campo semântico religioso.

Descrito o contexto sócio-histórico e as influências dos dicionários analisados, passamos a abordar a mudança lexical e a variação linguística nos grupos semânticos dos sinais analisados em D1, D2, D3 e D4, ou seja, no *corpus* desta pesquisa.

Quadro 50 – Síntese da mudança lexical e variação no *corpus* analisado

CAMPO SEMÂNTICO	SINAIS QUE MUDARAM POR COMPLETO		SINAIS QUE APRESENTARAM ALGUM TIPO DE VARIAÇÃO	SINAIS QUE NÃO MUDARAM
	Mudança do século XIX para o XX (Alteração de D1 para D2)	Mudança do século XX para o XXI (Alteração de D2 para D3/D4)	(Sinais que apresentaram algum tipo de variação ou, no caso de D4, outras variantes para o mesmo sinal)	(Sinais que foram considerados inalterados nos quatro dicionários)
Alimentos	SAL	PÃO	OVO CARNE MANTEIGA	-

Bebidas	CAFÉ ÁGUA	CERVEJA	LEITE	VINHO ¹³
Gênero e Família	HOMEM PAI MÃE	-	MULHER	IRMÃO ¹⁴ (segundo sinal de D4)
Qualidades	NOVO MAU VELHO	GORDO FORTE	-	-
Cores	BRANCO PRETO AZUL VERDE	-	-	VERMELHO
Animais	CAVALO	-	BURRO LEÃO PORCO RATO	-
Tempo	HOJE AMANHÃ MANHÃ NOITE	-	ONTEM	-
Totais	18 (51,43%)	4 (11,43%)	10 (28,57%)	3 (8,57%)

Fonte: Produzido pelos autores.

Esses resultados sintetizados e indicados no quadro nos possibilitaram ver que:

- 1) Dos 35 sinais analisados (*corpus* total), 22 (62,86%) mudaram por completo até a virada do século XX para o XXI. Desses 22 sinais que mudaram, 18 (81,82%) se modificaram do séc. XIX para o XX. Desses mesmos 22 sinais que mudaram, 04 (18,18%) modificaram do séc. XX para o XXI, o que atesta que o grosso da mudança lexical na Libras aconteceu na virada do século XIX para o XX. Dos 35 sinais analisados (*corpus* total), 13 deles (37,14%) apresentaram algum tipo de variação ou seguiram inalterados entre o séc. XIX para o XX. Dos 13 sinais desse grupo, 10 deles (76,92%) apresentaram algum tipo de variação fonológica. Dos 13 sinais, 03 (23,08%) mantiveram a mesma forma linguística na passagem dos séculos.

¹³ Como discutido em nossas análises, D2 e D4 destacam a presença de movimento circular. D1, pela descrição não especificada, temos apenas que se realiza um movimento de “esfregar”, não sendo possível afirmar se seria um movimento de esfregar retilíneo ou circular.

¹⁴ Em D4, tivemos a apresentação de uma segunda variante para o sinal de “irmão”. Contudo, como este estudo volta-se para a variação fonológica e a mudança lexical, essa variante foi desconsiderada em nossas análises.

- 2) A mudança linguística ocorreu em todos os grupos semânticos investigados.
- 3) De todos os grupos analisados, os sinais da categoria “qualidades” foram os que mais se modificaram, com alteração nos cinco sinais (100% do grupo semântico).
- 4) De todos os grupos semânticos analisados, a categoria de “animais” foi a que menos se alterou, com apenas um único registro, ou seja, o sinal de “cavalo” (20% do grupo semântico).
- 5) Na categoria de “alimentos”, dois sinais mudaram, ou seja, 40% de alteração.
- 6) Na categoria de “bebidas”, a porcentagem de mudança foi de 60%, isto é, três sinais.
- 7) No grupo semântico de “família”, três sinais modificaram, ou seja, 60% de mudança.
- 8) No grupo de “cores”, quatro sinais mudaram, isto é, 80% de mudança no grupo.

Pudemos observar, a partir de uma primeira análise, que o grupo semântico de “qualidades” foi o que mais sofreu alteração. Nesse caso, ao observarmos o processo de mudança, hipotetizamos que essa alteração histórica ocorreu mediante o processo de substituição de sinais com traços icônicos e translúcidos, principalmente em D1, passando a assumirem formas linguísticas mais abstratas em D2, D3 e D4. No grupo com o menor quantitativo de alteração – animais –, verificamos que nesse grupo houve a predominância de casos de variação da lexia já registrada em D1 (80%). A partir disso, se considerarmos que os sinais de “cavalo” e de “ontem” foram as únicas exceções, podemos supor que a forma representada em D1 possuía traços que poderiam ser relacionados a qualquer animal quadrúpede, já que representava via classificador uma pessoa montada em um animal. Desse modo, essa mudança ocorreu no intuito de se estabelecer uma forma linguística que se referisse especificamente ao significado de “cavalo”, assim como ocorre nos demais sinais. No caso do sinal de “ontem”, observa-se a manutenção da forma linguística, sendo que houve uma ligeira variação fonológica em três dos parâmetros linguísticos (configuração de mão, locação e movimento).

Ainda, a partir da análise desses grupos, identificamos que apenas três sinais não tiveram nenhum tipo de modificação com o passar dos anos, e cada um deles em um grupo semântico específico. Nesse caso, os sinais de “vermelho”, “vinho” (D1, D2 e D4) e “irmão” apresentaram a mesma forma linguística em todos os dicionários. Como discutido, a língua é usada socialmente e está sujeita às decisões tomadas pelos integrantes da comunidade de fala. Desse modo, é possível que a comunidade de fala visualize esses três sinais como condizentes com as necessidades comunicacionais desse grupo e, em vista disso, a forma linguística seja mantida, ou seja, um postulado próprio das línguas naturais.

A seguir, passamos a discutir os resultados da pesquisa em grupos de análise, considerando, para isso: 1) os grupos que apresentaram alterações e não alteraram; e 2) iconicidade e não-iconicidade¹⁵ entre os sinais investigados.

6.8.1 Detalhamento das alterações sofridas pelas lexias analisadas

Nas próximas subseções, passamos a detalhar os tipos de alterações identificadas no *corpus* da pesquisa, considerando, inicialmente, aqueles que sinais que desapareceram e foram completamente substituídos por uma nova lexia e, em sequência, os distintos casos de variação linguística a partir da alteração de um parâmetro linguístico da Libras isolado – a exemplo da quantidade de articuladores, da configuração de mão, do movimento e da orientação de palma –, e aqueles que passaram a combinar mais de um parâmetro para produzir a variante, tais como a configuração, o movimento e a orientação de palma associados.

6.8.1.1 Sinais completamente substituídos

Neste grupo, analisaremos os sinais que deixaram de ser usados em um determinado momento histórico, isto é, aqueles que caíram em desuso. Na mudança do século XIX para o XX, identificamos que 18 sinais caíram em desuso quando comparamos os dicionários D1 (1875) e D2 (1983), sendo eles os sinais de: “sal”, “café”, “água”, “homem”, “pai”, “mãe”, “novo”, “mau”, “velho”, “branco”, “preto”, “azul”, “verde”, “cavalo”, “hoje”, “amanhã”, “manhã” e “noite”. Por exemplo, constatamos que os sinais de “pai” e “mãe”, em D1, eram representados pela forma de “nascer” e tiveram a sua forma substituída por outra lexia. Ainda, o sinal que antes era utilizado para “novo” hoje teve seu significado substituído por “surgir”. O mesmo aconteceu com a forma de “mau”, que hoje é utilizada no contexto de “tóxico”. Assim como o sinal de “hoje” que, na atualidade, foi ressignificado e é adotado como “dia”.

Ainda sobre os sinais que caíram em desuso ou foram substituídos a partir de D1, temos, no sinal de “cavalo”, que a forma linguística anteriormente empregada hoje é adotada como um classificador para o ato de montar em um animal e cavalgar.

Para o sinal de “água”, único caso que a forma linguística foi morfologicamente modificada, temos o processo de assimilação. Anteriormente, as pessoas usavam o sinal de “água” em D1 seguido do sinal de “beber”. Na atualidade, o sinal de “água” passa a assimilar

¹⁵ Vale reforçar que, apesar desta tese não ter como objeto a discussão aprofundada do conceito de iconicidade a não-iconicidade dos sinais, os resultados aqui identificados poderão contribuir com pesquisas que se voltam para essa temática a partir de uma análise da mudança histórica.

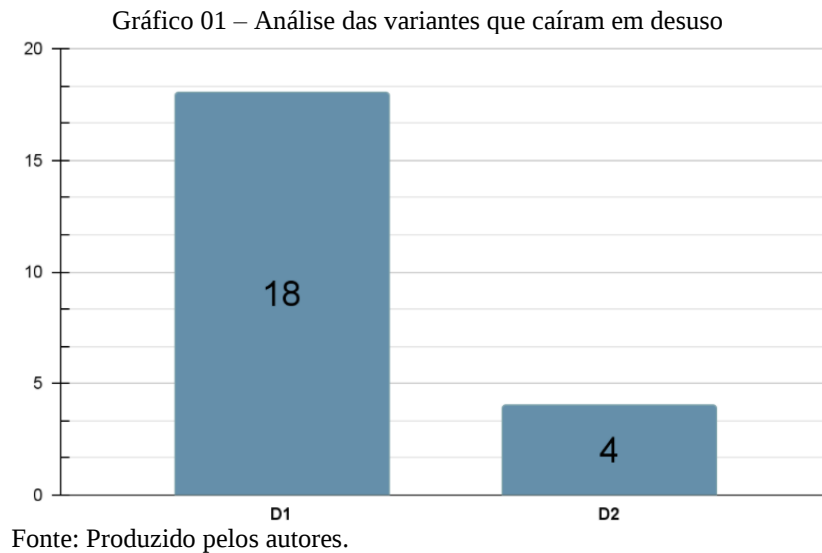
esses dois sinais em uma única forma linguística. Nesse caso, a forma linguística representada em D1 para se referir a “água” teve a sua composição linguística modificada.

No século XX para XXI, ao compararmos D2 (1983) com os dicionários posteriores, verificamos que, nesse espaço temporal, quatro sinais caíram em desuso, sendo eles os sinais de: “pão”, “cerveja”, “gordo” e “forte”. Nesse caso, temos que “gordo” e “forte” tiveram sua forma linguística substituída por outros sinais. Em “gordo”, a forma linguística fazia referência ao formato das bochechas, sendo um sinal estereotipado e pejorativo. Desse modo, no intuito de se evitar qualquer tipo de discriminação, essa forma linguística mais icônica foi substituída. Em “forte”, o movimento e a expressão facial e corporal indicavam uma pessoa corajosa, mas ao mesmo tempo trazia informações sobre o formato do corpo, no caso, uma pessoa com o peitoral destacado. A partir disso, como o termo linguístico pode assumir dois significados, na atualidade temos duas formas linguísticas, uma que faz referência às características corporais e outra mais relacionada à personalidade, no sentido de característica pessoal.

Interessante observar que, ao compararmos o sinal de “forte” fazendo referência ao corpo em todos esses dicionários, temos que D1 e D2 tinham como referência a região peitoral. Contudo, D3 e D4 passam a se referir a região dos braços, dos bíceps. Desse modo, as formas linguísticas também são atravessadas e influenciadas por aspectos culturais e sociais, sendo que elas passam a ilustrar o comportamento ou parte do corpo valorizada em cada época.

Para “pão”, a forma linguística fazia referência ao ato de cortá-lo com algum objetivo, a exemplo de uma faca. Atualmente, sua forma está relacionada ao partir com as mãos ou ao ato de levá-lo à boca e partir com os dentes, sendo um caso de substituição. Em “cerveja”, a forma linguística ilustrada em D2 teve seu significado substituído na atualidade, fazendo referência ao contexto de “refrigerante” ou outra bebida envasada em garrafa. Além disso, ainda no caso de “cerveja”, temos uma nova forma linguística criada que faz referência ao objeto usado, no caso, uma caneca com alça.

Esse processo de mudança lexical nas viradas dos séculos pode ser ilustrado pelo gráfico abaixo:



A partir dessa análise, temos que a principal mudança na Libras se deu na passagem temporal de D1, no século XIX, para D2, no século XX, culminando em um quantitativo de 18 sinais que apresentaram mudança lexical, isto é, mais da metade do *corpus* total. Ainda, em menor número, temos que de D2, no século XX, para D3 e D4, no século XXI, apenas 04 sinais apresentaram mudança.

6.8.1.2 Sinais que sofreram redução articulatória

Em nosso *corpus*, observamos sinais que passaram por um processo de redução, ou seja, sinais que usavam ambas as mãos em sua constituição e passaram a adotar apenas uma delas. O sinal de "pão" em D1, D2 e D4 (primeiro sinal) usava ambas as mãos e, nesse processo temporal, houve a redução em D3 e D4 (segundo sinal). Em D1 e D2 o sinal de “cerveja” também era realizado com ambas as mãos, sendo que, na passagem do século XIX para o século XX, passou a ser feito com apenas uma, como em D3 e D4. O sinal de “café”, em D1, D2, D3 e D4 (primeira variante analisada) empregava as duas mãos, e D4 (segunda e terceira variantes) apenas uma. Nesse caso, devemos reforçar que os três exemplos anteriormente analisados – pão, cerveja e café – trata-se de mudança lexical, ocorrendo a produção de um só sinal, sem relação com o que adotava as duas mãos.

Os sinais de “leite” e “rato”, em D1, adotavam ambas as mãos, e em D2, D3 e D4, passaram a utilizar apenas uma. Nesse caso, como os exemplos evidenciam casos de variação linguística, temos o processo de redução de uso de ambas as mãos para apenas uma delas.

De acordo com Castro Júnior, Prometi e Rossi (2023), a economia lexical está relacionada a casos nos quais é possível suprimir elementos, isto é, o uso reduzido de

elementos paramétricos. No caso de “leite”, a informação principal está contida da configuração de mão ativa e a passiva coloca-se como base, o que justifica a supressão da mão passiva. Para o sinal de “rato”, a mesma informação icônica – o formato dos pelos faciais – eram representados de modo simultâneo pelas duas mãos e, nesse caso, a economia linguística e a redução de articuladores são possíveis, já que ambas as mãos possuíam a mesma forma linguística.

Segundo Xavier (2011), a alternância do número de articuladores manuais em Libras está associada a três fatores: 1) expressividade; 2) ocorrência de processos lexicais/gramaticais; 3) influência do contexto fonético-fonológico. O sinal de “rato” é composto (formado pela forma linguística que faz referência aos pelos faciais com as duas mãos, associada ao movimento do rato com a configuração de mão em R apenas na mão ativa). No caso do segundo sinal que compõe a lexia, ele era produzido apenas com a mão ativa. Há o indicativo de que a redução do número de mãos foi uma influência do contexto fonético-fonológico do segundo sinal, tendo em vista que ele é produzido com apenas uma mão. Finalmente, no caso do sinal de “leite”, entendemos que, na busca da facilidade comunicacional e da economia linguística, houve a eliminação da mão passiva, já que a referência semântica principal se manteve na mão ativa.

6.8.1.3 Sinais que apresentam variação fonológica na CM

Percebemos a variação fonológica a partir da alteração da configuração da mão (CM) nos seguintes sinais: "carne", de D1 para D2, D3 e D4; "manteiga" de D1 e D3 para D2 e D4; e "mulher" de D1 para D2, D3 e D4.

No caso do sinal “carne”, assim como já abordado em nossas análises, a variação da configuração de mão se deu, em alguns casos, na mão ativa, e em outros na mão base. D1 e D4 (primeira variante) apresentaram a CM da mão passiva com os dedos unidos, diferentemente de D2, D3 e D4 (segunda variante). Com relação à mão ativa, D1 apresentou a CM no formato de pinça, mas com os dedos unidos, D2, D3 e D4 (duas variantes), por sua vez, apresentam os dedos médio, anelar e mínimo estendidos.

Para o sinal de “manteiga”, observamos o uso de duas configurações de mão. D1, D3 e D4 (primeira variante) adotam a CM próxima a letra “B” do alfabeto manual, D2 e D4 (segunda variante) utilizam a CM próxima a letra “U”, do alfabeto manual da Libras.

Com relação ao sinal de “mulher”, houve uma alteração no dedo da configuração de mão que realiza o toque sobre a locação. D1 constitui-se de uma CM que, no caso do alfabeto

manual, seria a letra “D” e o restante, D2, D3 e D4, adotam uma CM mais próxima à letra “A”, ocorrendo o toque com o dedo polegar.

Ao analisarmos o sinal de “carne”, verificamos que a alteração da configuração de mão ativa diz respeito ao posicionamento dos dedos, sendo que o sinal pode ser feito com os dedos médio, anelar e mínimo unidos ou estendidos. Nesse caso, as duas configurações de mão são próximas. Para o sinal de “manteiga”, a mudança da configuração de mão ativa pode ter sido ocasionada por influência de questões culturais, uma vez que, socialmente, o produto passa ser espalhado sobre uma superfície através do uso de uma faca ou objeto similar, daí a mudança da configuração de mão acompanhou essa alteração. Por fim, no caso de “mulher”, temos a ocorrência do processo fonológico através da alteração do dedo que realiza o contato com a locação.

6.8.1.4 Sinais que apresentam alteração no parâmetro M

Em um estudo mais profundo, constatamos uma alteração na realização do movimento no sinal de “porco”. Em D2, o movimento do sinal era retilíneo, de cima para baixo, e em D3 e D4 passou a ser circular. D1, por sua vez, por não indicar essa informação na ilustração do sinal ou em sua descrição, não permite recuperar o movimento feito. Na descrição é apontado apenas que o movimento remete a “lama”, podendo ser para os lados, para cima e baixo, ou circular. Portanto, o sinal apresenta uma leve variação quando consideramos o parâmetro movimento e direção do mesmo.

6.8.1.5 Sinal que apresenta alteração na orientação de mão

A alteração do parâmetro orientação de palma da mão, em nossos dados, foi observada em um único caso. Constatamos que o sinal de “burro” alterou esse parâmetro na passagem de D1 para D2, D3 e D4. Desse modo, D1 apresenta a palma das mãos voltadas para a frente e D2, D3 e D4 para os lados. Nesse caso, a orientação de palma adotada inicialmente em D1 ilustrava o formato de uma orelha, via classificador, podendo se referir, a depender do contexto, a outros animais. Em D2, D3 e D4, além da posição lateral das mãos, passou-se a adotar também um movimento, tratando-se de uma forma linguística padronizada e com um único referente.

6.8.1.6 Sinal que apresenta variação fonológica em CM + M + OR

Observamos que o sinal "ovo", de D1 para D2, D3 e D4, apresentou mudança no movimento. Nesse caso, D1 apresentou uma única CM, com a orientação de palma voltada para cima e o movimento de somente bater, contato entre o dorso das mãos. D2 e D3 apresentam configurações de mão distintas, com orientação de palma inicialmente para os lados e depois para baixo, realizando um movimento semicircular. D4, por sua vez, apresenta esse mesmo movimento semicircular, com a orientação de palma inicial para os lados e final para baixo, mas, diferentemente dos sinais anteriores, apresenta uma configuração de mão inicial e uma final, assim como ilustrado em nossas análises.

De acordo com Junior e Bielecki (2011), ao comprarmos D1 e D4, podemos perceber que os sinais apresentam a mesma configuração de mão inicial, sendo que somente D4 apresenta uma abertura de dedos na formação da configuração de mão final. Além disso, por apresentarem movimentos distintos, diferem-se também pela orientação de palma, já que em D4 há o deslocamento de direcionalidade das mãos.

Ao investigarmos o sinal “ontem”, quando comparamos D1 aos demais dicionários, constatamos que alteração se deu na configuração de mão, na orientação de palma e no movimento. Acerca desse último parâmetro, compreendemos que D1 apresenta movimento semicircular direcionado para trás e os demais dicionários apresentam movimento retilíneo também voltado para trás.

6.8.1.7 Sinal que apresenta variação fonológica em PA + M + OR

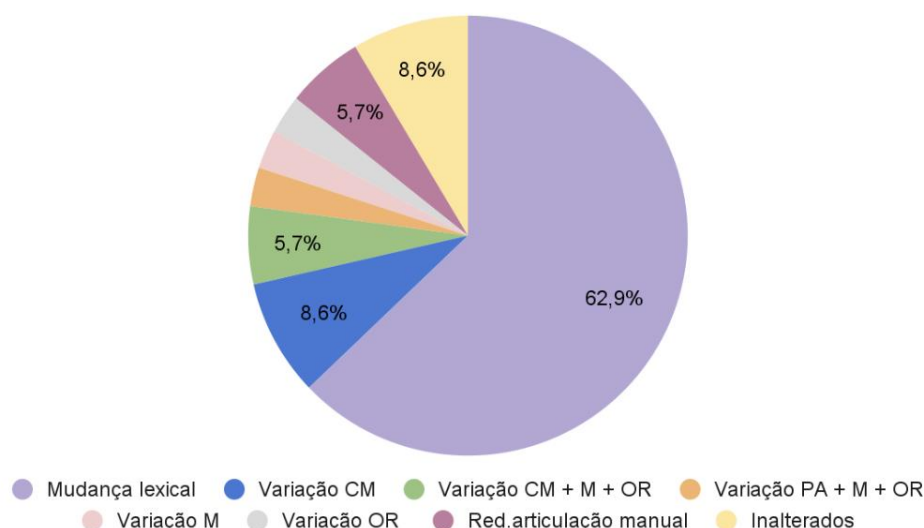
Constatamos, na passagem de D1 para os demais sinais, que o registro do sinal de “leão” é o único que apresenta esse tipo de variação. Nesse caso, em D1 o ponto de articulação encontra-se no espaço neutro, uma vez que representa o movimento de passar as garras no chão por um felino. Em D2, D3 e D4 na cabeça, apesar de apresentarem sub-regiões distintas. Nesse caso, D2, D3 e D4 (segunda e terceira variantes) têm o queixo como ponto de articulação e D4 (primeira variante) a região lateral da cabeça. Com relação ao movimento, D4 (segunda variante) apresenta um leve toque na parte inferior do queixo e D2, D3 e D4 (terceira variante) movimento circular. Finalmente, sobre a orientação de palma, D1, D2, D3 e D4 (segunda e terceira variantes) contam com a orientação voltada para baixo. D4 (primeira variante), por sua vez, apresenta esse parâmetro direcionado ao corpo, ou seja, para trás.

Em termos de formação lexical, temos que a CM usada em D1 referia-se, no geral, às garras dos felinos. Com o passar dos anos, novos conceitos passaram a surgir se derivando desse mesmo sinal e mantendo essa mesma CM base, a exemplo dos sinais de “onça-pintada”, “tigre” e “gato”.

De forma a sintetizar os dados apresentados, apresentamos o gráfico abaixo, que resume o quadro de variação e mudança lexical que observamos nos dados analisados.

Gráfico 02 – Mudança lexical e variação fonológica no *corpus* examinado

Mudança lexical e variação fonológica



Fonte: Produzido pelos autores.

Nesse caso, a partir dos dados representados no gráfico, temos que 62,9% refere-se a sinais que, quando consideramos D1/D2, caíram em desuso e foram substituídos por outras lexias. Ainda, 8,6% dos dados se referem aos sinais que não tiveram nenhum tipo de alteração – no caso, vermelho, vinho e irmão –, isto é, sinais inalterados quando consideramos as quatro sincronias analisadas.

Temos também que, ao considerarmos os casos de variação linguística, a maior incidência se deu sobre o parâmetro configuração de mão, representando também 8,6% dos dados. Em seguida, constatamos que 5,7% dos dados são referentes aos sinais que tiveram a quantidade de articuladores reduzido, ou seja, anteriormente eram feitos com as duas mãos e, hoje, usam apenas uma delas. Nesse caso, assim como defendido por Xavier (2019), a quantidade de articuladores manuais também pode ser considerada um parâmetro fonológico da Libras. As demais porcentagens, se referem a casos de variação fonológica a partir de apenas um parâmetro – orientação de palma (2,9%) e movimento (2,9%) –, ou da associação

de mais de dois parâmetros da Libras – variação na configuração + movimento + orientação de palma (2,9%) e variação no ponto de articulação + movimento + orientação de palma (5,7%).

Em paralelo, ao considerarmos, ainda, os casos de mudança lexical e os de variação fonológica, verificaremos que: os casos de mudança lexical (62,9%) e de manutenção lexical (8,6%) constituem a maior parte dos dados do *corpus*, especificamente 71,5%; ao considerarmos os casos de variação fonológica, independentemente de ocorrer em apenas um dos parâmetros, na quantidade de articuladores manuais ou em parâmetros fonológicos combinados, teremos que esse quantitativo refere-se a 28,5%.

Nas seções seguintes, passamos a considerar os dados referentes aos sinais inalterados e à constituição morfológica das lexias analisadas, considerando os traços de não-iconicidade, iconicidade e a mudança lexical (simples e composta).

6.8.2 Sinais inalterados

Ao compararmos os sinais ilustrados em D1, D2, D3 e D4 verificamos que, desde o início do registro do primeiro dicionário até a atualidade, os sinais de “irmão”, “vermelho” e “vinho” apresentaram a mesma forma linguística. No caso de “irmão”, o sinal é o mesmo em D1, D2, D3 e D4 (segunda variante). No sinal de “vermelho”, o mesmo nos quatro dicionários. Finalmente, apenas “vinho” não foi identificado nos quatro dicionários, sendo seu registro inexistente em D3.

6.8.3 Iconicidade, não-iconicidade e mudança lexical

Nesta tese, o foco está na análise da mudança lexical. Acontece que, dentro da mudança, um aspecto a ser considerado é a possível modificação de um sinal que pode ser considerado inicialmente icônico e, com o passar dos anos, assumir traços de não-iconicidade. Desse modo, nosso intuito neste tópico é analisar, na mudança histórica, o que aconteceu com os sinais, se antes eram mais icônicos e passaram a ser não-icônicos ou se o contrário se aplica, além de apontarmos possíveis explicações para essas mudanças.

Para essa discussão, nos valeremos nos pressupostos de Saussure (2021 [1916]) para compreendermos essas possíveis mudanças, a exemplo da proposição de signo linguístico e a discussão sobre o princípio da não-iconicidade. Como vimos, o signo linguístico, na teoria de

Saussure, é compreendido como entidade psíquica com duas faces e que pode ser representada através da combinação de um conceito e sua imagem acústica, ou seja, o autor nomeia de signo linguístico a combinação do conceito e da imagem acústica (significado e significante, respectivamente) (Saussure, 2021 [1916]). E, nesse processo de associação entre o significante e o significado, acontece um vínculo de arbitrariedade, isto é, o signo linguístico é arbitrário porque é reconhecido pelos falantes de uma língua sem que haja uma semelhança direta entre o significante e o significado.

Conforme Naves *et al.*, (2019), entendemos que a relação entre iconicidade e não-iconicidade pode ser entendida como um *continuum*. Assim como argumentado por Naves *et al.* (2019) a iconicidade é lida como uma característica do contínuo da motivação, onde, de um lado, teríamos os sinais mais motivados, aqueles considerados icônicos e no outro extremo teríamos os menos motivados, aqueles considerados não-icônicos.

A partir dessas considerações, na tabela abaixo, passamos a agrupar os sinais do *corpus* que foram analisados como icônicos e não-icônicos.

Quadro 51 – Percentual de sinais icônicos e não-icônicos no *corpus*

Dicionário	Ícônicos	Não-ícônicos
D1	OVO; PÃO; SAL. ÁGUA; LEITE. HOMEM; MULHER; MÃE; IRMÃO. GORDO; FORTE. BRANCO. BURRO; CAVALO; LEÃO; RATO. ONTEM; AMANHÃ; MANHÃ; NOITE.	CARNE; MANTEIGA. CERVEJA; CAFÉ; VINHO. PAI. NOVO; MAU; VELHO. PRETO; AZUL; VERMELHO; VERDE. PORCO. HOJE.
TOTAL D1	20 lexias icônicas	15 lexias não-icônicas
D2	OVO; PÃO; MANTEIGA. LEITE. HOMEM; MULHER; IRMÃO. GORDO; FORTE. BURRO. MANHÃ.	CARNE; SAL. CERVEJA; CAFÉ; ÁGUA; VINHO. PAI; MÃE. NOVO; MAU; VELHO. BRANCO; PRETO; AZUL; VERMELHO; VERDE. CAVALO; LEÃO; PORCO; RATO. ONTEM; HOJE; AMANHÃ; NOITE.

Dicionário	Icônicos	Não-icônicos
TOTAL D2	11 lexias icônicas	24 lexias não-icônicas
D3	OVO. CERVEJA; LEITE. HOMEM; MULHER; IRMÃO. BURRO; LEÃO	PÃO; CARNE; SAL; MANTEIGA. CAFÉ; ÁGUA. PAI; MÃE. GORDO; FORTE; NOVO; MAU; VELHO. BRANCO; PRETO; AZUL; VERMELHO; VERDE. CAVALO; PORCO; RATO. ONTEM; HOJE; AMANHÃ; MANHÃ; NOITE.
TOTAL D3	8 lexias icônicas	26 lexias não-icônicas
D4	OVO; MANTEIGA (segundo sinal). CERVEJA; LEITE. HOMEM; MULHER; IRMÃO. BURRO; LEÃO.	PÃO; CARNE; SAL; MANTEIGA (primeiro sinal). CAFÉ; ÁGUA; VINHO. PAI; MÃE. GORDO; FORTE; NOVO; MAU; VELHO. BRANCO; PRETO; AZUL; VERMELHO; VERDE. CAVALO; LEÃO (segunda e terceira variante) PORCO; RATO. ONTEM; HOJE; AMANHÃ; MANHÃ; NOITE
TOTAL D4	9 lexias icônicas	28 lexias não-icônicas

Fonte: Produzido pelos autores.

Observamos, em termos de mudança histórica do grupo de sinais a partir dos 04 dicionários, que o quantitativo de sinais icônicos reduziu com o passar dos anos e o percentual de sinais não-icônicos aumentou. Desse modo, sinais que em D1 eram icônicos perderam iconicidade em D2 e assim sucessivamente. Os únicos sinais que passaram pelo processo inverso foram os sinais de “manteiga” e “cerveja”. Esses sinais, em D1, foram classificados como não-icônicos e, nos outros dicionários, passaram a assumir traços mais icônicos, assim como já analisado e justificado.

Constatamos, ainda, que sinais que fazem referência a objetos ou ações concretas, a exemplo de “ovo” e “leite”, tendem a assumir a forma desses objetos e, em decorrência, possuem traços mais icônicos. Desse modo, esses sinais foram considerados icônicos e concretos, não havendo alteração na passagem dos séculos XIX e XXI.

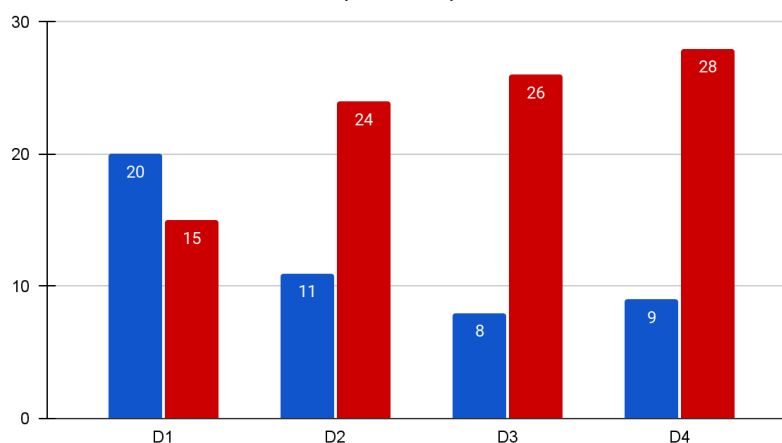
Para Martins e Capovilla (2018), na descrição do sinal de “leite”, em Gama (1875), temos que o indicador da mão esquerda faz referência ao peito da vaca e a mão direita, o ordenhador. Em Oates (1983), faz-se referência ao comportamento do fazendeiro no momento da ordenha. Desse modo, é um sinal que assume esses traços de iconicidade ao representar o peito da vaca e a ação desencadeada pelo fazendeiro.

Ainda sobre esses dois dicionários – D1 e D2 –, assim como discutido por Martins e Capovilla (2018), entendemos que podem ser considerados pré-Stokeanos e de natureza iconográfica, uma vez que, assim como analisado nos sinais anteriores, a lógica de organização dos sinais pauta-se na tentativa de explicação de como a forma do sinal é motivada pelo seu respectivo significado.

Na categoria de “qualidade” encontramos os sinais com o maior quantitativo de não-iconicidade. Apenas os sinais de “gordo” e “forte” foram classificados como icônicos em D1 e D2, sendo que, até mesmo esses dois sinais, passam a assumir traços de não-iconicidade em D3 e D4. Portanto, assim como discutido em Saussure (2021 [1916]), a língua também está sujeita a influências sociais e culturais, o que leva a sua alteração.

A seguir, apresentamos um gráfico que resume a tendência de mudança que observamos nos dados analisados nas quatro sincronias.

Gráfico 03 – Tendência de mudança lexical em Libras quanto à dicotomia iconicidade (azul) x não-iconicidade (vermelho)



Fonte: Produzido pelo autor.

Finalmente, a partir de toda essa análise, foi possível observar que o princípio da arbitrariedade, inicialmente proposto por Saussure (1916), também se aplica às línguas de sinais. Desse modo, em termos de mudança histórica, constatamos em nosso *corpus* uma redução dos sinais icônicos e, em decorrência, sua modificação para sinais que se articulam

ao princípio da não-iconeidade. Esse resultado nos ajuda a identificar que, com o passar dos anos e o desenvolvimento de investigações e discussões voltadas para a Libras, especialmente no período pós-Stokoe, os falantes da comunidade de fala começaram a refletir sobre formas mais linguísticas de comunicação, reduzindo a influência de mímica e gestos que havia em séculos passados. Nesse sentido, percebemos que a mudança lexical em Libras, em tempo real, considerando as sincronias estudadas, assume o vetor do icônico para o não-icônico, como se pode esperar de qualquer língua natural.

Como último ponto de análise, interessou-nos identificar se houve alguma alteração no processo de formação morfológica dos sinais com o passar dos séculos, em especial analisando o processo de alteração de lexias simples para compostas e o contrário. Sobre o primeiro caso, verificamos que apenas três sinais em D1 eram compostos e, em D2, D3 e D4 se tornaram simples, sendo eles “sal”, “manteiga” e “rato”. Percebemos também que outros dois sinais passaram a ser lexias compostas em D2, D3 e D4, quando que eram lexias simples em D1, sendo elas os sinais de “mãe” e “pai”. Desse modo, no primeiro caso, constatamos que a composição era usada para trazer informações adicionais, a exemplo do recipiente do sal, da cor da manteiga e dos pelos faciais do rato, o que, com o passar dos anos, foi reduzido. E, pelo fato de a comunicação prezar pela objetividade e economia linguística, essas informações puderam ser suprimidas. No caso dos sinais que passaram a serem compostos, inicialmente tinham o significado representado pelo verbo “nascer”, tratando-se de uma forma linguística pouco específica. Nesses casos, por pertencerem ao campo semântico de sinais referentes à constituição familiar, a composição ocorre pela necessidade de indicação do gênero – sinais de homem ou mulher – e sua associação com o sinal de “benção”. Portanto, a proposta de um sinal composto decorre da necessidade de especificação do significado, haja vista que, anteriormente, o sinal de “nascer” poderia ser associado a vários outros significados.

Em termos quantitativos, observamos maior incidência de casos de mudança morfológica ligada ao processo de simplificação da lexia, ou seja, em D1 identificamos três sinais que decorreram desse processo. Em menor número, no caso de sinais identificados apenas em D1, constatamos também dois sinais que anteriormente eram lexias simples e passaram a ser consideradas compostas em D2/D3/D4. A partir disso, verificamos que as alterações ocorreram apenas da passagem de D1 para os demais dicionários e, com base nisso, acreditamos que D2/D3/D4 já foram influenciados por questões de ordem linguística, a exemplo de discussões acerca do conforto e economia linguística, especialmente a partir das mudanças acerca da compreensão linguística das línguas de sinais viabilizada pelos estudos de Stokoe (1960) e das distintas propostas de formação de professores e de linguistas.

Podemos verificar, portanto, que a motivação desses signos linguísticos se modifica, alterando-se de uma forma mais icônica a uma não-icônica, seja considerando a redução na quantidade de articuladores ou na alteração de parâmetros fonológicos específicos. Ainda, tivemos também sinais que modificaram sua significação, por serem utilizados em contextos amplos, a exemplo de “nascer”. Em menor número, os casos de alteração mórfica, considerando lexias que eram compostas e passaram a ser simples são minoritários, mas foram utilizados em contextos nos quais a informação linguística poderia ser expressa por meio de apenas um sinal, não sendo necessário a complementação de significado com um sinal adicional.

6.9 Resumo da seção

A partir das nossas análises e do que foi expresso nos resultados, verificamos que a mudança lexical é um processo linguístico observado e produtivo também na Libras. Nos nossos dados, considerando os quatro dicionários, dos 35 sinais analisados, 22 deles sofreram mudança lexical e 13 dos sinais sofreram algum tipo de variação fonológica, seja em um parâmetro isolado ou na combinação de vários. Vimos, portanto, que dos 35 sinais analisados somente em D1, 18 se modificaram, sendo que alguns caíram totalmente em desuso ou tiveram sua forma linguística ressignificada.

Se considerarmos a mudança lexical levando em conta a passagem do século, ou seja, do século XIX para o século XXI, esse total será de 22 sinais, englobando os sinais analisados quando comparamos D1 e D2 e D2 com D3 e D4. Na passagem do século XIX para o século XX, comparando os sinais de D1 e D2, tivemos um quantitativo de 18 sinais que apresentaram mudança lexical. Ainda, ao verificar a passagem do século XX para o XXI, comparando os sinais de D2 com D3 e D4, 04 sinais apresentaram mudança lexical, tratando-se de um quantitativo mais reduzido.

Em síntese, ao considerarmos a iconicidade e a não-iconicidade e os casos de mudança lexical, constatamos uma predominância na redução de sinais que anteriormente eram classificados como icônicos e, em consequência, um aumento no número de sinais não-icônicos. De modo similar, identificamos apenas a partir de D1 o processo de mudança lexical, considerando casos de lexias simples que passaram a ser compostas – dois sinais – e sinais que eram classificados como lexias compostas e passaram a ser simples – três sinais. Portanto, detectamos que o dicionário que mais esteve sujeito a modificações, em uma perspectiva

diacrônica, foi D1, seja em virtude da presença de mais sinais icônicos ou das ocorrências de mudança da lexia.

Portanto, esses dados nos ajudam a comprovar que a Libras, assim como qualquer outra língua natural, está suscetível a alterações no seu léxico, seja por meio da mudança lexical ou pela variação linguística. Essa mudança lexical, por influência da comunidade de fala, pode dar-se por múltiplas questões, a exemplo do conforto e economia linguística, da alteração de questões culturais e ideológicas, dentre outros aspectos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, buscamos, em termos de objetivos pretendidos: 1) Realizar o estudo da variação lexical em quatro obras lexicográficas referentes aos séculos XIX, XX e XXI; 2) Descrever e classificar os processos de alteração dos sinais estudados ao longo desse período; 3) Levantar padrões de variação e mudança lexical na história da Libras a partir do *corpus* analisado; 4) Descrever e interpretar as mudanças ocasionadas em termos de mudança lexicais e variação linguística. Dessa forma, ao longo do processo de construção, estivemos envolvidos em discussões que versavam sobre a mudança e a variação lexical na Libras, em termos diacrônicos, pautados na proposta laboviana de análise em tempo real de curta duração (Labov, 2008 [1972]) e a partir de análise comparativa (Faraco, 2005).

Para isso, esta pesquisa, a partir das lacunas constatadas na bibliografia especializada da área, buscou responder às seguintes questões: i) é possível recuperar e contar a história linguística da Libras através da análise da mudança lexical em tempo real de curta duração em obras dicionarísticas publicadas entre os séculos XIX e XXI?; ii) nos casos onde se observa a mudança lexical e variação linguística, quais são os padrões que assumem?

Buscando responder às questões anteriores, quatro inventários passaram a constituir o *corpus* da pesquisa, sendo eles: 1) *Iconographia dos signaes dos Surdos-mudos*, publicado em 1875, por Flausino José da Gama; 2) *Linguagem das mãos*, publicado originalmente em 1969 e com segunda edição de 1983, por Eugênio Oates; 3) *Comunicando em Libras (Língua Brasileira de Sinais: Módulo 1)*, publicado em 2006, pelo Centro de Surdos da Bahia (CESBA); e 4) *Dicionário de Língua de Sinais*, publicado originalmente em 2009, tendo em 2013 sua 3ª edição, por Fernando César Capovilla, Walkíria Duarte Raphael e Aline Cristina L. Mauricio.

Em relação à amostra investigada nesses materiais, analisamos um total de 35 sinais presentes. As lexias selecionadas pertencem a três classes – substantivos, adjetivos e advérbios – e estão divididas nas seguintes categorias i) no Campo semântico 1: Alimentos; ii) Campo semântico 2: Bebidas; iii) Campo semântico 3: Gênero e Família; iv) Campo semântico 4: Qualidades; v) Campo semântico 5: Cores; vi) Campo semântico 6: Animais; vii) Campo semântico 7: Tempo e período do dia. Ou seja, foram analisados cinco sinais de cada campo semântico, contabilizando 35 sinais analisados em cada dicionário. Como vimos, apenas a categoria de “bebidas” não apresentou cinco sinais nos quatro dicionários, uma vez que o sinal de “vinho” não foi identificado em D3.

A partir do exame do *corpus* selecionado para esta pesquisa, verificamos se: 1) O sinal mudou ao longo do tempo quando se comparam as fontes analisadas e 2) se mudou, o que mudou, isto é, quais alterações o sinal sofreu. Além disso, buscamos responder às questões: quais sinais caíram em desuso? Em qual século isso ocorreu com mais intensidade? Qual a direção da mudança? Do mais icônico ao não-icônico? De lexia simples para a composta, ou o contrário?

Levando em consideração essas questões, após as análises, constatamos que 22, dos 35 sinais analisados, passaram por mudança lexical. Verificamos que o quantitativo maior de mudança se deu na passagem do século XIX para o XX, sendo registrados 18 sinais. Na passagem do XX para o XXI, apenas 04 sinais apresentaram mudança lexical.

Verificamos somente 10 casos de variação linguística com a alteração em um parâmetro linguístico ou na junção de vários. Apenas 03 sinais que se mostraram inalterados com a passagem dos anos. No caso dos sinais inalterados, pontuamos que o sinal de “irmão”, em D4, apresentou duas variantes; no caso de “vinho”, esse sinal não foi identificado em D3 e, para o sinal de “vermelho”, este constava em todos os dicionários e apresentou a mesma forma linguística.

Sobre os sinais que apresentaram variação linguística, encontramos sinais que variaram em apenas um dos parâmetros, a exemplo da configuração de mão e do ponto de articulação, e outros que apresentaram variação em três parâmetros combinados, a exemplo da configuração de mão, movimento e orientação de palma da mão. Além dessas alterações, verificamos um quantitativo significativo de sinais que antes eram articulados com as duas mãos e, com o passar dos anos, reduziram ao uso de apenas uma delas.

No caso dos sinais que caíram em desuso ou tiveram seu significado modificado, constatamos um quantitativo de 22 sinais, sendo que destes, 18 caíram em desuso quando comparamos D1 e D2, na passagem do século XIX para o XX, e outros 04 quando comparamos D2, D3 e D4, na passagem do século XX para o XXI. Convém ressaltar que, no caso dos 06 sinais que tiveram seu significado modificado (mau, mãe/pai, hoje, cavalo, novo e cerveja), estamos considerando sinais nos quais a forma linguística pode ser identificada na atualidade, mas seu significado mostra-se distinto do registrado originalmente nos dicionários, a exemplo da forma linguística que foi registrada como “mau”, em D1, e hoje é utilizada para se referir ao significado de “tóxico”.

Acerca da direção de mudança dos sinais, constatamos que a mudança se deu na passagem de sinais que possuíam traços icônicos e passaram a ser considerados não-icônicos. Portanto, ao verificarmos nossas análises, identificamos, com o passar dos anos, que os sinais

icônicos reduziram e ampliaram-se os sinais não-icônicos. Nesse caso, constatamos também que houve uma tendência, assim como observado em D1 e D2, de sinais com uma característica iconográfica mais evidente, tentando justificar, na própria obra, a materialidade do sinal. Com o passar dos anos, esses materiais passaram a combinar informações iconográficas e linguísticas, principalmente a partir dos estudos de William Stokoe (1960).

Em termos de constituição morfológica, ao compararmos a quantidade de sinais simples e compostos e o processo de modificação dos sinais, verificamos que os exemplos analisados nos mostram como informações adicionais podem ser suprimidas e, em alguns casos, como sinais com significados amplos podem ser aprofundados e especificados. Desse modo, a variação examinada ilustra o processo natural pelo qual as línguas passam, de modo que se possibilite uma comunicação ao mesmo tempo mais direta e eficaz.

A partir dos dados apresentados e das discussões estabelecidas, fica evidente que o processo de mudança, em termos históricos, também é observado na Libras, por se tratar de um processo que estrutura as línguas naturais (cf. Labov, 2008 [1972]). Desse modo, seja através da substituição lexical ou por meio da variação linguística, o léxico da Libras sofreu alterações a partir da modificação integral de um sinal ou através da alteração de um ou vários parâmetros linguísticos articulados. Portanto, como a língua está sujeita a interferências da comunidade que a utiliza, a partir de diferentes propósitos, essa alteração é constatada em termos diacrônicos.

Um outro fator a ser considerado é a pertinência dos estudos linguísticos desenvolvidos na contemporaneidade. Quando analisamos o contexto de produção do primeiro dicionário, sabe-se que tínhamos apenas o INES como instituição especializada na educação de Surdos, com seu olhar voltado para práticas pedagógicas. Contudo, atualmente, diferentes instituições, a exemplo de universidades e associações de Surdos, têm atuado no processo de descrição linguística da Libras. Além disso, as tecnologias digitais também têm favorecido o processo de registro desses estudos e uma circulação massiva em diferentes regiões. Nesse sentido, no âmbito de investigação da Linguística Histórica da Libras, destaca-se a necessidade de estudos voltados para diferentes níveis linguísticos e propriedades da língua, a exemplo do fonético e fonológico, morfológico, sintático e semântico.

Acerca das perspectivas, levando-se em conta que o primeiro dicionário do Brasil teve influência de uma obra da Língua Francesa de Sinais, outro tipo de discussão que poderia ser estabelecida é a tentativa de identificação da influência de outras línguas nacionais na Libras, a exemplo de línguas de sinais indígenas ou de comunidades isoladas. No entanto, se

desconhecem registros históricos acerca dessas línguas, o que inviabiliza qualquer tipo de estudo comparativo.

Além das reflexões sobre o processo de mudança morfológica da Libras, uma reflexão que fica com este estudo é a necessidade de que haja o registro dessas línguas de sinais. Como vimos, caso tenhamos o registro dessas formas linguísticas, pesquisas futuras podem ser desencadeadas e novas descobertas podem ser estabelecidas. Tendo em vista a quase inexistência de registros históricos sobre a Libras e outras línguas de sinais nacionais, destacamos a importância do desenvolvimento de projetos e pesquisas voltados para a documentação da Libras.

Um outro aspecto que se mostrou evidente e de extrema importância é que, ao constataremos as diferentes características composicionais das obras D1, D2, D3 e D4, observamos a necessidade do desenvolvimento de estudos que se voltem para a análise de aspectos composicionais de obras dicionarísticas que sejam condizentes com as propriedades linguísticas e de modalidade da Libras. Como vimos, há uma variação nesse quesito, sendo identificada a presença de obras apenas com ilustração e uma descrição sucinta dos sinais, outros com fotografias e, por fim, obras com ilustração e a escrita em *SignWriting*. Desse modo, defendemos também que essas reflexões sejam colocadas a cabo quando a proposta é a produção de um dicionário de uma língua de sinais.

Sabemos que, com o passar dos anos, as tecnologias se complementam e se atualizam. Dessa maneira, atualmente, os dicionários têm sido produzidos levando em consideração a tecnologia de registro e divulgação em vídeo, sendo essa uma forma de registro condizente com as propriedades linguísticas e visuais das línguas de sinais. Independentemente da tecnologia que seja utilizada, há de se considerar a inserção de elementos que contemplem as línguas de sinais em uma perspectiva linguística, prevendo a descrição de sua realização em termos de parâmetros linguísticos, a descrição do significado do sinal, sua aplicação em múltiplos contextos, e outras informações adicionais.

Neste estudo, parte das nossas análises indicaram possíveis aproximações entre Libras, Língua Francesa de Sinais e Língua Americana de Sinais, apesar de não ser nosso foco investigativo. Mediante isso, estudos futuros podem estabelecer o tronco linguístico da Libras e sua relação com outras línguas de sinais, a partir do desenvolvimento de investigações históricas e comparativas. Como sugestão de investigação, fica indicada a necessidade de novas investigações na área da Filologia da Libras, possibilitando justamente esse resgate histórico e possíveis aproximações da Libras com outras línguas de sinais, ou seja, estudos que demonstrem sua origem e tronco linguístico.

Figura 83 – Sinal de Filologia em Libras



Fonte: Produzido pelo autor. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8_2vDhKH8Ig. Acesso em: 27 maio 2024.

Nos contextos das múltiplas possibilidades de investigações científicas, a Universidade Federal de Santa Catarina historicamente tem se destacado em áreas como Estudos da Tradução Libras e Língua Portuguesa, Linguística Aplicada e Linguística Teórica. A Universidade de Brasília tem atuado na área de investigação das terminologias em Libras. Todavia, quando consideramos o estudo do léxico dessa língua em uma perspectiva histórica ou aspectos filológicos, identificamos que se trata de uma linha de investigação menos recorrente e sem um núcleo forte de atuação. Nesse caso, a Universidade Federal da Bahia possui núcleos de investigação que se voltam para esse estudo filológico e sociolinguístico de diferentes línguas orais e, tendo em vista essa atuação, sugere-se a proposição de uma linha investigativa que se volte para a Libras e/ou outras línguas de sinais. Dessa forma, pode-se pensar na constituição de núcleos de pesquisas linguísticas que contemplem línguas orais-auditivas e visuais-espaciais.

Por fim, enquanto pesquisador Surdo e usuário de uma língua de sinais minorizada socialmente, para além de interesses científicos, esta pesquisa também possuiu uma motivação pessoal, uma vez que se volta para minha primeira língua. Dessa forma, ao longo da condução do estudo fui resgatando memórias e vivências que se articulavam com os dados analisados. Quando criança, recordo-me que o primeiro sinal em Libras cuja significação compreendi foi o sinal de “vermelho”. Desse modo, ao conduzir a pesquisa e identificar que este, que é um sinal não-icônico, foi um dos únicos que não mudou ao longo do tempo, memórias da minha infância vieram à tona. Ademais, ao considerar os atravessamentos da pesquisa, sou uma pessoa que sempre gostou de história e, algo que me incomodava, era que as pesquisas

históricas da área se voltavam apenas para a história do processo de ensino e desconsideravam a história da língua.

Como comentado na introdução, sou um Surdo paranaense que reside em Salvador e, ao mudar-me para esta cidade e Estado, pude perceber a diversidade linguística e, ao mesmo tempo, o modo como o preconceito linguístico é real. Dessa forma, amparar-me na Sociolinguística também se deu a partir de uma motivação pessoal, uma vez que, ao vivenciar essas situações de preconceito linguístico, comecei a debruçar-me sobre a área. Também, ainda a partir dessa área de investigação, acredito que este estudo seja uma forma de lançar olhar para essas temáticas e, ainda que de uma maneira discreta, atua na divulgação de uma das variantes linguísticas em Libras no nordeste do país. Portanto, a conclusão deste estudo é fruto de muitas motivações e dúvidas pessoais.

REFERÊNCIAS

- ABREU, W. G. de; SALVADOR, C. F. N. Descrição lexical histórico-comparativa de mudanças fonológicas dos sinais da língua francesa para as línguas americana e brasileira de sinais. **Revista Moara**. v. 55, p. 302-315, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/9071/6383>. Acesso em: 12 mar. 2022.
- ALECRIM, E.; XAVIER, A. N. Comparação entre três sistemas de notação da configuração de mão com base em dados da Libras. **Revista Sinalizar**, v. 4, p. 1-22, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/56832>. Acesso em: 05 abr. 2022.
- ALMEIDA-SILVA, A.; NEVINS, A. I. Observações sobre a estrutura linguística da Cena: a língua de sinais emergente da Várzea Queimada (Piauí, Brasil). **Revista Linguagem & Ensino**, v. 23, n. 4, p. 1029-1053, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rle/article/view/18533>. Acesso em: 09 abr. 2024.
- ANDRADE, B. L. L. **Estudo terminológico em língua de sinais**: glossário multilíngue de sinais-termo na área de nutrição e alimentação. (Tese) Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis - SC. 2019.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico**. 56. ed. Parábola, São Paulo, 2015.
- BATTISON, R. Phonological deletion in American Sign Language. **Sign Language Studies**, Silver Spring, Maryland, v. 5, p. 1-19, 1974. Disponível em: https://www.academia.edu/118766331/Phonological_Deletion_in_American_Sign_Language. Acesso em: 12 mar. 2022.
- BATTISON, R. **Lexical borrowing in American Sign Language**. Silver Spring, MD: Linstok Press, 1978.
- BÉBIAN, A. **Mimographie, ou Essai d'écriture mimique, propre a régulariser le langue des sourds - muets**. Paris: Chez Louis Colas Libraire, 1825.
- BENTES, J. A. de O; HAYASHI, M. C. P. I. Normalidade, diversidade e alteridade na história do instituto nacional de surdos. **Revista Brasileira de Educação**. 21 (67), 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/qQBcznjw9WRBBkKWYr65Sss/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 nov. 2023.
- BIDERMAN, M. T. C. Introdução: as ciências do léxico. In: ISQUERDO, A. N.; ABBADE, C. M. S. (orgs). **As Ciências do Léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Editora UFMS, 2. ed., Campo Grande - MS, 2001. p. 13-22.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegamos na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo, Parábola, 2005.
- BOUQUET, S. **Introdução à leitura de Saussure**. Tradução de Carlos A. I. Salum e Ana Lúcia Franco. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

BRASIL. **Lei n.º 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras - e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 15 jan. 2022.

BRASIL. **Decreto n.º 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 15 jan. 2022.

BRITO, F. B. O movimento surdo no Brasil: a busca por direitos. **Journal of Research in Special Educational Needs**, v. 16, p. 766-769, 2016. Disponível em: <https://nasenjournals.onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1111/1471-3802.12214>. Acesso em: 25 nov. 2023.

BRITO, L. F. **Interação social & Educação de Surdos**. Editora Clélia Ramos, 1993.

BUTTI, C. **Léxico e cognição**: as representações de mundo por meio de designações infantis. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

CALVET, L. J. **As políticas linguísticas**. São Paulo SP, Parábola, 2007.

CAPOVILLA, F. C. Filosofias educacionais em relação ao Surdo: do Oralismo à Comunicação Total ao Bilinguismo. **Rev. bras. educ. espec.** 2000, v. 06, n. 01, p. 99-116. ISSN 1413-6538. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbee/v06n01/v06n01a07.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2023.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D., MAURICIO, A. C. **Novo Deit- Libras**: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras). 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

CARVALHO, P. V. de. **Breve história dos Surdos** - no Mundo e em Portugal. Lisboa: Surd'Universo, 2007, 172 p.

CASTRO JÚNIOR, G. de. **Projeto varlibras**. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Brasília. Brasília -DF, 2014, 259 f.

CASTRO JÚNIOR, G. de. **Variação linguística em Língua de Sinais Brasileira**: foco no léxico. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2011, 123 f.

CASTRO JÚNIOR, G.; PROMETI, D.; ROSSI, A. R. **O Léxico e sua dinâmica nas Línguas de Sinais**. Estudos do Léxico das Línguas de Sinais. Gláucio de Castro Júnior, Gildete da Silva Amorim M. Franciso, Daniela Prometi, Erivaldo Marinho e Patricia Tuxi (org.); - Petrópolis, RJ : Editora Arara Azul, 2023.

COELHO, I. L.; *et al.* Sociolinguística. **Florianópolis: LLV/CCE/UFSC**, v. 172, 2010.

- CONSTÂNCIO, R. de F. J. **Relações de arbitrariedade e iconicidade na formação dos sinais em Libras**. Tese (Doutorado, área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Campus de Cascavel, 2022.
- COVEZZI, M. M. **Empréstimos Linguísticos de origem Francesa na Língua Brasileira de Sinais**: um olhar bakhtiniano e ecolinguístico. Tese (Doutorado em Linguística, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá MT, 2019.
- DAPENA, J. A. P. **Manual de Técnica Lexicográfica**. Madrid: Arco-Libros, S.A., 2002.
- DINIZ, H. G. **A História da Língua de Sinais Brasileira (Libras)**: um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Florianópolis, 2010.
- DINIZ, H. G. **A história da língua de sinais dos surdos brasileiros**: um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais da Libras. Petrópolis – RJ, 2011.
- DOUETTES, B. B. **A tradução na criação de sinais-termos religiosos em Libras e uma proposta para organização de glossário terminológico semibilingue**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Florianópolis, 2015.
- ERNSEN, B. P. **Bullying e surdez no contexto escolar**. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, 2016.
- ERNSEN, B. P. **Bullying e surdez no contexto escolar**. Curitiba - PR, Appris, 2018.
- FARACO, C. A. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo, Parábola, 2005.
- FARACO, C. A. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.
- FELIPE, T. A. De Flausino ao grupo de pesquisa da FENEIS RJ. In: Seminário Nacional do Inês, 5., Rio de Janeiro, 2000. **Anais...** Rio de Janeiro: INES, 2000, p. 87- 89. Disponível em: <http://www.librasgerais.com.br/materiais-inclusivos/downloads/libras-contexto-estudante.pdf>. Acesso em: 17 set 2023.
- FELIPE, T. A. **Libras em contexto**: curso básico-programa nacional de apoio à educação de surdos. Brasília: MEC, SEESP, 2001.
- FELIPE, T. A.; MONTEIRO, M. **Libras em Contexto**: Curso Básico - Livro do Professor. 6. Ed. Brasília/DF: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEEP, 2007.
- FERNANDES, Sueli. **Educação de surdos**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

FERREIRA-BRITO, L. Língua Brasileira de Sinais – Libras. In: FERREIRA-BRITO *et al.* (Org.). **Programa de capacitação de recursos humanos do ensino fundamental**. Língua Brasileira de Sinais. 3. v. Brasília: MEC/SEESP, 1998. (Série Atualidades Pedagógicas).

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de língua de sinais**. Tempo Brasileiro UFRJ. Rio de Janeiro, 1995.

GAMA, F. J. da. **Iconographia dos signaes dos surdos-mudos**. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de E. & H. Laemmert, 1875.

GAMA, F. J. da. Iconographia dos signaes dos surdos-mudos / Flausino José da Gama. — Rio de Janeiro: INES, 2011. **Série Histórica do Instituto Nacional de Educação de Surdos**, 1. Disponível em: <http://repositorio.ines.gov.br/ilustra/handle/123456789/114>. Acesso em: 22 nov 2022.

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. 5. ed. Editora WMF Martins Fontes, São Paulo, 2009.

INES, **Dicionário da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS** organizado pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES. Disponível em: <https://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/>. Acesso em: 30 set. 2023.

IORDAN, I. **Introdução à linguística românica**. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982 [1962].

JESUS, M. S. de; SANTOS, M; BARBOSA, F. M; DAMASCENO, M. S; IVO, A. G. F; CONCEIÇÃO, L. A; CRUZ, N. J; BAQUEIRO, A. L. D. **Comunicando em LIBRAS: Língua Brasileira de Sinais - Módulo 1** - Salvador BA, Autores 2006.

JUNIOR, D. R. C. S. **Metáfora em Libras: um estudo de Léxico**. Dissertação (Mestrado em Linguística) Programa Linguística aplicada e linha de pesquisa em Língua brasileira de sinais. UFSC, Florianópolis SC, 2018.

JUNIOR, L. A. Z; BIELESKI, D. Reflexões sobre os rumos e desafios da escrita: da teoria à prática o processo de mudanças na Língua Brasileira de Sinais em Santa Catarina: análise comparativa. **Revista Encontros de Vista**, Recife - PE, 2011. Disponível em: <https://www.journals.ufrpe.br/index.php/encontrosdevista/article/view/4469> . Acesso em: 19 maio 2023.

KENEDY, E. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The Signs of Language**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

KNAPIK, D. da S. **Contexto socioeducacional do Instituto Nacional de Educação de Surdos (1856-1868): O protagonismo de estudantes surdos**. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, Curitiba -

PR, 2022.

KNAPIK, D. S; ROCHA, S. M. Edouard Adolphe Huet: notas biográficas. In: SOUZA, R. C. S; VITORINO, A. F; SOUZA, A. A. N. (Org.) **Educação de surdos**: representações e diálogos contemporâneos. Aracaju - SE, Criação Editoria, 2022. p. 17-40. Disponível em: <https://editoracriacao.com.br/wp-content/uploads/2022/09/Educacao-de-surdos.pdf>. Acesso em: 17 set 2023.

LABORIT, E. **O vôo da gaivota**. São Paulo - SP, Best Seller, 1994.

LABOV, W. **Padrões sociolingüísticos**. Trad.: BAGNO, M.; M^a SCHERRE, M. P. S.; CARDOSO, C. R. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LADD, P. **Em Busca da Surdidade I**. Colonização dos Surdos. Trad. Mariani Martini. Lisboa: Surd“Universo, 2013.

LAGARS, X. C. **Qual política linguística?** Desafios glotopolíticos contemporâneos. São Paulo, Parábola. 2018.

LAGE, A.; KELMAN, C. Medicalização e educação de surdos: o caso do INES por professores e alunos. **Práxis Educacional**, v. 15, n. 36, p. 19-42. 2019. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/5858>. Acesso em: 11 dez. 2022.

LAGE, A.; KELMAN, C. Mimografia ou dos Rastros da Língua de Sinais como patrimônio cultural. **Revista The especoalist**. v. 40, São Paulo, 2019. DOI:10.23925/2318-7115.2019v40i3a8. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/42914>. Acesso em: 16 ago. 2023.

LOPES, A. R. da S. T. **Levantamento Terminológico em Libras para os Termos Indígenas dos Tapeba**. Monografia (Graduação em Letras Libras). Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/220218>. Acesso em: 28 abr. 2024.

MACHADO FILHO, A. V. L. Do conceito de nomia para os estudos do Léxico em perspectiva variacional e histórica. In: **IV Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística**. Abdelhak, R; Inès, S; Olivier, S; Salah, M (org) A variação nas línguas: universais compartilhados e idiomatidade dinâmica. Araraquara, Letraria 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/83852>. Acesso em: 21 abr. 2021.

MACHADO FILHO, A. V. L. Do conceito de “variante” nos estudos do léxico de perspectiva histórico-variacional. **Filologia E Linguística Portuguesa**, 16(2), p. 261-275, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/83852>. Acesso em: 20 mar. 2020.

MACHADO FILHO, A. V. L; SILVA, D. R. V. M. Léxico de étimo árabe em uso no período arcaico do português. **Entrepalavras**, Fortaleza CE, 2013. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/175>. Acesso em: 26 set. 2022.

MARENTBITE, P. F. **It's it her hands**: a case study of the emergence of phonology in

American Sign Language. PhD Dissertation, Department of Psychology. McGill University., Montreal, 1995, August.

MARTINS, A. C.; CAPOVILLA F. C. Metalexicografia comparativa em seis dicionários de Línguas de Sinais de diferentes eras: análise preliminar. **Revista (Con)textos Linguísticos**, v. 12, n. 21, p. 28-40. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/19348/15977>. Acesso em: 07 fev. 2024.

MARTINS, F. C. **Terminologia da Libras**: Coleta e registro de sinais-termo da área de Psicologia. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Linguística) - UFSC, Florianópolis SC, 2018.

NAVES, T. *et al.* Análise da iconicidade de quatro propostas de denominações neológicas para conceitos da Física (acústica) na LSB. **Sensos-e**, v. 6, n. 1, p. 106, 2019. Disponível em: <https://parc.ipp.pt/index.php/sensos/article/view/3461>. Acesso em: 12 ago. 2023.

NÓBREGA, V. R. R. da. **Uma proposta descritiva para Língua de Sinais**: da fonologia para a Sigmanulogia. Maceió - AL, 2019.

OATES, E. **Linguagem das Mãos**. 2. ed. Aparecida- SP: Editora Santuário, 1983.

PAULISTA, M. L. L. Variação Linguística: Primórdios, conceitos e metodologia. **Revista Ecos**, v. 21, n. 02, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/1871>. Acesso em: 22 set. 2023.

PIZZIO, A. L.; *et al.* **Aspectos gerais da morfologia das Línguas de Sinais**. Gramática da Libras. Ronice Müller de Quadros, Jair Barbosa da Silva, Miriam Royer e Vinícius Rodrigues da Silva (org.); - Rio de Janeiro: INES, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/ines/pt-br/central-de-conteudos/publicacoes-1/todas-as-publicacoes/gramatica-da-libras-volume-1>. Acesso em: 10 maio 2024.

QUADROS, R. M. **Libras**. Editora Parábola: São Paulo. 2019.

QUADROS, R. M. Documentação da Língua Brasileira de Sinais. Seminário Ibero-americano de Diversidade Linguística. Brasília - DF, **IPHAN** [Anais...], 2014, p. 161-178. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Anais5_Seminario_Iberoamericano_de_Diversidade_Linguistica_.pdf. Acesso em: 05 out. 2022.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. *et al.* Documentação de Línguas de Sinais. **Fórum Linguístico**, v. 17, n. 4, p. 5444-5456, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/77336>. Acesso em: 16 abr. 2024.

REIS, E. dos S. **O ensino de química para alunos surdos**: desafios e práticas dos professores e intérpretes no processo de ensino e aprendizagem de conceitos químicos

traduzidos para Libras. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) - Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

RODRIGUES, A.; SILVA, A. A. **Reflexões sociolinguísticas sobre a libras (Língua Brasileira de Sinais)**. São Paulo - SP, 2017. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1673>. Acesso em: 09 jun. 2022.

SANTIAGO, V. A. A. Polissemia na LIBRAS: A significação e o contexto. *In*: LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F. **Tenho um aluno surdo, e agora?** Introdução à Libras e educação de surdos. São Paulo: EdUFSCar, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sv/article/view/43460>. Acesso em: 03 dez. 2022.

SANTOS, E. F. dos. **O ensino de libras na formação do professor**: um estudo de caso nas licenciaturas da Universidade Estadual de Feira de Santana. 210f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2015.

SANTOS, E. F. dos. **Os sinais caseiros são línguas?** Uma análise das produções sintáticas de pessoas surdas sem *input* de uma língua de sinais constituída. 284f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGLin, Vitória da Conquista, 2023.

SANTOS, H. R. **Processos de expansão lexical da Libras no ambiente acadêmico**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Letras, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 1. ed. São Paulo - SP. Parábola. 2021.

SCHMITT, D. **A História da Língua de Sinais em Santa Catarina**: contextos sócio-históricos e sociolinguísticos de surdos de 1946 a 2010. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Linguística) - UFSC, Florianópolis: SC, 2013.

SCHMITT, D.; LOHN, J. T.; QUADROS, R. M. Variação lexical na Libras no Inventário Nacional da Libras - Surdos de Referência. *In*: QUADROS, R. M.; SILVA, J. B.; ROYER, M.; SILVA, V. R. (org.) **A Gramática da Libras** - Rio de Janeiro: INES, p. 511; v. 01. p. 396 - 509. 2023.

SCHMITZ, J. R. A problemática dos dicionários bilíngues. *In*: OLIVEIRA, A. M. P. P; ISQUERDO, A. N. (org.) **As ciências do Léxico**: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. 2º edição. Editora UFMS, 2001.

SILVA, C. A. A. **Entre a deficiência e a cultura**: análise etnográfica de atividades missionárias com surdos. (Tese de Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. São Paulo, 2011, 227 f.

SILVA, I. B. de O. Contribuições saussurianas para os estudos linguísticos da língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. **Cenários**, v. 2, n. 14, p. 67-82, 2017.

SILVA, V. Educação de Surdos: uma releitura da primeira escola pública para surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880. *In*: QUADROS, R. M. **Estudos Surdos I**: Série de

Pesquisas. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2006, p. 14-37.

SILVA, A. R.; XAVIER, A. A assimilação na libras: um estudo baseado em dados naturalísticos. **Entretextos**, v. 24, n. 1, p. 287-314, 2024. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/50484/50601>. Acesso em: 19 jul. 2024.

SOFIATO, C. G. **Do desenho à litografia**: a origem da língua brasileira de sinais. Instituto de Artes. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2011, 265 f.

SOFIATO, C. G; REILY, L. Companheiros de infortúnio”: a educação de “surdos-mudos” e o repetidor Flausino da Gama. **Revista Brasileira de educação**, v. 16, p. 625-640, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/pDs9vKDtXjnCpLmZNLd5Kpk>. Acesso em: 14 set 2021.

SOFIATO, C. G; REILY, L. J. O primeiro dicionário brasileiro de língua de sinais e a obra francesa que serviu de matriz. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 18, p. 569-586, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/S5Gyt4gMNzzQJJmLYqMcqCC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 jun. 2022.

SOFIATO, C. G; REILY, L. H. Dicionarização da língua brasileira de sinais: estudo comparativo iconográfico e lexical. **Educação e Pesquisa**, v. 40, p. 109-126, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/vY3XRbKqCzKG6kLpQdhd3dN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2022.

SOUZA, R. B.; SEGALA, R. R. A perspectiva social na emergência das línguas de Sinais: a noção de comunidade de fala e idioleto segundo o modelo teórico laboviano. In: QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R. (Org.). **Estudos surdos IV**. Petrópolis: Arara Azul, 2009. p. 21-48. Disponível em: <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/19190.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2020.

STOKOE, W. C. Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf. **Studies in linguistics: Occasional Papers**, n. 8. Buffalo. University Press, 1960.

STROBEL, K. **História da educação de surdos**. Florianópolis - SC 2009. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf. Acesso em: 09 jun. 2022.

STROBEL, K.; FERNANDES, S. **Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais**. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de educação. Departamento de Educação Especial. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

SUPALLA, T. Arqueologia das Línguas de Sinais: Integrando Linguística Histórica com Pesquisa de Campo em Línguas de Sinais Recentes. **9º Theoretical Issues In Sign Language Research Conference**. (Org) Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos e Ronice Muller de Quadros). Florianópolis - SC, dez. 2006.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**, São Paulo, Ática, 2007.

TREE, E. F. M. T. An indigenous sign language complex of Mesoamerica. **Sign Language Studies**, v. 9, n. 3, p. 324-366, 2009. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26190558>
Acesso em: 27 abr. 2024.

TURAZZA, J. S. O dicionário e suas funções. In: BASTOS, N. B. (Org.) **Língua Portuguesa: uma visão em mosaico**. São Paulo: IP-PUC-SP/EDUC, 2002. p. 153-71.

UFSC. Libras. **SignBank da Libras**, 2020. Disponível em: <http://signbank.libras.ufsc.br/>.
Acesso em: 20 nov. 2020.

VELOSO, R. As três ondas da sociolinguística e um estudo em comunidades de práticas. In: **Anais do XVII Congresso Internacional Asociación de Linguística y Filología de América Latina**. ALFAL. 2014. Disponível em:
<https://pt.scribd.com/document/287084099/As-Tres-Ondas-Da-Sociolinguistica-e-Um-Estudo-Em-Comunidades-de-Praticas-r-Veloso>. Acesso em: 21 fev. 2024.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WEEDWOOD, B. **História Concisa da Linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2002.

WELKER, H. A. **Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia**. Thesaurus Editora, 2005.

XAVIER, A. N. **Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua de sinais brasileira (Libras)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

XAVIER, A. N. Variação fonológica na libras: um estudo da alternância no número de articuladores manuais envolvidos na produção dos sinais. **Revista do SETA**, ISSN: 1981-9153, v. 5, 2011. Disponível em:
<https://revistas.uel.unicamp.br/index.php/seta/article/view/1934>. Acesso em: 29 fev. 2022.

XAVIER, A. N. Panorama da variação sociolinguística em línguas sinalizadas. **Revista Claraboia**, Jacarezinho/PR, v. 12, p. 48- 67, jul./dez., 2019. ISSN: 2357-9234. Disponível em: <https://seer.uenp.edu.br/index.php/claraboia/article/view/177>. Acesso em: 22 abr. 2022.

XAVIER, A. *et al.* Variação Fonológica e Lexical na Libras. In: QUADROS, R. M.; SILVA, J. B.; ROYER, M.; SILVA, V. R. (org.) **A Gramática da Libras**. Rio de Janeiro: INES, 2023; v. 01, p. 379-510. Disponível em: <https://www.gov.br/ines/pt-br/central-de-conteudos/publicacoes-1/todas-as-publicacoes/gramatica-da-libras-volume-1>. Acesso em: 13 mai. 2024.